

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

CURSO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO

**POR UMA APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO DE VIVER, DO ESPAÇO VIRTUAL
E DO LUGAR DE SUJEITO:**

PARQUE OZIEL

JOSÉ PAULO MENDES DA SILVA

Campinas

2009

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Por uma Apropriação do espaço de viver, do espaço virtual
e do lugar de sujeito: **Parque Oziel**

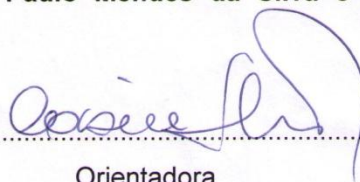
Autor: José Paulo Mendes da Silva

Orientadora: Profª. Drª. Corinta Maria Grisolia Geraldi

Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação
defendida por **José Paulo Mendes da Silva** e aprovada pela
Comissão Julgadora.

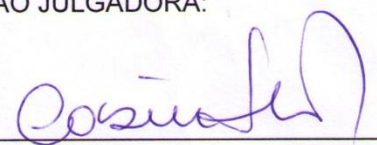
Data: 31/07/2009

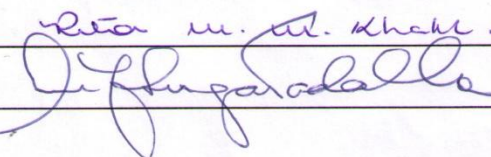
Assinatura:.....



Orientadora

COMISSÃO JULGADORA:



Prof. M. M. Khalil


**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

Silva, José Paulo Mendes da.
Si38p Por uma apropriação do espaço de viver, do espaço virtual e do lugar de
sujeito : Parque Oziel / José Paulo Mendes da Silva. -- Campinas, SP: [s.n.],
2009.
Orientador : Corinta Maria Grisolia Geraldi.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade
de Educação.
1. Ocupação. 2. Apropriação do conhecimento. 3. Espaço virtual. 4.
Ciberspaço. 5. Formação de professores. 6. Professor pesquisador. I.
Geraldi, Corinta Maria Grisolia. II. Universidade Estadual de Campinas.
Faculdade de Educação. III. Título.

09-174/BFE

Título em inglês: For an appropriation of space to live, of the virtual space and subject's place: Parque Oziel

Keywords: Occupation, Appropriation of knowledge; Virtual space; Cyberspace; Teacher's formation; Teacher as researcher

Área de concentração: Ensino Avaliação e Formação de Professores

Titulação: Mestre em Educação

Banca examinadora: Prof^a. Dr^a. Corinta Maria Grisolia Geraldi (Orientadora)

Prof^a. Dr^a. Ana Maria Falcão de Aragão Sadalla

Prof^a. Dr^a. Rita Maria Manjatererra Khater

Prof. Dr. Guilherme do Val Toledo Prado

Prof^a. Dr^a. Adriana Varani

Data da defesa: 31/07/2009

Programa de pós-graduação: Educação

e-mail: jmendes@cpqd.com.br

Dedicatória

Dedico este trabalho
Aos membros das comunidades formadas pelo Parque Oziel, Monte Cristo e Gleba-B que foram muito
receptivos e solícitos
e aos professores da EMEF Oziel Alves Pereira, com os quais aprendi a entender as idiossincrasias
daquelas crianças e que contribuíram na formação deste professor-pesquisador.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente à Fátima, minha esposa, que se manteve firme frente às atribuições pelas quais passamos;

Aos meus familiares, que sempre me apoiaram: Minha mãe Maria Ignêz, meu pai José Maria, meus irmãos Júnior e Maria Cláudia, meus sobrinhos Juliana, Alberto, Isabela, Fábio, Marina, Eric, Rodrigo, Muriel, Samuel e Tainá e até a meus cunhados Alexandre, Célia, Nina, Roberto e Josi, minha sogra Aurora e à minha filha Isabela que está prestes a me dar um(a) neto(a).

Aos amigos de todas as horas Luiz e Tânia, Antonio e Maria, Dado e Lu;

À professora Corinta M. G. Geraldi, minha orientadora, pela confiança depositada, responsável direta que foi pela desconstrução de um olhar míope e por minha emancipação como educador;

Ao professor Guilherme do Val T. Prado, que contribuiu, principalmente no dia da qualificação lançando uma pergunta instigante que foi crucial na resignificação do texto e minha, como sujeito da pesquisa;

Aos membros da banca de defesa, professoras Ana Aragão e Rita Khater pelas importantes considerações, sempre colocadas com carinho e generosidade;

Um agradecimento especial à professora Rúbia, meu anjo da guarda que me guiou na co-orientação, à grande amiga professora Rosaura e família pelo amparo em momentos de crise, à professora Ivanete e ao Valter, parceiros de longa data.

Ao Daniel e Vanderlei da Wezen, pelo real apoio virtual.

Aos companheiros de luta, Canário, Tiãozinho e Adaílton, além do “grupo de alemães” destacando o Thomas, o Andreas e o Prof. Bernd Fichtner, sem os quais tal trabalho não teria tido sucesso.

Aos funcionários da FE, especialmente da secretaria de pós-graduação, que foram sempre muito pacientes e a favor da solução;

A todos aqueles que, através de suas idéias e atitudes, me ocuparam e que foram ocupados por mim.

RESUMO

Esta pesquisa é vinculada ao GEPEC – Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Continuada, da Faculdade de Educação da UNICAMP, e tem como tema a apropriação do espaço – territorial, virtual e de sujeitos – pela comunidade do Parque Oziel, em Campinas, uma das maiores ocupações urbanas da América Latina, onde moram cerca de 30.000 habitantes com uma história de lutas e conquistas, desde 1997. O problema que esta pesquisa se propôs a investigar é como o processo de apropriação do espaço territorial e do espaço virtual que teve lugar no Parque Oziel, em decorrência da ocupação, fortaleceu a constituição da identidade dos sujeitos que tornaram próprios esses espaços, especialmente daqueles que narraram suas histórias sobre a história da ocupação. Assim, foram dois os objetivos centrais da investigação: por um lado, contextualizar a apropriação do espaço territorial, como forma de afirmação da identidade de uma comunidade sem-teto, relacionando-a à apropriação também do espaço virtual e do lugar de sujeitos e, por outro, compreender a influência dessas conquistas nos sujeitos que as protagonizaram, considerando o binômio experiência e sentido. Para investigar esse processo, foram utilizadas como instrumentos de produção de dados entrevistas com pessoas que desenvolveram um papel de liderança na comunidade e diversas fontes documentais que tratam dos acontecimentos ocorridos na época da ocupação e no período subsequente. A abordagem metodológica, de pesquisa qualitativa, é pautada especialmente pela narrativa dos sujeitos entrevistados. A documentação do trabalho foi organizada também na forma de uma narrativa, porém em um modelo hipertextual, composto a partir de Páginas com textos completos, dispostos de modo não-linear, em que a apresentação das informações prevê a liberdade do leitor escolher os seus próprios caminhos de leitura, sem precisar trilhar um percurso único pré-estabelecido pelo autor. Isto permite uma abordagem rizomática do conteúdo das Páginas. Ainda que a realidade do texto impresso restrinja a potencialidade desse tipo de recurso, buscou-se a maior aproximação possível: cada Página foi produzida para representar por si um texto inteligível embora as páginas estejam interligadas entre si. Os principais conceitos desenvolvidos são os de *experiência*, *alteridade*, *virtual* e *ciberespaço*. As respostas possíveis para o problema central da investigação, a partir dos dados analisados, indicam algumas lições importantes. Uma delas é que o tipo de *experiência* (Larrosa, 2004b) que tem lugar em um processo como o que ocorreu no Parque Oziel, produz efeitos de transformação nos sujeitos que ampliam significativamente o poder sobre si mesmos e sobre o mundo que os cerca, o sentimento de pertença, a identidade pessoal e coletiva e, portanto, as possibilidades efetivas de exercício da cidadania.

Palavras-chave: Ocupação, apropriação do conhecimento, espaço virtual, ciberespaço, formação de professores, professor pesquisador.

ABSTRACT

This research is entailed to GEPEC - Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Continuada da Faculdade de Educação da UNICAMP, and has as theme the space appropriation - territorial, virtual and subject - by Parque Oziel community, in Campinas, one of the biggest Latin America's urban occupations, where about 30,000 habitants live with a conquests and struggles history since 1997.

The problem that this research intends to investigate is how the appropriation process of the territorial and virtual space that took place at Parque Oziel, as a result of the occupation, fortified the subject's identity constitution that turned characteristics these spaces, especially those who narrated their histories about the occupation history. Thus, the two central objectives of the investigation were: on one side, contextualize the territorial space appropriation, as a way of identity affirmation of a homeless community, relating this to the appropriation of the virtual space too, and to the subject's place and, on the other hand, understand the influence of these conquests on the subjects that were the protagonists, considering the terms experience and feeling. To investigate this process, interviews with people that played the part of leadership in the community and several documental sources that deal with the events that took place at the period of the occupation and subsequent period, were utilized as instruments of data productions. The methodological approach, of quality research, is ruled especially through the narrative of the interviewees subjects. The documentation of the work was also organized as a narrative, however in a hipertextual model, composed from pages with complete texts, arranged in a non linear way, where the presentation of the informations foresee the reader liberty to choose his own ways of reading, without thrashing a single course established by the author. This allows a rizomatic approach of the pages contents. Even if the reality of the printed text restricts the potential of this kind of recourse, the biggest possible approximation was searched: each page was produced to represent by itself an intelligible text, though the pages are connected amongst themselves. The main concepts developed are about experience, otherness, virtual and cyberspace. The possible answers to the investigation central problem, from the analysed data, show some important lessons. One of them is that the kind of experience (Larrosa, 2004b) that takes place on a process like the one that occurred at Parque Oziel, takes effects of transformation on the subjects, that enlarge meaningfully the power upon themselves and on the world around them, the sense of belonging, the collective and personal identity and, therefore, the effective possibilities of the citizenship practice.

Key words: Occupation, appropriation of knowledge, virtual space, cyberspace, teacher's formation, teacher as researcher.

PÁGINA ABR: ABREVIATURAS

AMIC	Associação dos Amigos da Criança
COTUCA	Colégio Técnico de Campinas da UNICAMP
EE	Escola Estadual
EJA	Educação para Jovens e Adultos
EMEF	Escola Municipal de Ensino Fundamental
FUMEC	Fundação Municipal para a Educação Comunitária
GAME	Grupo de Avaliação e Medidas Educacionais
GEPEC	Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Continuada
GERES	Geração Escolar
LOED	Laboratório de Avaliação e Estudos Descritivos
MST	Movimento dos Sem Terra
PAF	Projeto Aprendendo para o Futuro
PT	Partido dos Trabalhadores
PUCC	Pontifícia Universidade Católica de Campinas
TDC	Trabalho Docente Coletivo
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas
US	Universidade de Siegen

PÁGINA PER: PERSONAGENS

Adaílton	Adaílton dos Santos Pedra
Canário	Jairson Valério dos Anjos
Claudivan	Claudivan de Souza
Corinta	Corinta Maria Grisolia Geraldi
José Maria	José Maria Mendes da Silva
JP	José Paulo Mendes da Silva
Maria Ignêz	Maria Ignez Osti Mendes da Silva
Paraíba	Gentil Ribeiro
Pe. Nelson	Nelson Ferreira de Campos
Rúbia	Rúbia Cristina Cruz Menegaço
Sônia	Sônia Lúcia Almeida Silva
Tiãozinho	Sebastião Moreira Arcanjo
Toninho	Antonio da Costa Santos

PÁGINA R: REFLEXÃO EM EPÍGRAFE

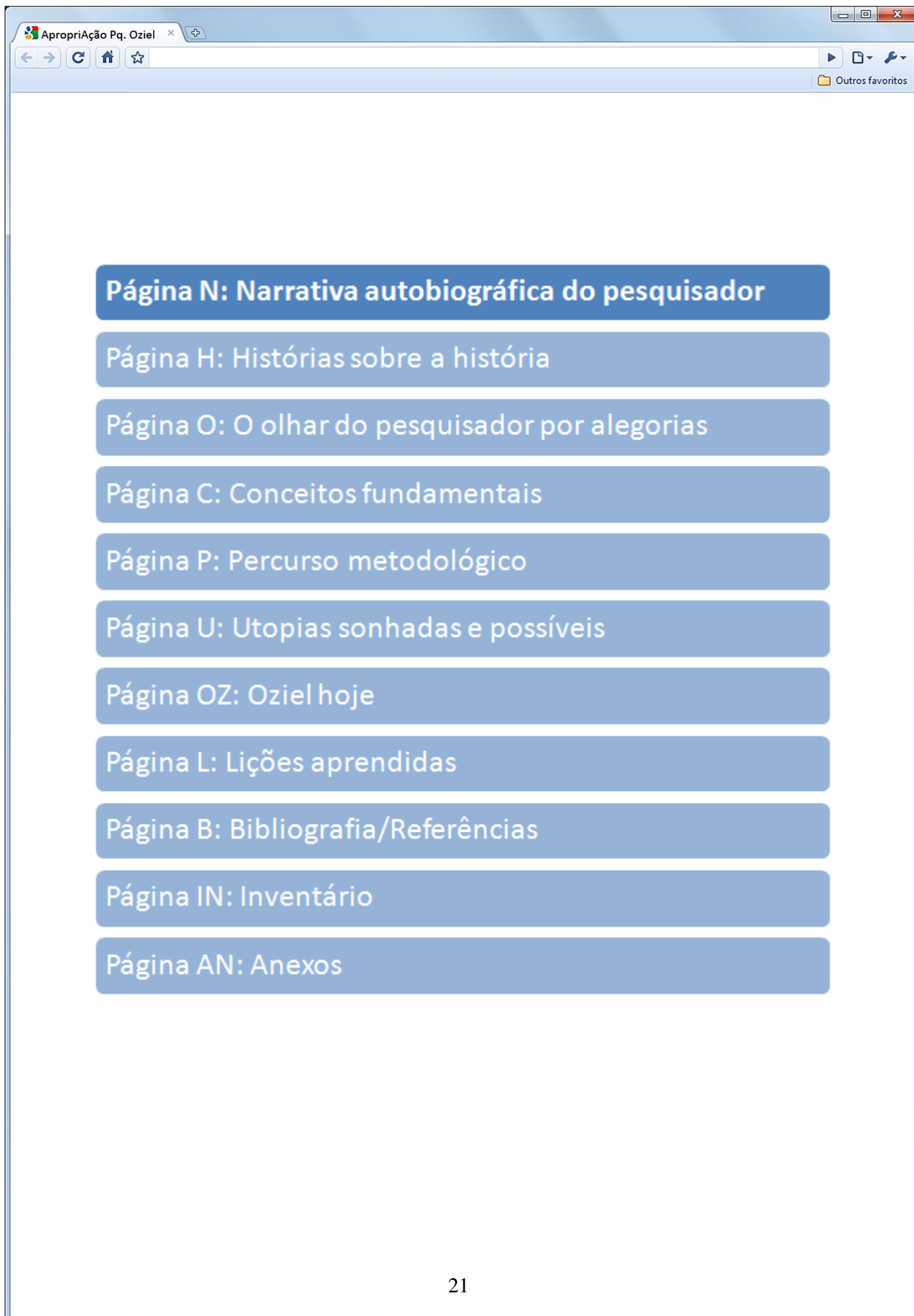
Mas essa aventura conduz até onde não estava previsto... Uma nova aventura que exige também a sua própria fidelidade, o seu próprio heroísmo. Tem de estar à altura das palavras que digo e que me dizem. E, sobretudo, tem de se fazer continuamente com que essas palavras destroem e façam explodir as palavras preexistentes. Somente o combate das palavras ainda não ditas contra as palavras já ditas permite a ruptura do horizonte dado, permite que o sujeito se invente de outra maneira... A fidelidade às palavras é manter a contradição, deixar chegar o imprevisto e o estranho, o que vem de fora, o que desestabiliza e põe em questão o sentido estabelecido daquilo que se é. A fidelidade às palavras é não deixar que as palavras se solidifiquem e nos solidifiquem, é manter aberto o espaço líquido da metamorfose. A fidelidade às palavras é reaprender continuamente a ler e a escrever (a escutar e a falar). Só assim se pode escapar, ainda que provisoriamente, à captura social da subjetividade, a essa captura que funciona nos obrigando a ler-nos e escrevermo-nos de uma maneira fixa, com o padrão estável. Só assim se pode escapar, ainda que seja por um momento, aos textos que nos modelam, ao perigo das palavras que, ainda que sejam verdadeiras, convertem-se em falsas uma vez que nos contentemos com elas.¹

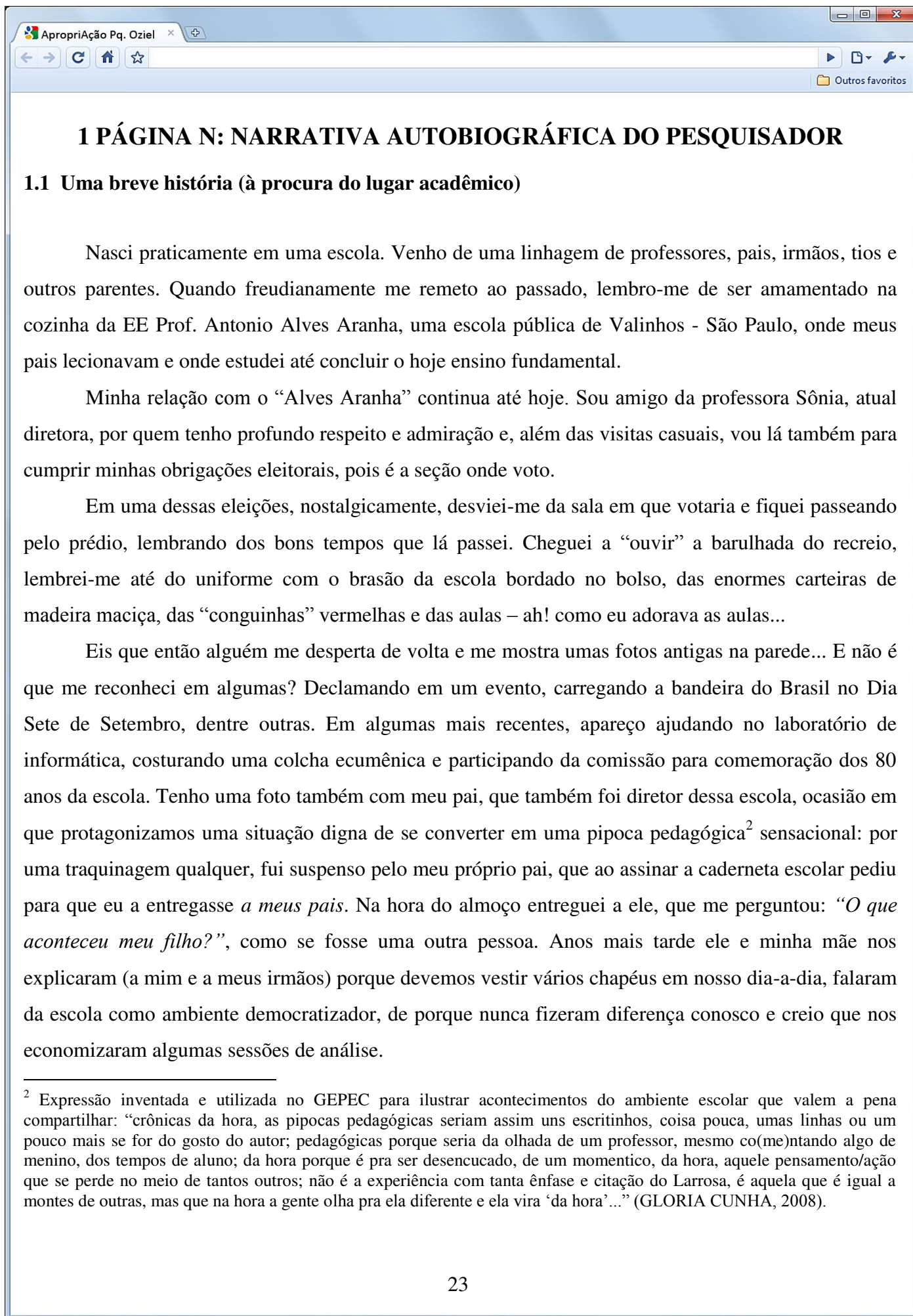
Jorge Larrosa

¹ In *Pedagogia profana: danças, piruetas e mascarados*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

SUMÁRIO

1 PÁGINA N: NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA DO PESQUISADOR	23
1.1 Uma breve história (à procura do lugar acadêmico)	23
1.2 Há escolhas que vem de longe, muito longe (influência dos pais na escolha pela educação)	26
1.3 Meio sem querer, tudo começou (como conheci a comunidade do Oziel)	27
2 PÁGINA H: HISTÓRIAS SOBRE A HISTÓRIA	37
2.1 Apropriação do espaço. A própria ação no espaço real-virtual (O território ocupado)	37
3 PÁGINA O: O OLHAR DO PESQUISADOR POR ALEGORIAS	49
3.1 Em busca da Terra Prometida	49
3.2 Paraíba e Pe. Nelson ⇔ Moisés e Arão	49
3.3 Canário ⇔ Canário	58
3.3.1 Canário chega ao Oziel a partir de uma necessidade básica ao cidadão: a moradia.	59
3.4 Tiãozinho ⇔ Zumbi dos Palmares	60
3.5 Adaílton ⇔ Hitlodeu	62
3.6 Assim... ..	64
4 PÁGINA C: CONCEITOS FUNDAMENTAIS.....	67
4.1 Um lugar ao sol	67
5 PÁGINA P: Percurso metodológico	79
5.1 Um olhar sobre o real-virtual do lugar de pesquisador	79
6 PÁGINA U: UTOPIAS SONHADAS E POSSÍVEIS.....	87
6.1 Do supostamente virtual ao efetivamente real	87
7 PÁGINA OZ: OZIEL HOJE.....	91
7.1 O Oziel na Rede	94
8 PÁGINA L: LIÇÕES APRENDIDAS.....	101
8.1 O que fica, na realidade (Como o Oziel ocupou o pesquisador).....	101
PÁGINA B: BIBLIOGRAFIA/REFERÊNCIAS	109
Sites visitados:.....	113
DVDs mencionados:	113
Periódicos:.....	113
PÁGINA IN: INVENTÁRIO.....	117
PÁGINA AN: ANEXOS	127
ANEXO 1 – Transcrição com Adaílton	129
ANEXO 2 - Transcrição Claudivan	145
ANEXO 3 – Entrevista com Padre Nelson	149
ANEXO 4 - Transcrição da Entrevista com Tiãozinho	161
ANEXO 5 - Transcrição da entrevista com Canário.....	173
ANEXO 6 - Declaração dos Direitos Humanos no Ciberespaço.....	181





1 PÁGINA N: NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA DO PESQUISADOR

1.1 Uma breve história (à procura do lugar acadêmico)

Nasci praticamente em uma escola. Venho de uma linhagem de professores, pais, irmãos, tios e outros parentes. Quando freudianamente me remeto ao passado, lembro-me de ser amamentado na cozinha da EE Prof. Antonio Alves Aranha, uma escola pública de Valinhos - São Paulo, onde meus pais lecionavam e onde estudei até concluir o hoje ensino fundamental.

Minha relação com o “Alves Aranha” continua até hoje. Sou amigo da professora Sônia, atual diretora, por quem tenho profundo respeito e admiração e, além das visitas casuais, vou lá também para cumprir minhas obrigações eleitorais, pois é a seção onde voto.

Em uma dessas eleições, nostalgicamente, desviei-me da sala em que votaria e fiquei passeando pelo prédio, lembrando dos bons tempos que lá passei. Cheguei a “ouvir” a barulhada do recreio, lembrei-me até do uniforme com o brasão da escola bordado no bolso, das enormes carteiras de madeira maciça, das “conguinhas” vermelhas e das aulas – ah! como eu adorava as aulas...

Eis que então alguém me desperta de volta e me mostra umas fotos antigas na parede... E não é que me reconheci em algumas? Declamando em um evento, carregando a bandeira do Brasil no Dia Sete de Setembro, dentre outras. Em algumas mais recentes, apareço ajudando no laboratório de informática, costurando uma colcha ecumênica e participando da comissão para comemoração dos 80 anos da escola. Tenho uma foto também com meu pai, que também foi diretor dessa escola, ocasião em que protagonizamos uma situação digna de se converter em uma pipoca pedagógica² sensacional: por uma traquinagem qualquer, fui suspenso pelo meu próprio pai, que ao assinar a caderneta escolar pediu para que eu a entregasse *a meus pais*. Na hora do almoço entreguei a ele, que me perguntou: “*O que aconteceu meu filho?*”, como se fosse uma outra pessoa. Anos mais tarde ele e minha mãe nos explicaram (a mim e a meus irmãos) porque devemos vestir vários chapéus em nosso dia-a-dia, falaram da escola como ambiente democratizador, de porque nunca fizeram diferença conosco e creio que nos economizaram algumas sessões de análise.

² Expressão inventada e utilizada no GEPEC para ilustrar acontecimentos do ambiente escolar que valem a pena compartilhar: “crônicas da hora, as pipocas pedagógicas seriam assim uns escritinhos, coisa pouca, umas linhas ou um pouco mais se for do gosto do autor; pedagógicas porque seria da olhada de um professor, mesmo co(me)ntando algo de menino, dos tempos de aluno; da hora porque é pra ser desencucado, de um momentico, da hora, aquele pensamento/ação que se perde no meio de tantos outros; não é a experiência com tanta ênfase e citação do Larrosa, é aquela que é igual a montes de outras, mas que na hora a gente olha pra ela diferente e ela vira ‘da hora’...” (GLORIA CUNHA, 2008).

Meu pai me dizia do dilema entre ser o professor José Maria e o gestor José Maria. Pois vivo hoje essa mesma condição ambígua, mas lecionar é o que sempre quis fazer profissionalmente. Entretanto, por uma dessas vicissitudes da vida, fui parar na área de exatas, tornando-me analista de sistemas, mas nunca deixando de ensinar, o que faço há mais de vinte e cinco anos, em diferentes instituições, públicas e privadas, no ensino médio ou superior, em cursos livres ou regulares.

Uma das instituições na qual lecionei foi o COTUCA³, onde cursei o ensino médio e onde aprendi algumas *Lições do Mestre Ignorante*⁴, pois invariavelmente os alunos sabiam tanto quanto ou mais que eu, em algumas ocasiões, apenas precisavam ser emancipados, pois segundo Rancière (2002, p11) *“instruir pode portanto, significar duas coisas absolutamente opostas: confirmar uma incapacidade pelo próprio ato que pretende reduzi-la, ou inversamente, forçar uma capacidade que se ignora ou se denega a se reconhecer e se a desenvolver todas as consequências desse reconhecimento. O primeiro ato chama-se embrutecimento e o segundo emancipação”*.

Em 1995 fui convidado a trocar as benesses de uma estatal por um desafio instigante, o de transformar um departamento de uma empresa de treinamento em informática, que atendia escolas usuárias do Logo⁵, em uma empresa de consultoria educacional, a fim de atender quaisquer instituições de ensino que desejassem implantar cursos técnicos (educação profissional e superior). Aceitei de pronto, pois era exatamente o que gostaria de fazer, aliar a prática pedagógica à tecnologia.

Com uma equipe de profissionais com formação na área de educação (pedagogia e magistério) e com formação técnica (programadores e analistas), tínhamos a tarefa de preparar grades curriculares, desenvolver materiais didáticos, *treinar* os instrutores das escolas clientes e implantar os cursos, inclusive auxiliando na regularização junto aos órgãos competentes e na divulgação dos mesmos.

Os professores das escolas eram capacitados para o uso dos aplicativos por nossos técnicos e orientados didaticamente por nossas pedagogas, que inclusive influenciavam na confecção dos livros, apostilas e apoio audiovisual. Sempre participei ativamente dessas reuniões de planejamento buscando uma abordagem interdisciplinar, tendo como pano de fundo a informática.

³ Colégio Técnico de Campinas, uma unidade de Ensino Técnico e Ensino Médio da UNICAMP.

⁴ *O mestre ignorante – Cinco lições sobre a emancipação intelectual* é uma obra escrita por Jacques Rancière que trata da experiência pedagógica de Joseph Jacotot, pedagogo francês do início do Século XIX, que defendia que é possível “ensinar o que se ignora, desde que se emancipe o aluno, isto é, que se force o aluno a usar sua própria inteligência”.

⁵ Linguagem de programação criada por Seymour Papert (matemático que trabalhou com Piaget) na década de 60 e usada até hoje em várias instituições de ensino para estimular o raciocínio lógico.

Apropriação Pq. Oziel

Outros favoritos

Foi quando em 1998 surgiu a oportunidade de ter minha própria escola. Tive que abandonar a gerência daquela empresa e assumir meu próprio negócio, um Centro de Treinamento em Informática.

Percebi que os cursos eram *fast food*, “enlatados”, e que, apesar de toda a qualidade técnica do material didático, dos equipamentos e da infra-estrutura das salas de aula, na verdade estávamos *adestrando* nossos alunos.

Foi quando procurei a Academia, bastante cético a princípio e um pouco ansioso, sabendo da minha condição de *outsider*, porém julgava que com toda minha práxis não haveria dificuldades... Ledo engano, pois não me sentia propriamente bem-vindo nesse espaço. Entretanto, como eu não buscava nenhum título, fui talvez o campeão na assistência de aulas como aluno ouvinte, não apenas na Faculdade de Educação, mas também na Faculdade de Engenharia Elétrica e de Computação.

Este processo investigativo durou até fevereiro de 2000, quando aconteceu, sem sofismas, um momento mágico - minha primeira queda⁶ (Larrosa, 2004a), quando fui estudar a disciplina Epistemologia e Pesquisa com a Professora Corinta Geraldí, que logo tratou da “desconstrução do olhar”, ancorada em textos de autores que até então eu nunca tinha ouvido falar: Marilena Chauí, Alfredo Bosi, Darcy Ribeiro, Ítalo Calvino, Foucault e outros. Fato que mudaria não só a minha concepção de escola, mas de vida – a mirada pela *Janela da alma*, *espelho do mundo*, a experiência da *Fenomenologia do olhar*, os alertas *Sobre o óbvio*, a *Leitura de uma onda*, a beleza de *Las Meninas* e outras tantas possibilidades...

Por vários anos, também participei do Grupo de Terça do GEPEC⁷ e não foram poucos os aprendizados.

Fiz de minha escola um laboratório do que ouvia, via e sentia na universidade. Aprendi que precisava legitimar os conhecimentos adquiridos, mas mesmo como leigo, participando de grupos de estudo e outras atividades acadêmicas, tornei-me um educador melhor. Fiz minha escola melhor, mais honesta. Confesso que nem sempre foi comercialmente interessante, mas foi muito gratificante.

⁶ Inspirado na narrativa de Rousseau sobre a própria experiência, Larrosa usa a palavra “queda” para referir-se ao auto-engano e diz que “um dos efeitos da tomada de consciência é que cada um sente a necessidade de reescrever, a partir desse momento de mudança, sua própria história” (p.32).

⁷ Conforme se lê no livro *Porque escrever é fazer história* (2005), “O Grupo de Terça do GEPEC – Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Continuada - é um espaço aberto, com encontros quinzenais às terças-feiras, em que os educadores podem permanecer pelo tempo que desejarem: não pressupõe certificado de participação ou quaisquer benefícios adicionais. Os temas que se convertem em conteúdo de discussão não são estabelecidos *a priori*, mas definidos pelos próprios integrantes, tendo em conta suas inquietações e necessidades advindas da prática pedagógica em diferentes instâncias educativas. Trata-se de uma experiência de formação marcada pela diversidade e pela multiplicidade de olhares de sujeitos que exercem diferentes funções na educação”.

25

que vos narra.

Como eu disse a princípio, nasci e fui amamentado em uma escola, na escola em que meus pais lecionavam, e essa é outra razão, mais forte talvez, de minha afinidade com o magistério. Nem sempre nos damos conta do impacto que nossa história exerce sobre nossas escolhas, mas o fato é que foi com meus pais que tive, através do ato de ensinar, as primeiras noções de alteridade, de se colocar no lugar do outro e de respeitar as diferenças, enfim aprendia a gostar de gente!

1.3 Meio sem querer, tudo começou (como conheci a comunidade do Oziel)

Em uma das reuniões do GEPEC, em 2005, a Professora Corinta comentou que estaria recebendo a visita de dois alemães, estudantes da Universidade de Siegen da Alemanha, que iriam desenvolver um projeto para uma disciplina do curso de Pedagogia Social que lá existe. Eles fariam um projeto de pesquisa sobre a diversidade sociocultural da ocupação que compreendia o Parque Oziel, Jardim Monte Cristo e Gleba B.

Quando me ofereci para ciceroneá-los, sem saber, naquele momento, eu tomara uma decisão que mudaria muitos de meus conceitos (ou pré-conceitos) a respeito dos movimentos organizados de massa e que resultaria nesta pesquisa de mestrado.

Fomos – Thomas, Andy e eu – muito bem recebidos em todas as casas, fizemos amizades capazes de enternecer os mais frios corações europeus e chegamos a conclusões inusitadas. Por exemplo, após uma viagem de turismo por várias regiões do Brasil, como Rio de Janeiro, Salvador, Pantanal, Foz do Iguaçu e outras, Thomas e Andy afirmaram que o Oziel foi, de todos, o local mais seguro e aprazível que frequentaram no país. Já haviam mudado *com e pela* experiência. A *experiência*, de que nos fala Larrosa (2004b, p132) quando a define enquanto natureza singular, que produz diferença, heterogeneidade e pluralidade, sendo irrepetível, imprevisível, aberta a uma dialogia constitutiva do sujeito. Eles, provavelmente, como sujeitos desta experiência, tinham sido capturados pela experiência-paixão possuídos que foram pelo Parque Oziel.

Tínhamos como quartel general a EMEF⁸ “Oziel Alves Pereira” e, em uma de nossas reuniões, que aconteciam no laboratório de informática, percebi que este era pouco usado devido à falta de domínio da maioria dos professores na utilização dos computadores lá instalados como instrumento

⁸ Escola Municipal de Ensino Fundamental.

pedagógico e resolvi ministrar um curso aos interessados. Daí surgiu a idéia de desenvolver um trabalho de formação de professores em educação tecnológica, que seria conduzido por mim, enquanto Thomas e Andy estruturavam o projeto pensado ainda na Alemanha, que era o de contar a história do Parque Oziel através da própria narrativa dos moradores.

No início deste trabalho, começamos a utilizar uma parte das reuniões semanais dos professores chamadas de TDC (Trabalho Docente Coletivo), para as aulas de informática. Alguns já tinham conhecimento prévio dos aplicativos mais usados, mas a maioria precisou aprender os passos iniciais, desde a ordem das teclas, até utilizar o mouse.

Tínhamos todas condições necessárias para o sucesso deste projeto: Infra-estrutura de laboratório climatizado com 25 máquinas *pentium* de última geração; tempo de formação remunerado na jornada de trabalho do professor e o mais importante, pessoas dispostas a aprender e pessoas dispostas a ensinar.

Porém, quando estávamos começando a produzir nossos primeiros projetos, precisamos ceder o laboratório para o depósito dos uniformes escolares dos 2.900 alunos existentes. A frustração foi grande, de ambas as partes e o anseio do grupo em não desistir, suscitou em mim o desejo de insistir no projeto de potencializar o trabalho daqueles professores através da utilização da informática na escola. Isto rendeu até um projeto de pesquisa que foi submetido ao programa de pós-graduação na Faculdade de Educação da Unicamp e que se dividia em dois Eixos Epistemológicos:

- 1) Contextualizar a lacuna existente na formação de professores, no que tange à tecnologia da informação como meio de transformar nossos alunos em sujeitos coletivos de enunciação (Lévy, 2000)
- 2) E como essa prática docente, institucionalizada ou não, potencializa a Educação Tecnológica como instrumento de democratização do espaço virtual.

A proposta era não abandonar a dialética sobre o auxílio que a tecnologia pode oferecer à Educação, porém uma interessante mudança de foco seria problematizar a questão de como a Educação, através da Academia, pode auxiliar na construção de cidadania em tempos de cidades virtuais.

Desafortunadamente esta proposta não teve êxito e perdemos o espaço do laboratório de informática para outros fins, que não o que deveria ser destinado. A direção da escola também não conseguiu outro espaço/tempo para nossas aulas e os encontros passaram de regulares a esporádicos até que se encerraram. Porém, os laços de amizade e de confiabilidade permaneceram e como a escola era

o centro de nossas idas ao Oziel, sempre nos encontrávamos e discutíamos educação. Falávamos sobre a escola, sobre políticas públicas e as vicissitudes de se ensinar para uma comunidade fruto de uma ocupação. E naquele bate-papo gostoso de sala dos professores nos deparamos com a oportunidade de conhecer uma escola no Chile⁹ com algumas características semelhantes à do Oziel, como ter em seu início, vagões de trem como salas de aula. O vice-diretor desta escola veio a Campinas para uma série de palestras sobre seu modelo de gestão e conseguimos que uma delas ocorresse na EMEF do bairro, entre as caixas de uniformes escolares, naquele mesmo laboratório que costumávamos nos reunir.



Após a palestra, surgiu o convite para conhecermos a escola e até de participarmos de um oficina de estudos. Montamos um grupo de professores do Oziel, além de mim, que me considerava um deles, e partimos para o Chile. Quem sabe não estavam além dos Andes algumas propostas que pudessem ser aplicadas aqui?

A viagem gerou outro projeto que não é pertinente a esta pesquisa, porém serviu para fortalecer nossos laços de amizade.

Paralelamente, participei do projeto GERES¹⁰, como Supervisor nas aplicações de questionários em 60 escolas de Campinas em razão de uma pesquisa sobre desempenho escolar no início do Ensino Fundamental. No “parte e reparte” com outros supervisores para definirmos quais escolas visitaríamos, ofereci-me para ir ao Oziel, obviamente com interesse de auxiliar na coleta de dados empíricos sobre a escola, com a qual estava familiarizado e que, até então, era meu objeto de pesquisa também.

Um projeto com essas características necessita que sejam incorporadas abordagens avaliativas e estatísticas, que no Brasil têm sido implantadas cada vez mais na área educacional.

Estudos de painel, como o Projeto GERES, exigem a necessidade de preparação e coleta de dados por meio de instrumentos pré-testados. O pré-teste ocorreu na cidade do Rio de Janeiro no final de 2004.

⁹ Escuela Cardenal de Krakovia em Santiago, Chile

¹⁰ O GERES é um projeto de pesquisa que focaliza a aprendizagem no início do Ensino Fundamental, levando em conta fatores escolares e sócio-familiares que incidem sobre o desempenho escolar, além de outras dimensões, como a auto-estima e a motivação, que podem afetar o desenvolvimento dos alunos.

Vale destacar que a EMEF do Oziel possuía 11 primeiras séries, o que equivale a quase 400 crianças, e constituindo-se numa amostra interessante para o estudo.

O que me atraiu para esse projeto foi a proposta de longitudinalidade das avaliações, ou seja, segundo Almeida (2008) tratava-se de uma pesquisa com desenho de “painel” que permite monitorar a mesma amostra de alunos ao longo de um determinado período de tempo.

Esse estudo foi realizado em cinco cidades brasileiras¹¹, - Salvador (BA), Belo Horizonte (MG), Rio de Janeiro (RJ), Campo Grande (MS) e aqui em Campinas (SP), com alunos do Ensino Fundamental, no período de 2005 a 2008.

Foram realizados testes¹² de leitura e matemática, para uma amostra de 21.000 alunos em 303 escolas municipais, estaduais e privadas.

Para esse modelo de avaliação também foram envolvidos os professores, diretores de escola e pais dos alunos que responderam questionários específicos com o objetivo de se entender o cenário em que ocorre o aprendizado desse estudante, a quantas anda a gestão de sua escola, qual é seu perfil sócio-econômico e até informações sobre sua auto-estima.

A partir daí, foi montada uma arquitetura institucional de pesquisa com a participação de seis universidades, cinco delas situadas nas cidades que foram pólos da pesquisa. A Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, através de seu Laboratório de Avaliação Educacional; a Faculdade de Educação da Universidade de Minas Gerais com o Grupo de Avaliação e Medidas Educacionais (GAME); a Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul; a Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas com o Laboratório de Avaliação e Estudos Descritivos (LOED); a Universidade Federal da Bahia através do seu Programa de Pós-graduação. A Universidade Federal de Juiz de Fora, não como pólo da pesquisa, mas para formatação dos instrumentos, digitação das respostas e construção dos bancos de dados, pré-testes e cálculo de proficiências dos alunos através do seu Centro de Avaliação da Educação.

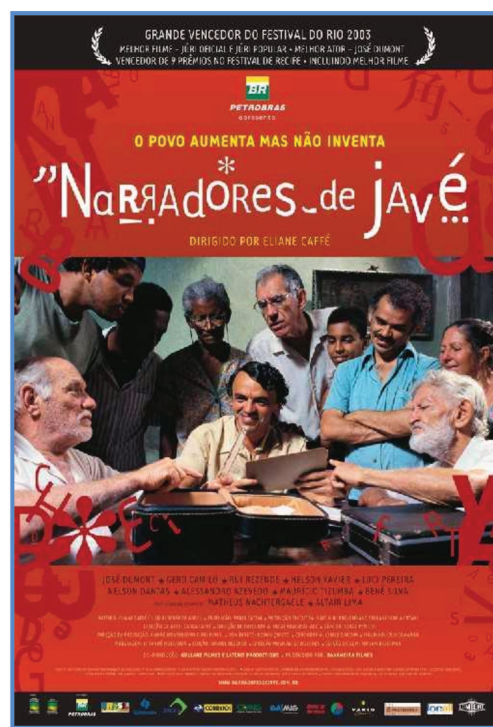
¹² Os testes desses alunos são avaliados por meio de instrumentos compostos por itens, utilizados em aplicações marcadas ao longo do projeto e em instantes diferentes. Eles determinarão os impactos no desempenho da aprendizagem, das condições familiares, escolares e da sala de aula. O objetivo desse estudo é “oferecer subsídios práticos para a formulação de políticas voltadas para a melhoria da qualidade e da equidade da educação no Brasil” (Boletim GERES, ano I, nº 1, p6).

Fiquei encantado com a possibilidade de participar deste estudo inovador, que acompanha os alunos e a escola desde a 1ª série de escolarização pelos quatro anos seguintes até a 4ª série ou equivalente nas escolas cicladas¹³.

Como um dos supervisores de aplicação destes testes, eu tinha intenção de utilizar os resultados relacionados à EMEF Oziel Alves Pereira, para entender um pouco melhor a escola da comunidade estudada em minha pesquisa de mestrado. Muito embora esses resultados não tenham se convertido diretamente em dados objetivos de análise deste trabalho, contribuíram para a compreensão geral do contexto em que ele se deu.

Enquanto tentava legitimar a ocupação do espaço da escola, eu e os estudantes alemães éramos “ocupados” pelas histórias dos *Narradores do Oziel*¹⁴.

Apesar das dificuldades de interlocução, por conta do idioma, senti uma harmonia como há muito na sentia. E mesmo sendo estrangeiros, *outsiders* (tanto eu como os colegas europeus), nos sentíamos muito próximos, envolvidos, emocionados com os *causos* narrados e pela *boniteza* (Freire, 1998) dos narradores, que cada qual com seu ponto de vista, faziam questão de participar de nossa entrevista, de nosso registro da história do bairro, principalmente quando falávamos que éramos da Universidade. Parecia que isso nos credenciava, nos legitimava a contar suas histórias.



¹³ Escolas que possuem a estrutura de ciclos plurianuais, em geral com progressão continuada, contrapondo-se à estrutura em séries. Cada ciclo equivale a 2 ou 3 anos do ensino fundamental e o aluno pode ser aprovado após esse período, o que oportuniza um maior respeito ao ritmo de aprendizagem da criança.

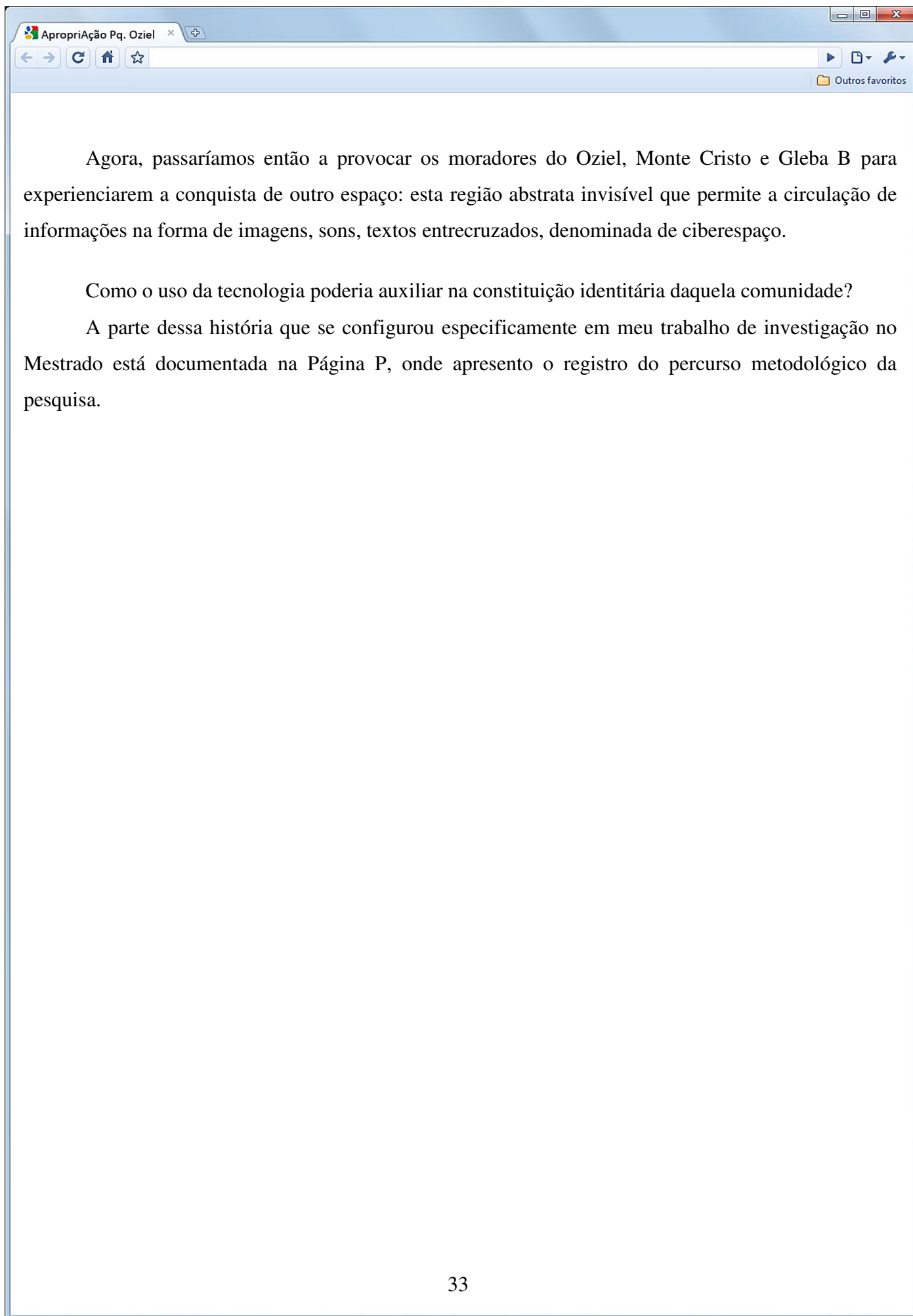
¹⁴ Parafraseando o título do filme *Narradores de Javé* de Eliane Caffé de 2003 que narra a história de um povoado fictício, no interior da Bahia, que *recuou* (não fugiu) de uma contenda para *ocupar* (não invadir) um território cujas divisas foram *apalavradas ou cantadas*, portanto não tinham qualquer registro de propriedade e quando uma construção de usina ali se instalasse, teriam suas terras inundadas a não ser que houvesse algum patrimônio histórico *comprovado cientificamente*. A população entendeu que o único patrimônio que possuíam era sua história, narrada pelos próprios moradores.

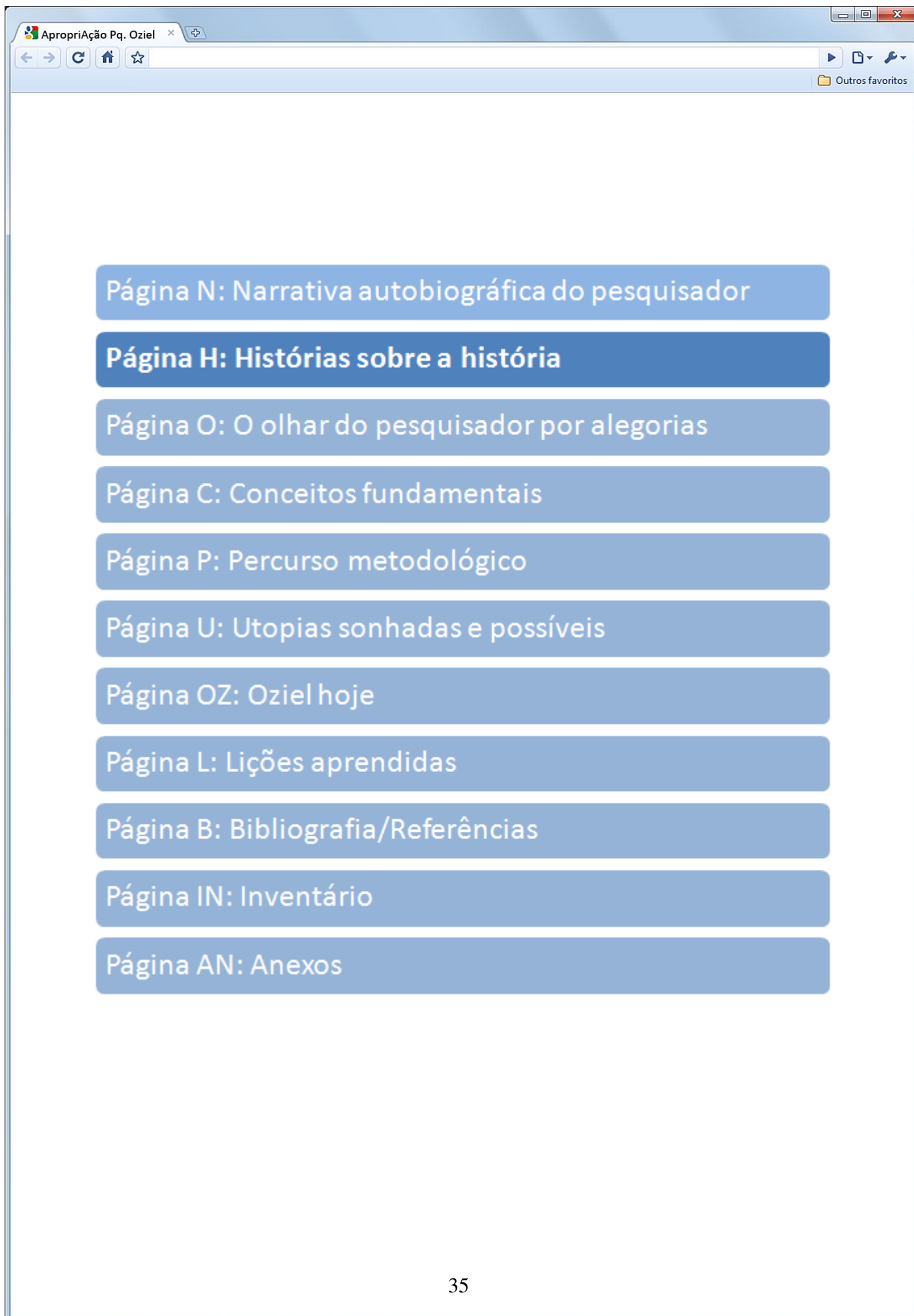
Essa parceria com os estudantes alemães foi muito intensa e profícua.

Dela surgiram vários produtos: o livro intitulado “Parque Oziel: A História de Uma Ocupação”, um projeto de website (www.wezen.com.br/oziel), um projeto/exposição chamado “Fotografias pelos Meninos e Meninas Moradores do Parque Oziel”, um Festival de Música, que envolveu toda a comunidade, além das atividades com futebol, projeto já sedimentado pelo PAF.



Através desses projetos, conhecemos as pessoas e as instituições e percebemos duas questões de suma importância para os moradores: uma é ouvir e registrar suas histórias através de narrativas e outra é o valor que davam para seu endereço domiciliar – nome da rua e número da casa. Aquilo era sua identidade, no território físico, que afirmava um sentimento de pertença a um lugar que já haviam conquistado.





2 PÁGINA H: HISTÓRIAS SOBRE A HISTÓRIA

2.1 Apropriação do espaço. A própria ação no espaço real-virtual (O território ocupado¹⁵)

Parque Oziel, Jardim Monte Cristo e Gleba B, bairros localizados na região central da cidade de Campinas - SP, surgiram da maior ocupação da América Latina, em 1997, contando com aproximadamente 30 mil¹⁶ moradores em uma área 1.500.000 m². A história dessa ocupação, na verdade, começou um pouco antes, quando houve uma primeira movimentação organizada por meio de um acampamento, em dezembro de 1996, para reconhecimento do terreno cujos proprietários estavam em débito com o fisco há muitos anos.

Gentil Ribeiro, o Paraíba, foi a grande liderança do movimento que, contando com apoio de alguns grupos políticos importantes, possibilitou reunir em Hortolândia, cidade próxima a Campinas, mais de três mil pessoas sem lugar para morar. Como não houvesse decisão legal favorável à ocupação da área, Paraíba e os companheiros, à revelia, se deslocaram para o local e informaram que já estavam instalados.

Paraíba foi morto algum tempo depois, no dia 07 de abril de 1998¹⁷ com 10 tiros, certamente por razões políticas (muito embora também circulem histórias de que foi alvo de um crime passional), tendo assumido a liderança Zenildo e Souza. Depois deles, veio Mauro Fialho Garcia (também assassinado juntamente com sua esposa) e em seguida Cecílio Silva¹⁸. Foi com a saída do Cecílio que assumiu a liderança Jairson Valério dos Anjos, conhecido como Canário, ex-lavrador e açougueiro que é o líder na comunidade até hoje.

Opinião

Zé Kéti

Podem me prender
Podem me bater
Podem, até deixar-me sem comer
Que eu não mudo de opinião
Daqui do morro
Eu não saio, não

Se não tem água
Eu furo um poço
Se não tem carne
Eu compro um osso
E ponho na sopa
E deixa andar
Fale de mim quem quiser falar
Aqui eu não pago aluguel
Se eu morrer amanhã, seu doutor
Estou pertinho do céu

¹⁵ O histórico de que trata esta Página é baseado em algumas fontes documentais importantes: o livro **Parque Oziel – A História de uma Ocupação**, que documenta parte da história da ocupação, das instituições e das pessoas do bairro e foi produzido por dois estudantes da Universidade de Siegen, Thomas Thewes e Andreas Unverzagt, com a colaboração de pesquisadores do GEPEC-UNICAMP, inclusive do pesquisador responsável por este trabalho; o filme **Oito anos de luta**, produzido pelos alunos da FAV – Faculdades de Valinhos em 2005; e entrevistas com várias lideranças da comunidade.

¹⁶ Folha de São Paulo, sem data.

¹⁷ Correio Popular, 07/04/1998 e 08/04/1999.

¹⁸ Correio Popular 14/11/1999.

Outras lideranças importantes nessa história de luta foram o Padre Nelson Ferreira de Campos, um padre diocesano que tinha um projeto social em defesa da vida dentro dessa ocupação, e o político local, Sebastião Moreira Arcanjo, o Tiãozinho, que foi vereador e deputado estadual.

No início da ocupação, a idéia era não incluir a área onde é hoje o Jardim Monte Cristo, pois lá havia pequenos proprietários legítimos, o que tornaria a ocupação mais difícil. Porém, devido ao grande número de pessoas que chegavam, foi necessário ocupar esse local e, por fim, também a área depois chamada de Gleba B, que tinha a Senhora Neide como líder. A princípio, a Gleba B foi discriminada pelos moradores do Parque Oziel e Jardim Monte Cristo, visto que se tornou refúgio de fugitivos de presídios e outros marginais sem moradia. Havia uma preocupação de que essas pessoas conquistassem lideranças políticas e contaminassem toda a comunidade, porém isso acabou não acontecendo devido à vigilância dos próprios moradores e também à atitude dessas pessoas que, de certa forma, respeitavam e ainda respeitam o lugar onde moram.

A história contada por Tiãozinho revela que a escolha das terras a serem ocupadas fazia parte de uma tática do movimento.

“Então nós tínhamos que fazer uma assembléia para convencer as pessoas de que aquela área não podia ser ocupada, porque ali tem as nascentes que alimentam as bacias do Capivari, aquela situação toda. Nós então ganhamos a votação na assembléia de que não podíamos ocupar aquela área, que ela tinha que virar uma reserva, e que poderia até funcionar, como hoje, como um pulmão natural para combater problemas de doença, de respiração... Então ali foi a primeira aula que o Paraíba teve de Ecologia, que ele falava “Não entendo nada desse negócio aí”. Então rapidamente ele começou a dominar alguns conceitos sobre meio ambiente e então resolveu-se ocupar a área de cima, mais próxima da estrada. Por que tinha-se resistência em ocupar a área da Gleba B? Porque do lado de cima do córrego ficaríamos mais vulneráveis na reintegração de posse. Porque a polícia só podia entrar no Parque Oziel pela Santos Dumont, e o córrego era uma espécie de trincheira que separava as áreas. Então nós tínhamos que ficar numa área que permitisse a mobilidade e diminuísse o acesso das viaturas da polícia”.

Esse testemunho aponta a concepção certoriana na utilização da tática. De acordo com Certeau (1990, p 101) *tática é a arte do fraco*.

Os moradores do Oziel e suas lideranças, cientes da sua condição de “fracos” diante de estratégias organizadas pelo postulado do poder instituído, conforme trata Certeau (1990), tinham (e têm) que se valer de táticas de guerrilha para assegurar a conquista de sua soberania¹⁹.

Eles são capazes de se organizar de forma ágil para responder a uma necessidade premente. Portanto, a tática surge da necessidade, diferentemente da estratégia que entende que talvez deva-se criar coisas como necessidades, portanto são ações que graças a um lugar de poder *elaboram lugares teóricos (sistemas e discursos totalizantes), capazes de articular um conjunto de lugares físicos onde as forças se distribuem* (Certeau, 1990, p102).

A princípio, as condições de vida eram bastante precárias: não existia água, luz ou qualquer condição razoável de moradia. Era apenas o terreno bruto. Os ocupantes colocavam uma lona no lugar para demarcar o terreno até conseguirem dinheiro para comprar material e erguer um barraco. Não existiam ruas e o mato era enorme. Essas circunstâncias os levaram a se organizar para se manifestar, ora na rodovia em frente aos bairros, ora na cidade, com o intuito de reivindicar condições básicas de moradia. A essas, seguiram-se outras manifestações, por educação, saúde, água, coleta de lixo e outras benfeitorias. Uma delas, importante de ressaltar, é a que reivindicava a construção de uma passarela sobre a Rodovia Santos Dumont, pois frequentemente ocorriam atropelamentos e muitas pessoas morreram na tentativa de atravessar a pista – houve um caso, de uma mãe e três filhos atropelados, que causou muita comoção e deflagrou uma verdadeira revolta popular. Na ocasião, os moradores interditaram as duas mãos da rodovia, utilizando picaretas para abrir valas no asfalto, atearam fogo em pneus, construindo uma barricada e exigindo soluções imediatas. Ficaram lá por uma semana até que as autoridades se comprometeram a construir a passarela.

Aconteceram grandes passeatas que chegaram a contar com até 10.000 pessoas, que visavam manter a resistência dos moradores depois do segundo e terceiro anos de ocupação e que eram chamadas de “Travessia em busca da Terra Prometida²⁰”. A organização dessas passeatas contou com a colaboração de várias lideranças, inclusive o Padre Nelson, que, devido a sua atuação política, acabou

¹⁹ Um movimento interessante da comunidade foi o concurso para a escolha da bandeira e do hino do Parque Oziel

²⁰ Termo comum ao MST: “devido ao fato de que todas as vezes que o Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra ocupam um determinado espaço, relaciona-se esse espaço com uma determinada luta, ou mesmo uma lembrança dos lutadores pela reforma agrária, ou uma situação vivida por aqueles acampados ou pela terra em questão.” (Santos, 2005, p114).

processado diversas vezes pelos donos das terras e teve que sair do Parque Oziel, porque tinha seu nome em uma lista de doze pessoas marcadas para morrer.

Houve uma passeata histórica de Campinas a São Paulo com o intuito de pressionar o governo a dar melhores condições de moradia à população e uma marcha também à Brasília. No trajeto da marcha, os manifestantes faziam paradas para descansar e se alimentar: as pessoas das cidades por onde passavam se solidarizavam e ajudavam de algum modo, fornecendo água e lanches para que prosseguissem.

A relação desses moradores com a polícia merece aqui um destaque importante: após vários manifestos das lideranças em favor da não-violência, inclusive realizando uma passeata em que levaram flores ao comandante local e acabaram por conquistar uma possibilidade de convivência.



Com o passar do tempo, a população foi crescendo e conseqüentemente também a necessidade de outras melhorias. O abastecimento de água era feito por caminhões-pipa e a água era colocada em tambores grandes, mas o acondicionamento não era adequado e às vezes fazia mal, principalmente para as crianças. Algumas melhorias foram conquistadas aos poucos, como a energia elétrica que primeiro foi instalada na avenida de acesso aos bairros e que era distribuída perigosa e ilegalmente – por meio do chamado “gato”. Hoje, a distribuição de energia está sendo regularizada e todos recebem contas de luz, por conta do projeto chamado Tarifa Social, da Companhia Paulista de Força e Luz.

A escola municipal foi uma conquista já em 1997, como extensão de outra de um bairro próximo, o Jardim Bandeiras II, mas funcionava em *containeres* – e, por isso, era chamada de “escola de lata”.

Os containeres foram instalados próximos ao local aonde hoje funciona a escola de alvenaria, sabendo que nos primeiros dias da ocupação este espaço já estava reservado para este fim. Os integrantes do movimento decidiram utilizar o local mais nobre, mais alto e plano, daquelas terras para a instalação de uma escola por diversas razões: fácil acesso da população, grande visibilidade para quem passa pela rodovia e, assim como a construção das igrejas e templos, dificultaria qualquer

possibilidade de reintegração de posse. E novamente o movimento se valia das táticas para assegurar a sobrevivência no território ocupado.

Apesar das condições precárias, em 2001 já possuía mais de 700 estudantes e era composta de 13 vagões, que incluíam salas administrativas, cozinha (improvisada) e biblioteca.



A temperatura dentro destas *salas de aula metálicas* chegava próxima a 40°C no verão e a 10°C no inverno; aconteciam descargas elétricas que com frequência atingiam os alunos; o espaço interno era inadequado dificultando a mobilidade de alunos e professores; a merenda era servida em outro container, também sem condições de atendimento digno aos alunos.

A falta de infra-estrutura gerou nova luta por uma escola capaz de oferecer melhor educação a esses novos cidadãos. Em 2003, depois de duas mudanças para prédios provisórios (entre 2001-2003), a escola ganhou prédio novo e legalizado, denominada Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) Oziel Alves Pereira. O nome da ocupação e da escola, escolhido por seus moradores, é uma homenagem da comunidade ao líder do MST (Movimento dos Sem Terra) que, aos 17 anos, foi cruelmente assassinado em Eldorado dos Carajás, na chacina feita pela Polícia, que ficou conhecida internacionalmente como o Massacre de Eldorado de Carajás²¹.

A escola teve importância fundamental no assentamento e sempre foi protegida pelos moradores. Houve uma única tentativa de assalto a um microcomputador, feita por alguns rapazes e o que se sabe é que foram punidos com a morte. “Ninguém mexe com a escola”, diziam os moradores. Além da escola, também as igrejas tiveram um papel estratégico importante: foram incentivadas porque poderiam contribuir com as formas de resistência na medida em que, no caso de reintegração de posse, a imagem de tratores destruindo templos não seria politicamente correta, tampouco simpática à opinião pública. As formas inventadas de afirmação ficam expressas na organização desses moradores,

²¹ 17 de abril de 1996, http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88391999000400015, acesso em 06/07/2009.

cotidianamente, em situação de luta pela sobrevivência, utilizando-as para a conquista de melhores condições de vida, em embate constante com o poder instituído.

Hoje, existem no bairro posto de saúde, farmácia, distribuição gratuita de leite e vários projetos sociais, além de outros projetos que funcionam em Centros Comunitários, como assistência a usuários de drogas, atendimento à educação infantil em creche, faculdades, ONGs, projetos de esportes e informática desenvolvidos na sede do Projeto Aprendendo para o Futuro (PAF), idealizado por Canário. No PAF funciona uma escolinha de futebol, várias atividades artesanais e de lazer, aulas de informática.



A sede do PAF é um galpão com três salas, dois banheiros, uma cozinha. A cozinha é chamada de cozinha comunitária, lá acontecem as refeições e lanches das crianças que frequentam o projeto em período oposto ao das aulas. Os banheiros são pequenos e divididos em masculino e feminino. As salas são: uma logo de entrada, onde ficam para os jogos mais livres, aulas de dança, com uma mesa de ping-pong adaptada, cadeiras e carteiras doadas. Dela sai uma porta para a cozinha e outra de acesso aos banheiros e às duas outras salas. Uma sala é bem pequena e, inicialmente, o projeto informática era desenvolvido ali, e cabiam apenas cinco computadores. Na outra, bem maior, ficavam os troféus, os livros da Biblioteca (apenas uma estante), a televisão e um videocassete. Mais recentemente os computadores passaram para esta sala para ampliar o número de crianças que estavam sendo atendidas.



Um dos grandes colaboradores do PAF foi e tem sido Adaílton dos Santos Pedra que tem uma história no Parque Oziel iniciada quatro meses após a ocupação, quando sua mãe foi morar no bairro e ele ia visitá-la. Incomodava-se com a precariedade, com a falta, e queria ajudar. Conheceu todos os líderes, desde o Paraíba até o Canário e sempre mostrou sua solicitude. Como tinha concluído o colégio técnico e era um dos poucos que tinha esse nível de

escolaridade, logo foi destacado para trabalhar no PAF, principalmente como *instrutor* de informática entre outras atividades. A essa altura já tinha decidido ser também um morador do bairro, sair do aluguel, também ocupar e ocupar-se. Primeiramente ajudou os garotos na escolinha de futebol e depois, quando chegaram os computadores, era ele quem mais conhecia do assunto: então acumulou funções e se tornou o instrutor de informática.

Em entrevista com o Adaílton, podemos aprofundar um pouco a história sobre este espaço de conhecimento não formal:

JP: Como que você veio parar aqui?

Adaílton: Como a maioria dos moradores daqui: devido à necessidade de moradia. Só que no meu caso quem veio prá cá foi a minha mãe com meus irmãos menores. Eu trabalhava, na época, não morava junto mais,... eh... sempre vinha aqui no caso, ajudar a cuidar dos meus irmãos. Ajudava nas coisas, no final do dia, no final de semana, aí depois ela veio a falecer, e os meus irmãos eram menores de idade e acabei vindo morar aqui para tomar conta deles.

JP: E como você foi envolvido no PAF? Conta como você chegou até o PAF?

Adaílton: Mesmo antes de vir morar aqui, sempre que tinha assembléia de morador, eu procurava participar. Eu tinha um horário que era aos finais de semana, a maioria das assembléias era ao final de semana, domingo ou sábado, então domingo à tarde eu não tava trabalhando, domingo, NE, era dia de folga, então eu sempre participava, boa parte delas, e algumas caminhadas eu também participei. Durante a semana ficava mais difícil por causa do trabalho, mas vez ou outra eu participava também. Quando eu vim morar aqui, algumas pessoas já me conheciam, de vista, mas me conheciam. Quando o Canário, na época, começou a trabalhar um pouco mais e organizar a documentação foi quando tava mais organizada já a negociação tava mais adiantada, não tava mais a pressão pra tirar tava mais a pressão pra negociar, pra resolver. Então, aí começou a agilizar, a organizar mais a associação. Aí o Canário colocou lá um microcomputador para tentar agilizar alguma coisa da documentação, e a organização. Aí ele não sabia mexer bem, né? Não tinha ninguém que mexesse, Ele precisava de alguém que sabia mexer. Então, o pessoal de casa que já conhecia, que tava mais em contato com ele falou, sabia que eu já tinha feito o curso, sabia que eu mexia um pouquinho, né? e passou pra ele, e ele me pediu pra ajudar. Algumas vezes eu fui pra ajudar na associação, a organizar o computador, ligar, ver documento, coisa e tal. Quando começou a organizar o projeto o PAF, no sentido de colocar informática e aula de reforço eu fui chamado, pois já tava acompanhando(...) Foi entre 2001, 2002 por aí... Prá começar lá mesmo, no projeto lá, direto como professor lá, do jeito que o pessoal me chama, 2005, em 2004 para 2005. Fui no caso permanente, lá, que antes eu ia na associação apenas pra prestar uma ajuda lá, voluntária, só de vez em quando, mas já com o objetivo dar aula de informática e monitorar a área de informática lá.

JP: Como foi a evolução deste trabalho? Você começou com garotos ou também com adultos?

Adailton: Projeto já tinha: sempre teve a escolinha de futebol, que é como escolinha de futebol que era conhecida. Aí quando organizou o PAF, Projeto Aprendendo para o Futuro, o que que aconteceu? Foi que colocou o local, né? O móvel lá, que seria o salão lá, a sala e a cozinha comunitária, pra organizar o projeto, não só o futebol, mas também com aula de reforço, com aula de dança, outras atividades que não somente o esporte com as aulas de futebol, geralmente fala esporte e acaba caindo somente futebol, mas era esporte em geral, e aí a informática acabou entrando como uma parte do projeto de... de... educacional, né? de aprendizado. Aí quando comecei lá no projeto, já agilizando mesa, o projeto era o quê? Eu auxiliar na informática, manter os computadores lá, dar aula pras crianças e pros adolescentes, tinha alguns grupos de aula, só que os grupos seriam avulsos, e como era pros adultos também, boa parte durante a noite que é fora dos horários das crianças, seria pra dar aula pros adultos, só que era uma forma de aula paga, mas como um valor de... de contribuição não seria um valor de mensalidade normal, seria mais na forma de ajuda para manter o projeto.

JP: E hoje, como você está no PAF, você tem uma função lá hoje? Tem alguma continuidade, você faz alguma coisa? Como que é?

Adailton: Bom, nesse curso agora é o seguinte: o projeto foi desenvolvido. começou só com as crianças, passou para as crianças para durante o dia do projeto, e passou para os adultos, que não era só do projeto à noite aos finais de semana, depois às 6 horas em horário normal como se fosse uma escola de informática, né? Dentro da limitação minha e dos alunos aqui. Aí veio o projeto do... com os estudantes alemães...

O projeto a que o Adailton se refere é vinculado ao Instituto Vygotsky, cujos representantes efetivaram um convênio entre o curso de Pedagogia Social da Universidade de Siegen (US) e a Faculdade de Educação da UNICAMP.

Há, também, um projeto chamado Janelas para o Mundo que aproxima crianças, adolescentes e jovens de diferentes culturas através da Internet. Esse projeto nasceu de contatos entre a Secretaria Municipal de Educação de Campinas (2003) e a Universidade de Siegen (US), na Alemanha, que resultaram na vinda de alunos do curso de Pedagogia Social, envolvidos com Educação Intercultural, que tiveram intensa participação nos projetos da comunidade e na documentação da história da ocupação e das atividades realizadas.

Apropriação Pq. Oziel

Outros favoritos



A partir da ocupação, além de projetos como os citados acima surgiram e cresceram no Parque Oziel serviços, instituições e novos projetos²² que pretendiam trazer maior qualidade de vida aos moradores: apenas uma minoria, entretanto, foi de fato planejada para os moradores e aceita por eles em um processo de discussão e colaboração. Geralmente isso aconteceu quando os projetos permitiram construir uma base para novas formas de lazer, novas formas de vida cultural e, ao mesmo tempo, ofereceram uma ajuda concreta para os moradores em relação às necessidades básicas da comunidade.

Desde o início da ocupação em 1997, foi fundada a Associação dos Moradores do Parque Oziel e, nesse mesmo ano, teve início a construção da sede, de grande importância para a comunidade e para as lideranças locais. Por ela, transitam as questões do cotidiano do bairro e as articulações políticas necessárias à luta por melhores condições de moradia, saúde e educação das pessoas que ali permanecem. É o lugar, por exemplo, para receber as correspondências dos moradores, organizar o programa Viva Leite²³, desenvolver o Projeto Aprendendo para o Futuro, tratar dos problemas enfrentados pelos moradores, discutir políticas de organização das reivindicações, preparar as formas de se relacionar com os poderes públicos, municipal e estadual.

Mesmo com a vida a pulsar nas relações internas da ocupação e ser visível a solidariedade, a cooperação entre as pessoas, não era isso que a mídia campineira levava para suas manchetes. Jornais da cidade, constantemente, expunham em suas páginas os homicídios, os assaltos, as mortes que ocorriam dentro da *invasão* de terras ao lado de um famoso shopping da cidade. Esse panorama mostrava à cidade uma outra face da ocupação: a face mais perversa do início de *um bairro* sem estrutura nenhuma, que reunia pessoas de todos os cantos, que expunha a violência de pessoas à margem da sociedade. Mas, não era isso que eu percebia na medida em que me inseria na ocupação. Convivia com pessoas trabalhadoras, preocupadas com sua condição de vida e desejosas de oferecerem aos seus filhos uma possibilidade melhor de educação, moradia, de cidadania.

²² Associação dos amigos da Criança (AMIC); Fundação Douglas Andreani; Jovem.com

²³ Programa de distribuição gratuita de leite às famílias com crianças pequenas e cadastradas na associação, idealizado pelo líder Canário, que consegue o leite por conta de doações dos mercados vizinhos.

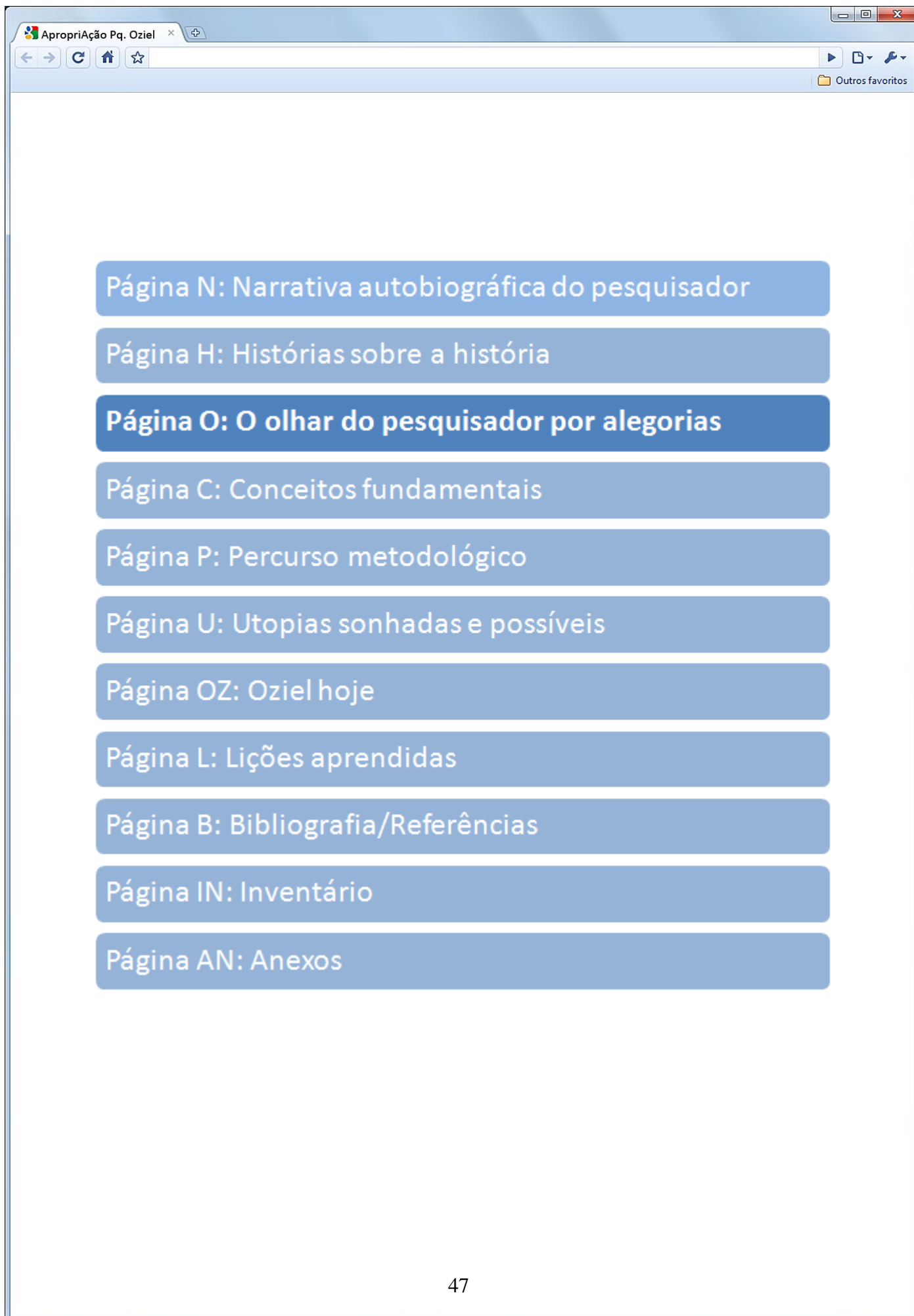
45

Era uma face pouco divulgada. Em conversas com alguns adolescentes, contavam que quando faziam aula-passeio através da escola chegaram a ser elogiados pelo bom comportamento da turma. Ao serem questionados de onde eram, de qual escola vinham, as pessoas ficavam espantadas de saberem que eram do Oziel, tal era a idéia que possuíam dessas pessoas.

O que se verifica é que o desenvolvimento que teve lugar no Parque Oziel não foi apenas material ou estrutural: a comunidade foi crescendo e a forma como o processo aconteceu contribuiu para afirmar um espírito participativo, reivindicativo e comunitário entre os moradores, evidenciado pela cooperação, solidariedade e organização coletiva. Trata-se de uma história de lutas de uma comunidade combativa, cheia de esperanças, que acalentou e acalenta muitos sonhos, boa parte deles representada neste depoimento do Canário em uma de nossas primeiras conversas em 2005:

“Esta é minha perspectiva: isso vai virar um grande centro, e uma grande cidade, pois hoje nós somos maiores que oito cidades do Estado de São Paulo. Isso aqui vai crescer, as casas vão mudar, o panorama do bairro vai ser outro. Nós vamos ser um bairro invejável. As pessoas que lutaram pelo bairro terão muito orgulho de morar no Parque Oziel, Monte Cristo e Gleba B. Vai ser fantástico. Minha perspectiva é de um bairro espetacular”.

Algumas necessidades ainda são prementes, como saneamento básico, pavimentação das ruas principais, a criação de postos de trabalho, legalização da situação da terra e o respeito da sociedade campineira. Porém o Oziel está tomando características de um bairro, como outro qualquer, o que é muito bom para os moradores, mas que pode descaracterizar o sentido de comunidade, que lhe é (era) tão peculiar.



3 PÁGINA 0: O OLHAR DO PESQUISADOR POR ALEGORIAS

3.1 Em busca da Terra Prometida

Procuro, nesta parte do texto, lançar mão de alegorias para analisar o papel de alguns protagonistas na história narrada e, a partir da perspectiva desses sujeitos, discutir a experiência coletiva de conquistar o espaço e a experiência pessoal de ser tocado pelos acontecimentos vivenciados na saga desta ocupação.

3.2 Paraíba e Pe. Nelson $\Leftrightarrow$ Moisés e Arão

Na história judaica Moisés foi escolhido por Javé, para levar o seu povo pelo deserto, deixando a escravidão do Egito, rumo a uma terra que manava leite e mel, onde este povo se esqueceria dos lamentos sofridos. Era a Terra Prometida. Canaã.

O Movimento dos Sem-Terra no Brasil tem em muitos seguidores da Teologia da Libertação um amparo (Santos, 2005). Desta história que se entrelaça vem a terminologia “Em busca da Terra prometida” tantas vezes proclamada nas inúmeras entrevistas que participei ou que eu mesmo realizei.

Êxodo, capítulo 4

10. Moisés disse ao Senhor: “Ah, Senhor! Eu não tenho o dom da palavra; nunca o tive, nem mesmo depois que falastes ao vosso servo; tenho a boca e a língua pesadas”.

14. Então o Senhor irritou-se contra Moisés: “Não tens Aarão, disse ele, teu irmão, o levita? Eu sei que ele fala bem. Eilo justamente que vem ao teu encontro e, vendo-te, alegrar-se-á o seu coração”.

16. *É ele quem falará ao povo em teu lugar: ele te servirá de boca e tu lhe servirás de Deus.*

A história dos judeus na conquista de seu território poderia ser usada como alegoria ao nos referirmos à história de ocupação do Oziel. Temos nas duas histórias figuras de destaque na liderança: Moisés e Paraíba. Moisés era gago e seu irmão Aarão falava em seu nome ao povo, a Faraó, na condução das ordenanças para a saída do Egito e para o percurso rumo à Terra Prometida. De outro lado, Paraíba, também gago, tinha a seu lado o Padre Nelson, recém nomeado para a função religiosa, mas que procurava falar aos moradores do Oziel sobre a organização da ocupação. Gostaria de enfatizar o protagonismo do povo, dos moradores; mais do que serem conduzidos por heróis, povo/moradores são os heróis dessas histórias. O heroísmo dessas pessoas está na crença de que outra forma de viver é possível. Possuem uma utopia possível de se alcançar. Desejavam/desejam serem livres, apropriar-se de seus direitos, principalmente a uma vida digna.

Desta forma, a alegoria aqui é que, assim como Moisés conduziu seu povo em busca da Terra Prometida, os então sem-teto foram conduzidos ao Parque Oziel por Gentil Ribeiro, o Paraíba. E confiavam nele, e seguiam suas orientações, e se espelhavam em suas atitudes de confronto com o poder estabelecido.

Paraíba era um líder e, mesmo analfabeto, sabia de todas as notícias sobre a ocupação que saíam na mídia impressa, pois comprava os jornais e pedia para as crianças do bairro lerem para ele – escolhia as crianças porque dizia que elas não lhe mentiriam.

Apesar de apoiado por alguns políticos locais, Paraíba era constantemente ameaçado de morte. Quando isso acontecia, ele dizia que não tinha medo de morrer e que seu sangue seria misturado à terra do solo utilizada na construção das casas do bairro.

Assim como Moisés tinha Aarão como seu porta-voz por ser gago. O Paraíba, que também era gago, tinha como aliado o Padre Nelson, que lhe servia de voz quando era necessário conclamar o povo para a luta.



Uma das gratas surpresas que tive neste trabalho de pesquisador foi a conversa com o Pe. Nelson. Uma figura admirável que consegue ser firme e determinado, sem perder a ternura. Por detrás de sua mesa, em sua paróquia, ensinou-me muito sobre alteridade o que fica claro em parte de sua entrevista a seguir:

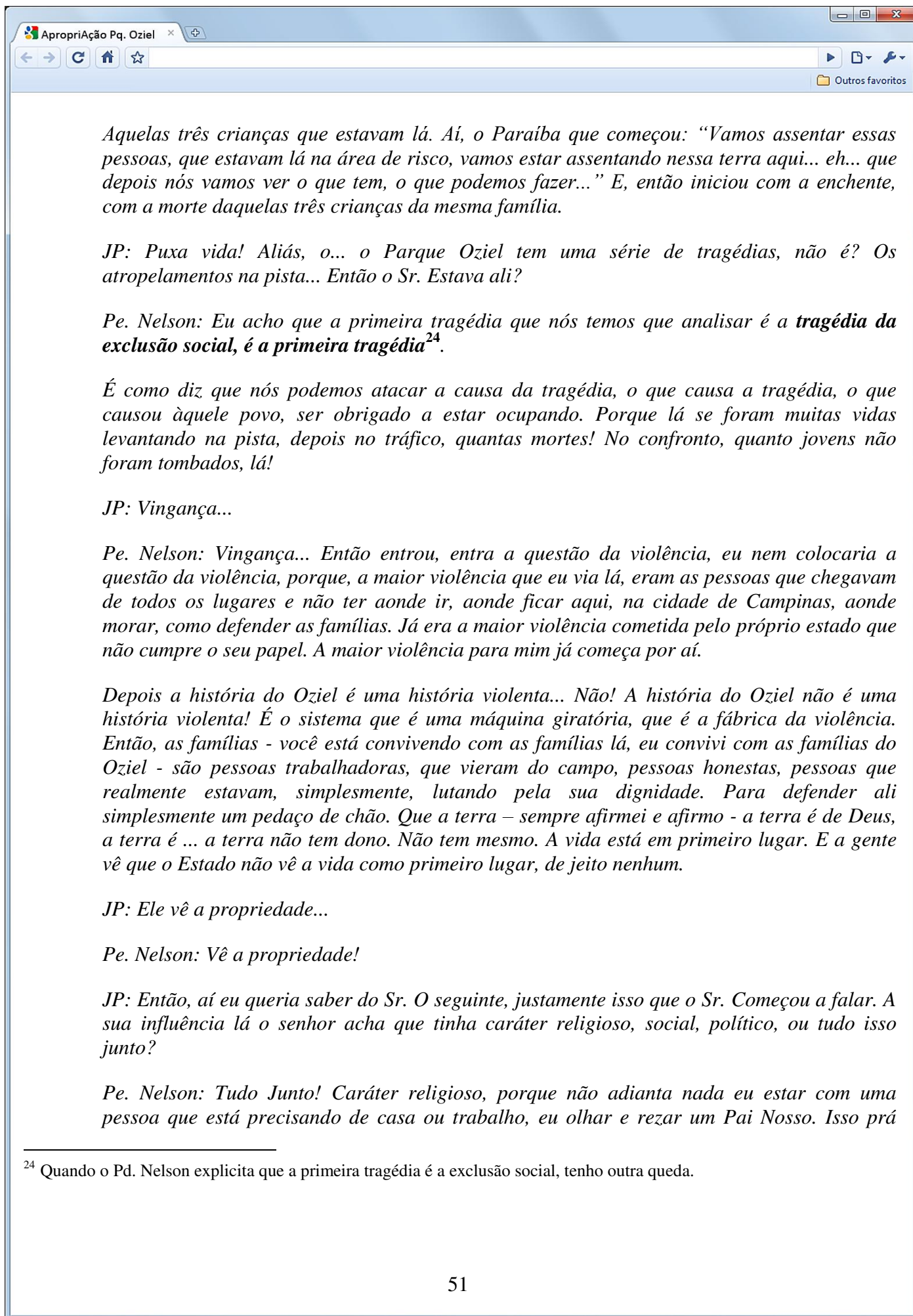
JP: Padre, como o senhor foi parar no Oziel?

Pe. Nelson: Eu era pároco daquela região ali, da Paróquia Sagrada Família. Eu tinha, mais ou menos, oito meses de padre, quando eu fui, quando começou o Oziel, eu tinha oito meses de padre.

Então, eu fui para lá... o meu trabalho como padre começou na beirada do córrego, quando deu a primeira enchente. Morreu aquelas três crianças...

“Quando o Paraíba estava na direção ele fazia o seguinte: ele não deixava ninguém da direção ler o jornal. Ele pegava as crianças do Parque Oziel para ler o jornal para ele. Então ele ia na banca, comprava o jornal, todos os jornais. Os mais importantes, então os três principais de Campinas, e geralmente algum de circulação nacional. Só que ele nunca pedia pra mim nem para outras pessoas lerem o jornal. Ele falava “Eu vou pedir para a criança porque eles não vão mentir pra mim, vão contar o que está ali. Ninguém vai pular uma frase, esconder um fato, mudar o sentido”. Então a criança lia o jornal, ele interpretava e depois ia para o debate.”

Entrevista com Tiãozinho



Aquelas três crianças que estavam lá. Aí, o Paraíba que começou: “Vamos assentar essas pessoas, que estavam lá na área de risco, vamos estar assentando nessa terra aqui... eh... que depois nós vamos ver o que tem, o que podemos fazer...” E, então iniciou com a enchente, com a morte daquelas três crianças da mesma família.

JP: Puxa vida! Aliás, o... o Parque Oziel tem uma série de tragédias, não é? Os atropelamentos na pista... Então o Sr. Estava ali?

*Pe. Nelson: Eu acho que a primeira tragédia que nós temos que analisar é a **tragédia da exclusão social, é a primeira tragédia**²⁴.*

É como diz que nós podemos atacar a causa da tragédia, o que causa a tragédia, o que causou àquele povo, ser obrigado a estar ocupando. Porque lá se foram muitas vidas levantando na pista, depois no tráfico, quantas mortes! No confronto, quanto jovens não foram tombados, lá!

JP: Vingança...

Pe. Nelson: Vingança... Então entrou, entra a questão da violência, eu nem colocaria a questão da violência, porque, a maior violência que eu via lá, eram as pessoas que chegavam de todos os lugares e não ter aonde ir, aonde ficar aqui, na cidade de Campinas, aonde morar, como defender as famílias. Já era a maior violência cometida pelo próprio estado que não cumpre o seu papel. A maior violência para mim já começa por aí.

Depois a história do Oziel é uma história violenta... Não! A história do Oziel não é uma história violenta! É o sistema que é uma máquina giratória, que é a fábrica da violência. Então, as famílias - você está convivendo com as famílias lá, eu convivi com as famílias do Oziel - são pessoas trabalhadoras, que vieram do campo, pessoas honestas, pessoas que realmente estavam, simplesmente, lutando pela sua dignidade. Para defender ali simplesmente um pedaço de chão. Que a terra – sempre afirmei e afirmo - a terra é de Deus, a terra é ... a terra não tem dono. Não tem mesmo. A vida está em primeiro lugar. E a gente vê que o Estado não vê a vida como primeiro lugar, de jeito nenhum.

JP: Ele vê a propriedade...

Pe. Nelson: Vê a propriedade!

JP: Então, aí eu queria saber do Sr. O seguinte, justamente isso que o Sr. Começou a falar. A sua influência lá o senhor acha que tinha caráter religioso, social, político, ou tudo isso junto?

Pe. Nelson: Tudo Junto! Caráter religioso, porque não adianta nada eu estar com uma pessoa que está precisando de casa ou trabalho, eu olhar e rezar um Pai Nosso. Isso prá

²⁴ Quando o Pd. Nelson explicita que a primeira tragédia é a exclusão social, tenho outra queda.

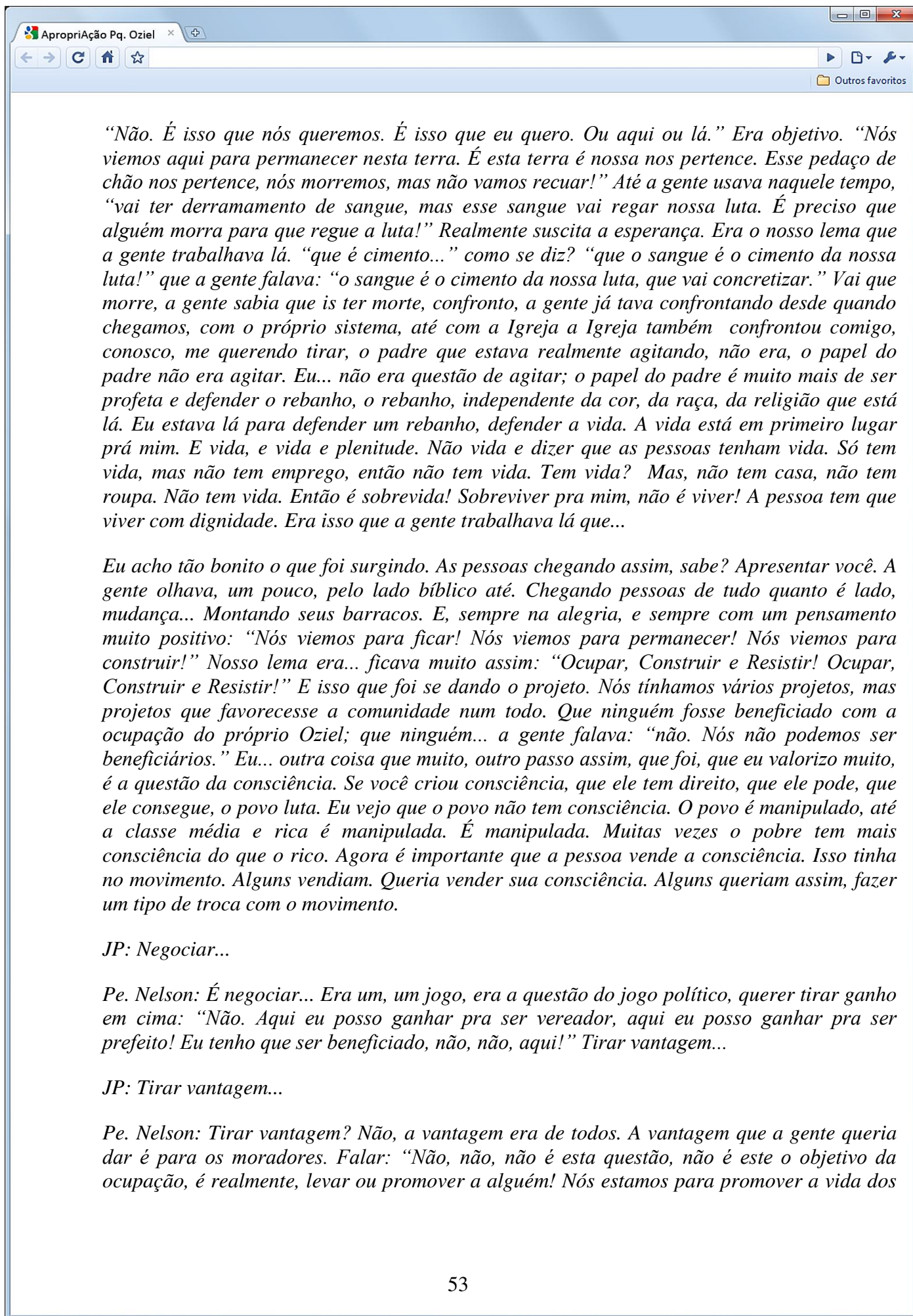
mim, é como se diz assim, é ser manipulador, aí é eu estar manipulando dizer, olha Deus quer que você esteja assim, ta tudo bem. Não, não, não! Eu pegava pela mão, nós temos que lutar, nós temos que realmente fazer valer a questão da justiça... Então entra a questão política, a questão religiosa, respeitando... Respeitando, porque eu trabalhava a questão ecumênica, em primeiro lugar... eu vou falar pra você aqui, que a questão religiosa? Deus não criou uma religião. Eu pertenco a uma igreja, mas Deus criou a vida o ser humano, prá está lá pra defender a vida! Então abrange na questão econômica, política e religiosa. Os três poderes quando se unem é realmente são forte, mas daí quando se unem pra defender a vida, a coisa caminha. E, quando eles se fecham pra manipular, o religioso manipula, o político explora, a gente vê a grande corrupção no lado político, que gera a questão da desigualdade social. Isso no nosso país, no Oziel, qualquer bairro...

JP: Sim, sim. Então, o Sr começou com oito meses de padre, como o Sr falou, começou levando um conforto espiritual, mas também trabalhando com a mobilização desse pessoal...

Pe. Nelson: Muito mais do que o conforto espiritual! Como se diz, fazer suscitar o que eu, a minha presença lá, é fazer suscitar esperança dentro dele, falar: “Não, não. Vocês têm o direito, vocês são gente, vocês tem o mesmo direito de quem mora na Nova Campinas, no Cambuí; tem direito à educação, tem direito à moradia, tem direito ao trabalho”.

Então, é a questão do resgatar a cidadania daquele povo, que não tinham vez, não tinham voz, muito mais: não... Tinham perdido a raiz que é a identidade, o povo tinha perdido a raiz, já. Tinham perdido a sua identidade. “Vamos realmente resgatar a história de vocês, de luta de existência”. Dele dizer: “Não. Realmente é através da resistência que nós vamos conseguir”. Não é, daí depois as pessoas falam, “não pode estar confrontando!”, quem estava nos confrontando era o sistema político que estava nos confrontando, era o próprio sistema de exclusão social que estava nos confrontando. Nós não estava confrontando, nós queria era realmente, assegurar um pedaço de chão para aquele povo, que tivesse a sua moradia, que é negada, é direito constitucional, direito de todos à moradia, educação, ao... à saúde, ao emprego, ao transporte, e ao lazer, ainda...

Então, eu acho assim, que o Oziel, é... eu vejo assim que se deu ali a grande travessia do mar Vermelho. O grande Faraó, que era o sistema, que é até hoje o grande Faraó, e o povo atravessa realmente, aí, através dessa ousadia – é bonito quando a gente vê o povo ousado, mulher, criança – eu acho que a grande sabedoria do povo realmente, parece que vem de Deus, a sabedoria, da resistência, e da união. Ali o bonito era quando o povo se unia! Ali unia, desculpe eu falar aqui: traficante, criança, jovem, padre, religião, ali não tinha sexo, não tinha nada! Ali tinha gente! Ali a gente chamava assim: “aqui tem um povo, aqui tem gente, aqui - o que usava muito é a questão da humanidade - aqui tem um grupo humano, humano!” Então é bonito isso, eu achava tão bonito que a gente nem se desesperava, tinha hora, de que se dava à organização, parece que a coisa ia acontecendo, surgindo, de todos. Não era só o Paraíba, não era só o padre, mas aquela D. Maria que menos se esperava te orientava: “Olha padre, faz assim, que é melhor”. Vamos nessa, então. E as coisas davam certo, e o povo era um povo que parece que ouvia... eu digo assim: ouvia... ou eles viam uma luz, ou ouvia uma voz que ia conduzindo. Porque o objetivo era um só, ali não tinha dizer:



“Não. É isso que nós queremos. É isso que eu quero. Ou aqui ou lá.” Era objetivo. “Nós viemos aqui para permanecer nesta terra. É esta terra é nossa nos pertence. Esse pedaço de chão nos pertence, nós morremos, mas não vamos recuar!” Até a gente usava naquele tempo, “vai ter derramamento de sangue, mas esse sangue vai regar nossa luta. É preciso que alguém morra para que regue a luta!” Realmente suscita a esperança. Era o nosso lema que a gente trabalhava lá. “que é cimento...” como se diz? “que o sangue é o cimento da nossa luta!” que a gente falava: “o sangue é o cimento da nossa luta, que vai concretizar.” Vai que morre, a gente sabia que is ter morte, confronto, a gente já tava confrontando desde quando chegamos, com o próprio sistema, até com a Igreja a Igreja também confrontou comigo, conosco, me querendo tirar, o padre que estava realmente agitando, não era, o papel do padre não era agitar. Eu... não era questão de agitar; o papel do padre é muito mais de ser profeta e defender o rebanho, o rebanho, independente da cor, da raça, da religião que está lá. Eu estava lá para defender um rebanho, defender a vida. A vida está em primeiro lugar prá mim. E vida, e vida e plenitude. Não vida e dizer que as pessoas tenham vida. Só tem vida, mas não tem emprego, então não tem vida. Tem vida? Mas, não tem casa, não tem roupa. Não tem vida. Então é sobrevida! Sobreviver pra mim, não é viver! A pessoa tem que viver com dignidade. Era isso que a gente trabalhava lá que...

Eu acho tão bonito o que foi surgindo. As pessoas chegando assim, sabe? Apresentar você. A gente olhava, um pouco, pelo lado bíblico até. Chegando pessoas de tudo quanto é lado, mudança... Montando seus barracos. E, sempre na alegria, e sempre com um pensamento muito positivo: “Nós viemos para ficar! Nós viemos para permanecer! Nós viemos para construir!” Nosso lema era... ficava muito assim: “Ocupar, Construir e Resistir! Ocupar, Construir e Resistir!” E isso que foi se dando o projeto. Nós tínhamos vários projetos, mas projetos que favorecesse a comunidade num todo. Que ninguém fosse beneficiado com a ocupação do próprio Oziel; que ninguém... a gente falava: “não. Nós não podemos ser beneficiários.” Eu... outra coisa que muito, outro passo assim, que foi, que eu valorizo muito, é a questão da consciência. Se você criou consciência, que ele tem direito, que ele pode, que ele consegue, o povo luta. Eu vejo que o povo não tem consciência. O povo é manipulado, até a classe média e rica é manipulada. É manipulada. Muitas vezes o pobre tem mais consciência do que o rico. Agora é importante que a pessoa vende a consciência. Isso tinha no movimento. Alguns vendiam. Queria vender sua consciência. Alguns queriam assim, fazer um tipo de troca com o movimento.

JP: Negociar...

Pe. Nelson: É negociar... Era um, um jogo, era a questão do jogo político, querer tirar ganho em cima: “Não. Aqui eu posso ganhar pra ser vereador, aqui eu posso ganhar pra ser prefeito! Eu tenho que ser beneficiado, não, não, aqui!” Tirar vantagem...

JP: Tirar vantagem...

Pe. Nelson: Tirar vantagem? Não, a vantagem era de todos. A vantagem que a gente queria dar é para os moradores. Falar: “Não, não, não é esta questão, não é este o objetivo da ocupação, é realmente, levar ou promover a alguém! Nós estamos para promover a vida dos

excluídos.” Eu usava muito- não usava a palavra “excluídos” – lascado, lá naquele tempo... dos lascados, dos desgraçados da vida. É está, realmente, é esta vida que tem que se fazer que seja promovida, não promover o político, ou o padre, ou promover a liderança, não é? Não era o nosso objetivo – ou promover a coordenação. Nunca foi, realmente, o meu objetivo, juntos, como por exemplo: “nós queremos promover alguém aqui dentro!” Nunca, nunca. Era a vida. A vida tem que ser promovida aqui dentro, de todos. Desde da criança que está no ventre materno, a gente tem que defender, até o idoso lá dentro. Todos tinham o mesmo direito.

JP: O Sr conheceu o Paraíba? Conheceu pessoalmente?

Pe. Nelson: O Gentil Ribeiro, que se fala.

JP: É! O Gentil Ribeiro!

Pe. Nelson: O Gentil Ribeiro, desde o primeiro barraco que nós, que ele assentou, eu acompanhei. Depois acompanhamos outros assentamentos, é como se... O Gentil Ribeiro era uma pessoa despojada, desapegada de tudo. Ele pensava, a preocupação dele, dentro da ocupação assim, o coração dele era o coração das crianças. Era o coração das crianças. E isso aí, era um apaixonado, eu digo assim, era um cara apaixonado pela luta, pelo social, sabe? Não tinha discurso político,

JP: E era analfabeto!

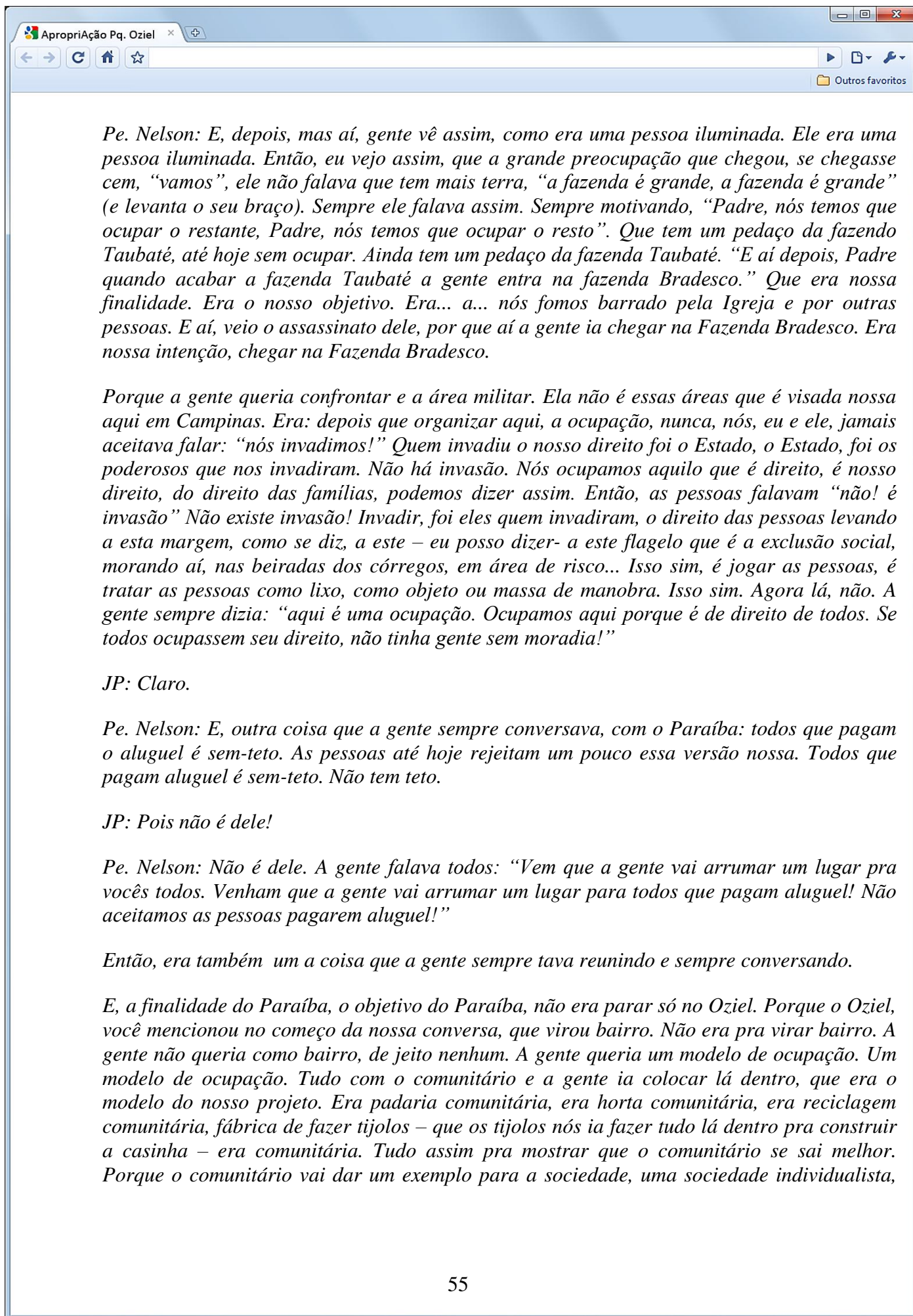
Pe. Nelson: Mas tinha resistência! Mas, tinha resistência, tinha força de vontade. Aí eu ficava pensando assim no Paraíba, a questão de Moisés gago. “Eu sou gago, não sei falar.” “Vai! Arão vai falar pra você.”²⁵ Então, parece que o padre era o Arão, do Paraíba, do Paraíba. Porque eu vejo assim, o ele disse? “o que eu vou fazer padre? O que vou fazer?” Moisés era gago, rejeitou: “Não! eu não vou libertar o povo, eu sou gago, não eu não posso”. “Vai! Arão fala por você.” E o Paraiba não, eu vejo assim que, com aquela, analfabeto, mas de uma sabedoria divina. Uma sabedoria divina. A beleza da sabedoria humana, tratava as pessoas com humanidade, pegava passava fome pra poder dar para uma criança ou para alguém. Era de uma...

JP: Conta a história de que ele pedia para as crianças lerem o jornal pra ele, porque ele não sabia ler.

Pe. Nelson: Pedia.

JP: E não pedia para os adultos porque os adultos poderiam enganá-lo, e as crianças não mentiam. Então, as crianças eram honestas e falavam o que tinha no jornal mesmo. Olha que sabedoria!

²⁵ Bíblia Sagrada. Êxodo 4:11-16.



Pe. Nelson: E, depois, mas aí, gente vê assim, como era uma pessoa iluminada. Ele era uma pessoa iluminada. Então, eu vejo assim, que a grande preocupação que chegou, se chegasse cem, “vamos”, ele não falava que tem mais terra, “a fazenda é grande, a fazenda é grande” (e levanta o seu braço). Sempre ele falava assim. Sempre motivando, “Padre, nós temos que ocupar o restante, Padre, nós temos que ocupar o resto”. Que tem um pedaço da fazenda Taubaté, até hoje sem ocupar. Ainda tem um pedaço da fazenda Taubaté. “E aí depois, Padre quando acabar a fazenda Taubaté a gente entra na fazenda Bradesco.” Que era nossa finalidade. Era o nosso objetivo. Era... a... nós fomos barrado pela Igreja e por outras pessoas. E aí, veio o assassinato dele, por que aí a gente ia chegar na Fazenda Bradesco. Era nossa intenção, chegar na Fazenda Bradesco.

Porque a gente queria confrontar e a área militar. Ela não é essas áreas que é visada nossa aqui em Campinas. Era: depois que organizar aqui, a ocupação, nunca, nós, eu e ele, jamais aceitava falar: “nós invadimos!” Quem invadiu o nosso direito foi o Estado, o Estado, foi os poderosos que nos invadiram. Não há invasão. Nós ocupamos aquilo que é direito, é nosso direito, do direito das famílias, podemos dizer assim. Então, as pessoas falavam “não! é invasão” Não existe invasão! Invadir, foi eles quem invadiram, o direito das pessoas levando a esta margem, como se diz, a este – eu posso dizer- a este flagelo que é a exclusão social, morando aí, nas beiradas dos córregos, em área de risco... Isso sim, é jogar as pessoas, é tratar as pessoas como lixo, como objeto ou massa de manobra. Isso sim. Agora lá, não. A gente sempre dizia: “aqui é uma ocupação. Ocupamos aqui porque é de direito de todos. Se todos ocupassem seu direito, não tinha gente sem moradia!”

JP: Claro.

Pe. Nelson: E, outra coisa que a gente sempre conversava, com o Paraíba: todos que pagam o aluguel é sem-teto. As pessoas até hoje rejeitam um pouco essa versão nossa. Todos que pagam aluguel é sem-teto. Não tem teto.

JP: Pois não é dele!

Pe. Nelson: Não é dele. A gente falava todos: “Vem que a gente vai arrumar um lugar pra vocês todos. Venham que a gente vai arrumar um lugar para todos que pagam aluguel! Não aceitamos as pessoas pagarem aluguel!”

Então, era também um a coisa que a gente sempre tava reunindo e sempre conversando.

E, a finalidade do Paraíba, o objetivo do Paraíba, não era parar só no Oziel. Porque o Oziel, você mencionou no começo da nossa conversa, que virou bairro. Não era pra virar bairro. A gente não queria como bairro, de jeito nenhum. A gente queria um modelo de ocupação. Um modelo de ocupação. Tudo com o comunitário e a gente ia colocar lá dentro, que era o modelo do nosso projeto. Era padaria comunitária, era horta comunitária, era reciclagem comunitária, fábrica de fazer tijolos – que os tijolos nós ia fazer tudo lá dentro pra construir a casinha – era comunitária. Tudo assim pra mostrar que o comunitário se sai melhor. Porque o comunitário vai dar um exemplo para a sociedade, uma sociedade individualista,

uma sociedade competitiva que elas falavam, a sociedade da competição. Então a gente tem que oferecer, alavancar uma proposta diferente pra ir na contra-mão da sociedade. E, sempre falando: “nós não estamos confrontando!” É ele que vai nos confrontar conosco quando fazer o lançar os projetos alternativos de vida para as pessoas. Então, era o nosso o objetivo e era uma preocupação das pessoas falar assim: “aonde que este grupo vai chegar?”

Então, eles tentavam como se diz aí, diante das mortes que ocorriam lá dentro, diante da disputa de espaço, disputa de terra, e do tráfico lá dentro, atribuir à coordenação, atribuíam a nós, atribuíam a nós. Por quê? Porque o Paraíba, ele foi processado, ele foi preso. Eu fui processado oito vezes. Então atribuíam tudo a nós. Pra dizer: “eles são baderneiros”. Baderneiros? Nós não somos baderneiros. Quem faz a maior baderna, realmente, na nossa sociedade? São os políticos corruptos, a gente vê, são os grandes latifundiários, os grandes banqueiros. Quer dizer, que nós falava pras pessoas lá, a gente usava um exemplo pras pessoas. Quando nós precisamos – e o Chico Amaral foi uma pessoa muito boa neste termo lá, deu muito apoio para nós. Mas, a gente falava assim, vamos supor assim: “sai o IPTU pra pagar no começo do ano ou você vai pagar o IPVA”. A gente usava esse termo pra população. “O governo, o prefeito não quer saber se você tem dinheiro ou não. Se você pagou, se você pagou, beleza, se você não pagou você vai pagar multa. Ele não quer saber se você está com sua família passando fome, se você está desempregado, não quer saber. Agora quando nós solicitamos uma creche, ou uma escola no bairro ou para tampar um buraco, o prefeito não tinha dinheiro e ninguém processa. A gente pode falar, ninguém processa o cara. Ninguém, ninguém. O cara não paga multa”. Você veja bem, a gente falava: “você tem que tomar consciência que não paga multa”. Outro exemplo a gente usava: “você pega a aposentadoria de vocês e coloca no banco”, a gente falava assim, naquele tempo estava 3%, o que o banco pagava. “Você vai tirar do banco, outra pessoa vai tirar o mesmo dinheiro seu do banco e pagar 12/15%. Pra ter consciência, de que ele pega o seu dinheiro a 3 e coloca pra outro e ganha 8 nas suas costas, 8% na sua costa. Quem é ladrão? É quem está aqui, conquistando a terra, ou é quem, os banqueiros latifundiários e os governantes?” Aí que o Chico Amaral ficava muito bravo comigo nesse tempo. Eu afirmava muito essa questão da pessoa ser ladrão. Ladrão são esse, os latifundiários, são os políticos que roubam de verdade.

Agora dizer que quem ocupa uma terra é ladrão? “Não, a terra tem dono!” Não. Deus não deixou cerca pra ninguém. Deus falou ó, criou o Paraíso. “A cerca é coisa do diabo!”, como a gente falava, “a cerca o diabo quem fez”. E, isso aí, como se diz: Porque dizer “Não! É meu! É meu!”? Como a gente fala: “uma terra que tava ociosa lá, há 29 anos sem pagar IPTU pra Prefeitura, ociosa. Então, vamos ocupar!” Como muitas outras áreas de Campinas que nós levantamos, e muitas outras áreas ociosas com a especulação imobiliária que está por aí, e ninguém faz nada.

JP: Porque que o Sr saiu do bairro?

Pe. Nelson: Olha, foi tanto uma intriga política, como religiosa. Porque estava ameaçado de morte, né? Você sabia que tem aquela lista

JP: Tinha uma lista de 12 pessoas que seriam...

Pe. Nelson: E eu era o oitavo.

JP: O Sr era o oitavo?

Pe. Nelson: Era o oitavo. Entregavam para todos os que eles iam matar... Aí houve muita pressão. Eu não fiquei com medo da morte, que eu estava disposto a morrer mesmo. Eu estou disposto a morrer. Dar a vida para que outros tenham vida. Não tenho medo da morte pra mim, de jeito nenhum. Porque para mim não existe morte.

JP: O senhor tem uma visão diferente, né?

Pe. Nelson: A morte não é morte para mim. Há vida. Para mim há vida, só há vida. Não há morte.

Pe. Nelson: Então eu vejo assim, há muita pressão. Tanto política quanto religiosa... ...porque estava criando um confronto com o poder religioso, um incômodo muito grande, até hoje, eles tem um padre, polêmico, o padre que é crítico, o padre que tem uma visão diferente de Igreja... O padre da Teologia da Libertação. Então, foi muita pressão psicológica mais do lado religioso. E, o religioso que me tirou, claro! Foi o Bispo que me tirou. Chegou e decretou, falou: "Tem 24 horas pra deixar. Acabou!" E ainda falou: "durante o tempo que eu estiver em Roma você tem que sair de lá, por que não quero ver o povo fazendo manifestação para que você permaneça."... Até hoje eu sofro essa represália da Igreja, por causa do Oziel. Até hoje.

JP: O Sr não conseguiu largar do Oziel. Saiu de lá, mas continua...

Pe. Nelson: Ligado aos movimentos. Agora estou com a Pastoral Carcerária, também, já estão meio amedrontados porque o Padre começou a se organizar na questão do cárcere. Aí é mais perigoso, porque aí entra a questão da violência, a questão mesmo do PCC, que eu já tou confrontando..., então não é fácil não.

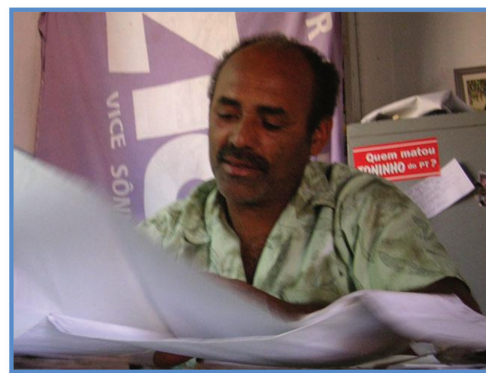


Então, a pressão maior que me arrancou do Oziel, que eu falei pra Igreja: "Olha, eu to com uma mão com os pobres e uma mão com Deus. Não tire minha mão dos pobres!" e a Igreja falou: "Se eu não conseguir tirar eu corto!", é a atitude da Igreja... A própria Igreja, "eu corto a mão..." então é difícil, porque eu falo assim, eu tenho que estar com a mão ligada aos pobres, e outra a Deus. Mas, a Igreja não aceita. Desculpa de eu falar aqui pra você, mas a Igreja tem simplesmente discurso... Está muito longe da prática de Jesus Cristo, tá muito longe.

Outra coincidência nessa alegoria é que Moisés lutou pela terra prometida e não desfrutou dela por ter morrido antes, o Paraíba não pôde assistir a afirmação do Oziel como território constituído devido sua morte prematura. Porém, a comunidade do Oziel não ficou acéfala; eles tinham e têm o hábito de tomar as decisões importantes em assembléias com os moradores e rapidamente elaboraram um plano de sucessão.

3.3 Canário ⇔ Canário

Como relatado na história de organização da ocupação, Canário é o atual líder. Desde 1999, quando assume a liderança se constitui presidente eleito da Associação dos Amigos do Bairro do Parque Oziel. Permanece como uma liderança em sua região que o leva à Câmara Municipal da maior cidade do interior paulista.



Na tentativa de relacionar o Canário com qualquer personagem que exercera sua liderança em favor das pessoas com menor condição de vida digna, percebi um Canário como alegoria de si mesmo. Ele, que conheci em 2005, líder de uma ocupação e que hoje é o líder institucionalizado pelo voto direto de uma metrópole²⁶.

Tiãozinho, em sua entrevista, afirma que:

“E eles se empenharam para eleger o Canário vereador. E isso eu acho que foi uma mudança interessantíssima. Hoje, se você pegar a Câmara de Vereadores de Campinas, com todo o respeito a todos os vereadores que tem lá, o Canário é o único líder de massa que nós temos na câmara de vereadores. Os sindicatos não conseguiram eleger nenhum vereador em Campinas. Quer dizer, a organização clássica, tradicional, dos trabalhadores, que é o sindicato, que é fundamental para a luta dos trabalhadores, que foi e continua sendo fundamental para a luta dos moradores do Parque Oziel, não conseguiu eleger um sindicalista. As outras entidades de classe conseguem colocar lá: as chamadas aristocracias operárias: médicos, advogados, professores, conseguem eleger seus representantes. Mas vinculado a movimentos sociais orgânicos, à luta articulada, ao dia-a-dia... Hoje de manhã eu estava com o Canário no Parque Oziel. Eram duas da tarde e ele ainda não tinha conseguido chegar à câmara de vereadores...”

²⁶ O Canário – Jairson Valério dos Anjos – foi eleito Vereador pelo Partido dos Trabalhadores (PT) para a Câmara Municipal de Campinas-SP, para o mandato 2009-2012.

3.3.1 Canário chega ao Oziel a partir de uma necessidade básica ao cidadão: a moradia.

JP: Como você chegou no Oziel? Como você veio parar aqui? Conta um pouco dessa sua história aqui.

Canário: (...) a minha vinda pra cá é porque eu pagava aluguel numa favela, com meus quatro filhos, três filhos, que um nasceu quando a gente já estava aqui... Foi aquela dificuldade, com aquela inflação que tinha no governo Fernando Henrique, uma inflação galopante na casa dos 45% por mês... Então não dava pra gente pagar aluguel. Aí aconteceu a ocupação do Parque Oziel no dia 3 de fevereiro de 97. E mais ou menos dia 11, dia 12, viemos e pegamos esse terreninho aqui, onde a gente está até hoje.

JP: E é verdade que você é o líder, o presidente comunitário aqui, o único que sobreviveu? Seus antecessores foram assassinados?

Canário: Só um que foi embora, que foi o Cecílio, que correu. No dia que o Cecílio foi embora, dois que trabalhavam junto com ele, na associação, foram assassinados. E depois da saída dele, do Cecílio ir embora, que foi o último presidente, nós formamos uma associação também. E o cara que estava junto comigo também, depois de uns dois meses, foi assassinado, que era o Zé Bahia. Então eu fiquei numa situação muito difícil, porque aí eu fiquei sozinho. Mas eu tinha um amparo maior, que talvez eles não teriam, que foi o apoio de Deus, de Jesus mesmo, que falou pra mim: “Vá!”. E continuou me honrando até hoje e espero que continue por muitos e muitos anos de vida. (...)

JP: Mas você acha que, além disso, você soube lidar com as situações políticas, por isso que você foi ficando, foi ficando... E acabou se elegendo vereador, inclusive?

Canário: Na verdade é o seguinte: todos, por pior que a pessoa seja, ela não tem só maldade. Por pior que seja. Então você tem que viver, como a gente vive na periferia, no meio de todos, convivendo com pessoas, que cada um tem uma linha de atuação, de vivência. Mas se você viver no meio e pegar só as coisas boas, sobra alguma coisa. Então de todos que estavam aqui antes eu fui pegando, fui vendo o que era bom, e quando eu fiquei como liderança eu não repeti algumas coisas que eu achava que era errado.

Canário explicita sua tática de sobrevivência: sem talvez ter lido *O Visconde Partido ao Meio*²⁷, tece uma compreensão sob as pessoas, seu lado bom, seu lado não tão bom assim; entendeu que todos temos todos possuímos maldades e virtudes. Esta maneira de encarar a constituição humana que o faz ser respeitado pelos moradores, pois acima de tudo, demonstra por eles o seu respeito. Além disso, compartilha com eles a experiência que os une, em serem logrados em seus direitos.

²⁷ CALVINO, Ítalo. *O Visconde Partido ao Meio*. São Paulo: Cia das Letras, 1996.

3.4 Tiãozinho ↔ Zumbi dos Palmares

Outro personagem fundamental dessa história, o Tiãozinho, naquela época, havia sido eleito²⁸ para Câmara de Vereadores de Campinas e participou de todos os movimentos iniciais da ocupação. Esteve ao lado dos moradores em suas reivindicações e ajudou a consolidar as lideranças e a organização da comunidade. Sempre esteve envolvido com o Movimento Negro na cidade e representa o poder instituído, não oriundo da aristocracia campineira, mas das camadas populares. Além da sua origem étnica, a sua atuação política assemelha-se a um líder negro muito conhecido, o Zumbi, dos Palmares.

Zumbi nasceu em Palmares (hoje região de União dos Palmares) em Alagoas, no ano de 1655, no maior quilombo²⁹ constituído no Brasil colônia, o Quilombo dos Palmares, que chegou a ter uma população com cerca de trinta mil pessoas.

Naquela época a região ficava localizada no interior da Bahia e tinha uma extensão do tamanho de Portugal e chamava a atenção não apenas pelo número de habitantes, mas por sua organização política e social, para alguns historiadores era semelhante a uma República, para outros a um Reino; o fato é que assim como o Oziel este quilombo foi formado através de uma ocupação por pessoas que foram expatriadas de seus lares e que, a despeito de seu espírito libertário, conquistaram o sentido de pertença a um território ocupado e criaram uma comunidade de resistência. Sua importância foi tamanha na história do Brasil, que no dia de sua morte, 20 de Novembro, comemora-se o dia da Consciência Negra em diversos municípios brasileiros, inclusive em Campinas, justamente por projeto de lei que teve a autoria do, então vereador, Tiãozinho.

A relação que se faz com o hoje Secretário Municipal do Trabalho e Renda de Campinas, Sebastião Arcanjo -Tiãozinho, é a questão da luta pela moradia e também pelo seu engajamento no movimento negro. Assim como Zumbi dos Palmares, Tiãozinho é um estrategista, como podemos perceber em trecho de sua entrevista:



²⁸ Sebastião Arcanjo, o Tiãozinho, foi eleito como Vereador para a Câmara Municipal de Campinas, para o mandato 2001-2004, pelo Partido dos Trabalhadores (PT).

²⁹ Termo de origem africana que designava o local de paragens para populações nômades, mas que no Brasil tomou o sentido de comunidade autônoma, invariavelmente formada por escravos fugitivos

Tiãozinho: ...Fizemos uma grande passeata com dez mil pessoas em Campinas. Juntaram os movimentos, todo mundo, e suspendemos a liminar, e se consolidou a idéia de que sem luta não se conquista nada nesse Brasil e nem em qualquer lugar do mundo. A Gleba já foi um processo educativo para as próprias lideranças do Parque Oziel. Porque não cabia mais gente nem no Parque Oziel, nem no Monte Cristo. Então a estratégia era ocupar uma área que estava próxima, na divisa do Parque Oziel com Monte Cristo. Nesse momento o pessoal da PUC-Campinas e Unicamp, o Toninho, Ari Fernandes, e outros professores, e o Conselho Municipal do Meio Ambiente, resolveram fazer uma visita técnica ao Parque Oziel... identificaram que haviam várias nascentes nessa área onde as pessoas pretendiam ocupar. E havia uma mata que, na opinião dos ambientalistas, precisava ser preservada... Então resolvemos ocupar a área da Gleba, e foi numa das madrugadas mais frias de Campinas. Naquele dia de madrugada, inclusive, uma mãe deu à luz naquela ocupação na Gleba. Então aí a direção do Oziel assumiu a direção da Gleba, mas o Monte Cristo sempre teve uma diretoria independente. Na cabeça do povo, é tudo a mesma coisa. Na imprensa, é tudo a mesma coisa. Para a polícia, é tudo a mesma coisa. Então por que essa divisão? Mas foi a forma que entendíamos porque o Monte Cristo tinha essa outra realidade, diferente do Parque Oziel e da Gleba B. Foi esse o processo de debate que fizemos com algumas pessoas. Alguns deles já estão há 12 anos na ocupação.



JP: Existia a intenção de se fazer do Oziel um modelo para outras ocupações?

Tiãozinho: Primeiro o referencial nosso era: Chega de ficar na beira do brejo e vamos ocupar regiões mais próximas da cidade e forçar o debate para a política habitacional. Você vir para próximo do centro, chegar próximo da cidade, significa que você tem que ter um outro modelo de ocupação, um outro planejamento, uma outra estratégia. Então rapidamente a ocupação foi se consolidando. O maior desafio nosso no Parque Oziel era tirar o estigma de serem bairros violentos da cidade. Então ao mesmo tempo em que nós tínhamos que fazer um processo de consciência nós tínhamos que trabalhar internamente para reduzir o número de violência na ocupação que acabou vitimando, inclusive, o próprio Paraíba.

Então nós trabalhamos com essa perspectiva. Eu penso que o Oziel se tornou um modelo de ocupação para o Brasil por conta dessa estratégia de fazer ocupação próxima do centro da cidade e porque obrigou a cidade a refletir. Porque quando o sujeito ocupava lá no fundão, a 30 km da cidade, ninguém ligava pra ele, ninguém tava nem aí. Quando ele veio para próximo de cidade, próximo de shopping center, próximo de hotel 6 estrelas, toda a cidade acabou se mobilizando em torno disso.

JP: Incomodada?

Tiãozinho: Uns se incomodaram demais, outros se sentiram na necessidade de fazer uma política habitacional em Campinas. Então o Parque Oziel hoje é um bairro que está em processo de consolidação, com um conjunto de equipamentos públicos que bairros que têm trinta, trinta e cinco anos de Campinas não conquistaram até hoje.

3.5 Adailton ↔ Hitlodeu

E, de dentro dos moradores, trago outra história. Adailton chega ao Oziel *como a maioria dos moradores daqui: devido à necessidade de moradia*. A sua mãe com seus irmãos menores vieram para a ocupação e ele vinha frequentemente para ajudar a cuidar dos seus irmãos. Quando sua mãe faleceu, ele mudou-se para o Oziel a fim de tomar conta de seus irmãos.

Mesmo antes mudar-se para lá, participava dos movimentos da ocupação: assembléias de moradores, passeatas, caminhadas... *Quando eu vim morar aqui, algumas pessoas já me conheciam, de vista, mas me conheciam.*

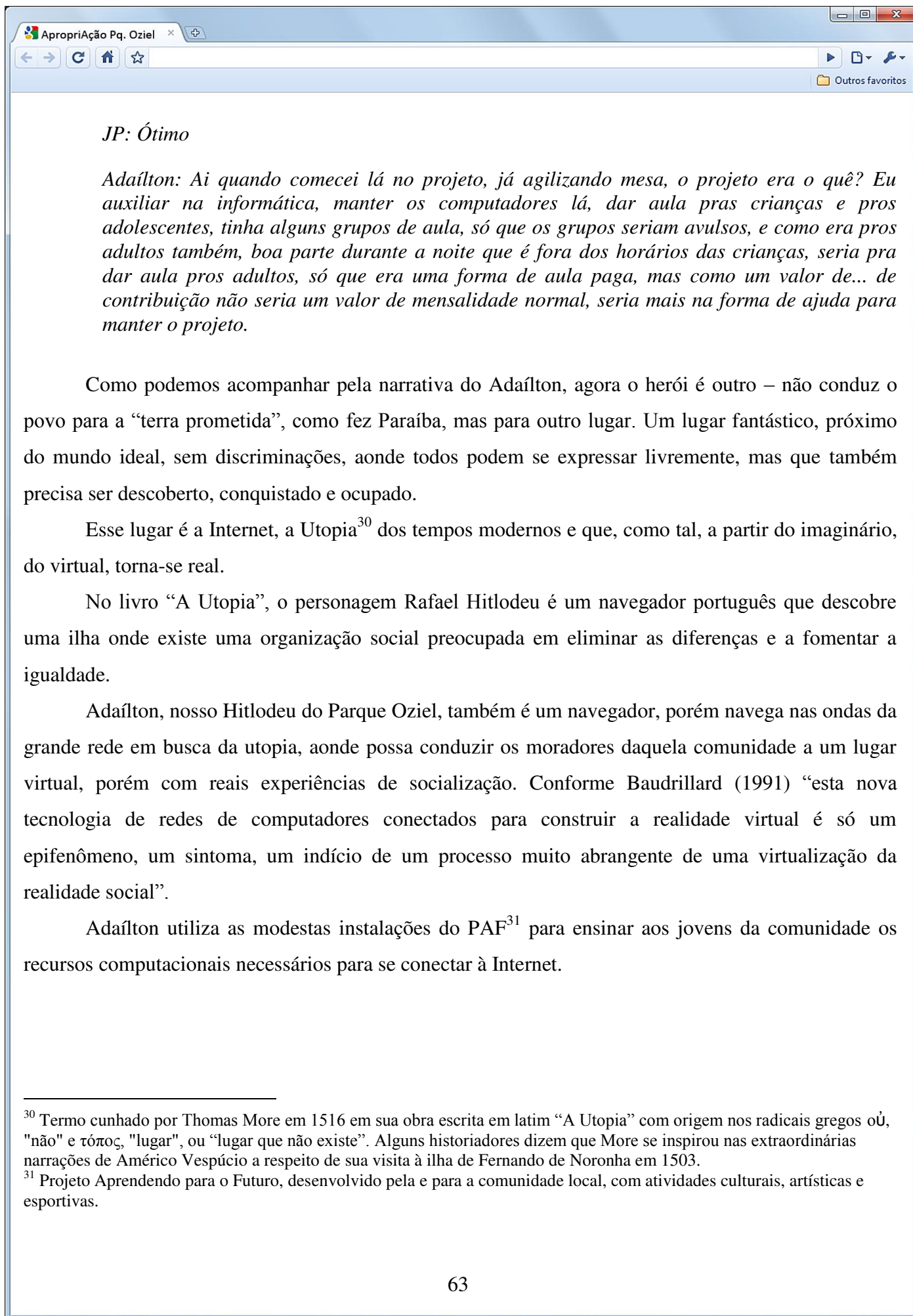
Adailton começou a trabalhar com o Canário quando a documentação e a negociação sobre a ocupação já estavam mais adiantadas. A pressão para tirar as pessoas havia diminuído e o trabalho era voltado para as negociações de legalização da ocupação.

Adailton: Então, aí começou a agilizar, a organizar mais a associação. Aí o Canário colocou lá um microcomputador para tentar agilizar alguma coisa da documentação, e a organização. Aí ele não sabia mexer bem, né? Não tinha ninguém que mexesse, Ele precisava de alguém que sabia mexer. Então, o pessoal de casa que já conhecia, que tava mais em contato com ele falou, sabia que eu já tinha feito o curso, sabia que eu mexia um pouquinho, né? e passou pra ele, e ele me pediu pra ajudar.

O que aconteceu? Algumas vezes eu fui pra ajudar na associação, a organizar o computador, ligar, ver documento, coisa e tal...

Quando começo a organizar o projeto o PAF (2001, 2002), no sentido de colocar informática e aula de reforço eu fui chamado já tava acompanhando, aí eu fui chamado pra fazer no caso um trabalho de... dar aula de informática e monitorar a área de informática lá.

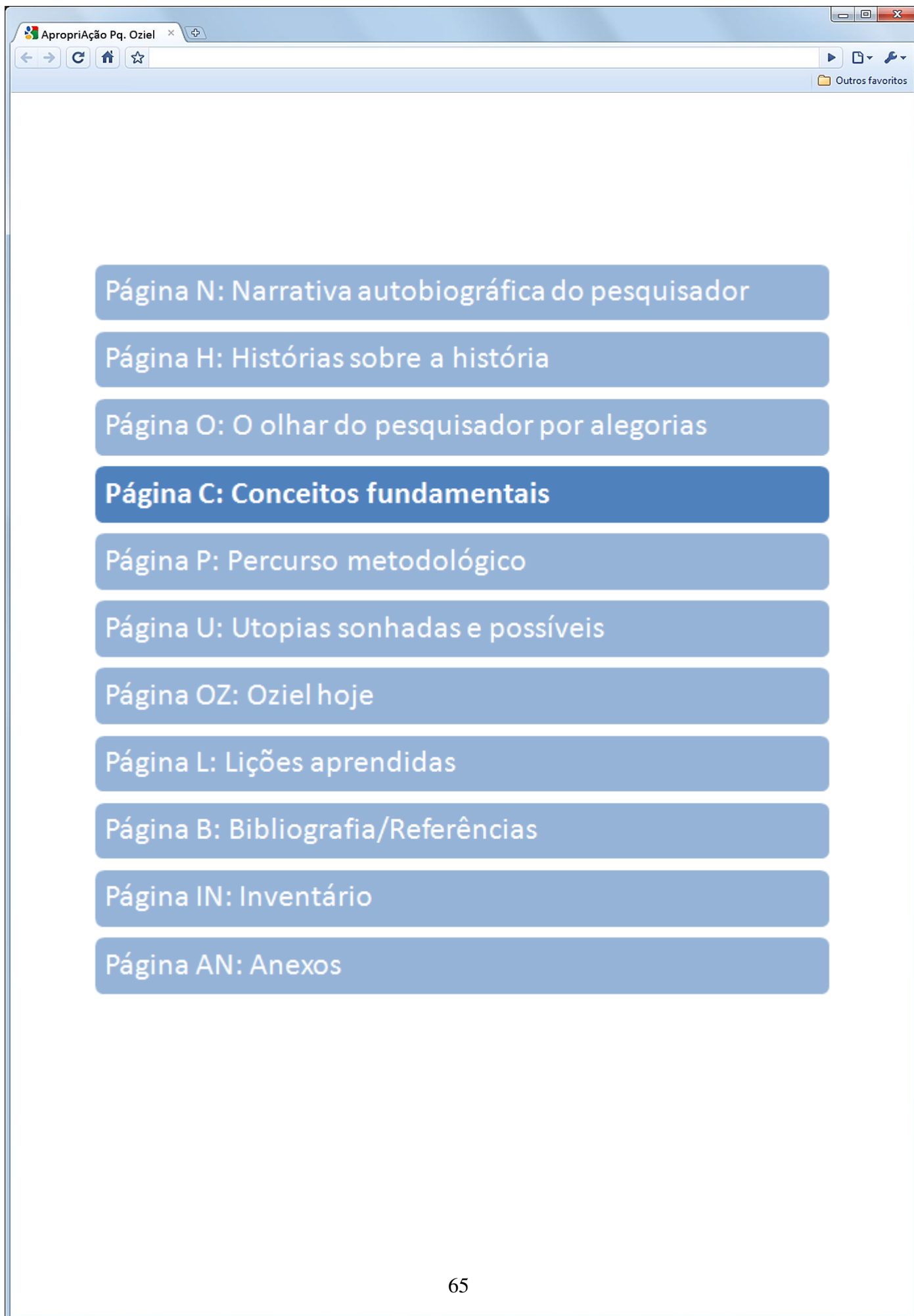
Projeto já tinha: sempre teve a escolinha de futebol, que é como escolinha de futebol que era conhecida Aí quando organizou o PAF, Projeto Aprendendo para o Futuro, o que aconteceu? Foi que colocou o local, né? O móvel lá, que seria o salão lá, a sala e a cozinha comunitária, pra organizar o projeto, não só o futebol, mas também com aula de reforço, com aula de dança, outras atividades que não somente o esporte com as aulas de futebol, geralmente fala esporte e acaba caindo somente futebol, mas era esporte em geral, e aí a informática acabou entrando como uma parte do projeto de... de... educacional, né? de aprendizado.



3.6 Assim...

Estes personagens são bastante diferentes, porém apresentam entre si liames sobre um projeto de sociedade inclusiva, que se solidarizam com o outro, que o querem bem, que pretendem conduzir seus companheiros a um lugar melhor. Perseguiriam utopias, porém utopias possíveis, mesmo que enredadas para o futuro. Como afirma Freire apud CINTRA (1998), *“Os Revolucionários devem adequar sua ação às condições históricas realizando o possível de hoje para viabilizar amanhã o impossível de hoje”*.

Percebo em suas falas que também se “tornaram outros” após a *experiência* que os tocou. Para o Canário, em entrevista, a força desses personagens pode vir de uma condição de todos eles estarem protagonizando sua história e a de outros no início de suas atuações profissionais. O Padre Nelson, que era um padre que iniciava sua vida religiosa numa paróquia e logo em seguida numa ocupação, o Tiãozinho que era um recém-vereador empossado, o Adailton que iniciava um trabalho diferenciado, Paraíba que era iniciante no processo de liderança. Por um lado, todos sem experiência, mas todos profundamente engajados e com experiência larossiana, ou seja, não é o tempo de trabalho ou a atuação que constitui o sujeito, mas sim a intensidade que o acontecimento assume na experiência dele.



Página N: Narrativa autobiográfica do pesquisador

Página H: Histórias sobre a história

Página O: O olhar do pesquisador por alegorias

Página C: Conceitos fundamentais

Página P: Percurso metodológico

Página U: Utopias sonhadas e possíveis

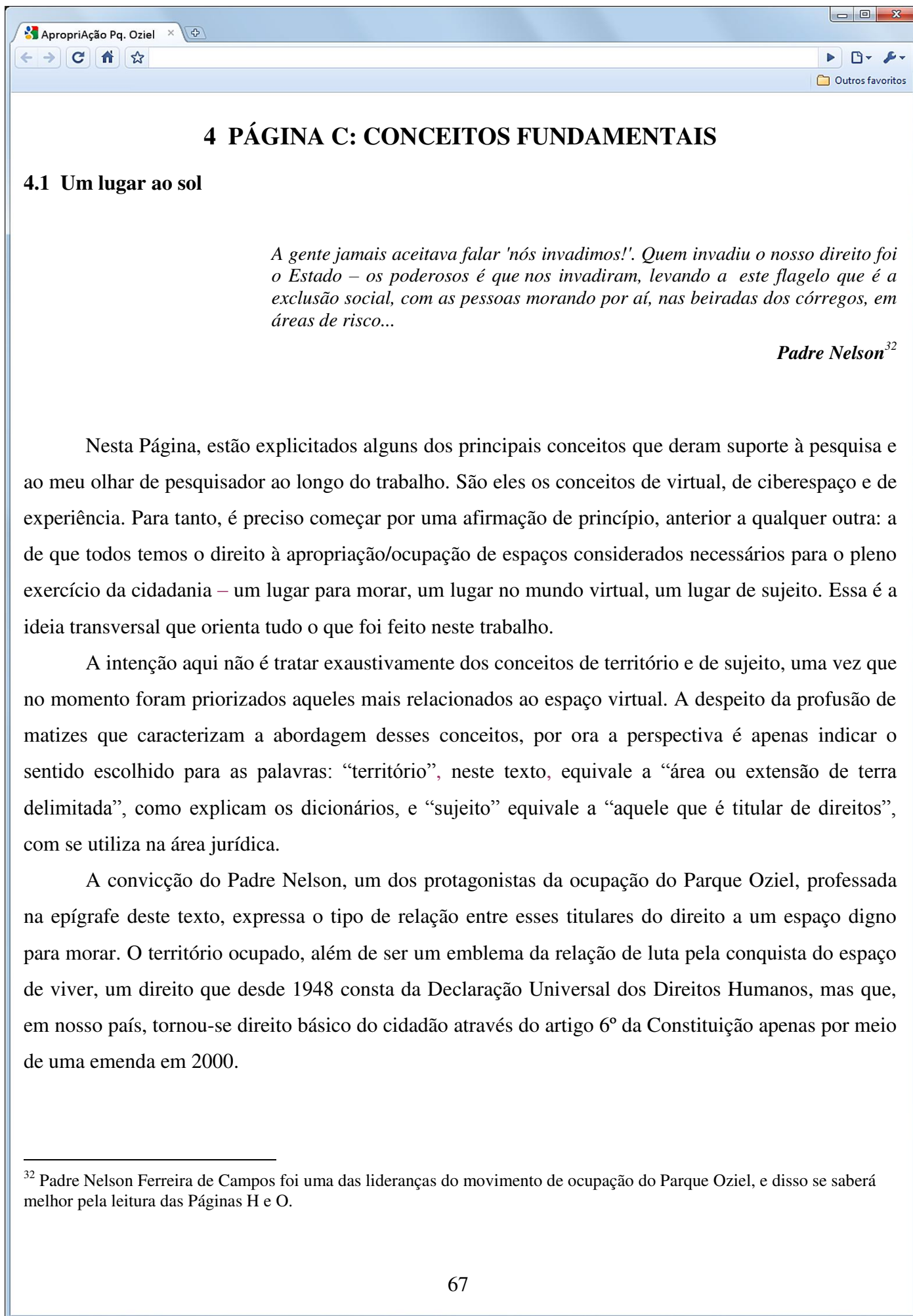
Página OZ: Oziel hoje

Página L: Lições aprendidas

Página B: Bibliografia/Referências

Página IN: Inventário

Página AN: Anexos



4 PÁGINA C: CONCEITOS FUNDAMENTAIS

4.1 Um lugar ao sol

A gente jamais aceitava falar 'nós invadimos!'. Quem invadiu o nosso direito foi o Estado – os poderosos é que nos invadiram, levando a este flagelo que é a exclusão social, com as pessoas morando por aí, nas beiradas dos córregos, em áreas de risco...

Padre Nelson³²

Nesta Página, estão explicitados alguns dos principais conceitos que deram suporte à pesquisa e ao meu olhar de pesquisador ao longo do trabalho. São eles os conceitos de virtual, de ciberespaço e de experiência. Para tanto, é preciso começar por uma afirmação de princípio, anterior a qualquer outra: a de que todos temos o direito à apropriação/ocupação de espaços considerados necessários para o pleno exercício da cidadania – um lugar para morar, um lugar no mundo virtual, um lugar de sujeito. Essa é a ideia transversal que orienta tudo o que foi feito neste trabalho.

A intenção aqui não é tratar exaustivamente dos conceitos de território e de sujeito, uma vez que no momento foram priorizados aqueles mais relacionados ao espaço virtual. A despeito da profusão de matizes que caracterizam a abordagem desses conceitos, por ora a perspectiva é apenas indicar o sentido escolhido para as palavras: “território”, neste texto, equivale a “área ou extensão de terra delimitada”, como explicam os dicionários, e “sujeito” equivale a “aquele que é titular de direitos”, com se utiliza na área jurídica.

A convicção do Padre Nelson, um dos protagonistas da ocupação do Parque Oziel, professada na epígrafe deste texto, expressa o tipo de relação entre esses titulares do direito a um espaço digno para morar. O território ocupado, além de ser um emblema da relação de luta pela conquista do espaço de viver, um direito que desde 1948 consta da Declaração Universal dos Direitos Humanos, mas que, em nosso país, tornou-se direito básico do cidadão através do artigo 6º da Constituição apenas por meio de uma emenda em 2000.

³² Padre Nelson Ferreira de Campos foi uma das lideranças do movimento de ocupação do Parque Oziel, e disso se saberá melhor pela leitura das Páginas H e O.

A colonização foi o primeiro movimento de globalização, pois quando se coloniza algum território, não se trata apenas da conquista, da apropriação, impõem-se hábitos, costumes, cultura enfim, do colonizador para o colonizado.

Portanto, para Santos (2008),

“A primeira globalização do colonialismo se caracterizou pela ocupação territorial. A segunda globalização começa no final do século XX, marcada pela fragmentação dos territórios. O século XX foi o século das revoluções. As revoluções tecnológicas transformam as novas conquistas em sonhos de um mundo melhor”.

Ainda segundo o autor, os imensos territórios conquistados pelos colonizadores não estavam desocupados, o que hoje caracterizaria uma invasão. Em qualquer interlocução com moradores do Oziel, nota-se uma preocupação semântica ao usarem as palavras “ocupar” e “invadir”. Deixam claro que o Oziel foi constituído através de uma ocupação legítima.

Não é difícil compreender a importância do espaço físico territorial para as pessoas, pois a busca por “um canto digno para viver” é um hábito antropológico na constituição das civilizações. Há hoje, entretanto, um outro território a ser conquistado, que não é de terra delimitada, mas de possibilidades aparentemente ilimitadas: o espaço virtual, que aqui merecerá um tratamento mais aprofundado.

Tal como aqui abordado, o espaço/ambiente virtual é dotado de sincronicidade e simultaneidade, constituído de *hardware*³³ e *software*³⁴, e simula representações do mundo (mais) real.

O advento do computador é que veio propiciar esse ambiente. Embora nem sempre se aborde a questão pela via da história, tão naturalizado está esse fenômeno hoje, é importante lembrar que o computador é uma máquina que originariamente foi criada como instrumento bélico, com patrocínio do Departamento de Defesa dos Estados Unidos, conveniado com universidades, para ser usada em

Virtual

Se observarmos algumas das acepções da palavra “virtual” relacionadas no Dicionário Houaiss, teremos o seguinte: 1. existente apenas em potência; 2. que poderá vir a ser; 3. suscetível de ser posto em exercício; 4. capaz de fazer as vezes de outro; 5. que constitui uma simulação de algo criada por meios eletrônicos; 6. quase completo; praticamente total.

Assim, podemos considerar que o virtual “existe”, ainda que como possibilidade, e que, portanto, desse ponto de vista, é real. Como define o filósofo francês Pierre Lévy, o real e o virtual não são antagônicos:

“o virtual não se opõe ao real, mas sim ao atual.

Contrariamente ao possível, estático e já constituído, o virtual é como o complexo problemático, o nó de tendências ou de forças que acompanha uma situação, um acontecimento, um objeto ou uma entidade qualquer, e que chama um processo de resolução: a atualização.” (LÉVY, 1995, p.16)

³³ Parte física do computador. Conjunto de componentes e dispositivos elétricos e eletrônicos.

³⁴ Parte lógica do computador. Conjunto de comandos e instruções que controlam o computador e o tornam útil ao ser humano.

cálculos balísticos durante a Segunda Guerra Mundial. Apenas posteriormente foi direcionada para uso administrativo e, agora como *commodity*³⁵, tornou-se fundamental em diversas áreas da atividade humana.

Assim como o computador surgiu a partir de interesses governamentais, a conexão entre computadores surgiu do processo de contra-espionagem que marcou a Guerra Fria: a intenção era, por segurança, proteger os dados sigilosos não apenas em um equipamento, mas distribuí-los entre várias instalações nas universidades americanas. E, mais uma vez, outras demandas fizeram com que a sociedade desse outro uso para a tecnologia, transformando este emaranhado de máquinas interligadas em redes “inteligentes”. Surgiu então uma “rede de redes”, uma rede que interliga outras redes, uma “entre-redes”, denominada Internet.

O ciberespaço é propiciado pela internet, é o espaço onde agem *as coisas* da internet. Conforme Lévy (1999, p.47), “no limite, só há hoje um único computador, um único suporte para texto, mas tornou-se impossível traçar seus limites, fixar seu contorno. É um computador cujo centro está em toda parte e a circunferência em nenhuma, um computador hipertextual, disperso, vivo, pululante, inacabado, virtual, um computador de Babel: o próprio ciberespaço”.

Ciberespaço é o nome que se dá à vinculação, referência ou conexão entre vários documentos/arquivos, criando um espaço hipertextual de comunicação, com características

rizomáticas, o que pressupõe um conjunto de princípios: de conexão, de heterogeneidade, de multiplicidade, de ruptura a-significante, de cartografia e de decalcomania.

Hipertexto

O *software* de um computador tem duas grandes categorias: Linguagens e Aplicativos.

As primeiras linguagens de programação de computadores surgiram da necessidade de se programá-los com maior eficiência, de modo que através de verbos (comandos) se codificavam instruções a serem executadas pela máquina. Elas podem ser de “alto nível” (mais próxima da linguagem humana) e de “baixo nível” (mais próximas da linguagem do computador, o sistema binário).

Os Aplicativos são rotinas criadas através de uma linguagem de programação qualquer, que precisam ser *user friendly* para que o usuário, leigo em programação de computadores, os utilize em suas diversas atividades do dia-a-dia, como processar textos, fazer gráficos e planilhas e também navegar na Internet.

Como a apropriação do ambiente virtual da Internet acabou sendo feita por usuários leigos, criou-se um sistema de navegação intuitivo chamado hipertexto, que nada mais é do que um vínculo, um *link* entre trechos de um documento ou entre documentos, muitas vezes alocados em outro computador.

O termo hipertexto foi enunciado pela primeira vez em 1945, por Vannevar Bush, em “As we may think”.

³⁵ Termo de origem inglesa que significa mercadoria básica usada em transações comerciais, mas também possui a conotação de produto essencial para as atividades do ser humano.

A idéia de rizoma evidencia que há relações, em um texto como este que só podem ser estabelecidas pelo sujeito-leitor.

Na obra *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia*, Deleuze e Guattari (1995) desenvolvem o conceito de rizoma: a perspectiva é de uma extensa produção de conexões entre os vários conceitos e platôs (estruturas diferentes de capítulos) que abrem a possibilidade de um novo tipo de livro que dá ao leitor o direito de montar sua própria estratégia de leitura e criação – desse ponto de vista, cada platô pode ser lido em qualquer posição e posto em relação com qualquer outro.

Afirmam os autores que o conceito não diz respeito à “coisa em si” ou à sua essência, mas ao acontecimento que se efetua em um estado de coisas: se a verdade existe, ela está no sentido das conjunções dos conceitos no plano, logo ela é sentido construído. Afirmam ainda que o que caracteriza as multiplicidades são as singularidades (seus elementos), suas relações (devires) e seus acontecimentos, sua forma de realização (o rizoma) em planos de composição a que os autores chamam de platôs. Segundo eles, o rizoma floresce como a imagem do pensamento, o pensamento rizomático é a-centrado e não hierárquico, é criador de diferenças.

Quando falamos em rizomas, pensamos em horizontalidade. Essa horizontalidade não leva a uma ordem de uniformidade (todos no mesmo nível), mas à instabilidade da diferença.

A mesma perspectiva pode orientar o olhar para o mundo social e as relações que nele se estabelecem, uma vez que o olhar é sempre de um sujeito que constrói sentidos e estabelece conexões a partir do que vive, de sua história, dos acontecimentos que protagoniza, das experiências que lhe tocam e lhe transformam continuamente.

Tem sido comum hoje a referência a esse tempo que vivemos no início do XXI, não mais como “era digital”, que tem conotação perene, mas como “década digital”, devido a obsolescência de

Cibercultura

O termo cibercultura tem vários sentidos, mas, de modo geral, diz respeito à forma sociocultural que resulta de uma relação de trocas entre a sociedade, a cultura e as novas tecnologias de base micro-eletrônicas surgidas na década de 70, decorrente da convergência das telecomunicações com a informática. É um termo utilizado na definição dos agenciamentos sociais das comunidades no espaço eletrônico virtual, que estão ampliando e popularizando a utilização da Internet e outras tecnologias de comunicação, possibilitando assim maior aproximação entre as pessoas de diferentes partes do mundo. Embora fortemente marcada pelas tecnologias digitais, a cibercultura não deve ser entendida como uma cultura pilotada pela tecnologia: o que a caracteriza é a íntima relação entre esta e as novas formas sociais surgidas a partir da década de 60. Alguns insumos como *home banking*, cartões inteligentes, voto eletrônico, *pages*, *palms*, imposto de renda via rede, inscrições via internet etc. mostram como novas atitudes vão sendo demandadas com o surgimento dessas inovações que cada vez mais invadem o cotidiano das pessoas.

conceitos, quebra constante de paradigmas e pela possibilidade de qualquer tipo de informação ser representada na forma digital.

O advento da Internet criou essas possibilidades que marcam a atualidade e que certamente são conquistas relevantes da sociedade informatizada, cujas características principais são: proliferação de dispositivos (há uma infinidade e eles se multiplicam)³⁶; convergência de funções dos equipamentos (a exemplo do aparelho celular)³⁷; mobilidade (que é mais do que movimento, é um estilo de vida que afeta os hábitos do homem moderno – todos os dias nós enviamos, recebemos, criamos, escrevemos, chamamos, pesquisamos, contatamos e conectamos com ubiquidade³⁸); personalização em função das demandas diárias (quais recursos atendem minhas necessidades específicas?); conectividade transparente (não importa onde estejamos, os dispositivos darão conectividade transparente, sem fios); mudança de hábitos, que podem vir a se converter em novas experiências; produtividade (que dependerá do nível de “formação digital” e acesso a dispositivos que a pessoa tenha).

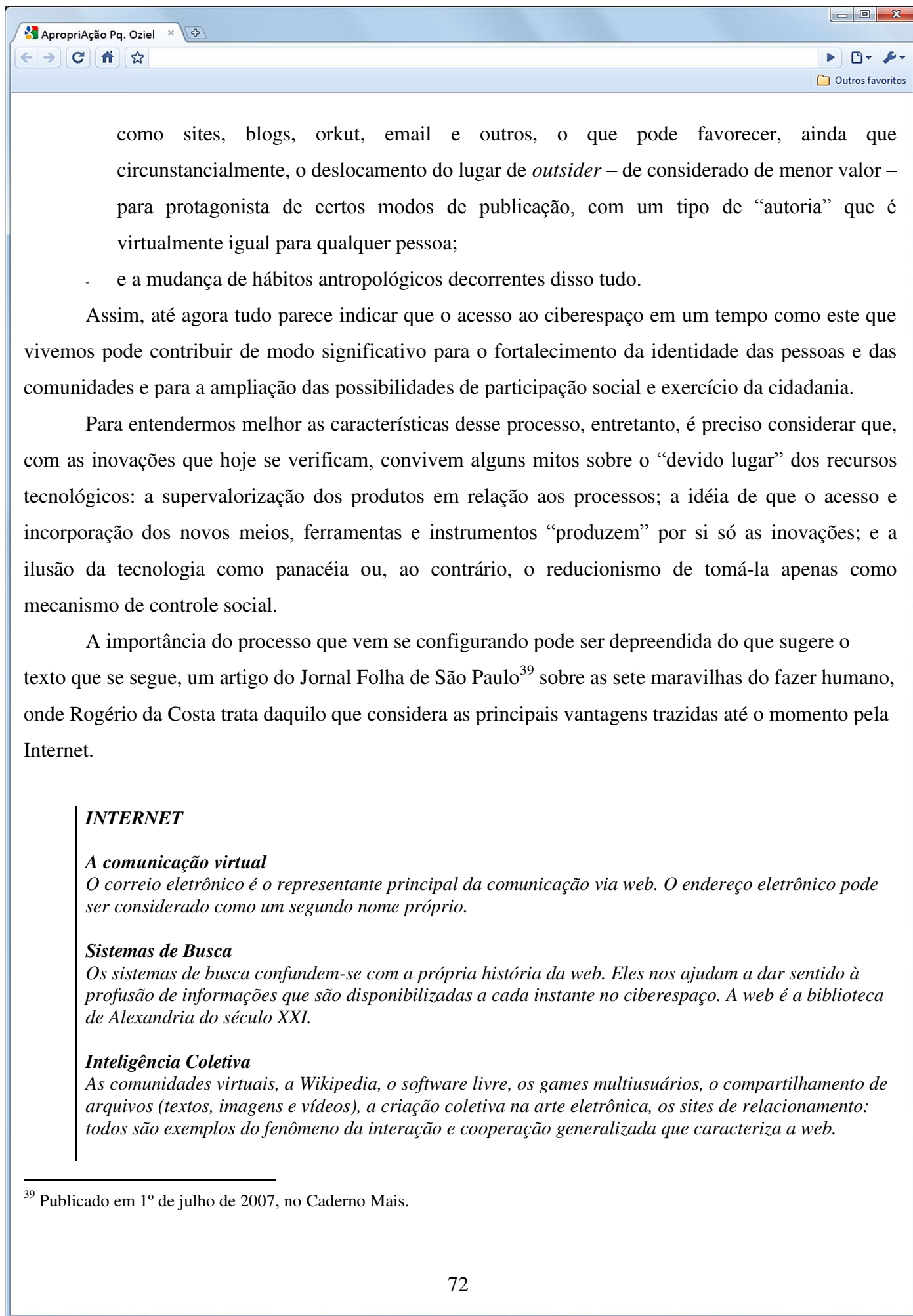
Do ponto de vista das conquistas que podem contribuir mais diretamente para a qualidade de vida e para o desenvolvimento pessoal, podemos destacar as seguintes:

- maior democratização do acesso à informação, ainda que não igualmente “distribuída” e nem suficiente, por si mesma, para garantir as escolhas que respondem às necessidades que se tem;
- a subversão da dimensão de espaço e tempo por conta da “aproximação” das distâncias, possível com os recursos de comunicação em tempo real – chat, icq, messenger, twitter e outros – e de outros “efeitos de presença” trazidos por dispositivos como a *webcam*;
- a potencialização de outros modos, mais elaborados, de pensar e se relacionar, favorecidos pela necessidade de se comunicar com diferentes interlocutores, pelo uso da escrita com várias funções, pela possibilidade de operar com a informação de maneira mais articulada;
- a oportunidade de viver outras experiências inviáveis até então, um outro real possível, como o acesso a “bens culturais” – museus, bibliotecas virtuais e outros espaços de informação –, comunicação com pessoas de diferentes lugares e culturas, uso de recursos

³⁶ O Brasil chegou aos 50 milhões de computadores no ambiente doméstico e corporativo, segundo a Revista Carta Capital de 13 de agosto de 2008.

³⁷ Hoje, além de telefone, o celular tem as funções de máquina fotográfica, filmadora, MP3 player, navegador web, Instant Messenger, eBook reader, calculadora, relógio, agenda, two way vídeo, bluetooth, rádio FM, jogos, etc.

³⁸ Que caracteriza o que está ou parece estar em todos os lugares.



como sites, blogs, orkut, email e outros, o que pode favorecer, ainda que circunstancialmente, o deslocamento do lugar de *outsider* – de considerado de menor valor – para protagonista de certos modos de publicação, com um tipo de “autoria” que é virtualmente igual para qualquer pessoa;

- e a mudança de hábitos antropológicos decorrentes disso tudo.

Assim, até agora tudo parece indicar que o acesso ao ciberespaço em um tempo como este que vivemos pode contribuir de modo significativo para o fortalecimento da identidade das pessoas e das comunidades e para a ampliação das possibilidades de participação social e exercício da cidadania.

Para entendermos melhor as características desse processo, entretanto, é preciso considerar que, com as inovações que hoje se verificam, convivem alguns mitos sobre o “devido lugar” dos recursos tecnológicos: a supervalorização dos produtos em relação aos processos; a idéia de que o acesso e incorporação dos novos meios, ferramentas e instrumentos “produzem” por si só as inovações; e a ilusão da tecnologia como panacéia ou, ao contrário, o reducionismo de tomá-la apenas como mecanismo de controle social.

A importância do processo que vem se configurando pode ser depreendida do que sugere o texto que se segue, um artigo do Jornal Folha de São Paulo³⁹ sobre as sete maravilhas do fazer humano, onde Rogério da Costa trata daquilo que considera as principais vantagens trazidas até o momento pela Internet.

INTERNET

A comunicação virtual

O correio eletrônico é o representante principal da comunicação via web. O endereço eletrônico pode ser considerado como um segundo nome próprio.

Sistemas de Busca

Os sistemas de busca confundem-se com a própria história da web. Eles nos ajudam a dar sentido à profusão de informações que são disponibilizadas a cada instante no ciberespaço. A web é a biblioteca de Alexandria do século XXI.

Inteligência Coletiva

As comunidades virtuais, a Wikipedia, o software livre, os games multiusuários, o compartilhamento de arquivos (textos, imagens e vídeos), a criação coletiva na arte eletrônica, os sites de relacionamento: todos são exemplos do fenômeno da interação e cooperação generalizada que caracteriza a web.

³⁹ Publicado em 1º de julho de 2007, no Caderno Mais.

Economia virtual

Comprar e vender todo tipo de produto e serviço via web constitui um dos fenômenos mais marcantes da cibercultura. A comparação de preços e os leilões virtuais são uma inovação para o mercado.

Educação a distância

A web revolucionou a educação, que cada vez mais se torna presencial e virtual. Os cursos, capacitações e treinamentos inteiramente a distância são um marco na construção do conhecimento dos mais diversos setores.

Governo Eletrônico

A transparência das informações dos governos e os serviços online para os cidadãos são conquistas para a cidadania em todos os níveis.

Imprensa eletrônica

A rápida difusão de informações via web modificou não apenas a forma de acesso do cidadão às notícias nacionais e internacionais mas também sua relação com a própria mídia tradicional.

Hoje dificilmente alguém negaria a importância da tecnologia e seus avanços em nossos dias, para qualquer seguimento da sociedade. Trata-se de uma necessidade, às vezes mesmo de sobrevivência, principalmente em tempos de globalização, fenômeno intimamente ligado ao avanço tecnológico. Em tese, isso possibilitaria a qualquer empresa melhorar e baratear sua produção, além de poder conquistar o mercado internacional, benefícios infelizmente ainda usufruídos apenas pelas grandes corporações. Mas não somente o processo produtivo vem se modificando. As formas de produção, manuseio, armazenamento e transformação do conhecimento⁴⁰ também se transformam, criando um novo padrão de gestão social do conhecimento: o volume de informação circulante é muito grande, o acesso é muito rápido, os modos de aprender estão favorecidos, entretanto, o que conta é o quanto tudo isso contribui para que as pessoas tenham experiências que lhes permitam uma vida melhor.

Porém, o sentido de experiência adotado nesta pesquisa é aquele defendido por Larrosa (2004b), que o definiu muito bem nesta passagem inspirada:

É experiência aquilo que nos passa, ou que nos toca, ou que nos acontece, e ao passar-nos nos forma e nos transforma... esse é o saber da experiência: o que se adquire no modo como vamos respondendo ao que vai nos acontecendo (...) e no modo como vamos dando sentido ao acontecer do que nos acontece. No saber da experiência não se trata da verdade do que são as coisas, mas do sentido ou do sem-sentido do que nos acontece...

⁴⁰ Lévy, Pierre. *Inteligência Coletiva – Por uma antropologia do ciberespaço*, São Paulo: Edições Loyola, 3ª edição, 2000.

Depois, o autor afirma ainda que, compreendida desta forma, a experiência é cada vez mais rara por várias razões: pelo excesso de informação, pelo excesso de opinião, por falta de tempo e por excesso de trabalho. E sugere um caminho para resgatá-la:

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço.

A partir dessa perspectiva, Larrosa (2004b) diz de um “sujeito da experiência”, que é território de passagem, lugar de chegada e espaço do acontecer, e que se define não por sua atividade, mas por uma passividade feita de paixão, de padecimento, de paciência, de atenção; por uma receptividade primeira; por uma disponibilidade fundamental; por uma abertura essencial. Cita Heidegger (1987) que discute a questão da experiência também a partir dos efeitos produzidos no sujeito:

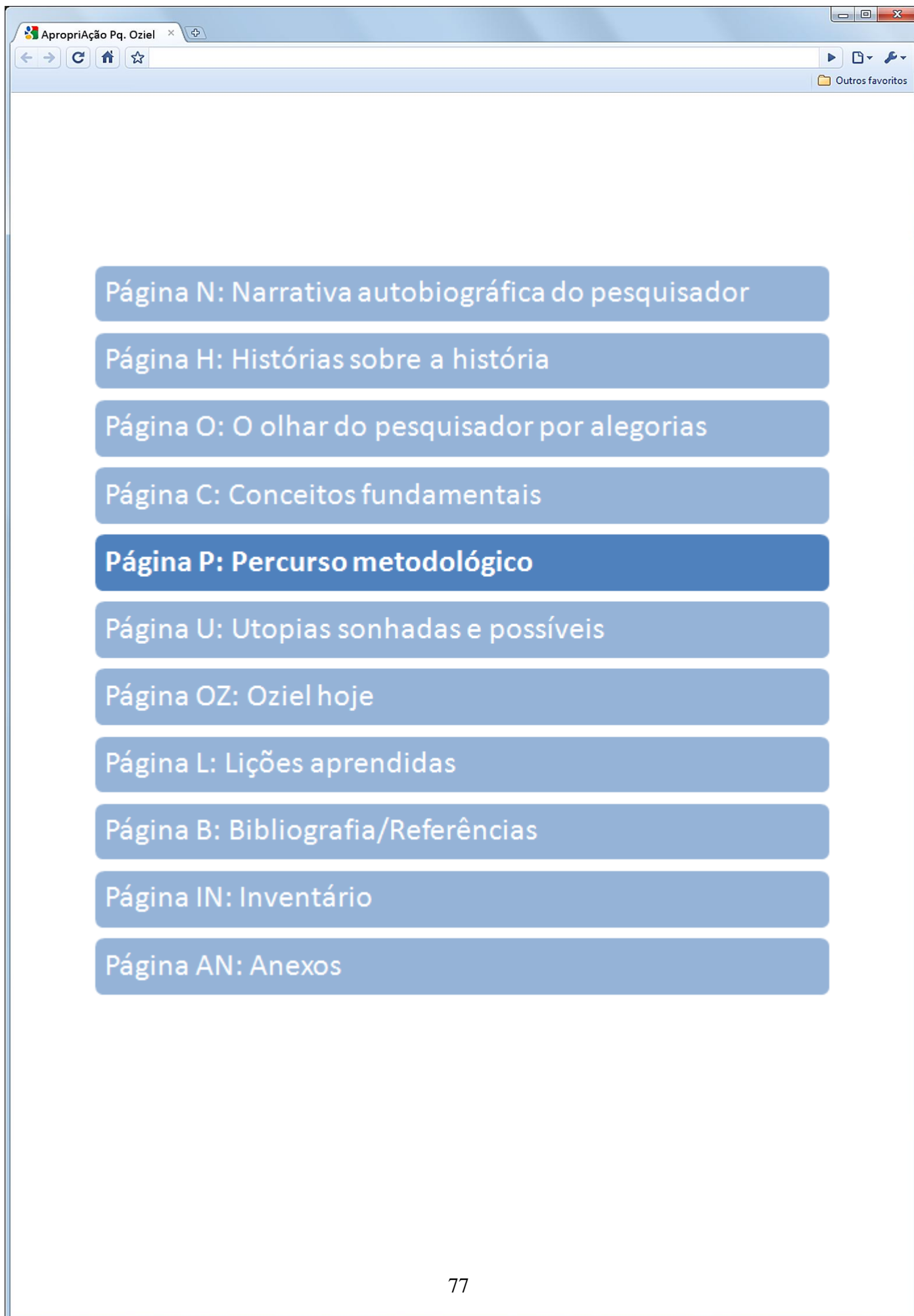
Fazer uma experiência com algo significa que algo nos acontece, nos alcança; que se apodera de nós, que nos tomba e nos transforma. Quando falamos em “fazer” uma experiência, isso não significa precisamente que nós a façamos acontecer, “fazer” significa aqui: sofrer, padecer, tomar o que nos alcança receptivamente, aceitar, à medida que nos submetemos a algo. Fazer uma experiência quer dizer, portanto, deixar-nos abordar em nós próprios pelo que nos interpela, entrando e submetendo-nos a isso. Podemos ser assim transformados por tais experiências, de um dia para o outro ou no transcurso do tempo.

Por fim, Larrosa relaciona experiência e saber e defende que “a experiência funda também uma ordem epistemológica e uma ordem ética”, que “o saber de experiência se dá na relação entre o conhecimento e a vida humana” e que “a experiência e o saber que dela deriva são o que nos permite apropriar-nos de nossa própria vida”.

E, apropriados de nossa vida, podemos contá-la a outros, e neste momento, depois de contar a si mesmo, interpretar e tentar compreender a experiência internamente, eu a posso narrá-la a outro. Narrar ao outro, pois ele é parte de mim, criando assim uma relação de alteridade.

Alteridade é uma palavra e uma ideia que, em qualquer perspectiva conceitual, se remete sempre ao outro e que está na base de várias teorias da linguagem, da filosofia e da filosofia da linguagem. Tal como formulou Bakhtin, de acordo com Geraldi (2003), a alteridade pressupõe o Outro como existente e reconhecido pelo “eu” como Outro que não-eu, mas que com ele, numa relação dialógica, me identifico e me constituo. “As ações do outro, os dizeres do outro, premissas de sua cultura, quando confrontados com objetos e fenômenos que nos escondem as valorações que nós mesmos lhes atribuímos, mostram-nos o que não mais conseguimos enxergar (...) a alteridade pode produzir instabilidades em nossas formas de compreensão e por isso mesmo aprofundar nossos conhecimentos sobre o que já temos como naturalizado” (Geraldi, 2003).

A escolha conceitual anunciada desde o início desta Página e que orientou toda a pesquisa é a de um sujeito titular de direitos. A partir das considerações feitas por Larrosa sobre o valor da experiência, o que se evidencia é um outro direito, nem sempre levado em conta, que é o de ser “sujeito da experiência”. De pouco adiantará, portanto, a ocupação dos espaços de direito – seja territorial ou virtual – se essa condição também não for conquistada. Ocupar “um lugar ao sol” é algo que depende dessa possibilidade.



Página N: Narrativa autobiográfica do pesquisador

Página H: Histórias sobre a história

Página O: O olhar do pesquisador por alegorias

Página C: Conceitos fundamentais

Página P: Percurso metodológico

Página U: Utopias sonhadas e possíveis

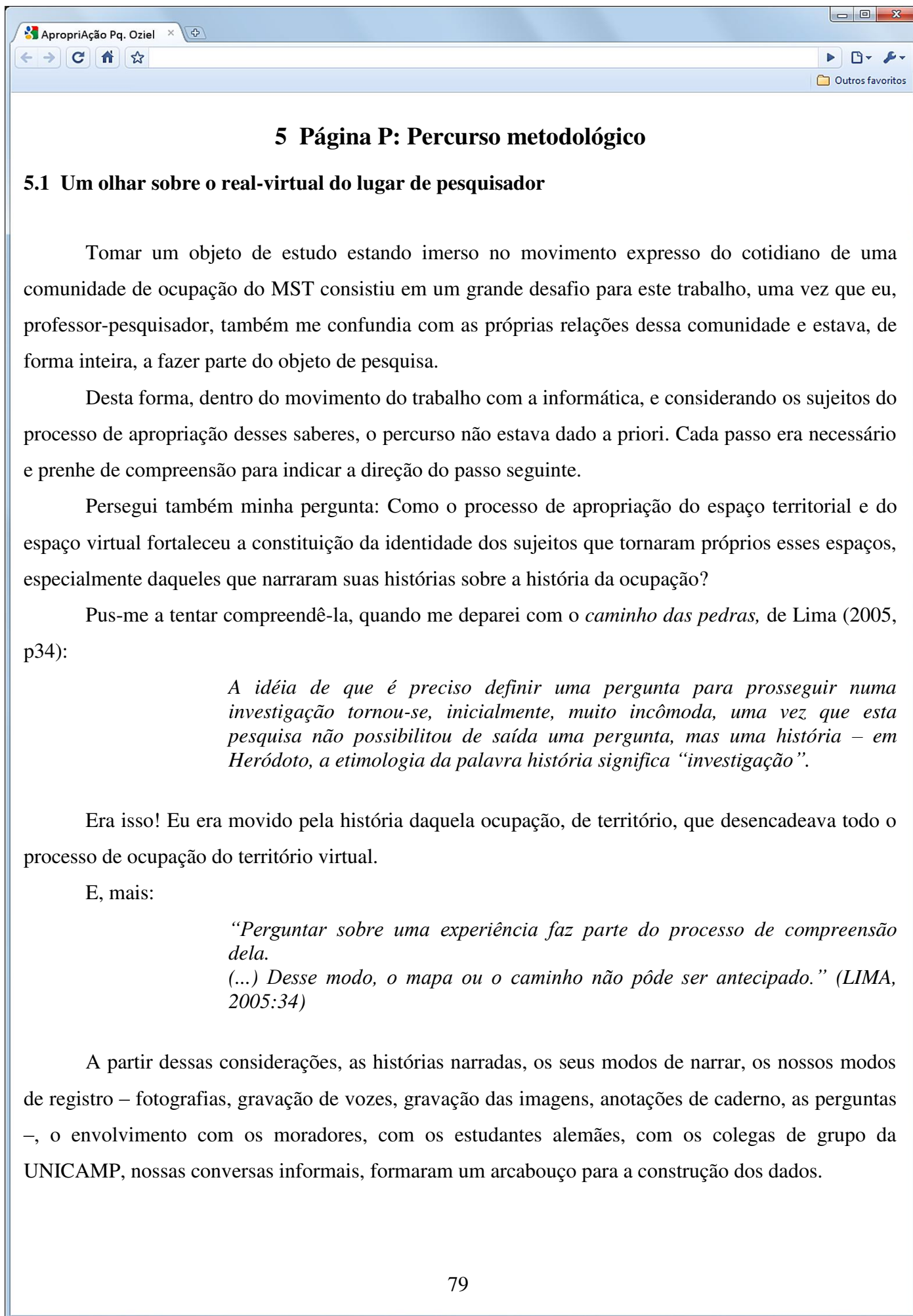
Página OZ: Oziel hoje

Página L: Lições aprendidas

Página B: Bibliografia/Referências

Página IN: Inventário

Página AN: Anexos



5 Página P: Percurso metodológico

5.1 Um olhar sobre o real-virtual do lugar de pesquisador

Tomar um objeto de estudo estando imerso no movimento expresso do cotidiano de uma comunidade de ocupação do MST consistiu em um grande desafio para este trabalho, uma vez que eu, professor-pesquisador, também me confundia com as próprias relações dessa comunidade e estava, de forma inteira, a fazer parte do objeto de pesquisa.

Desta forma, dentro do movimento do trabalho com a informática, e considerando os sujeitos do processo de apropriação desses saberes, o percurso não estava dado a priori. Cada passo era necessário e preenche de compreensão para indicar a direção do passo seguinte.

Persegui também minha pergunta: Como o processo de apropriação do espaço territorial e do espaço virtual fortaleceu a constituição da identidade dos sujeitos que tornaram próprios esses espaços, especialmente daqueles que narraram suas histórias sobre a história da ocupação?

Pus-me a tentar compreendê-la, quando me deparei com o *caminho das pedras*, de Lima (2005, p34):

A idéia de que é preciso definir uma pergunta para prosseguir numa investigação tornou-se, inicialmente, muito incômoda, uma vez que esta pesquisa não possibilitou de saída uma pergunta, mas uma história – em Heródoto, a etimologia da palavra história significa “investigação”.

Era isso! Eu era movido pela história daquela ocupação, de território, que desencadeava todo o processo de ocupação do território virtual.

E, mais:

*“Perguntar sobre uma experiência faz parte do processo de compreensão dela.
(...) Desse modo, o mapa ou o caminho não pôde ser antecipado.” (LIMA, 2005:34)*

A partir dessas considerações, as histórias narradas, os seus modos de narrar, os nossos modos de registro – fotografias, gravação de vozes, gravação das imagens, anotações de caderno, as perguntas –, o envolvimento com os moradores, com os estudantes alemães, com os colegas de grupo da UNICAMP, nossas conversas informais, formaram um arcabouço para a construção dos dados.

Esse movimento indiciava meus questionamentos que formalmente se orientavam por entrevistas semi-estruturadas, questionários e pesquisa documental, corrompido e improvisado no encontro com cada entrevistado, tamanho era o envolvimento com a história que narrava, tal como Menegaço⁴¹ (2004) expressa “*fazia roteiros que eram corrompidos pelo movimento da prosa*”.

Diante de mim, estavam histórias de vida e histórias de uma ocupação territorial, de outro lado, documentos que apontavam para este movimento: fotos da época, recortes de jornais, termos de posse da terra, atas da associação de bairro, entre outros. Trouxe para o trabalho o não-documentado e o documentado, procurando, como apontado por Ezpeleta e Rockwell⁴², compreender as presenças civis na ocupação.

Os depoimentos eram transformados em histórias, em um épico. Cada história narrada por si mesma já continha uma lição, mas eu precisava tentar compreender em que, no seu conjunto, elas me ajudariam a entender a ocupação do ciberespaço de uma comunidade sem-teto. Havia outra história a ser contada: a da apropriação deste espaço virtual.

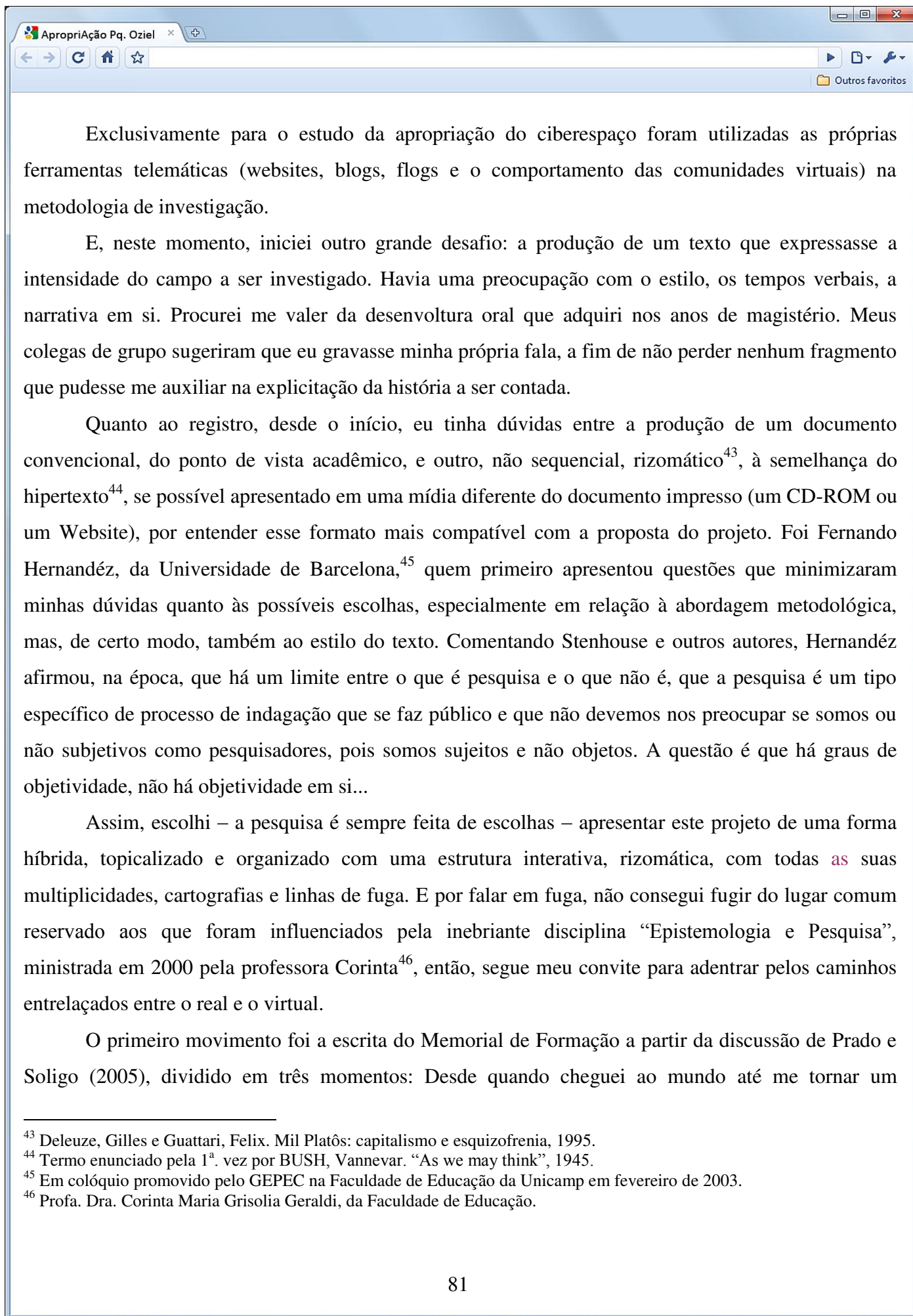
Retornei ao Parque Oziel. Entrevistei pessoas que poderiam me ajudar a compreender esta outra ocupação. Fiz roteiros mais específicos, pois alguns autores consideram a entrevista como o “instrumento por excelência da investigação social” (Lakatos e Marconi, 1991). No caso de entrevista semi-estruturada, “o pesquisador tem liberdade para desenvolver cada situação em qualquer direção que considere adequada. É uma forma de poder explorar mais amplamente uma questão. Em geral, as perguntas podem ser respondidas dentro de uma conversação informal” (Lakatos e Marconi, 1991).

Com os dados dispostos, sentia falta de algumas peças para compor um texto final. Mas “a falta do dado também é um dado e trabalha-se com ela” e “o dado por si só não fala”. (Lima, 2005, p41)

Parti, então, do pressuposto de que o cotidiano é a expressão dos valores e do conhecimento do sujeito dentro de uma conjuntura social e cultural. E é nesse contexto que se concretiza a realidade dada, reconhecendo que, na explicitação das posições dos entrevistados, construí dados na tentativa de distanciamentos para explicitar o movimento de um cotidiano experienciado nas suas mais ricas expressões.

⁴¹ Menegaço, Rúbia Cristina Cruz. Lições das discontinuidades: fragmentos de tempos e espaços compartilhados na formação da educadora. Dissertação de Mestrado. UNICAMP. Campinas, SP 2004.

⁴² Ezpeleta e Rockwell *Pesquisa participante*. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1989.



Exclusivamente para o estudo da apropriação do ciberespaço foram utilizadas as próprias ferramentas telemáticas (websites, blogs, flogs e o comportamento das comunidades virtuais) na metodologia de investigação.

E, neste momento, iniciei outro grande desafio: a produção de um texto que expressasse a intensidade do campo a ser investigado. Havia uma preocupação com o estilo, os tempos verbais, a narrativa em si. Procurei me valer da desenvoltura oral que adquiri nos anos de magistério. Meus colegas de grupo sugeriram que eu gravasse minha própria fala, a fim de não perder nenhum fragmento que pudesse me auxiliar na explicitação da história a ser contada.

Quanto ao registro, desde o início, eu tinha dúvidas entre a produção de um documento convencional, do ponto de vista acadêmico, e outro, não sequencial, rizomático⁴³, à semelhança do hipertexto⁴⁴, se possível apresentado em uma mídia diferente do documento impresso (um CD-ROM ou um Website), por entender esse formato mais compatível com a proposta do projeto. Foi Fernando Hernández, da Universidade de Barcelona,⁴⁵ quem primeiro apresentou questões que minimizaram minhas dúvidas quanto às possíveis escolhas, especialmente em relação à abordagem metodológica, mas, de certo modo, também ao estilo do texto. Comentando Stenhouse e outros autores, Hernández afirmou, na época, que há um limite entre o que é pesquisa e o que não é, que a pesquisa é um tipo específico de processo de indagação que se faz público e que não devemos nos preocupar se somos ou não subjetivos como pesquisadores, pois somos sujeitos e não objetos. A questão é que há graus de objetividade, não há objetividade em si...

Assim, escolhi – a pesquisa é sempre feita de escolhas – apresentar este projeto de uma forma híbrida, topicalizado e organizado com uma estrutura interativa, rizomática, com todas as suas multiplicidades, cartografias e linhas de fuga. E por falar em fuga, não consegui fugir do lugar comum reservado aos que foram influenciados pela inebriante disciplina “Epistemologia e Pesquisa”, ministrada em 2000 pela professora Corinta⁴⁶, então, segue meu convite para adentrar pelos caminhos entrelaçados entre o real e o virtual.

O primeiro movimento foi a escrita do Memorial de Formação a partir da discussão de Prado e Soligo (2005), dividido em três momentos: Desde quando cheguei ao mundo até me tornar um

⁴³ Deleuze, Gilles e Guattari, Felix. Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia, 1995.

⁴⁴ Termo enunciado pela 1ª. vez por BUSH, Vannevar. “As we may think”, 1945.

⁴⁵ Em colóquio promovido pelo GEPEC na Faculdade de Educação da Unicamp em fevereiro de 2003.

⁴⁶ Profa. Dra. Corinta Maria Grisolia Geraldi, da Faculdade de Educação.

educador, depois como cheguei à Unicamp – Faculdade de Educação, no GEPEC; e, como cheguei ao Oziel. O Memorial apontou os indícios do que sabia, ou não, desta trajetória e me permitiu retomadas deste percurso formativo.

Esta divisão tem uma conotação temporal, porém em diversos momentos não foi seqüencial no tempo cronológico. Alguns acontecimentos ocorreram concomitantemente e outros necessitaram de um amadurecimento do pesquisador para poder sistematizar sua pesquisa.

Ao me deparar com Benjamim (1994) que discute o desaparecimento da arte de narrar, devido ao fato de que a experiência está *em baixa*, recorri à experiência que passa de pessoa a pessoa no envolvimento com o processo de ocupação das terras, onde hoje é o Parque Oziel.

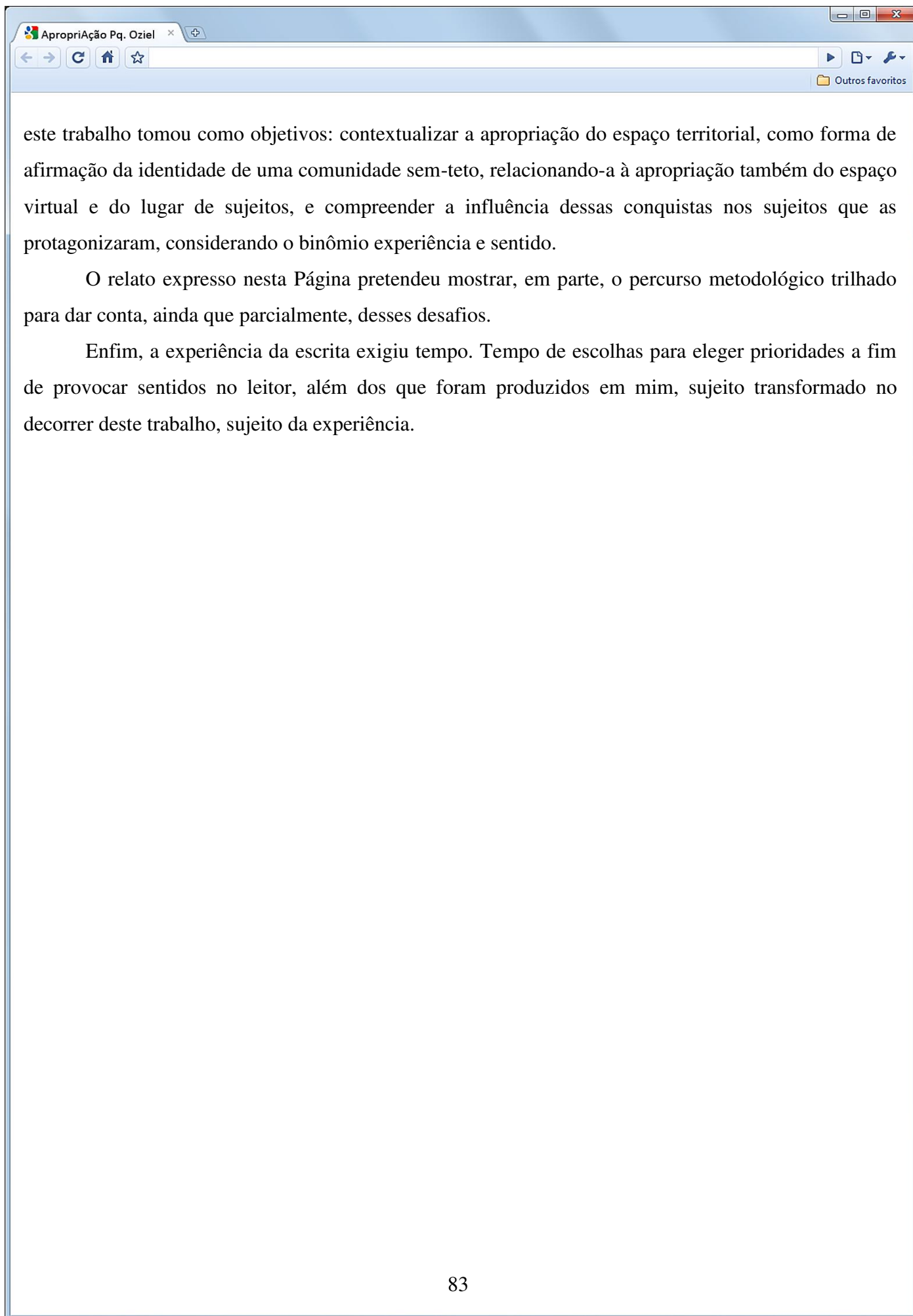
Para Larrosa (2004) e Benjamim (1994), a experiência é cada vez mais rara. Larrosa aponta para isso com os argumentos de que ela é rara pelo excesso de informação, de opinião, pela velocidade do tempo e pelo excesso de trabalho. Ter experiência – em Larrosa – é um grande desafio.

Iniciei a narrativa da saga daquela ocupação, com o desejo de inserir todas as falas, pois me eram muito ricas. Procurei sinalizar algumas quedas durante o processo, onde tentava me encontrar comigo mesmo e com meus outros.

Portanto, foi muito difícil escolher dentre os trechos das entrevistas aqueles que poderiam compor o quadro de apresentação das histórias a partir dos olhares de seus protagonistas. Padre Nelson, Canário, Tiãozinho e Adaílton, oferecem em suas falas uma riqueza imensa de simbologias, entrelaçamentos dos sentidos da ocupação, atitudes de luta expressas pelos oprimidos e colocados à margem da sociedade, capacidade de integrar-se às causas coletivas. Havia uma preocupação em não sonegar informações tão significativas do que foi (e tem sido) este movimento ao leitor. Como tentativa de não perder nenhum desses dados, as entrevistas encontram-se nos anexos deste trabalho.

As notas de rodapé, da forma como foi confeccionado este texto, constituem-se em importante elemento de composição do mote em questão, não se configurando apenas em informação adicional ou explicativa; a intenção é que servisse de *links* ou *linhas de fuga*, o que seguramente em outros meios mediáticos de informação que possibilitem a multimídia, como um website por exemplo, teriam um efeito interessante de navegação hipertextual.

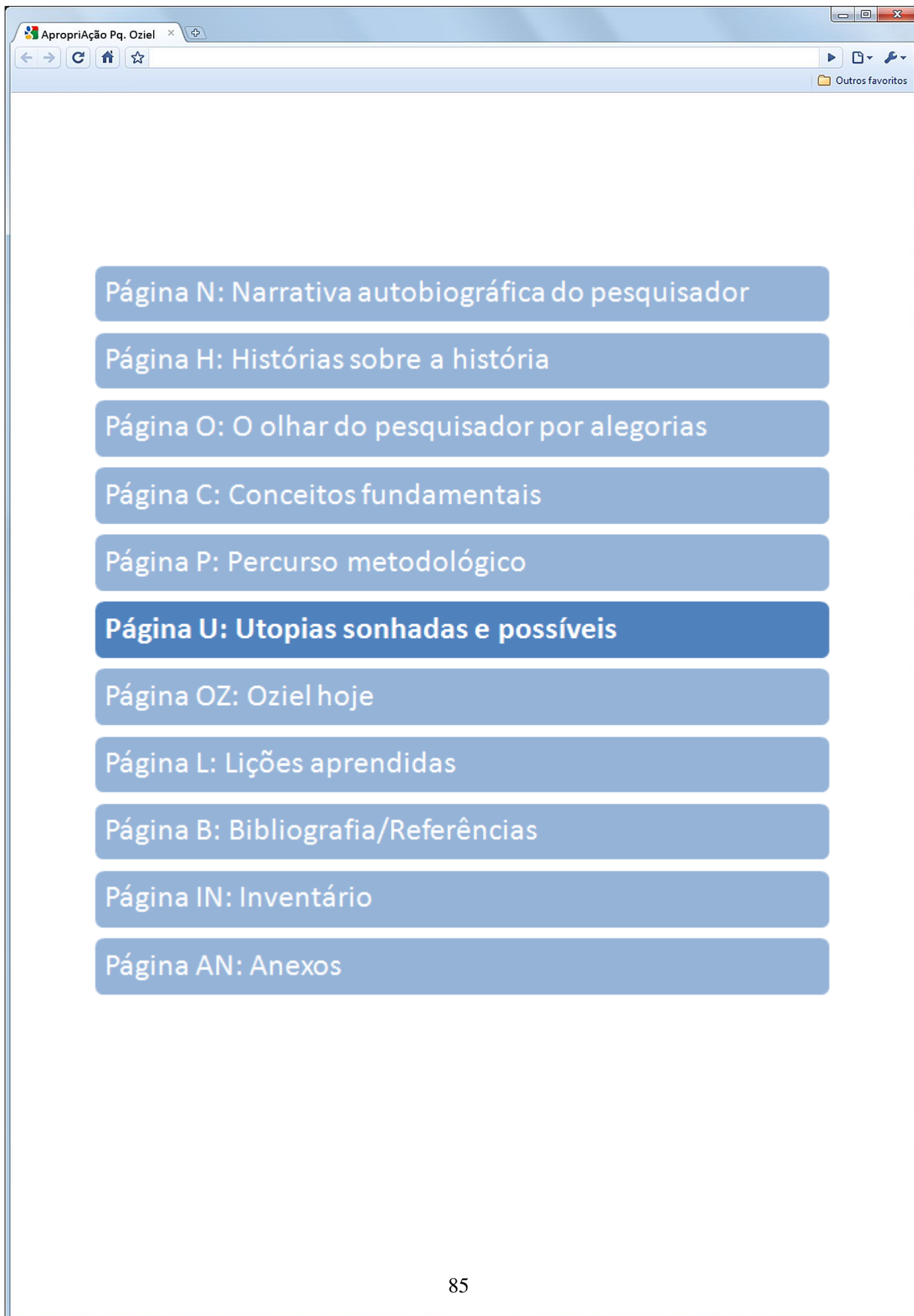
Para aprofundar o tema da apropriação do espaço – territorial, virtual e de sujeitos – pela comunidade do Parque Oziel e encontrar respostas sobre como esse processo de apropriação fortaleceu a constituição da identidade dos sujeitos que o protagonizaram, que é o problema central da pesquisa,

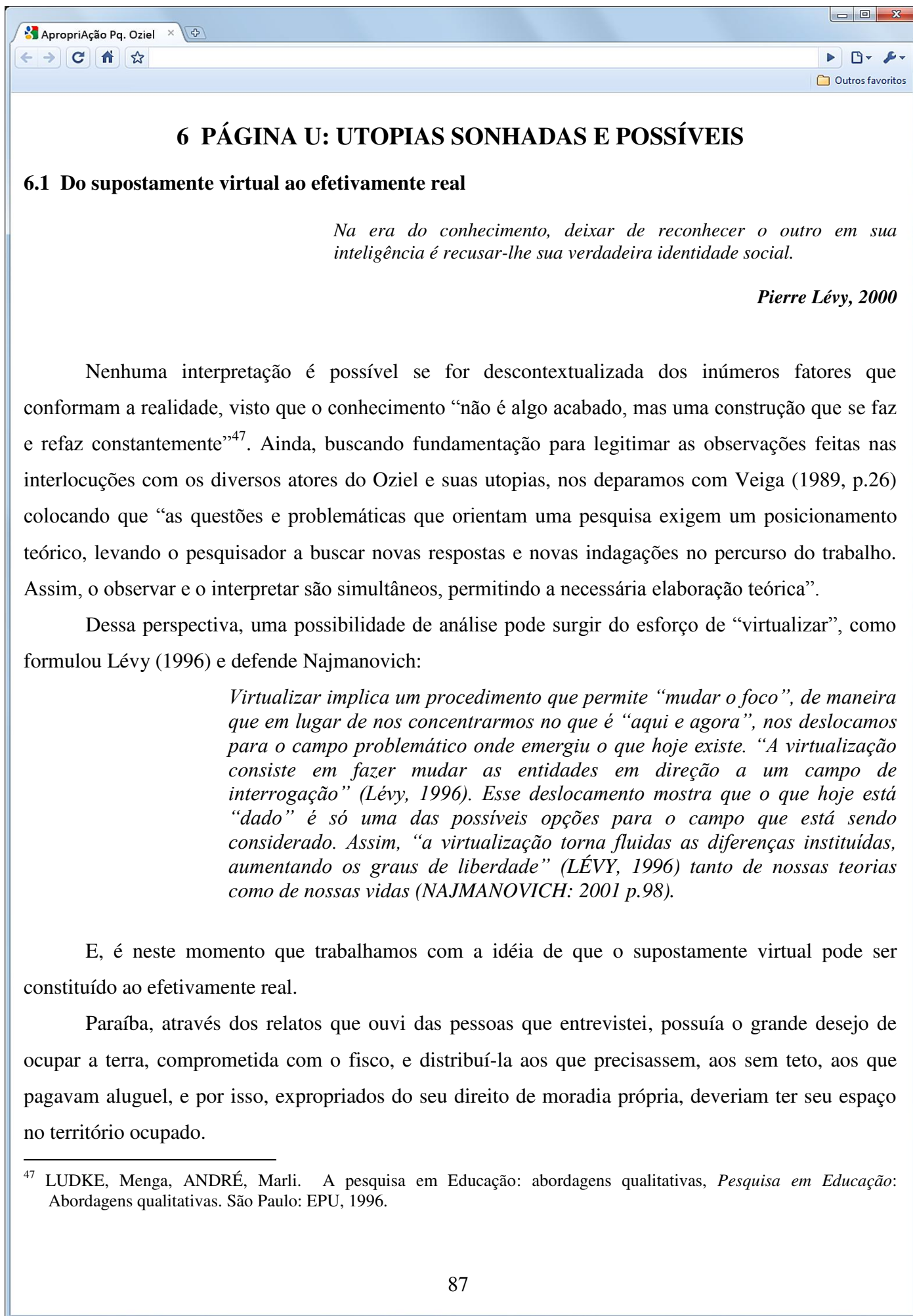


este trabalho tomou como objetivos: contextualizar a apropriação do espaço territorial, como forma de afirmação da identidade de uma comunidade sem-teto, relacionando-a à apropriação também do espaço virtual e do lugar de sujeitos, e compreender a influência dessas conquistas nos sujeitos que as protagonizaram, considerando o binômio experiência e sentido.

O relato expresso nesta Página pretendeu mostrar, em parte, o percurso metodológico trilhado para dar conta, ainda que parcialmente, desses desafios.

Enfim, a experiência da escrita exigiu tempo. Tempo de escolhas para eleger prioridades a fim de provocar sentidos no leitor, além dos que foram produzidos em mim, sujeito transformado no decorrer deste trabalho, sujeito da experiência.





6 PÁGINA U: UTOPIAS SONHADAS E POSSÍVEIS

6.1 Do supostamente virtual ao efetivamente real

Na era do conhecimento, deixar de reconhecer o outro em sua inteligência é recusar-lhe sua verdadeira identidade social.

Pierre Lévy, 2000

Nenhuma interpretação é possível se for descontextualizada dos inúmeros fatores que conformam a realidade, visto que o conhecimento “não é algo acabado, mas uma construção que se faz e refaz constantemente”⁴⁷. Ainda, buscando fundamentação para legitimar as observações feitas nas interlocuções com os diversos atores do Oziel e suas utopias, nos deparamos com Veiga (1989, p.26) colocando que “as questões e problemáticas que orientam uma pesquisa exigem um posicionamento teórico, levando o pesquisador a buscar novas respostas e novas indagações no percurso do trabalho. Assim, o observar e o interpretar são simultâneos, permitindo a necessária elaboração teórica”.

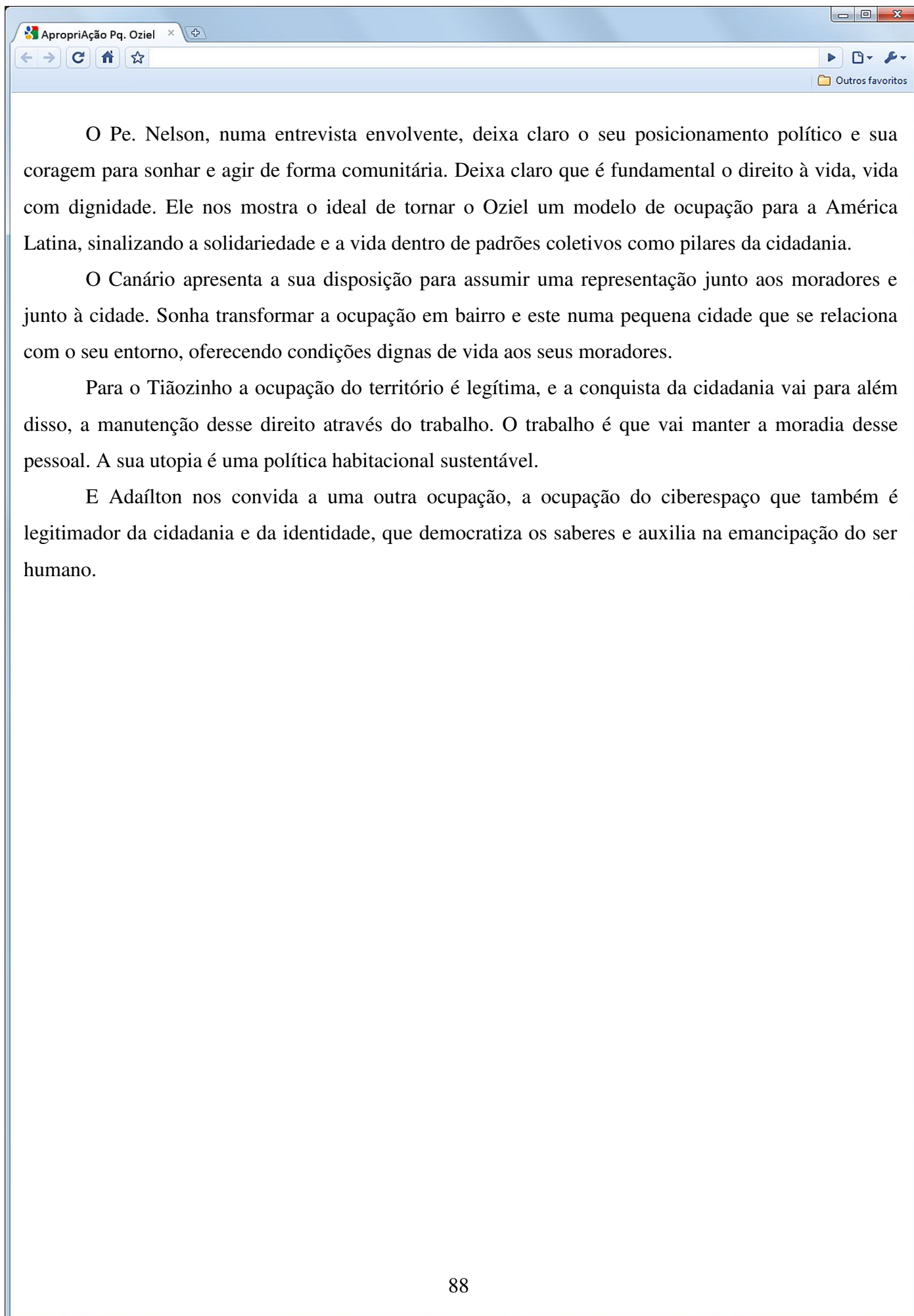
Dessa perspectiva, uma possibilidade de análise pode surgir do esforço de “virtualizar”, como formulou Lévy (1996) e defende Najmanovich:

Virtualizar implica um procedimento que permite “mudar o foco”, de maneira que em lugar de nos concentrarmos no que é “aqui e agora”, nos deslocamos para o campo problemático onde emergiu o que hoje existe. “A virtualização consiste em fazer mudar as entidades em direção a um campo de interrogação” (Lévy, 1996). Esse deslocamento mostra que o que hoje está “dado” é só uma das possíveis opções para o campo que está sendo considerado. Assim, “a virtualização torna fluidas as diferenças instituídas, aumentando os graus de liberdade” (LÉVY, 1996) tanto de nossas teorias como de nossas vidas (NAJMANOVICH: 2001 p.98).

E, é neste momento que trabalhamos com a idéia de que o supostamente virtual pode ser constituído ao efetivamente real.

Paraíba, através dos relatos que ouvi das pessoas que entrevistei, possuía o grande desejo de ocupar a terra, comprometida com o fisco, e distribuí-la aos que precisassem, aos sem teto, aos que pagavam aluguel, e por isso, expropriados do seu direito de moradia própria, deveriam ter seu espaço no território ocupado.

⁴⁷ LUDKE, Menga, ANDRÉ, Marli. A pesquisa em Educação: abordagens qualitativas, *Pesquisa em Educação: Abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1996.

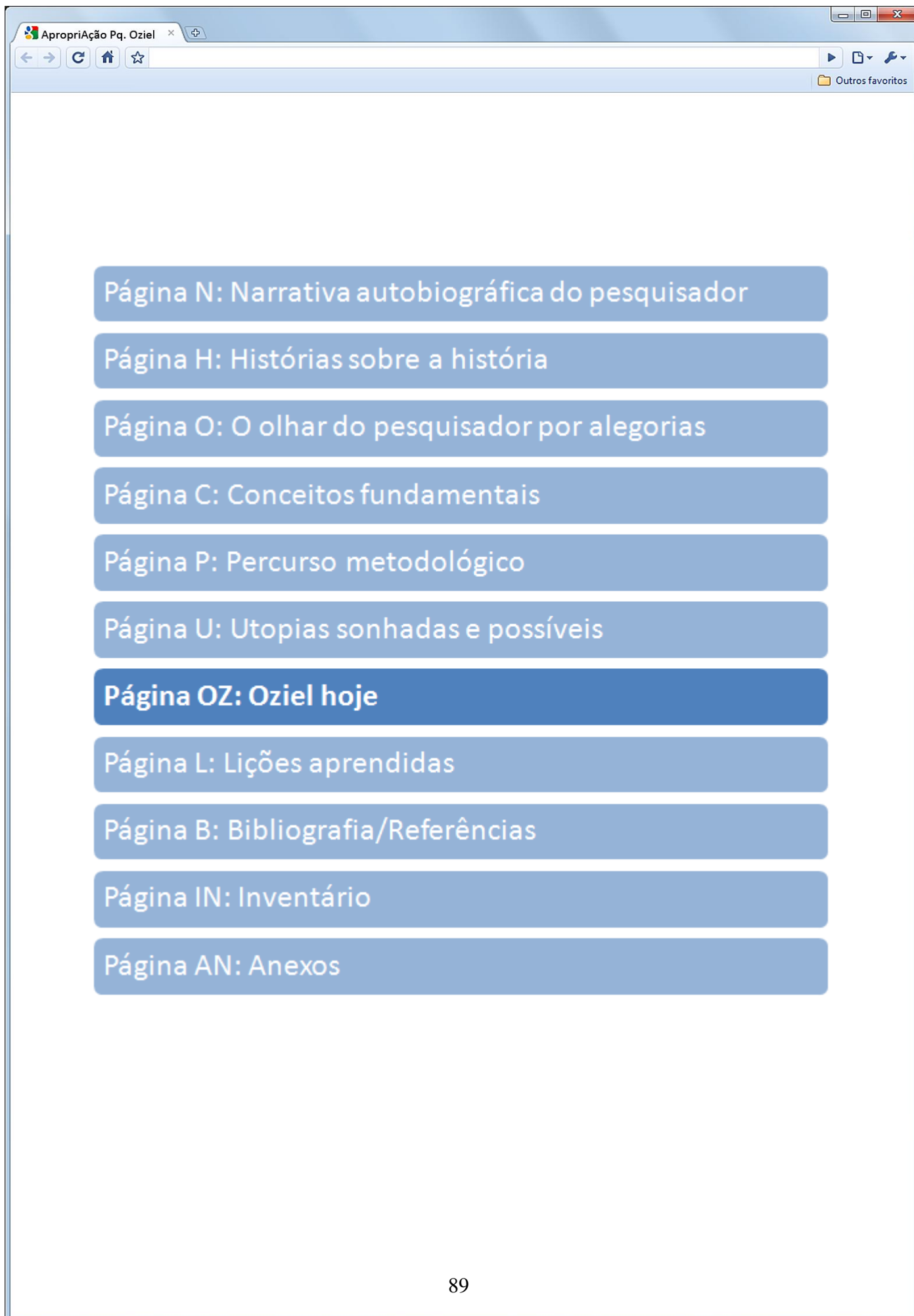


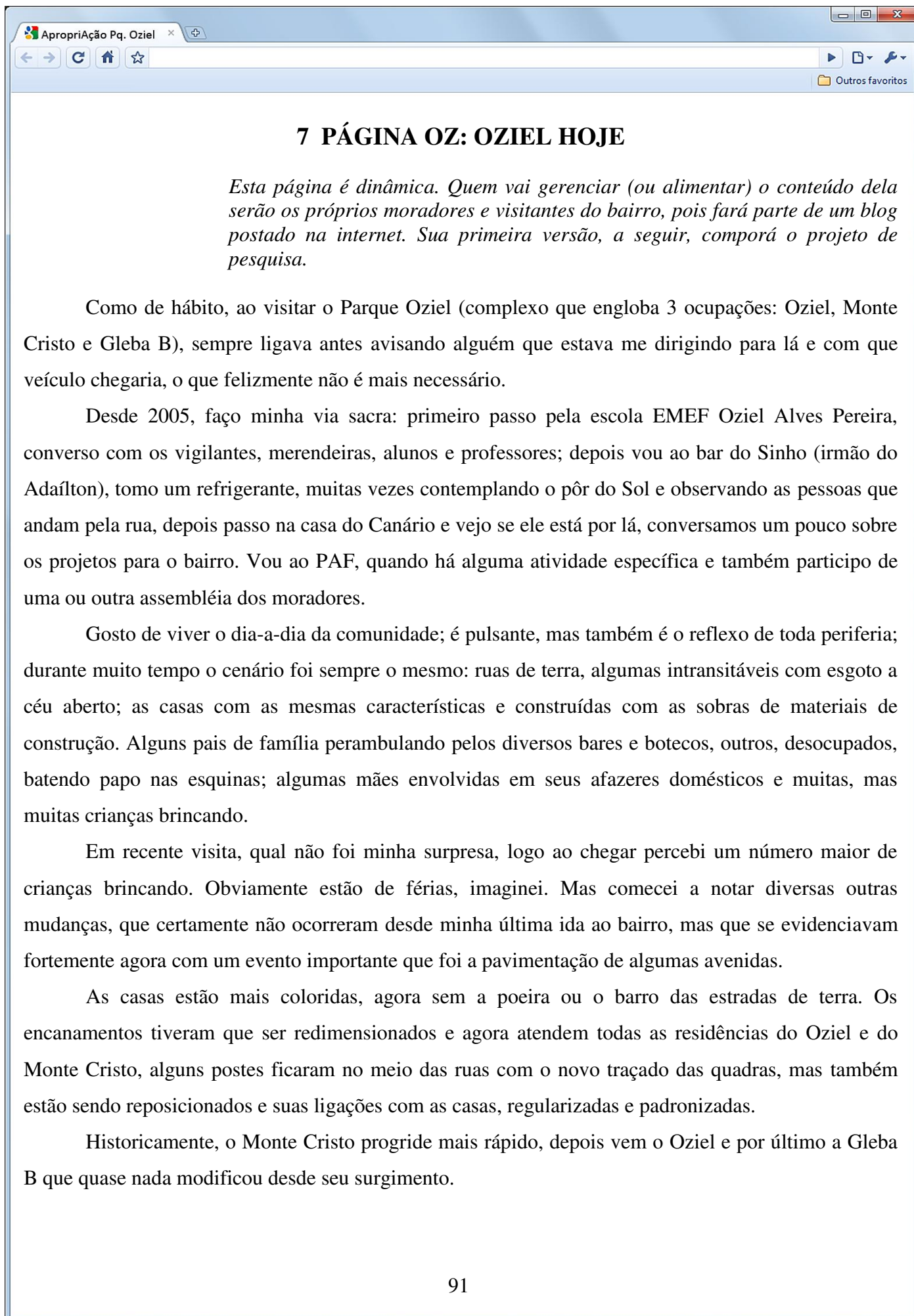
O Pe. Nelson, numa entrevista envolvente, deixa claro o seu posicionamento político e sua coragem para sonhar e agir de forma comunitária. Deixa claro que é fundamental o direito à vida, vida com dignidade. Ele nos mostra o ideal de tornar o Oziel um modelo de ocupação para a América Latina, sinalizando a solidariedade e a vida dentro de padrões coletivos como pilares da cidadania.

O Canário apresenta a sua disposição para assumir uma representação junto aos moradores e junto à cidade. Sonha transformar a ocupação em bairro e este numa pequena cidade que se relaciona com o seu entorno, oferecendo condições dignas de vida aos seus moradores.

Para o Tiãozinho a ocupação do território é legítima, e a conquista da cidadania vai para além disso, a manutenção desse direito através do trabalho. O trabalho é que vai manter a moradia desse pessoal. A sua utopia é uma política habitacional sustentável.

E Adaílton nos convida a uma outra ocupação, a ocupação do ciberespaço que também é legitimador da cidadania e da identidade, que democratiza os saberes e auxilia na emancipação do ser humano.





7 PÁGINA OZ: OZIEL HOJE

Esta página é dinâmica. Quem vai gerenciar (ou alimentar) o conteúdo dela serão os próprios moradores e visitantes do bairro, pois fará parte de um blog postado na internet. Sua primeira versão, a seguir, comporá o projeto de pesquisa.

Como de hábito, ao visitar o Parque Oziel (complexo que engloba 3 ocupações: Oziel, Monte Cristo e Gleba B), sempre ligava antes avisando alguém que estava me dirigindo para lá e com que veículo chegaria, o que felizmente não é mais necessário.

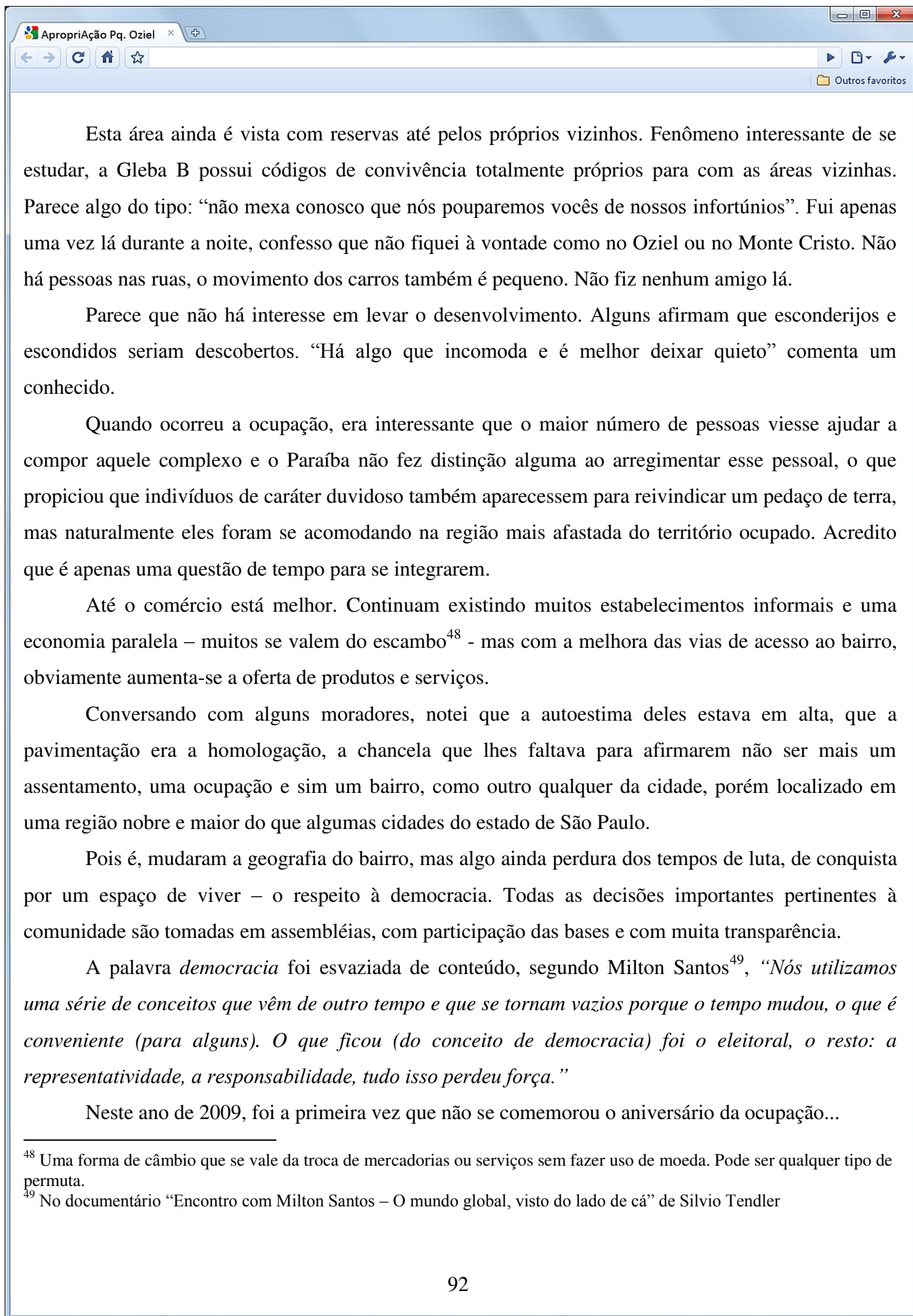
Desde 2005, faço minha via sacra: primeiro passo pela escola EMEF Oziel Alves Pereira, converso com os vigilantes, merendeiras, alunos e professores; depois vou ao bar do Sinho (irmão do Adaílton), tomo um refrigerante, muitas vezes contemplando o pôr do Sol e observando as pessoas que andam pela rua, depois passo na casa do Canário e vejo se ele está por lá, conversamos um pouco sobre os projetos para o bairro. Vou ao PAF, quando há alguma atividade específica e também participo de uma ou outra assembléia dos moradores.

Gosto de viver o dia-a-dia da comunidade; é pulsante, mas também é o reflexo de toda periferia; durante muito tempo o cenário foi sempre o mesmo: ruas de terra, algumas intransitáveis com esgoto a céu aberto; as casas com as mesmas características e construídas com as sobras de materiais de construção. Alguns pais de família perambulando pelos diversos bares e botecos, outros, desocupados, batendo papo nas esquinas; algumas mães envolvidas em seus afazeres domésticos e muitas, mas muitas crianças brincando.

Em recente visita, qual não foi minha surpresa, logo ao chegar percebi um número maior de crianças brincando. Obviamente estão de férias, imaginei. Mas comecei a notar diversas outras mudanças, que certamente não ocorreram desde minha última ida ao bairro, mas que se evidenciavam fortemente agora com um evento importante que foi a pavimentação de algumas avenidas.

As casas estão mais coloridas, agora sem a poeira ou o barro das estradas de terra. Os encanamentos tiveram que ser redimensionados e agora atendem todas as residências do Oziel e do Monte Cristo, alguns postes ficaram no meio das ruas com o novo traçado das quadras, mas também estão sendo reposicionados e suas ligações com as casas, regularizadas e padronizadas.

Historicamente, o Monte Cristo progride mais rápido, depois vem o Oziel e por último a Gleba B que quase nada modificou desde seu surgimento.



Esta área ainda é vista com reservas até pelos próprios vizinhos. Fenômeno interessante de se estudar, a Gleba B possui códigos de convivência totalmente próprios para com as áreas vizinhas. Parece algo do tipo: “não mexa conosco que nós pouparemos vocês de nossos infortúnios”. Fui apenas uma vez lá durante a noite, confesso que não fiquei à vontade como no Oziel ou no Monte Cristo. Não há pessoas nas ruas, o movimento dos carros também é pequeno. Não fiz nenhum amigo lá.

Parece que não há interesse em levar o desenvolvimento. Alguns afirmam que esconderijos e escondidos seriam descobertos. “Há algo que incomoda e é melhor deixar quieto” comenta um conhecido.

Quando ocorreu a ocupação, era interessante que o maior número de pessoas viesse ajudar a compor aquele complexo e o Paraíba não fez distinção alguma ao arregimentar esse pessoal, o que propiciou que indivíduos de caráter duvidoso também aparecessem para reivindicar um pedaço de terra, mas naturalmente eles foram se acomodando na região mais afastada do território ocupado. Acredito que é apenas uma questão de tempo para se integrarem.

Até o comércio está melhor. Continuam existindo muitos estabelecimentos informais e uma economia paralela – muitos se valem do escambo⁴⁸ - mas com a melhora das vias de acesso ao bairro, obviamente aumenta-se a oferta de produtos e serviços.

Conversando com alguns moradores, notei que a autoestima deles estava em alta, que a pavimentação era a homologação, a chancela que lhes faltava para afirmarem não ser mais um assentamento, uma ocupação e sim um bairro, como outro qualquer da cidade, porém localizado em uma região nobre e maior do que algumas cidades do estado de São Paulo.

Pois é, mudaram a geografia do bairro, mas algo ainda perdura dos tempos de luta, de conquista por um espaço de viver – o respeito à democracia. Todas as decisões importantes pertinentes à comunidade são tomadas em assembléias, com participação das bases e com muita transparência.

A palavra *democracia* foi esvaziada de conteúdo, segundo Milton Santos⁴⁹, “*Nós utilizamos uma série de conceitos que vêm de outro tempo e que se tornam vazios porque o tempo mudou, o que é conveniente (para alguns). O que ficou (do conceito de democracia) foi o eleitoral, o resto: a representatividade, a responsabilidade, tudo isso perdeu força.*”

Neste ano de 2009, foi a primeira vez que não se comemorou o aniversário da ocupação...

⁴⁸ Uma forma de câmbio que se vale da troca de mercadorias ou serviços sem fazer uso de moeda. Pode ser qualquer tipo de permuta.

⁴⁹ No documentário “Encontro com Milton Santos – O mundo global, visto do lado de cá” de Silvio Tendler

Apesar de todo o empenho dos líderes e simpatizantes do Oziel em não deixar desaparecer o senso democrático, de manter o espírito de luta por uma vida digna, que caracterizou a comunidade do Oziel, nota-se que os anseios da população estão mudando, as prioridades são outras. Mais uma razão para o registro desse trabalho, para que não se perca no tempo a importância histórica que foi a conquista de seu território, pois baseados numa outra concepção de espaço e propriedade, não naquela estabelecida pelo estado de direito existente, eles também achavam importante além de se apropriar do território, apropriar-se do conhecimento, como dizia o Paraíba, que apesar de ter sido quase um anti-herói, tido muitas vezes como severo, duro, truculento até, mas necessário à época, dava fundamental importância para a implantação da escola dentro da ocupação, não apenas por questões táticas e estéticas - pois dizia que não é interessante para nenhum governo aparecer na mídia destruindo escolas e igrejas, mas pela idéia de que um povo que quer manter seu teto tem que saber ler e escrever, tem que se apropriar do conhecimento.

Quando foram instaladas as primeiras escolas em containeres, houve uma invasão e furto de 1 computador. No dia seguinte, os dois responsáveis por esse crime, não apenas contra o patrimônio, mas contra os ideais da comunidade, contra a causa, apareceram mortos. Dizem que a mando do Paraíba, como um sinal - “Não mexam com a escola, aqui é território sagrado” - o que de certa forma, acontece até hoje na escola de alvenaria, com seus 2900 alunos, distribuídos em 4 períodos de aulas, situada no local mais nobre da ocupação. Para uma instituição pública de ensino, sua dinâmica é diferente, não há pichações ou depredações e não há tráfico.

Dentro do projeto inicial de se fazer do Oziel uma sociedade possível, o espaço do conhecimento, o espaço físico destinado à construção da escola era estratégico, para que as crianças pudessem ser aquilo que os pais não foram.

Um exemplo dessa importância vem do relato da Profa. Corinta⁵⁰ que em uma de suas visitas ao presídio Ataliba Nogueira⁵¹, foi conhecer uma sala de aula de EJA⁵² da FUMEC⁵³ pediu desculpas dizendo que precisava se ausentar, pois teria que participar de uma reunião muito importante na escola

⁵⁰ Em entrevista a mim no dia 19 de abril de 2009

⁵¹ Centro de Progressão Penitenciária "Professor Ataliba Nogueira"

⁵² A Educação para Jovens e Adultos (EJA) é uma forma de ensino da rede pública no Brasil, com o objetivo de desenvolver o ensino fundamental e médio com qualidade, para as pessoas que não possuem idade escolar e oportunidade.

⁵³ Fundação Municipal para a Educação Comunitária

do Parque Oziel, quando um dos presidiários, ex-morador do bairro comenta: “Vá professora! Não queremos que nossos filhos venham para cá, como nós, e para isso eles precisam de escola”.

Esses *espaço do conhecimento* preconizado pelo Paraíba não fica mais reduzido aos limites da escola; há uma mudança nos hábitos antropológicos em relação às tecnologias da inteligência (Lévy, 1993), uma nova maneira de produção de saberes. Antes só valia o que estava no livro didático. Os personagens, os heróis que figuravam naqueles livros, muitas vezes eram descritos com tendências burguesas. O Paraíba nunca seria um herói, nunca constaria nos registros da história de Campinas, não fossem essas novas concepções de organização da história, através de registros alternativos que não os da mídia capitalista. Esses novos meios mediáticos de captação, beneficiamento e disseminação de informações, muitas vezes anárquicos, também produzem conhecimento e através das Tecnologias de Informação e Comunicação criam um outro espaço dialógico, que é o ciberespaço.

As opiniões a partir do ponto de vista do Pe. Nelson, do Paraíba, do Canário, do Tiãozinho, do Adaílton, do meu e do seu, não precisam e não devem ser unânimes, porém há a possibilidade do registro imparcial, transparente. Isso nos atrai e nos motiva neste projeto de pesquisa.

7.1 O Oziel na Rede

Algumas constatações interessantes foram feitas a partir de minhas observações sobre os hábitos de utilização da internet no Oziel.

Numa enquete que fiz com as 10 pessoas frequentadoras da lan house, descobri que apenas uma tinha computador em casa, mas que preferia ir até lá por duas razões – a velocidade de conexão e para se socializar com os amigos presenciais. Disse que também trocava experiências e indicações de endereços na web⁵⁴.

Há um novo paradigma de produção de conhecimentos, em locais outros que não a escola, e que fatalmente está nos conduzindo para uma nova proposta, a “**Educação Tecnológica**”, que nos preparará para lidar com quaisquer tipos de inovações e nos doutrinará ao **aprendizado contínuo**, condição “sine qua non” para a inserção do cidadão no mundo moderno. É uma mudança de postura de

⁵⁴ Nome pelo qual a rede mundial de computadores se tornou conhecida, após a criação de uma interface gráfica que facilitou e conseqüentemente popularizou seu acesso. É uma abreviatura de *World Wide Web*, termo inglês para *Rede de Âmbito Mundial*.

todos (governo, educadores, alunos, pais e sociedade civil) que de alguma forma estão ligados à Educação.

Vejo na Educação Tecnológica a oportunidade para a concretização dos sonhos de muitos Educadores: A socialização da informação e da cultura, a não compartimentalização em disciplinas e principalmente, o aluno, o indivíduo como personagem principal do processo de construção do conhecimento, proporcionando uma envolvente maneira de ensinar e de aprender.

Elas gastam em torno de R\$ 15,00 por mês na lan house e no mesmo período, ficam conectadas por 10h em média.

O site⁵⁵ mais visitado, indubitavelmente, é o *Orkut*⁵⁶ e em seguida vêm os sites de comunicação instantânea, como o *Messenger*, as febres do momento *Youtube* e *Twitter* e o programa de busca *Google*⁵⁷.

Segundo dados da revista Carta Capital⁵⁸, o Brasil possui metade de sua população – cerca de noventa milhões de pessoas – acessada de alguma maneira grande rede de computadores, quer seja em computadores públicos, domésticos, celulares ou no trabalho.

Os moradores do Oziel, notadamente os mais jovens, lutam para ocupar também este território. É como afirma Claudivan, gerente da lan house *Strike.net* localizada no Monte Cristo⁵⁹:

JP: E você acha importante tomar esse espaço virtual, para a pessoa se tornar um cidadão, ter a identidade dele?

Claudivan: Tem que ter email. Não adianta ter endereço e telefone só.

É bom, né? É outra oportunidade. Por exemplo: um emprego. Se a pessoa não tem email o pessoal não manda... Como é que se diz? Não vai mandar o ...

JP: Currículo?

⁵⁵ Espaço na internet que contém uma ou um conjunto de páginas de hipertexto que podem conter textos, gráficos e informações em multimídia (sons, imagens estáticas ou em movimento).

⁵⁶ É uma rede social, criada pelo turco Orkut Büyükkökten em 2004, com o objetivo de encontrar amigos através da internet.

⁵⁷ Site que permite a pesquisa do endereço de outros sites a partir de um fragmento de texto pertinente.

⁵⁸ Revista Carta Capital (Ano XV, N° 508, 2008).

⁵⁹ Bairro do complexo do Parque Oziel que compreende também o próprio Oziel e a Gleba B

Claudian: Currículo, não manda nada... Se você não tiver um email, vai mandar currículo, como? O pessoal não aceita mais em folha.

O Brasil teve um crescimento de 900% no número de novas pessoas conectadas, segundo a ONG Internet World Stats e que de acordo com a Data Folha, totalizam 47% dos brasileiros com acesso à internet.

Já o IBOPE aponta outro dado surpreendente – no ranking dos países em que os usuários passam mais tempo conectados, estamos em primeiro lugar com mais de vinte horas mensais.

O site mais visitado no Oziel, o *Orkut*, também é o de cerca de 27 milhões de brasileiros. Nós contribuímos para torná-lo o site de relacionamento com mais páginas visualizadas no mundo.

Países com suas respectivas horas de navegação na internet por mês:

Brasil	22,5
França	20,1
Estados Unidos	19,3
Japão	19,1
Austrália	18,2
Alemanha	17,5
Reino Unido	16,4
Espanha	15,5
Suíça	15,2
Itália	14,4

Abril/08

Fonte: IBOPE/Netratings

Dados empíricos ou quantitativos à parte, a análise dessa *fenomenologia da rede mundial de computadores* deve contemplar os aspectos mais básicos de compreensão de homem e de mundo, assim como Heidegger (1997) demonstra que a fenomenologia entende a verdade com características de provisoriedade, relatividade e mutabilidade, rompendo-se assim com o clássico conceito de sujeito/objeto e de real/virtual.

É sabido que a internet propicia novos relacionamentos, que nada têm de virtuais, a não ser pelo fato de serem não-presenciais. A novidade está na natureza desses relacionamentos, que segundo Bauman (2004) estão cada vez mais frágeis. O sociólogo insinua que o “relacionar-se” vem sendo substituído pelo “conectar-se”. Cita até a proposição de um especialista em relacionamentos – *“ao se comprometerem, ainda que sem entusiasmo, lembrem-se de que possivelmente estarão fechando a porta a outras possibilidades... talvez mais satisfatórias e completas.”*. Ele sugere que é mais inteligente hoje em dia participar de uma *rede de relacionamentos* do que entrar em uma relação convencional!

Sim, porque um garoto do Oziel que possa ver, ouvir, conversar, enfim, relacionar-se em tempo real com outro garoto a alguns milhares de quilômetros dali, na Alemanha e talvez não conhecer o vizinho da quadra de cima, é um exemplo claro do que diz Bauman (2004) – *“a proximidade não exige mais a contiguidade física; e a contiguidade física não determina mais a proximidade”*. Mas não é

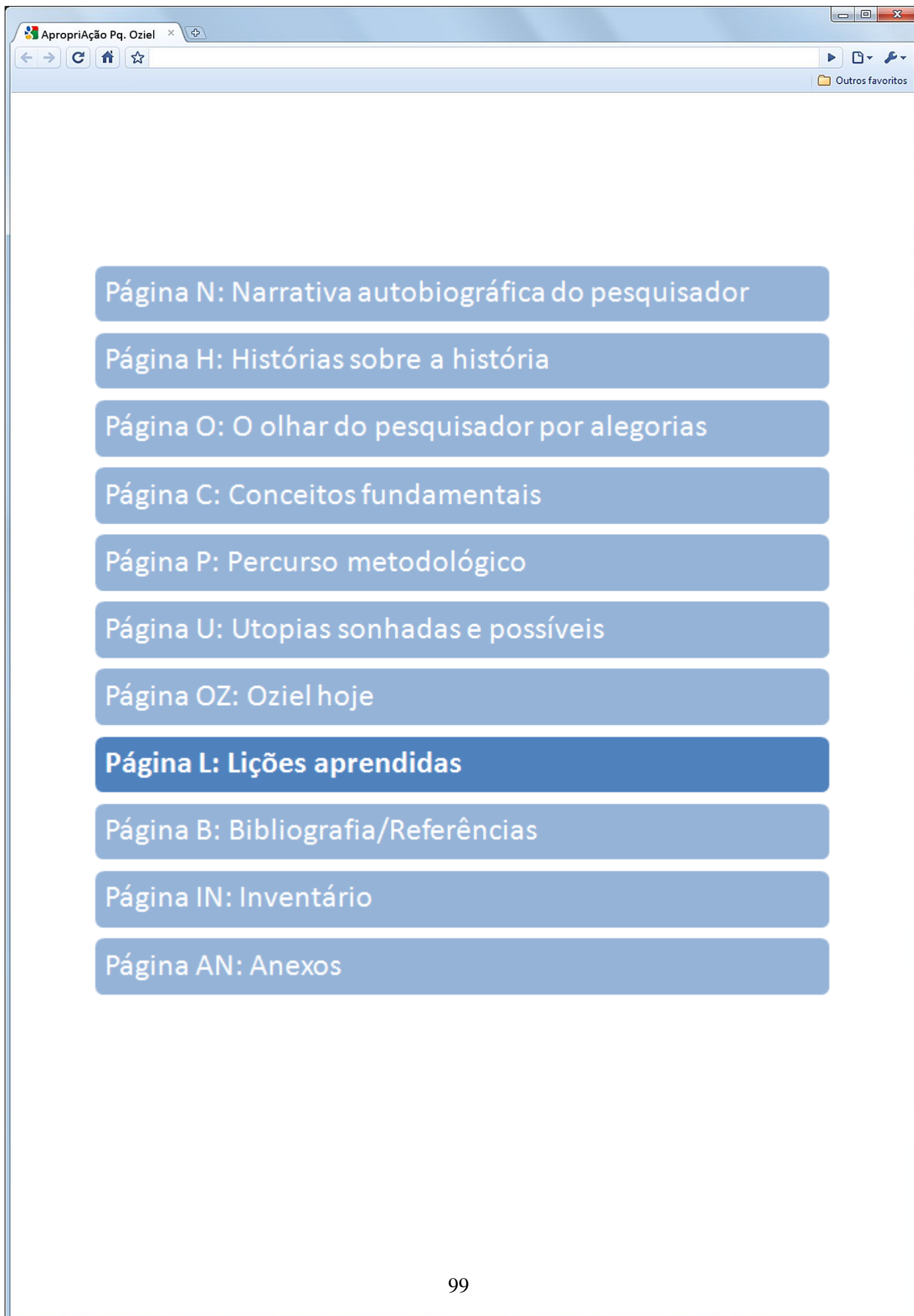
ingênuo ao afirmar que *“seria tolo e irresponsável culpar as engenhocas eletrônicas pelo lento, mas constante recuo da proximidade contínua, pessoal, direta, face a face, multifacetada e multiuso”*.

A amplitude desses relacionamentos em rede é tamanha e são de tal forma intrincados que podemos dizer que estão globalizados.



Segundo Santos (2000) vivemos hoje três mundos em um só - *“o 1º seria o mundo tal como nos fazem ver: a globalização como fábula; o 2º seria o mundo tal como ele é: a globalização como perversidade e o 3º seria o mundo como ele pode ser: uma outra globalização.”*.

Essa é a razão de se apostar em *uma outra ocupação* no Oziel, não mais aquela territorializada geograficamente e que vem se consolidando dia após dia; e ao que tudo indica não tem mais volta, é uma questão de tempo para a legitimidade da posse deste espaço urbano. Agora a luta deve ser outra, a do espaço virtual, pois de acordo com Santos *“A informação é o grande instrumento do processo de “Globalitarismo”, de produção de novas formas totalitárias de vida, mas que manejada por pequenos grupos de forma inteligente, produz exatamente o efeito oposto.”*.



Página N: Narrativa autobiográfica do pesquisador

Página H: Histórias sobre a história

Página O: O olhar do pesquisador por alegorias

Página C: Conceitos fundamentais

Página P: Percurso metodológico

Página U: Utopias sonhadas e possíveis

Página OZ: Oziel hoje

Página L: Lições aprendidas

Página B: Bibliografia/Referências

Página IN: Inventário

Página AN: Anexos

8 PÁGINA L: LIÇÕES APRENDIDAS

8.1 O que fica, na realidade (Como o Oziel ocupou o pesquisador)

Tudo começou com uma *préOcupação* de um trabalho acadêmico, de uma pesquisa legítima em uma ocupação. Havia também o *préConceito*, pois pelas informações que eu tinha, com as quais fui contaminado pela mídia, não entendia como legítimos os MS (Movimentos dos Sem...). Confundia-os com pessoas oportunistas, insufladas por um pseudo-idealismo de esquerda.

Foi quando tive a felicidade de poder conhecer o dia-a-dia daquela comunidade, entrar em suas casas e ser sempre muito bem recebido. Conhecer suas histórias.

Com minha aproximação pude rir e chorar com os “causos” que me embeveciam e me ocupavam o pensamento quando retornava para minha casa.

Identificava-me com o “escriba” Antonio Biá⁶⁰ que, desafortunadamente, foi nomeado agente dos Correios do povoado de Javé, no interior da Bahia. Porém como a

maioria dos moradores era analfabeta, seu emprego foi colocado em jogo, então para salvá-lo começou a escrever cartas “em nome” dos moradores, muitas vezes abusando de inverdades, o que lhe valeu a expulsão da comunidade.

Porém, assim que o povoado foi ameaçado de ser inundado para a construção de uma hidrelétrica, ele é chamado de volta para contar a história de Javé, talvez o único patrimônio que impedisse sua destruição/desaparecimento, quando as águas da represa encharcassem a cidadezinha.

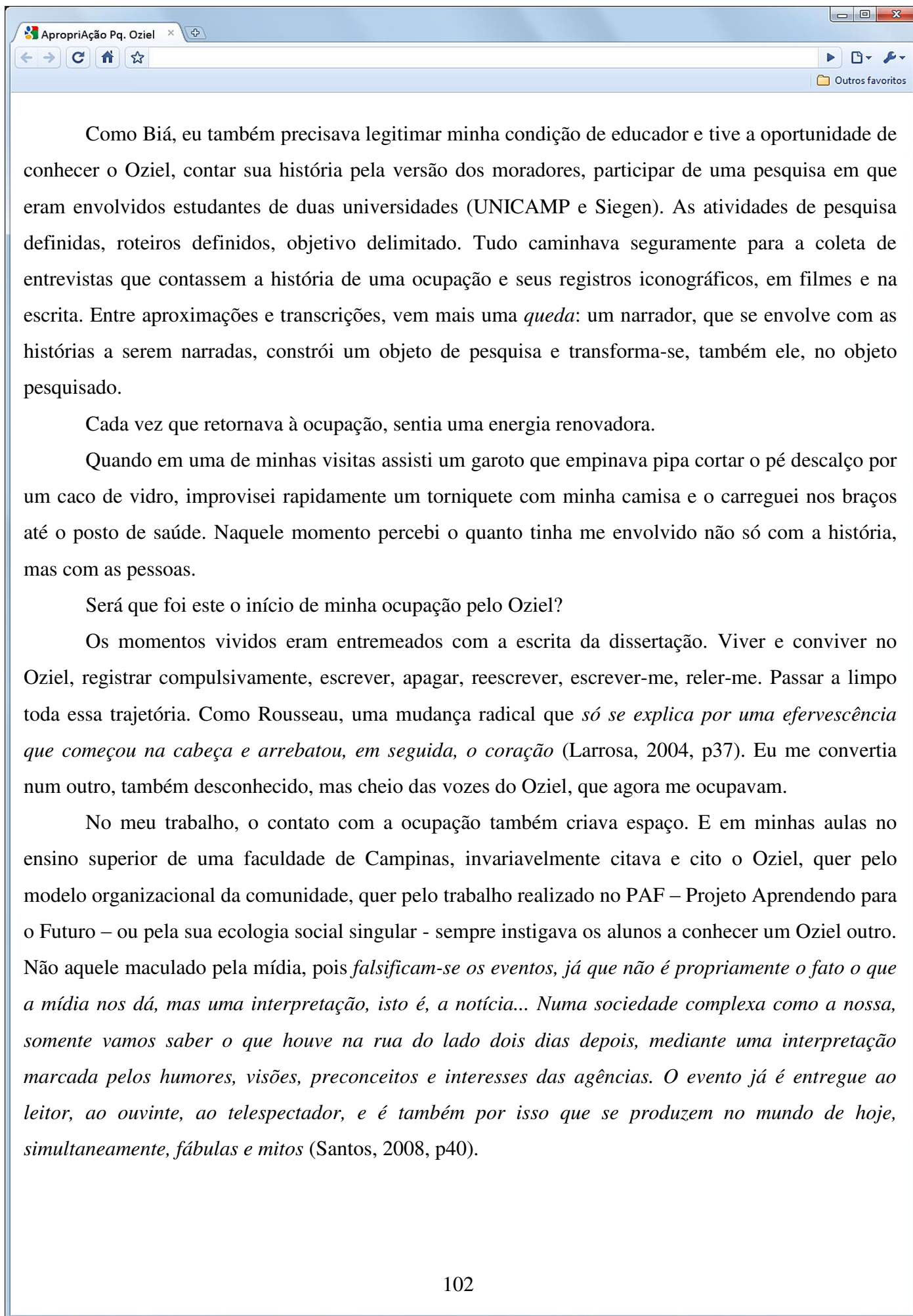
Num dia de muito calor, há muitos anos – para dar certa aparência de verossimilhança a este conto, digamos que foi no verão de 1749 -, um homem chamado Jean Jacques Rousseau atravessava a pé, tralari tralará, e com um jornal nas mãos, tralari, tralará, o bosque dos Vincennes. Não ia visitar a avozinha, não- pois esse é um conto sério, edificante, com prólogo, com epílogo e com uma moral -, mas ia visitar o seu amigo Diderot, que acabava de sair dos cárceres do absolutismo (breve porém eficaz e sugestivo comentário sobre o contexto histórico, político e social deste relato: a luta pela liberdade, pela razão, pela igualdade, os direitos do homem, a reforma da educação, as luzes, o progresso, a crítica, a emancipação ... e longas reticências, pois note-se desde o início que este é um conto ilustrado). De repente, enquanto ao mesmo tempo percorria – mas, qual é a diferença? – seu texto e seu caminho – uma olhadela no caminho e outra olhadela no jornal – Jean Jacques caiu, sim caiu!

(...)

E, completamente embriagado, tombado sob uma bétula, caído ao solo, literalmente derrubado pelo que acabara de ocorrer, nosso herói se pôs a escrever já que, também, por casualidade, que coisas que ele levava no bolso, além do jornal: um lápis e um caderno. A causa? Havia visto outro universo e se havia transformado num outro homem. (...) tudo convergia, sem esforço, no movimento convulsivo da ponta de seu lápis.

Larrosa, 2004a, p 27 e 31

⁶⁰ Personagem do filme “Narradores de Javé”



Como Biá, eu também precisava legitimar minha condição de educador e tive a oportunidade de conhecer o Oziel, contar sua história pela versão dos moradores, participar de uma pesquisa em que eram envolvidos estudantes de duas universidades (UNICAMP e Siegen). As atividades de pesquisa definidas, roteiros definidos, objetivo delimitado. Tudo caminhava seguramente para a coleta de entrevistas que contassem a história de uma ocupação e seus registros iconográficos, em filmes e na escrita. Entre aproximações e transcrições, vem mais uma *queda*: um narrador, que se envolve com as histórias a serem narradas, constrói um objeto de pesquisa e transforma-se, também ele, no objeto pesquisado.

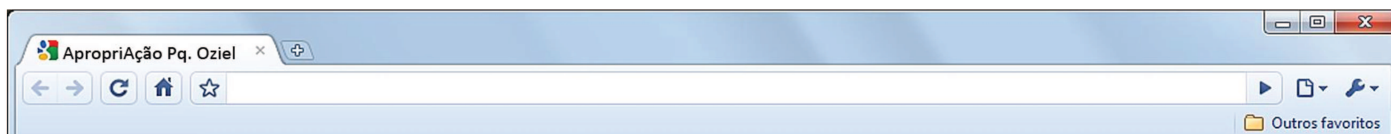
Cada vez que retornava à ocupação, sentia uma energia renovadora.

Quando em uma de minhas visitas assisti um garoto que empinava pipa cortar o pé descalço por um caco de vidro, improvisei rapidamente um torniquete com minha camisa e o carreguei nos braços até o posto de saúde. Naquele momento percebi o quanto tinha me envolvido não só com a história, mas com as pessoas.

Será que foi este o início de minha ocupação pelo Oziel?

Os momentos vividos eram entremeados com a escrita da dissertação. Viver e conviver no Oziel, registrar compulsivamente, escrever, apagar, reescrever, escrever-me, reler-me. Passar a limpo toda essa trajetória. Como Rousseau, uma mudança radical que *só se explica por uma efervescência que começou na cabeça e arrebatou, em seguida, o coração* (Larrosa, 2004, p37). Eu me convertia num outro, também desconhecido, mas cheio das vozes do Oziel, que agora me ocupavam.

No meu trabalho, o contato com a ocupação também criava espaço. E em minhas aulas no ensino superior de uma faculdade de Campinas, invariavelmente citava e cito o Oziel, quer pelo modelo organizacional da comunidade, quer pelo trabalho realizado no PAF – Projeto Aprendendo para o Futuro – ou pela sua ecologia social singular - sempre instigava os alunos a conhecer um Oziel outro. Não aquele maculado pela mídia, pois *falsificam-se os eventos, já que não é propriamente o fato o que a mídia nos dá, mas uma interpretação, isto é, a notícia... Numa sociedade complexa como a nossa, somente vamos saber o que houve na rua do lado dois dias depois, mediante uma interpretação marcada pelos humores, visões, preconceitos e interesses das agências. O evento já é entregue ao leitor, ao ouvinte, ao telespectador, e é também por isso que se produzem no mundo de hoje, simultaneamente, fábulas e mitos* (Santos, 2008, p40).



O líder Canário certa vez comentou que só de falar que era do Oziel, as pessoas o julgavam fora da lei. Com meus alunos ou pessoas do meu convívio, sentia-me na obrigação de desfazer essas fábulas e mitos.

Em uma dessas aulas, orientando um trabalho de conclusão do curso de Análise e Desenvolvimento de Sistemas, convidei um dos grupos a ir comigo ao Oziel, não para um *turismo social*⁶¹ ou como diria Santos (2000) um *safári urbano*, mas para experienciarem comigo o cotidiano daquela comunidade. Ficaram tão encantados que mudaram o tema de seu trabalho e desenvolveram uma proposta de metodologia de ensino a distância através de softwares livres.

Recentemente, fui entrevistado por duas alunas do curso de Administração de Empresas, que gostariam de abordar o tema “administração pública alternativa”. De pronto lembrei-me do modelo exercitado no Oziel e, além da entrevista, cedi material desta pesquisa para essas alunas que acabaram por criar um blog⁶² como projeto de pesquisa.



O Oziel tem sido tema constante em seminários e congressos que participei e participo, em

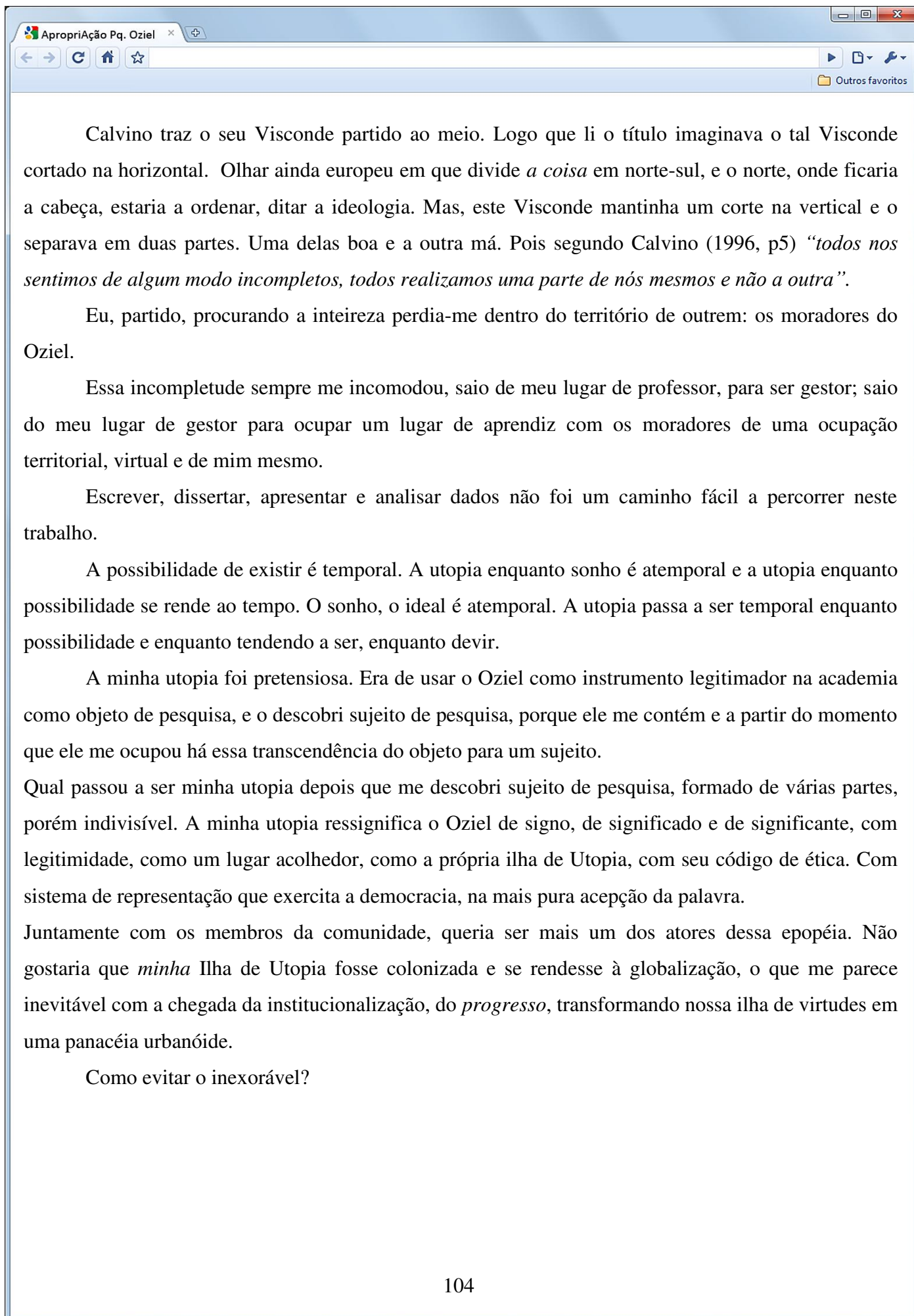


parceria com minha orientadora, Professora Corinta, com minha colega de Gepec, Professora Rúbia, com os alemães, e até com o próprio Canário, afinal ninguém melhor do que o líder para falar de sua comunidade.

Pelo desejo de registrar, contar, partilhar e até representar o Oziel, sinto-me como seu embaixador, procurando fazer de minha voz a voz daquele lugar e daquela gente.

⁶¹ Turismo Social é a forma de conduzir e praticar a atividade turística promovendo a igualdade de oportunidades, a equidade, a solidariedade e o exercício da cidadania na perspectiva da inclusão”. (Marcos Conceituais – Ministério do Turismo).

⁶² <http://administrandooziel.blogspot.com>



Calvino traz o seu Visconde partido ao meio. Logo que li o título imaginava o tal Visconde cortado na horizontal. Olhar ainda europeu em que divide *a coisa* em norte-sul, e o norte, onde ficaria a cabeça, estaria a ordenar, ditar a ideologia. Mas, este Visconde mantinha um corte na vertical e o separava em duas partes. Uma delas boa e a outra má. Pois segundo Calvino (1996, p5) “*todos nos sentimos de algum modo incompletos, todos realizamos uma parte de nós mesmos e não a outra*”.

Eu, partido, procurando a inteireza perdia-me dentro do território de outrem: os moradores do Oziel.

Essa incompletude sempre me incomodou, saio de meu lugar de professor, para ser gestor; saio do meu lugar de gestor para ocupar um lugar de aprendiz com os moradores de uma ocupação territorial, virtual e de mim mesmo.

Escrever, dissertar, apresentar e analisar dados não foi um caminho fácil a percorrer neste trabalho.

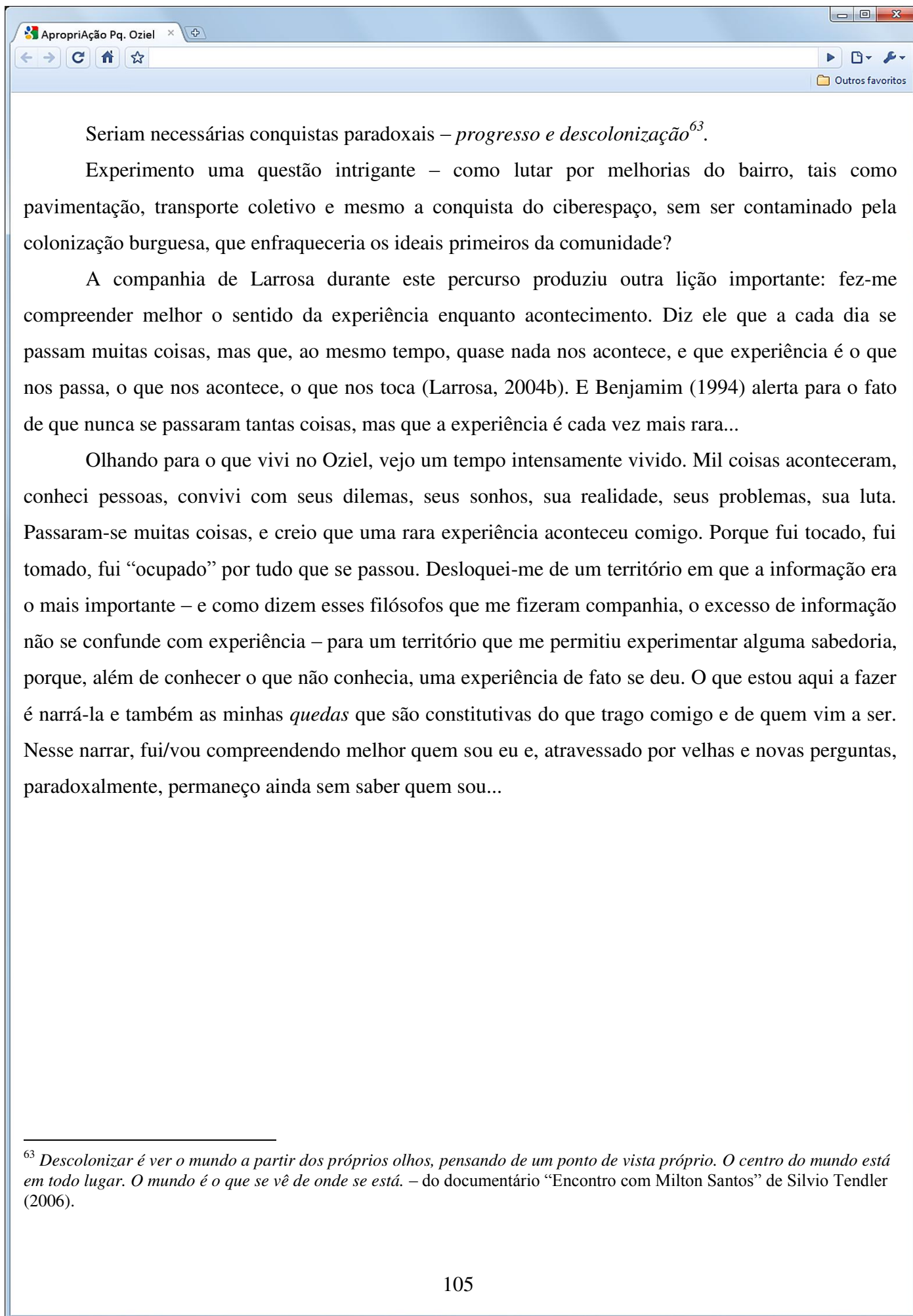
A possibilidade de existir é temporal. A utopia enquanto sonho é atemporal e a utopia enquanto possibilidade se rende ao tempo. O sonho, o ideal é atemporal. A utopia passa a ser temporal enquanto possibilidade e enquanto tendendo a ser, enquanto devir.

A minha utopia foi pretensiosa. Era de usar o Oziel como instrumento legitimador na academia como objeto de pesquisa, e o descobri sujeito de pesquisa, porque ele me contém e a partir do momento que ele me ocupou há essa transcendência do objeto para um sujeito.

Qual passou a ser minha utopia depois que me descobri sujeito de pesquisa, formado de várias partes, porém indivisível. A minha utopia ressignifica o Oziel de signo, de significado e de significante, com legitimidade, como um lugar acolhedor, como a própria ilha de Utopia, com seu código de ética. Com sistema de representação que exercita a democracia, na mais pura acepção da palavra.

Juntamente com os membros da comunidade, queria ser mais um dos atores dessa epopéia. Não gostaria que *minha* Ilha de Utopia fosse colonizada e se rendesse à globalização, o que me parece inevitável com a chegada da institucionalização, do *progresso*, transformando nossa ilha de virtudes em uma panacéia urbanóide.

Como evitar o inexorável?



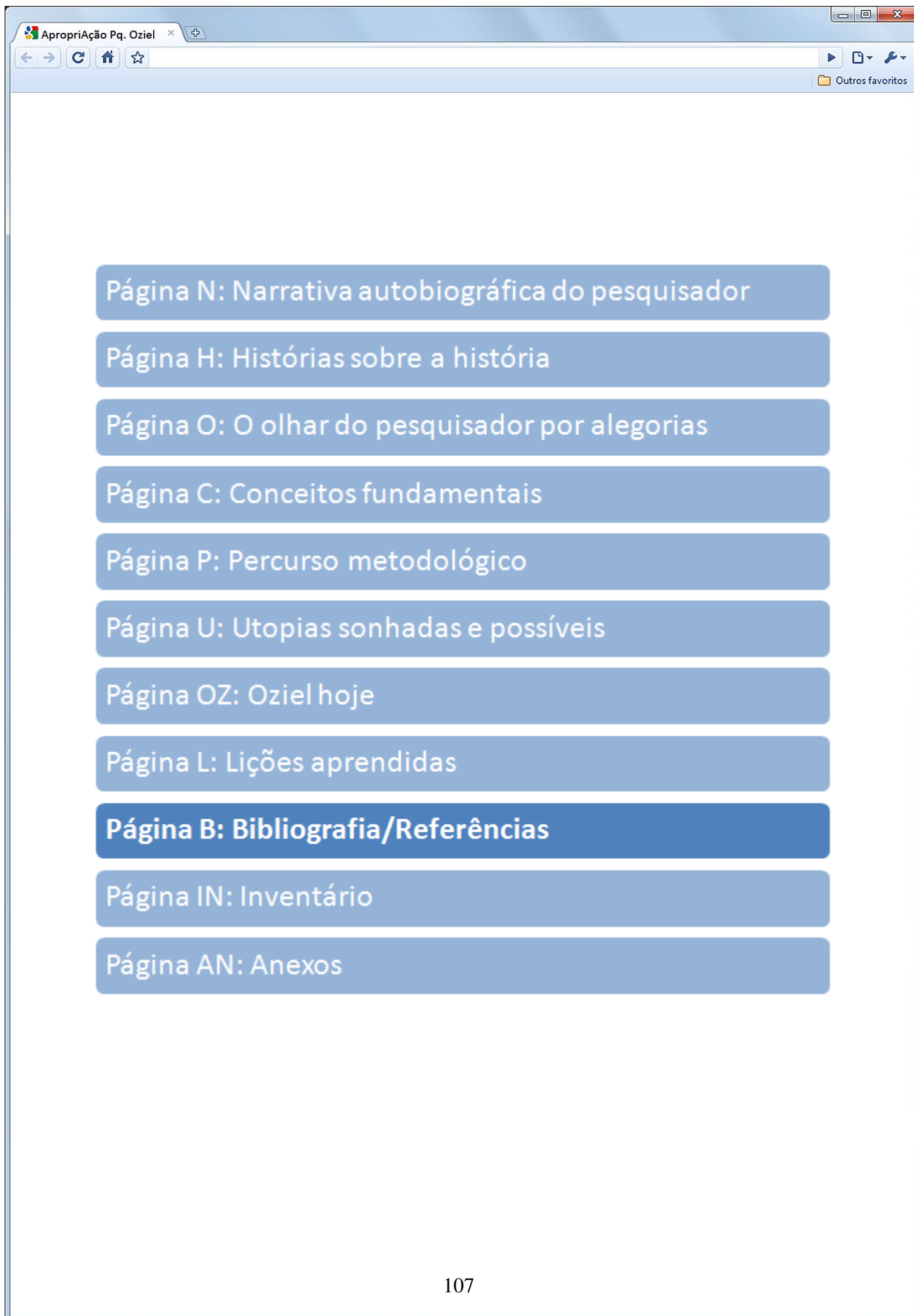
Seriam necessárias conquistas paradoxais – *progresso e descolonização*⁶³.

Experimento uma questão intrigante – como lutar por melhorias do bairro, tais como pavimentação, transporte coletivo e mesmo a conquista do ciberespaço, sem ser contaminado pela colonização burguesa, que enfraqueceria os ideais primeiros da comunidade?

A companhia de Larrosa durante este percurso produziu outra lição importante: fez-me compreender melhor o sentido da experiência enquanto acontecimento. Diz ele que a cada dia se passam muitas coisas, mas que, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece, e que experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca (Larrosa, 2004b). E Benjamim (1994) alerta para o fato de que nunca se passaram tantas coisas, mas que a experiência é cada vez mais rara...

Olhando para o que vivi no Oziel, vejo um tempo intensamente vivido. Mil coisas aconteceram, conheci pessoas, convivi com seus dilemas, seus sonhos, sua realidade, seus problemas, sua luta. Passaram-se muitas coisas, e creio que uma rara experiência aconteceu comigo. Porque fui tocado, fui tomado, fui “ocupado” por tudo que se passou. Desloquei-me de um território em que a informação era o mais importante – e como dizem esses filósofos que me fizeram companhia, o excesso de informação não se confunde com experiência – para um território que me permitiu experimentar alguma sabedoria, porque, além de conhecer o que não conhecia, uma experiência de fato se deu. O que estou aqui a fazer é narrá-la e também as minhas *quedas* que são constitutivas do que trago comigo e de quem vim a ser. Nesse narrar, fui/vou compreendendo melhor quem sou eu e, atravessado por velhas e novas perguntas, paradoxalmente, permaneço ainda sem saber quem sou...

⁶³ *Descolonizar é ver o mundo a partir dos próprios olhos, pensando de um ponto de vista próprio. O centro do mundo está em todo lugar. O mundo é o que se vê de onde se está.* – do documentário “Encontro com Milton Santos” de Silvio Tendler (2006).



PÁGINA B: BIBLIOGRAFIA/REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Ivanete B. Projeto de Doutorado/2004. Será defendido em 25/08/09.
- ARNAUS, Remei. Voces que cuentan y voces que interpretan: Reflexiones en torno a la autoría narrativa en una investigación etnográfica. In: LARROSA, Jorge *et al.* *Déjame que te cuente: Ensaio sobre narrativa y educación*. Barcelona: Editorial Laertes, 1995, p. 61-78.
- AUGÉ, Marc. *Não-lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas: Papirus, 1994.
- BAKHTIN, Mikhail M. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Anna Blume Editora/Hucitec, 10ª Edição, 2002.
- BARROS, Diana L. P.; FIORIN, José L. *Dialogismo, polifonia e intertextualidade: Em torno de Mikhail Bakhtin*. São Paulo: Edusp, 1994.
- BAUDRILLARD, Jean – *Simulacros e Simulação*. Lisboa, Relógio D'Água Editores, 1991.
- BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido: Sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- BARKER, Kenneth (org.). *Bíblia de Estudo NVI*. São Paulo: Editora Vida, 2003.
- BENJAMIM, Walter. *Magia e Técnica, arte e política*. Ensaio sobre literatura e história da cultura (Obras escolhidas, Vol. I). São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BOFF, Leonardo. *A Águia e a Galinha: Uma Metáfora da Condição Humana*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- BRASIL, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Média e Tecnológica. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio*. Brasília: MEC, 1999.
- CALVINO, Ítalo. *O Visconde Partido ao Meio*. São Paulo: Cia das Letras, 1996.
- CALVINO, Ítalo. *Palomar*. São Paulo: Cia das Letras, 1994.
- CALVINO, Ítalo. *Seis Propostas para o próximo milênio*. São Paulo: Cia das Letras, 1998.
- CALVINO, Ítalo. *As Cidades Invisíveis*. São Paulo: Cia das Letras, 1999, 12ª reimpressão.
- CASTELLS, Manuel. *A Sociedade em Rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do Cotidiano. Artes de Fazer*. Petrópolis: Vozes, 3ª edição, 1990.
- CHAVES, Eduardo O. C. O computador na Educação. In: *Educação e Informática: Projeto EDUCOM – Ano I* (Fundação Centro Brasileiro de Televisão Educativa). Rio de Janeiro, 1985.
- CHAVES, Eduardo O. C. *Multimídia: Conceituação, Aplicações e Tecnologia*. Campinas: People Computação Editora, 1991.
- CHAVES, Eduardo O. C. *Tecnologia e Educação: O Futuro da Escola na Sociedade da Informação*. Campinas: Mindware, 1998.

CONNELLY, Michael F.; CLANDININ, Jean D. Relatos de experiencia e investigación narrativa. In: LARROSA, Jorge *et al.* *Déjame que te cuente: Ensayos sobre narrativa e educación*. Barcelona: Editorial Laertes, 1995, p. 11-59.

CORTESÃO, Luiza. *Ser Professor: Um Ofício em risco de extinção?* São Paulo: Cortez, 2002.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Editora 34, Vol. I, 1995.

ELLIOTT, John. Recolocando a Pesquisa-Ação em seu lugar original e próprio. In: GERALDI, Corinta M. G, FIORENTINI, Dario; PEREIRA, Elisabeth A. (Orgs.) *Cartografias do Trabalho Docente*. Campinas: Mercado das Letras/ALB, 1998, pp 137-152.

EZPELETA, Justa; ROCKWELL, Elsie. *Pesquisa participante*. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1989.

FERRARA, Lucrécia D'Aléssio. *Olhar Periférico*. São Paulo: EDUSP/FAPESP, 1999.

FONTANA, Roseli A. C. *Como nos tornamos professoras?* Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 5ª edição, 1997.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

Freire, P. In: Cintra, Benedito Eliseu Leite. *Paulo Freire entre o grego e o semita: educação: filosofia e comunhão*. EDIPUCRS, 1998.

GENTILI, Pablo; ALENCAR, Chico. *Educar na esperança em Tempos de Desencanto*. Petrópolis: Vozes, 2ª Edição, 2001.

GERALDI, Corinta M. G. *A produção do ensino e pesquisa na educação: Estudo sobre o trabalho docente no curso de Pedagogia – FE/UNICAMP*. Tese de Doutorado. Campinas: UNICAMP, 1993.

GERALDI, Corinta M. G. Currículo em Ação: buscando a compreensão do cotidiano da escola básica. In: *Pró-Posições*, Vol. 5, nº 3 [15], Nov/1994, p. 111-132.

GERALDI, Corinta M. G, FIORENTINI, Dario; PEREIRA, Elisabeth A. (Orgs.). *Cartografias do Trabalho Docente*. Campinas: Mercado das Letras/ALB, 1998.

GERALDI, João W. *Portos de Passagem*. São Paulo: Martins Fontes, 4ª edição, 2000.

GERALDI, João W. A diferença identifica. A desigualdade deforma. Percursos Bakhtinianos de Construção Ética e Estética. In: FREITAS, Maria T. A. *et al.* (Orgs.). *Ciências Humanas e Pesquisa – Leituras de Mikhail BakhtIn*. São Paulo: Cortez, 2003, p. 39-56.

GERALDI, João W. Depois do 'Show', Como Encontrar Encantamento? Palestra proferida no COLE/2003. In: *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, 44. Campinas: IEL/UNICAMP, 2003, p. 251-261.

GERALDI, João W. Paulo Freire e Mikail BakhtIn: O encontro que não houve. In: *Leitura: Um Con/s/certo. 25 anos de COLE*. São Paulo: Companhia Editorial Nacional/ALB, 2003, p. 45-66.

GERALDI, João W. *Alteridades: Espaços e Tempos de Instabilidades*. Inédito.

Apropriação Pq. Oziel

HEIDEGGER, M. *Ser e tempo*, Petrópolis: Vozes, 6ª. Ed.1997.

HERNÁNDEZ, Fernando; VENTURA, Montserrat. *A organização do currículo por projetos de trabalho*. Porto Alegre: Artes Médicas, 5ª edição, 1998.

KUHN, Thomas S. *A Estrutura das Revoluções Científicas*. São Paulo: Perspectiva, 3ª edição, 1990.

LAKATOS, Eva M.; MARCONI, Marina de A. *Fundamentos de Metodologia Científica*. São Paulo: Atlas, 1991.

LARROSA, Jorge. *La experiencia de la lectura*: Estudios sobre literatura e formación. Barcelona: Editorial Laertes, 1998.

LARROSA, Jorge. *Pedagogia profana*: danças, piruetas e mascaradas. Belo Horizonte: Autêntica, 2004a.

LARROSA, Jorge. Nota sobre a Experiência e o Saber da Experiência. In: GERALDI, Corinta M. G.; RIOLFI, Claudia R.; GARCIA, Maria de F. *Escola Viva – Elementos para a construção de uma educação de qualidade social*. Campinas: Mercado de Letras, 2004b.

LÉVY, Pierre. *A Inteligência Coletiva – Por uma antropologia do ciberespaço*, São Paulo: Edições Loyola, 3ª edição, 2000.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*, Rio de Janeiro: Editora 34, 1ª edição, 1999.

LÉVY, Pierre. *O que é Virtual?* Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

LÉVY, Pierre. *As Tecnologias da Inteligência*: O futuro do pensamento na Era da Informática. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

LIMA, Maria E. C. de C. *Os Sentidos do Trabalho*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. E.D.A. *Pesquisa em Educação*: Abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1996.

MCLUHAN, M. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. Trad. de Décio Pignatari. São Paulo: Cultrix, 1974.

MENEGAÇO, Rúbia. *Lições das Descontinuidades: espaços e tempos entrecortados na formação da educadora*. Dissertação de Mestrado. Unicamp, 2004.

MORE, Thomas. *A Utopia*. São Paulo: Ed. Abril. Os Pensadores, 1979

NAJMANOVICH, D. *O sujeito encarnado*: questões para a pesquisa no/do cotidiano. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

NÓVOA, António. *Vidas de professor*. Porto: Porto Editora, 1992.

PACHECO, Dirceu C. Entre aspas o pensar, o sentir e o diferir: Vivências de um pesquisador praticante nos/dos/com os cotidianos. In: FERRAÇO, Carlos E.; PEREZ, Carmen L. V.; OLIVEIRA, Inês B de (Orgs.). *Aprendizagens cotidianas com a pesquisa*: Novas reflexões em pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas. Petrópolis: DP et Alii, 2008.

PAPERT, Seymour. *Logo: Computadores e Educação*. São Paulo: Brasiliense, 1980.

PRADO, Guilherme do V. T.; SOLIGO, Rosaura A. *Porque escrever é fazer história – Revelações, Subversões, Superações*. Campinas: Alínea, 2005.

RANCIÈRE, Jacques. *O mestre ignorante – cinco lições sobre a emancipação intelectual*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002

RELPH, Edward. *Place and Placelessness*. London: Pion, 1976.

RIPPER, Afira V. O preparo do professor para as novas tecnologias. In: OLIVEIRA, Vera B. de O. (Org.). *Informática em Psicopedagogia*. São Paulo: SENACSP, 1996.

SANTOS, Boaventura S. *Pela Mão de Alice: O social e o político na pós-modernidade*. São Paulo: Cortez, 1999.

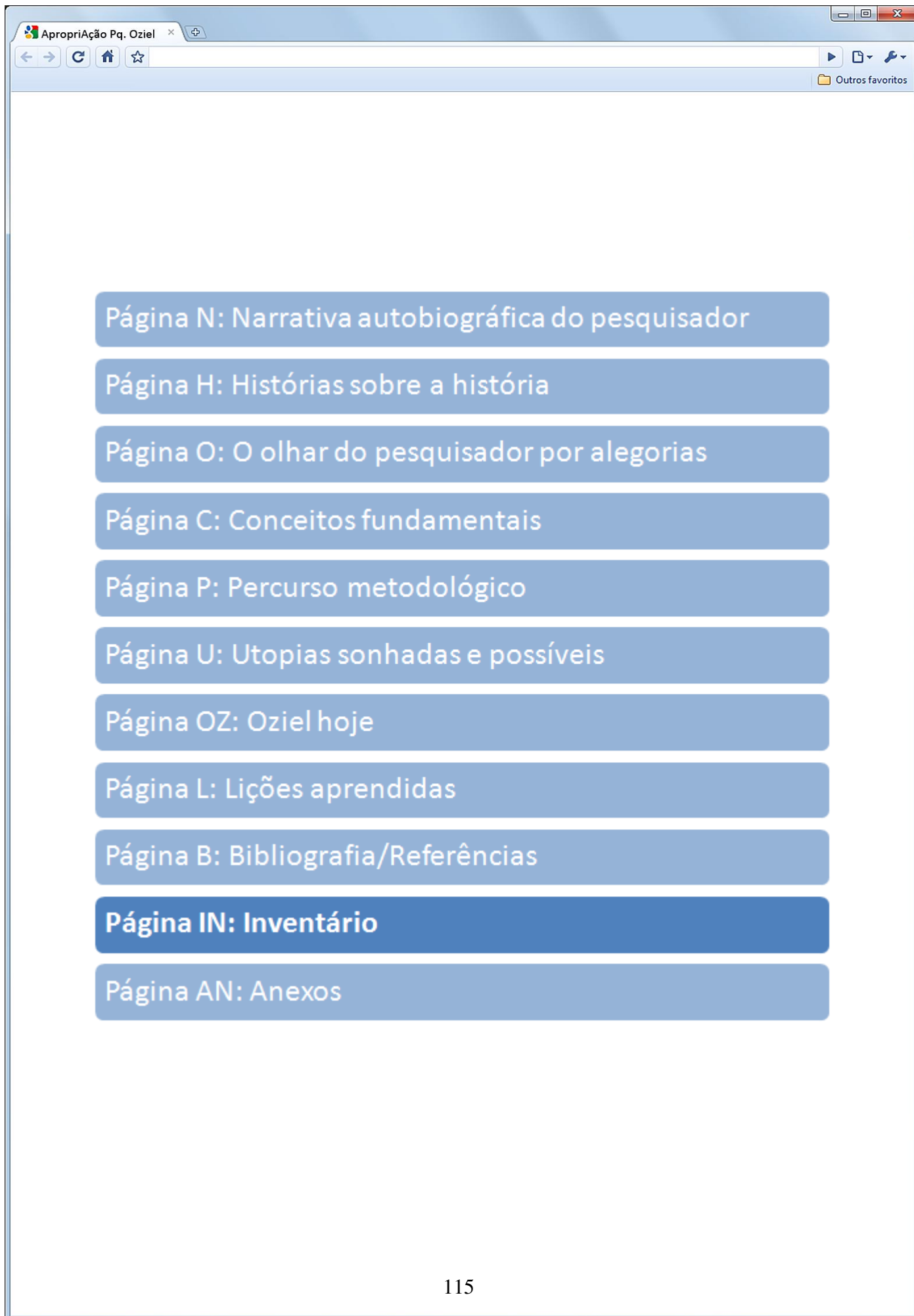
SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record, 2008.

SANTOS, Ramofly Bicalho dos. *Alfabetização no MST: Experiências com jovens e adultos na Baixada Fluminense*. Campinas: Komedi, 2005.

VAINFAS, Ronaldo (org.). *Dicionário do Brasil Colonial*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. *A Prática Pedagógica do Professor de Didática*. Campinas: Papirus, 1989





Página N: Narrativa autobiográfica do pesquisador

Página H: Histórias sobre a história

Página O: O olhar do pesquisador por alegorias

Página C: Conceitos fundamentais

Página P: Percurso metodológico

Página U: Utopias sonhadas e possíveis

Página OZ: Oziel hoje

Página L: Lições aprendidas

Página B: Bibliografia/Referências

Página IN: Inventário

Página AN: Anexos

PÁGINA IN: INVENTÁRIO

CÓDIGO	IDENTIFICAÇÃO	DESCRIÇÃO E COMENTÁRIOS
ArtJ 1	Artigo de Jornal	Folha de São Paulo. Folha Campinas. Maior ocupação do MTST vai virar bairro. 14/08/2003. O artigo descreve a regularização da ocupação e o processo oficial para se tornar um bairro da cidade de Campinas. Traz fotos da ocupação desde o seu início, com casas de madeira, e a construção de moradia em alvenaria. Dados sobre ocupações na cidade e no estado de São Paulo.
ArtJ 2	Artigo de Jornal	Correio Popular. Campinas terá 1 milhão de habitantes em 2005. 14/11/1999. Estudos da COHAB sobre população do Parque Oziel. Teoria de demógrafos sobre o crescimento da cidade. Dados da Renda familiar no Parque Oziel. Foto do Prof. João do Projeto da Escolinha de Futebol.
ArtJ 3	Artigo de Jornal	Correio Popular. O líder da ocupação foi comerciante. 14/11/1999. A história de Cecílio Silva antes de chegar ao Parque Oziel.
ArtJ 4	Artigo de Jornal	Correio Popular. Colômbia ensina a combater violência.

CÓDIGO	IDENTIFICAÇÃO	DESCRIÇÃO E COMENTÁRIOS
		29/10/1999. Seminário “Assentamentos Humanos e Violência Urbana”, em Campinas SP, para discutir os métodos utilizados em Cali para reduzir a criminalidade. Especialistas discutem relação entre a falta de moradia e violência urbana. O município terá Conselho de Paz.
ArtJ 5	Artigo de Jornal	Correio Popular. Área do Oziel é declarada de utilidade pública. 29/04/1999. O Prefeito Chico Amaral torna de interesse social terreno de 1,6 milhão de metros quadrados e abre caminho para assentar 30 mil famílias. Foto com a vista aérea do Parque Oziel. Proprietários querem R\$ 60 milhões pela área.
ArtJ 6	Artigo de Jornal	Correio Popular. Oficina estimula arte no Parque Oziel. (sem data). Feira artesanal no centro da cidade com bonecos de teatro produzidos em oficinas dentro do Parque Oziel.
ArtJ 7	Artigo de Jornal	Folha de São Paulo. Prefeitura irá cadastrar moradores do Oziel. (sem data). Cadastramento organizado pela COHAB para conhecer o número de famílias. Estima-se 6.600 famílias, 30 mil pessoas.

CÓDIGO	IDENTIFICAÇÃO	DESCRIÇÃO E COMENTÁRIOS
ArtJ 8	Artigo de Jornal	Folha de São Paulo. Parque Oziel supera 20 municípios da região. (sem data). Considera o Parque Oziel como uma cidade construída à margem do poder público. Relata sobre os cinco líderes mortos em 4 anos.
ArtJ 9	Artigo de Jornal	Correio Popular. A cidade não foi ouvida sobre a legalização da região do Oziel. 15/01/2002. Relata o desconhecimento da sociedade civil sobre a legalização da ocupação.
ArtJ 10	Artigo de Jornal	Folha de São Paulo. Padre do Oziel luta por reforma agrária. 01/04/2001. Radical, padre Nelson diz que organização dos moradores do Oziel conseguiu infraestrutura como água e educação. Foto do Padre Nelson em cima de palanque improvisado durante assembléia de moradores. Padre diz ser jurado de morte em Campinas.
ArtJ 11	Artigo de Jornal	Correio Popular. Sem-teto organizam cooperativa habitacional. 08/04/1999. Família do Oziel e do Monte Cristo tentam viabilizar recursos para o assentamento em área de 895 mil metros quadrados. Culto marca um ano da morte de líder.

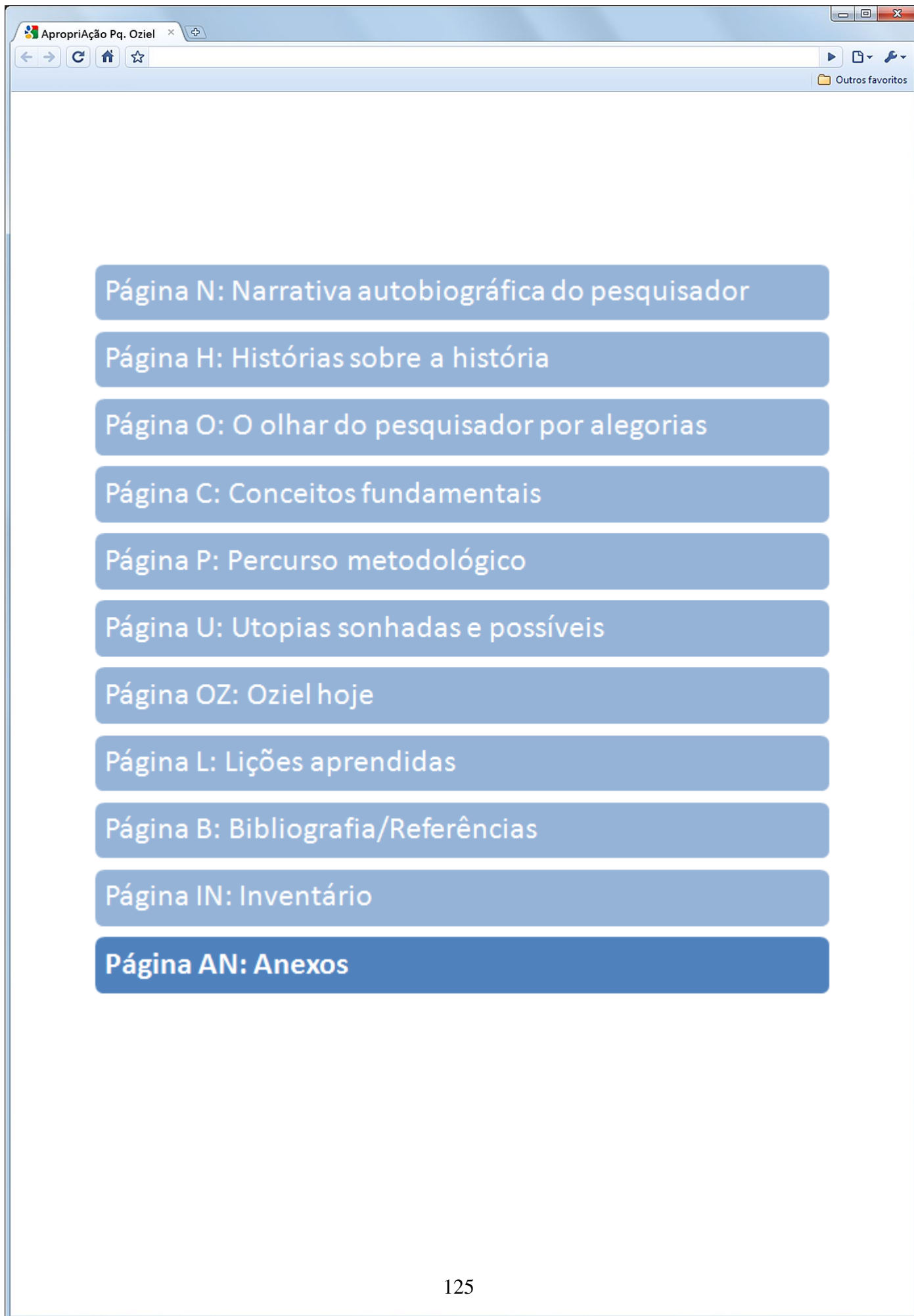
CÓDIGO	IDENTIFICAÇÃO	DESCRIÇÃO E COMENTÁRIOS
ArtJ 12	Artigo de Jornal	Folha de São Paulo. Meta de Oziel é ser base para novas ocupações. (sem data). Mãe conduz filhos para um dos quatro containeres que funcionam como escola na ocupação e atendem pelo menos 800 crianças. Sem-teto quer reunir 10 mil em ato. Padre defende compra de todo o Oziel pela COHAB.
ArtJ 13	Artigo de Jornal	Correio Popular. Prefeitura renova decreto de desapropriação do Oziel. 31/03/2001. Administração petista prorroga decisão de Chico Amaral que destina área para habitações populares. A idéia é negociar uma desapropriação amigável.
ArtJ 14	Artigo de Jornal	Correio Popular. Líder sem-teto é morto com 10 tiros no Oziel. 07/04/1998. Assassinato do Paraíba, Gentil Ribeiro, líder da ocupação.
ArtJ 15	Artigo de Jornal	Folha de São Paulo. Falta de luz faz aluno deixar escola 2h antes. (sem data). Comissão do Oziel cobra melhorias para alunos de containeres, que não têm local apropriado para a merenda. (sem data).

CÓDIGO	IDENTIFICAÇÃO	DESCRIÇÃO E COMENTÁRIOS
ArtJ 16	Artigo de Jornal	Folha de São Paulo. Prefeitura irá cadastrar moradores do Oziel. (sem data). Cadastramento organizado pela COHAB para conhecer o número de famílias. Estima-se 6.600 famílias, 30 mil pessoas.
Foto 1	Fotografias	Autoridades no Parque Oziel. Lula, Tiãozinho, Toninho.
Foto 2	Fotografias	Passeatas com os moradores do Parque Oziel.
Foto 3	Fotografias	As escolas. De lata, de madeira, de alvenaria.
Foto 4	Fotografias	Cotidiano dos moradores do Pq. Oziel.
Foto 5	Fotografias	Atividades no PAF: ping-pong, futebol, voleibol, informática, cozinha.
Foto 6	Fotografias	Aniversário de 10 anos da ocupação. 2006.
Foto 7	Fotografias	Dos personagens das entrevistas (2005).
Foto 8	Fotografias	Desfile em 7 de setembro de 2005. “Bloco dos Excluídos”.

CÓDIGO	IDENTIFICAÇÃO	DESCRIÇÃO E COMENTÁRIOS
Foto 9	Fotografias	A ocupação vista de longe, em sua totalidade, da pista.
Foto 5	Fotografias	Pesquisadores alemães e brasileiros no Pq. Oziel.
Foto 6	Fotografias	Prof. José Maria e Profa. Maria Ignez na escola normal.
Cal	Calendário	Calendário temático sobre o Parque Oziel, 2004. Mandato Tiãozinho – Dep. Estadual.
Dês	Desenho	Desenhos das crianças que freqüentavam o PAF. Maio de 2005. Muitos desenhos de casas, estrada (provavelmente a Rod. Santos Dumont), de si mesmo.
Proj	Projeto	Projeto inicial dos estudantes Alemães: Thomas Thewes e Andreas Unverzagt.
TEEntr 1	Transcrição de entrevistas	Amabile, Canário, enfermeira do Posto de Saúde, professor de Ed. Física do PAF, alunos da escola, rapazes trabalhadores do Pq. Oziel, professora Adriana, adolescente Regiane, Sr. Valdemar, Valdenice. Entrevistas realizadas em 2005. Faziam parte do projeto do livro: Parque Oziel, a história de uma ocupação.
TEEntr 2	Transcrição de entrevistas	José Paulo para memorial (dezembro de 2008)

CÓDIGO	IDENTIFICAÇÃO	DESCRIÇÃO E COMENTÁRIOS
TEEntr 3	Transcrição de entrevistas	Prof. José Maria e Profa. Maria Ignez para o memorial (janeiro de 2009)
TEEntr 4	Transcrição de entrevistas	Adaílton para a pesquisa (fevereiro de 2009)
TEEntr 4	Transcrição de entrevistas	Pe. Nelson para a pesquisa (fevereiro de 2009)
AEntr	Autorização Entrevista	Autorização (por e-mail) do Adaílton
@1	E-mail	E-mail do Thomas
@2	E-mail	E-mail do Andy
@3	E-mail	E-mail do Adaílton
DVD1	DVD	Entrevista José Paulo para memorial (dezembro de 2008)
DVD2	DVD	Entrevista Prof. José Maria e Profa. Maria Ignez para o memorial (janeiro de 2009)
DVD3	DVD	Adaílton para a pesquisa (fevereiro de 2009)

CÓDIGO	IDENTIFICAÇÃO	DESCRIÇÃO E COMENTÁRIOS
DVD4	DVD	Pe. Nelson para a pesquisa (fevereiro de 2009)
DVD5	DVD	Filme Oito anos de luta, produzido pelos alunos da FAV – Faculdades de Valinhos (2005).
Fita	Fita Cassete	Reunião Profa. Corinta, Profa. Roia, Prof. José Paulo, alemães (2005).
FtMic1	Fita Micro cassete	Discussões sobre a pesquisa (novembro de 2007)
FtMic2	Fita Micro cassete	Discussões sobre a pesquisa (março de 2008)
FtMic3	Fita Micro cassete	Discussões sobre a pesquisa (abril de 2008)
FtMic4	Fita Micro cassete	Discussões sobre a pesquisa (maio de 2008)
FtMic5	Fita Micro cassete	Discussões sobre a pesquisa (agosto de 2008)
Rasc	Rascunho	Rascunho da avaliação para ingresso no programa de pós-graduação (agosto de 2006)
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso	Proposta de Uma Metodologia de Ensino a Distância: Apresentando Ferramentas Livres ao Oziel



Página N: Narrativa autobiográfica do pesquisador

Página H: Histórias sobre a história

Página O: O olhar do pesquisador por alegorias

Página C: Conceitos fundamentais

Página P: Percurso metodológico

Página U: Utopias sonhadas e possíveis

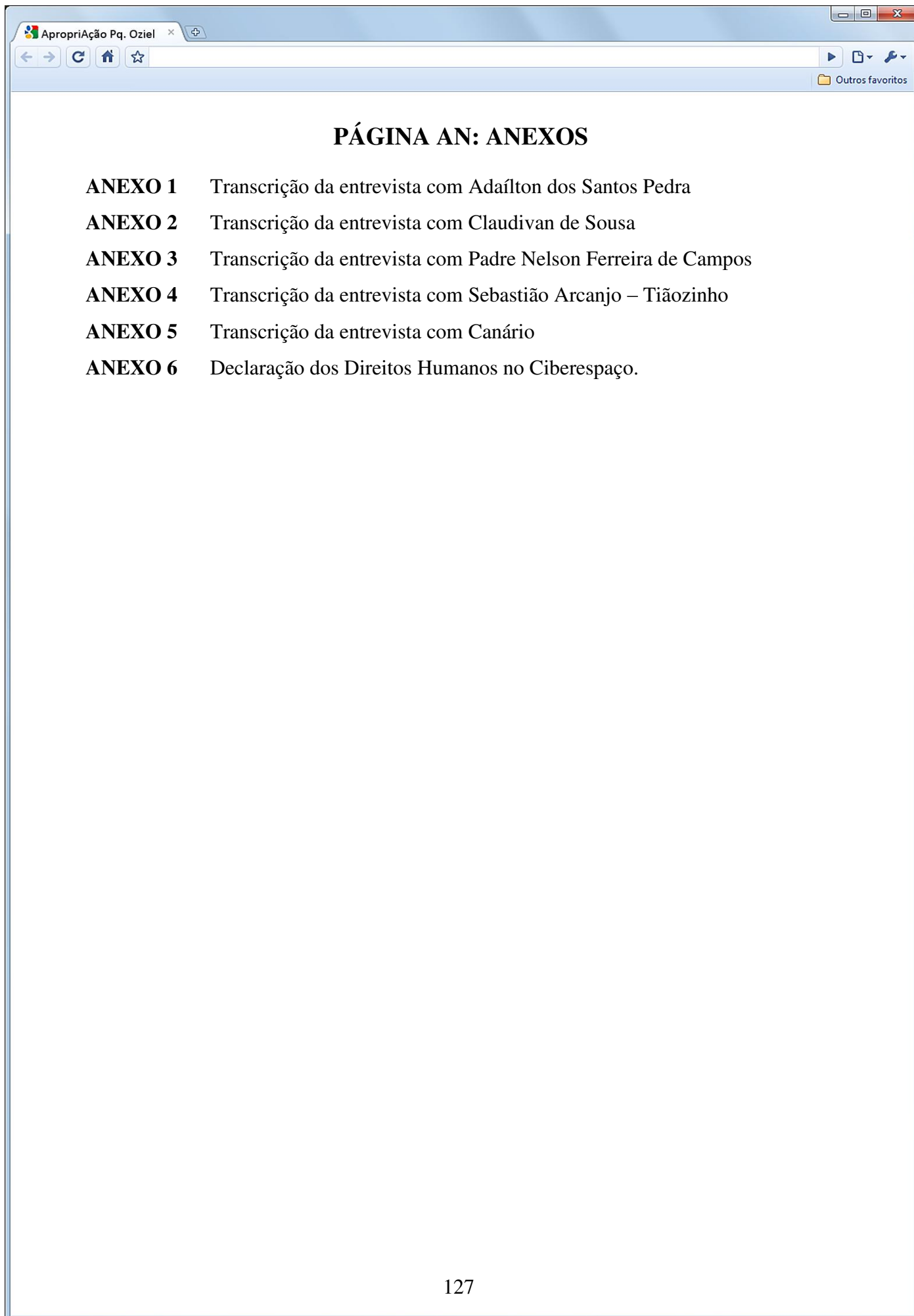
Página OZ: Oziel hoje

Página L: Lições aprendidas

Página B: Bibliografia/Referências

Página IN: Inventário

Página AN: Anexos



PÁGINA AN: ANEXOS

- ANEXO 1** Transcrição da entrevista com Adaílton dos Santos Pedra
- ANEXO 2** Transcrição da entrevista com Claudivan de Sousa
- ANEXO 3** Transcrição da entrevista com Padre Nelson Ferreira de Campos
- ANEXO 4** Transcrição da entrevista com Sebastião Arcanjo – Tiãozinho
- ANEXO 5** Transcrição da entrevista com Canário
- ANEXO 6** Declaração dos Direitos Humanos no Ciberespaço.

ANEXO 1 – Transcrição com Adaílton

JP - E, agora, nós vamos conversar com o Sr. Adaílton. Ele que é um dos nossos personagens principais desta história que a gente está contando do Oziel, da ocupação do Oziel, inclusive da ocupação do ciberespaço.

Estamos num domingo de tarde. E, um pôr-do-sol maravilhoso ali na Rodovia Santos Dumont. Podemos ver o Sr. Canário, ele vai dar uma vistória no campo que ele está reformando.

Existe uma estrutura que é um exemplo das escolas de lata que tinha aqui. Antes de se conquistar a escola de alvenaria, onde hoje funciona a Escola Municipal Oziel Alves Pereira, foi conquistada através de uma luta, uma passeata que foi feita até São Paulo. E hoje tem quatro períodos de aula.

Adaílton, qual é o seu nome completo?

Adaílton: Adaílton Santos Pedra.

Como você chegou aqui no Oziel?

Como você veio parar aqui?

Adaílton: Como a maioria dos moradores daqui: devido à necessidade de moradia. Só que no meu caso quem veio prá cá foi a minha mãe com meus irmãos menores. Eu trabalhava na época, não morava junto mais,... eh... eu sempre vinha aqui no caso, ajudar a cuidar dos meus irmãos. Ajudava nas coisas, no final do dia, no final de semana, aí depois ela veio a falecer, e os meus irmãos eram menores de idade e acabei vindo morar aqui para tomar conta deles.

Ah, entendi.

Adaílton: Três, no caso, né?

E como você foi envolvido no PAF? Conta como você chegou até o PAF?

Adaílton: Mesmo antes de vir morar aqui, sempre que tinha assembléia de morador, eu procurava participar.

Legal!

Adaílton: Eu tinha um horário, que era aos finais de semana... a maioria das assembléias era no final de semana, domingo ou sábado. Então domingo à tarde eu não estava trabalhando, pois era dia de folga, então eu sempre participava, boa parte delas, e algumas caminhadas eu também participei. Durante a semana ficava mais difícil por causa do trabalho, mas vez ou outra eu participava também. Quando eu vim morar aqui, algumas pessoas já me conheciam, de vista, mas me conheciam. Quando o Canário, na época, começou a trabalhar um pouco mais e organizar a documentação foi quando ficou mais organizada e a negociação estava mais adiantada, não existia mais a pressão para tirar a gente daqui, tava mais a pressão para negociar, para resolver.

Então, aí começou a agilizar, a organizar mais a associação. Aí o Canário colocou lá um microcomputador para tentar agilizar alguma coisa da documentação, e a organização. Aí ele não sabia mexer bem, né? Não tinha ninguém que mexesse, Ele precisava de alguém que sabia mexer. Então, o pessoal de casa que já o conhecia, que estava mais em contato com ele, sabia que eu já tinha feito o curso, sabia que eu mexia um pouquinho, né? E passou pra ele, e ele me pediu pra ajudar.

Algumas vezes eu fui pra ajudar na associação, a organizar o computador, ligar, ver documento, coisa e tal...

Quando começou a organizar o projeto o PAF, no sentido de colocar informática e aula de reforço eu fui chamado, pois já estava acompanhando, aí eu fui chamado prá fazer um trabalho de professor.

Que ano foi isso mais ou menos, você lembra?

Adailton: Estamos em 2009? Foi entre 2001, 2002 por aí... Prá começar lá mesmo, no projeto, direto como professor lá, do jeito que o pessoal me chama, foi de 2004 para 2005.

Entendi...

Adailton: Fui já, foi no caso permanente, lá, que antes eu ia na associação apenas pra prestar uma ajuda lá, voluntária, só de vez em quando.

Então, você já começou como professor de informática, ou não?

Adaílton: É...

Quando eu fui para o projeto já era com o objetivo de dar aula de informática e monitorar a área de informática lá.

Ótimo! E como foi a evolução deste trabalho, você começou ensinando os garotos, depois... sempre trabalhou com os garotos ou também com os adultos? Como é que foi?

Adailton: Projeto já tinha: sempre teve a escolinha de futebol, e é como escolinha de futebol que era conhecida. Aí quando organizou o PAF, Projeto Aprendendo para o Futuro, o que aconteceu? Foi que colocou o local, né? O móvel lá, que seria o salão, a sala e a cozinha comunitária, prá organizar o projeto, não só o futebol, mas também com aula de reforço, com aula de dança, outras atividades que não somente o esporte com as aulas de futebol. Geralmente fala esporte e acaba caindo somente futebol, mas era esporte em geral, e aí a informática acabou entrando como uma parte do projeto de... de... educacional, né? De aprendizado.

Ótimo!

Adailton: Aí quando comecei lá no projeto, já agilizando mesmo, o projeto era o quê? Eu auxiliar na informática, manter os computadores lá, dar aula para as crianças e adolescentes, tinham alguns grupos de aula, só que os grupos seriam avulsos, e como era para os adultos também , boa parte durante a noite, fora dos horários das crianças, seria para dar aula para os adultos, só que era uma forma de aula

paga, mas como um valor de... de contribuição não seria um valor de mensalidade normal, seria mais na forma de ajuda para manter o projeto.

E hoje, como você está no PAF, você tem uma função lá hoje? Tem alguma continuidade, você faz alguma coisa? Como que é?

Adaílton: Bom, nesse curso agora é o seguinte: o projeto foi desenvolvido. Começou só com as crianças, passou para as crianças para durante o dia do projeto, e passou para os adultos, que não era só do projeto à noite aos finais de semana. Depois das 18 horas, era como se fosse uma escola de informática, né? Dentro da limitação minha e dos alunos aqui. Aí veio o projeto do... com os estudantes alemães...

Isso...

Adaílton: Ajudei lá com o pessoal, veio o projeto do Instituto Vygotski de São Paulo com informática utilizando a rede né? Como comunicação entre grupos de escola, ã...

Janelas para o mundo...

Adaílton: O Janelas para o mundo, do Instituto Vygotsky, né? Veio também , teve a participação da professora Fátima que é portuguesa, que veio auxiliar, veio trazendo aí um parâmetro de trabalho diferente, educacional, tentando trazer assim, um pouquinho de lá. Veio trazendo para o projeto a contribuição dela para uma forma nova de ensinar, né? Aconteceu bastante coisa no projeto, isso já no período que eu acompanhei,

Nos últimos tempos aí, do ano passado pra cá, a gente teve um pleito, e foi o que aconteceu. E eu to colocando por isso, que aí é para nós termos uma representatividade do bairro em relação à continuação da luta do pela moradia. Teve uma luta aí pelo nosso representante na área oficial política.

Não só como representante de associação, mas como representante eleito na cidade. Então houve esse pleito aí que nós lutamos. E devido a isso e algumas outras dificuldades, referentes às mudanças, o projeto ficou um pouco mais parado,

Não que a gente deixou de lado, não quis fazer nada...

O projeto não morreu, é que agora são outros projetos, com outras prioridades.

Adaílton: Exatamente, tem outras prioridades, até pra conseguir dar andamento, porque embora com toda ajuda, como a sua ajuda Zé Paaulo, que contribui bastante, tem contribuído bastante, a diretora Corinta, que ajudou bastante também, a Rúbia, que é conhecida aqui, a professora Maria Benites, e outras pessoas aqui, que talvez eu nem lembre o nome, não conheço o nome, mas a principal atividade tem que ser da gente, porque a gente que mora aqui, a gente que usufrui...

É isso aí... é isso aí...

Adaílton: Então, algumas dificuldades a gente vai poder superar. Precisava deste pleito que é manter a representatividade nossa. Nisso aí, o que acontece? As pessoas que participavam lá como é o meu caso, como voluntário, voluntariado não é assalariado, e não é...

E tem que fazer nas suas horas vagas, não tem jeito...

Adaílton: Não é no caso um vínculo empregatício, claro, voluntariado a gente procurava, tem que se manter. Então alguma coisa a gente faz para poder, por exemplo, quando eu dava aula à noite para os adultos, uma parte era retornada para o projeto que era, muitas das vezes o lanche que tinha toda semana antes de ter o projeto do “segundo tempo”, pãozinho de manhã e de tarde tinha suco, com alguma coisa sempre tinha, a outra parte era uma forma de financiamento do professor, que no caso era a minha pessoa, né?

Está certo.

Adaílton: Mas isso aí era uma porcentagem pequena, era uma forma de manter o projeto e também de me manter, que eu estava durante o dia todo, de manhã e à tarde com as crianças e à noite com os adultos, tinha que ter uma forma.

Você estava se dedicando lá...

Me fala uma coisa, como é que foi sua relação com os estrangeiros? Entenda bem “estrangeiros” não são só os alemães não, tudo mundo que vem...

Adaílton: Estrangeiros do bairro

Muito bem, estrangeiros do bairro, como é/era sua relação? Você se dava bem com esse pessoal? Como que foi?

Adaílton: Da época que eu comecei, a contribuir lá, minha participação no projeto e na associação, eu sempre tive assim um acompanhamento, ou eu estava próximo ajudando, ou eu estava de fora ajudando para que as pessoas que estavam diretamente com as pessoas que estavam aqui pudessem ter uma liberdade para trabalhar, de que forma? Teve um período que vieram alguns estudantes aqui que foi da área de reportagem. Eu cheguei a conhecê-los, mas na época eu não pude acompanhar, pois já ajudava na associação com algumas coisas de computador, era eu que fazia, ajudava lá e então os problemas que tinham lá, eram resolvidos, né? E apareceram outras pessoas, como o Thomas 1, né?

Isso, Thomas 1!

Adaílton: Já na época, que foi o Thomas 2, por que era o outro Thomas, o segundo que veio da Alemanha para o Brasil. Eu já estava mais ligado ao projeto, então o que aconteceu? Como estava mais dedicado ao projeto, eu era fixo e os via quando eles iam lá no Oziel, mas o trabalho deles era externo, externo não, imóvel. Então o meu acompanhamento com eles era quando chegavam lá, chegavam e saíam. Não acompanhei no dia a dia praticamente.

O terceiro grupo de alemães, terceiro ou quarto grupo que veio, já foi mais fixo. Esse eu trabalhei mais ligado com eles. Teve um pessoal, algumas faculdades que vieram fazer pesquisa aqui, alunos da faculdade aqui de Campinas, UNIP, teve uma de Valinhos, se não me engano, esses daí eu já acompanhei um pouquinho pelo bairro, acompanhando, vendo endereço, vendo aonde eles queriam ir, então, eu tive uma participação gradativa.

Ok, então porque você ajudou essas pessoas. Porque te pediam ou porque você achava importante. Por que você ajudava essas pessoas?

Adailton: A maioria destes que vieram aqui, são, foram, estudantes, ou professores ou alguma pessoa interessada em alguma atividade, algum assunto, algum projeto que de alguma forma beneficiaria o bairro. Beneficiando o bairro e os beneficiando também porque eles vêm estudando, complementando o currículo escolar deles, e ao mesmo tempo trazendo benefícios para o bairro, que é um reconhecimento, uma orientação.

Uma visibilidade talvez.

Adailton: Uma visibilidade, que nosso bairro está tendo muito lá fora, por causa dessas pessoas que tiveram aqui, então o principal objetivo meu era saber que estava contribuindo para o bairro que eu moro, independente de eu estar na associação ou no projeto, eu podia, eu estava acompanhando, eu estava perto, eu podia contribuir e as pessoas estavam vindo aqui com um bom objetivo. Claro, se fosse alguma pessoa que viesse com um objetivo de não fazer o bem, de scandalizar o bairro, de difamar o bairro que pudesse ser percebida, nenhuma pessoa que veio assim com alguma coisa ruim, que já aconteceu, dessa gente eu procurei ficar afastado. Mas as que vieram e que eu pude acompanhar a maioria foi com o objetivo de trazer reconhecimento, tirar a discriminação do bairro, fazer o bairro ter um pouco mais de estrutura.

Quem é o Adailton hoje na comunidade do Oziel? Como você se enxerga aqui na comunidade? Você se vê como um membro da comunidade?

Adailton: Eu pessoalmente me vejo como morador do bairro. Eu me vejo como morador, como as outras centenas de moradores que existem aqui. Agora, na convivência, no dia a dia, tem várias visões dos moradores para comigo, porque muitos me conhecem, porque são pais das crianças que participavam do projeto sejam porque são moradores que foram visitados, pelos estudantes da Universidade da Alemanha, da universidade da UNIP, da UNICAMP ou de Valinhos, sejam pessoas que são da escola do bairro daqui e que me conhecem, que eu cheguei a ir algumas vezes até a escola conversar com a diretora. Inclusive alguma coisa de informática, alguma ajuda que ela precisou, umas duas ou três vezes lá. Outra diretora também me chamou para dar uma força. Eu ajudei em alguma coisa que pude, então eu tenho esse reconhecimento por parte das pessoas, dos moradores. Muitos me conhecem porque eu ajudei na associação, eu ajudei o presidente do bairro Canário, porque eu fui professor no projeto PAF, porque eu ajudei na escolinha de futebol, com os grupos porque era de informática, mas não era só de informática, tinha que ajudar no campo, tinha que ajudar... surgiu esse projeto “segundo tempo”. Eu tinha que ir para o campo com um grupo que era aqui de uma área do bairro chamada Gleba, que era pra expandir mais o projeto, pois aumentou bastante a quantidade de crianças, então eu tenho essa visão assim deles para comigo, eu tenho a visão de morador que procura

contribuir com o bairro que eu moro. Eu acredito que se a gente não fizer o mínimo que a gente pode, aquele mínimo pode fazer falta.

E o mínimo que a gente faz de melhor, procurando ajudar, pode não resolver tudo, mas ajuda a resolver.

Maravilha! Me fala uma coisa, o que você espera para a comunidade agora, para o futuro? Para agora, o futuro de curto prazo, para médio prazo, e para longo prazo? O que você espera?

O que a comunidade está precisando agora? O que acha que vocês precisam?

Adaílton: Nosso objetivo principal a meu ver... Outras pessoas vão dar opinião diferente, inclusive por eu estar acompanhando a associação de moradores, talvez as pessoas achem que deveria ter outra visão, mas minha visão pessoal é que a parte da regulamentação do bairro pudesse ser um pouquinho mais acelerada, talvez se fosse mais acelerada alguma pessoa saísse prejudicada, né? Algumas pessoas mais fracas, tem esse porém...

Sei, sei...

Adaílton: Mas algumas coisas poderiam ser mais aceleradas, porque alguns moradores que têm menos condição acabam sendo prejudicados, na verdade, porque não entendem o que está acontecendo. Nem todos conseguem acompanhar direito as negociações, as assembléias. Faz-se assembléia hoje, para daqui a um mês acontecer alguma coisa, só que essa coisa depende de prefeitura, de COHAB e outros órgãos públicos que às vezes tem um cronograma, mas o cronograma aumenta o tempo, e às vezes as pessoas se perdem e acham que não está sendo feito nada, acham que não é realidade, que é promessa que não vai ser cumprida, mas está em andamento, está em andamento e graças a Deus bem adiantado. A primeira coisa seria isso.

Mas para o futuro, eu gostaria que a comunidade continuasse forte, unida, no sentido dos moradores terem consciência que o bairro aqui, existe por causa da luta dos moradores, que mesmo aqueles que são novos, saibam que o bairro aqui, representa uma comunidade de campinas como um povo que luta unido, para poder alcançar seus objetivos de necessidades básicas, que é a moradia, saúde e a educação e disso aí vem o trabalho e a alimentação.

É isso aí. Agora, o que você acha, até continuando isso que você estava falando, da história da ocupação, da conquista da escola, do PAF, o que você achou da história em si? Você tem orgulho disso? Como que é?

Adaílton: Eu acredito o seguinte...

É mais ou menos na linha do que você acabou de falar, né? É uma história de conquista

Adaílton: É um grande feito, é um grande feito de um povo que é o nosso povo brasileiro. Essa luta aqui representa o povo brasileiro, o nosso povo é assim, aqui no bairro tem um povo de São Paulo, tem gente de Campinas mesmo, tem gente da Bahia, tem gente de Pernambuco, tem gente do Maranhão, gente que digo, pessoas nascidas em outros locais, né? Tem pessoas que não são aqui da cidade de

Campinas, tem pessoas do Rio Grande do Sul, Paraná, de Rondônia, hã..., então aqui o bairro representa um pouquinho de cada região, representa um pedaço do Brasil, porque tem pessoas de todas as regiões do Brasil, e com as lutas de cada região, com as dificuldades de cada região, representa o povo que nós somos, o povo brasileiro, que luta, que vai atrás e que não desanima fácil. Uma coisa fora isso, representa também o seguinte, que a luta que foi feita aqui, sangue que foi derramado, eu digo sangue que foi derramado por causa da luta da moradia, não por, de repente, tragédia, mas o sangue que foi derramado por causa da moradia, oficialmente pode não ser descoberto. Tenho dúvida... será que não foi para poder desanimar o povo? Será que não foi alguém que mandou executar algumas pessoas para parar com a ocupação? Tenho essa dúvida na consciência. Será que esse sangue, essa luta das pessoas que morreram aqui lutando por este lugar, pessoas que deram sua vida, perderam trabalho, perderam família, separaram, coisa e tal ou que quando saíram daqui tiveram que lutar com bastante dificuldade para reconstruir a vida. Hoje a gente está aqui para a negociação das terras em andamento, a gente já com o carnezinho da negociação, estrutura e asfalto, esgoto, a água, a luz já padronizada é uma luta que trouxe um benefício, um fruto, do resultado de sua luta, teve um fruto e um fruto digno, digno de um ser humano pra lutar pelo que ele precisa para sobreviver, não coisa extravagante, não coisa de luxo, mas coisa básica, moradia, um lugar para ele morar, né? O que graças a Deus e graças a todas as pessoas que lutaram aqui, nós hoje estamos vendo resultado.

Adailton, eu queria te perguntar, hã, se você conheceu o Zé Paraíba, se você sabe da história dele. Qual foi a importância dele para o bairro, conta prá gente um pouco.

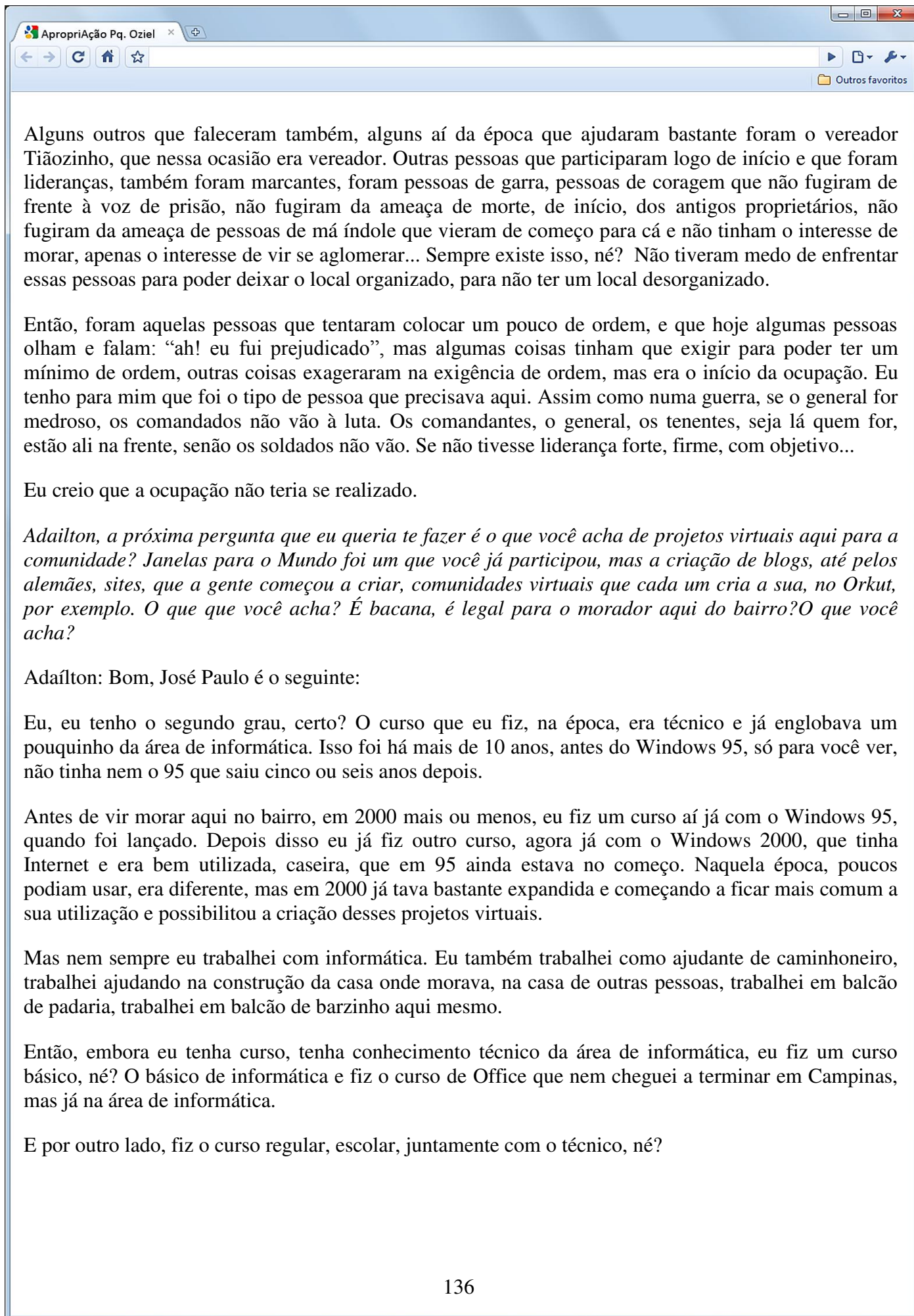
Adailton: Eu cheguei a conhecer sim. Como eu falei, quando começou aqui eu não vim logo morar. Quem veio morar aqui foi minha família, minha mãe, meus irmãos, e depois com o falecimento dela é que eu vim morar fixo aqui. Na verdade, quando ela veio foi um pouco depois do começo, pois com quatro ou cinco meses, mais ou menos, que ela veio morar aqui. Então, pegou todo o começo ainda. Na época, o Paraíba estava aqui. Essa rua que a gente vê aqui agora, que testamos vendo agora ao fundo, atrás de mim, não existia era só mato. A maioria das casas que estamos vendo aqui, essa igreja, a igreja aqui na frente, que está aqui na esquina não existia, era mato. Depois foram construindo um barraquinho aqui, outro ali, depois de algum tempo, mas era tudo mato. Não tinha essa estrada, não tinha, era só mato e caminhozinho dentro do mato, hoje tem estrada, tem rua, tem casa construída e na época, também isso aqui era tudo matagal,... Agora está cimentadinho, bonitinho, mas era só mato isso aqui.

Então, na época ele estava por aqui, eu conheci sim, bastante.

Ele, para época dele... embora ele tivesse as falhas dele, não sou eu que vou falar aqui e agora, ele, como liderança pessoalmente, teve alguma falha que provavelmente prejudicou a ele. Mas falha faz parte do ser humano, infelizmente e felizmente, né?

Mas, para a época dele, ele representou bastante o bairro, eu acredito que era o tipo de pessoa que precisava aqui naquela época, para poder estar liderando a ocupação, estar liderando o povo.

Se não houvesse pessoa com garra, como ele e outros, que estavam na época com ele, nós não teríamos conseguido. Porque ele representava para o bairro, mas não tinha só ele, existiam outras pessoas, organizando em outros locais e dando apoio a ele, como o padre Nelson que não está mais aqui... Hã...



Alguns outros que faleceram também, alguns aí da época que ajudaram bastante foram o vereador Tiãozinho, que nessa ocasião era vereador. Outras pessoas que participaram logo de início e que foram lideranças, também foram marcantes, foram pessoas de garra, pessoas de coragem que não fugiram de frente à voz de prisão, não fugiram da ameaça de morte, de início, dos antigos proprietários, não fugiram da ameaça de pessoas de má índole que vieram de começo para cá e não tinham o interesse de morar, apenas o interesse de vir se aglomerar... Sempre existe isso, né? Não tiveram medo de enfrentar essas pessoas para poder deixar o local organizado, para não ter um local desorganizado.

Então, foram aquelas pessoas que tentaram colocar um pouco de ordem, e que hoje algumas pessoas olham e falam: “ah! eu fui prejudicado”, mas algumas coisas tinham que exigir para poder ter um mínimo de ordem, outras coisas exageraram na exigência de ordem, mas era o início da ocupação. Eu tenho para mim que foi o tipo de pessoa que precisava aqui. Assim como numa guerra, se o general for medroso, os comandados não vão à luta. Os comandantes, o general, os tenentes, seja lá quem for, estão ali na frente, senão os soldados não vão. Se não tivesse liderança forte, firme, com objetivo...

Eu creio que a ocupação não teria se realizado.

Adailton, a próxima pergunta que eu queria te fazer é o que você acha de projetos virtuais aqui para a comunidade? Janelas para o Mundo foi um que você já participou, mas a criação de blogs, até pelos alemães, sites, que a gente começou a criar, comunidades virtuais que cada um cria a sua, no Orkut, por exemplo. O que que você acha? É bacana, é legal para o morador aqui do bairro? O que você acha?

Adailton: Bom, José Paulo é o seguinte:

Eu, eu tenho o segundo grau, certo? O curso que eu fiz, na época, era técnico e já englobava um pouquinho da área de informática. Isso foi há mais de 10 anos, antes do Windows 95, só para você ver, não tinha nem o 95 que saiu cinco ou seis anos depois.

Antes de vir morar aqui no bairro, em 2000 mais ou menos, eu fiz um curso aí já com o Windows 95, quando foi lançado. Depois disso eu já fiz outro curso, agora já com o Windows 2000, que tinha Internet e era bem utilizada, caseira, que em 95 ainda estava no começo. Naquela época, poucos podiam usar, era diferente, mas em 2000 já tava bastante expandida e começando a ficar mais comum a sua utilização e possibilitou a criação desses projetos virtuais.

Mas nem sempre eu trabalhei com informática. Eu também trabalhei como ajudante de caminhoneiro, trabalhei ajudando na construção da casa onde morava, na casa de outras pessoas, trabalhei em balcão de padaria, trabalhei em balcão de barzinho aqui mesmo.

Então, embora eu tenha curso, tenha conhecimento técnico da área de informática, eu fiz um curso básico, né? O básico de informática e fiz o curso de Office que nem cheguei a terminar em Campinas, mas já na área de informática.

E por outro lado, fiz o curso regular, escolar, juntamente com o técnico, né?

E, no dia-a-dia, trabalhei no balcão, na construção, mas não sou servente por que não me profissionalizei na área. Não sou servente e nem mestre de obras, nisso eu não trabalhei sempre, mas por algum tempo.

Eu sei uma coisa, a informática faz parte hoje do dia-a-dia do ser humano...

Sim. Sem dúvida.

Adaílton: faz parte, é essencial, mas não é única. Faz parte assim como faz parte o estudo, assim como faz parte a pesquisa científica, assim como faz parte a pesquisa agrônômica, né? A pesquisa do cultivo da terra, assim como faz parte a pecuária, que é o cultivo dos animais, para alimentação do ser humano. Então são coisas que conforme o ser humano vai desenvolvendo ele aprende a trabalhar, aprende a exercer, e precisa manter para poder ter uma qualidade de vida, e até mesmo para poder sobreviver.

Eu acredito que quando o homem não sabia criar animais ele caçava somente. Quando ele aprendeu a criar, ele tinha que criar, ensinar a criar e cuidar pra criar, pois já não sabia mais caçar como antigamente. E aí? Como é que ele iria viver?

Hoje eu digo a mesma coisa, quando o ser humano, a sociedade não tinha informática, de uma forma expandida, a maioria do povo vivia sem computador, sem ter dependência do computador no dia-a-dia. Com a evolução da informática, da tecnologia da informação e a mudança da estrutura da informação, muda também a necessidade do ser humano na sociedade, e hoje ele precisa muito da tecnologia. Ele precisa da tecnologia assim como continua precisando da pecuária, da agricultura, da indústria farmacêutica, da indústria da construção civil, por que faz parte de nosso dia-a-dia.

Então, o que acontece? A gente sabe que no nosso país a educação é muito defasada, é muito precária, e a informática, ou a informatização, faz parte hoje da educação, do ensino, ou pelo menos teria que fazer parte. Deveria estar sendo incluída aos poucos, mas já faz parte do dia-a-dia do ser humano e deveria ser assim com as escolas. Não importa se ele vive numa cidadezinha lá do interior, numa fazenda ou numa roça, hoje ele já tem programa específico pra cuidar lá da pecuária, já tem depósito específico pra cuidar do depósito da colheita, da comercialização da colheita. E é uma forma de que? De acelerar, de melhorar, de dar mais qualidade.

O objetivo tem que ser para dar mais qualidade de vida para o ser humano, não para tirar o trabalho do homem do campo, nem do homem do comércio, nem tirar o homem do campo, não. O objetivo é pra melhorar a qualidade do ser humano.

Então, como pode a gente aqui em Campinas, num bairro como o Oziel, ficar de fora disso? Campinas é um pólo, pólo industrial, é um pólo têxtil, é um pólo da informática, da tecnologia. Temos o CPqD que fez o cartãozinho que substitui a ficha do orelhão, do telefone público, foi feito aqui. Como a gente pode estar num pólo industrial tão grande, que São Paulo já é e que Campinas também é, e de repente estar aqui excluído?

Então, o projeto de informática, de rede, de inclusão social, no bairro é importantíssimo, é interessante, cai muito bem. Embora, a população talvez estranhe. Fala assim: “o que eu preciso é de um prato de comida, de um trabalho para poder colocar um prato de comida!”. Só que pra ter qualidade, aquela

comida que ele está consumindo já vem trabalhada com máquina com controle informatizado, já vem controlado com qualidade e pesquisa científica ali. Estudam até o grão para ver se está contaminado, ou não, de uma forma computadorizada. Não é um estudo único, mas já essencial, já faz parte do dia-a-dia. E assim como a construção civil, assim como na indústria farmacêutica e outras áreas, né? Hoje se a criança não tiver uma quantidade de vacina, três meses, seis meses, um ano, ela está arriscada a ter uma doença que hoje o ser humano conhece e é suscetível. Então quando nasce uma criança, o que acontece? Tem acompanhamento médico, tem todas aquelas vacinas para tomar. Antigamente não tinha isso. Com a informática a mesma coisa, antigamente ela não existia, mas hoje, tem o computador, seja para banco, seja para pesquisar, para estudar, seja para ver o mapa ou para se comunicar via e-mail, por aí afora.

Eu acredito que é necessário não somente no bairro, mas em todos os bairros que são da periferia, que seja ocupação como o nosso bairro, que ainda é ocupação em vias de regularização ou para as cidadezinhas pequenas. Não só em São Paulo ou em Campinas. Campinas hoje é uma metrópole, mas tem cidade no interior de São Paulo que talvez não conheça a tecnologia que nós conhecemos.

Tem cidade no interior da Bahia, no interior de Pernambuco, no interior de Mato Grosso – eu nunca morei lá – mas, eu sei que tem cidades no interior que a pessoal normalmente conhece o orelhão, telefone, não conhece celular, não conhece!

E eu acredito que esta expansão tem que chegar a estes lugares. Eu acredito isso. Por quê? Por que faz parte do dia-a-dia do ser humano na sociedade de hoje. Faz parte. Não é uma coisa que se não tiver ele morre, aí já é exagerar. Mas, é uma coisa que se ele não tiver, a qualidade de vida dele, no convívio com a sociedade que ele faz parte, fica prejudicada.

Muito bem!

Adailton dando continuidade à nossa entrevista, ao nosso papo, na verdade, hã... o que você acha que é ciberespaço para vc? Qual é a sua idéia sobre ciberespaço?

Adailton: Bom, pelo meu conhecimento técnico, que eu posso falar, já que conhecimento é uma coisa pessoal, né? É coisa que cada pessoa adquire e depois tem que repartir para que aquele conhecimento seja um conselho, não é?

E aí? Do seu conhecimento pessoal então, o que é ciberespaço?

Adailton: O que eu conheço, o que eu entendo sobre o ciberespaço é que assim como o espaço físico que a gente tem, um terreno referente à construção de uma casa, um terreno que seja de estacionamento, uma sala, um quarto, uma cozinha, um pátio industrial, um pátio de uma escola, o ciberespaço é um... um espaço, mas esse espaço não é físico, é um espaço digital, ou seja, é a área de atividade digital, que é a área de troca de ideias, troca de informações, troca de imagens, troca de vídeos, troca de textos, troca de sons. É a área digital. E que a gente ocupa espaço. Porque para a pessoa que não conhece e assiste a um vídeo que está gravado no computador, ele só está vendo o vídeo. Quando desliga o computador, ele acha que não tem mais nada. Mas na verdade, digitalmente está ocupando um espaço físico, e quando está ligado o aparelho, ele está ocupando um espaço digital. Aquele espaço que ele está usando para passar o vídeo, não tem como passar outro vídeo para você ver.

Assim como fisicamente eu estou sentado na cadeira aqui e outra pessoa não pode sentar no mesmo local, porque não cabem duas pessoas, né?

Dois corpos no mesmo local, fisicamente não é possível e teoricamente para o nosso dia-a-dia, também o espaço digital não pode ser ocupado por mais de uma informação para eu trabalhar ao mesmo tempo, ou seja, eu estou trabalhando com um texto, eu estou vendo o texto e podem ter outras informações rodando digitalmente, mas só vou estar vendo o texto. O texto ocupa espaço naquela área digital, o vídeo, ocupa um espaço digital, o som ocupa um espaço também. E esse ciberespaço é onde está o endereço, as home pages, os sites, os e-mails, as bibliotecas digitais. São áreas de trabalho, de pesquisa, de buscar e encontrar informação. O endereço digital é parecido com o endereço físico. Tem uma cidade que tem os endereços, ruas, bairros, cidades, o espaço digital também tem os endereços. São nomes diferentes, não vai ser rua, cidade, né? São endereços de sites, email, etc. É como se fosse uma cidade virtual.

E você acha importante a comunidade se apropriar também desse espaço virtual?

Adaílton: Bom, aí já é uma coisa mais complicada que acaba sendo um pouco mais teórica, né?

Por exemplo, para nós brasileiros foi Santos Dumont quem inventou o avião. Nós sabemos que tem uma briga aí com o estrangeiro, se não me engano, inglês ou americano,

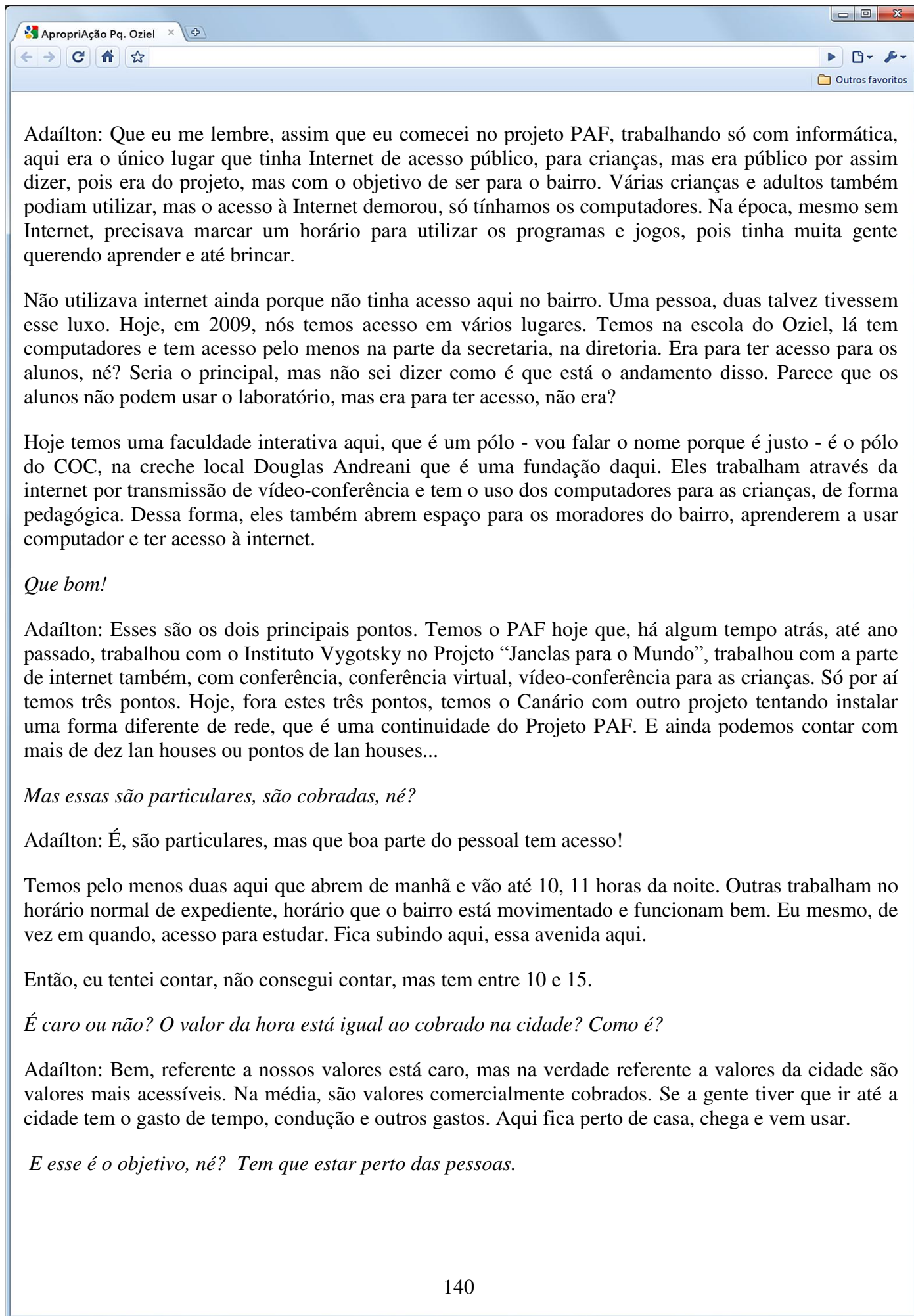
Com os americanos.

Adaílton: Americano, né? Porque para eles foram os irmãos que inventaram o avião, eles conseguiram fazer o avião voar por mais tempo. E nós achamos que a patente é do Santos Dumont. Eu não sei o resultado dessa briga aí, mas eu sei que há uma briga entre os dois. Assim também é no mundo digital, se a gente não ocupar o nosso espaço, digo assim que é nosso porque nós usamos, nós não inventamos, nós utilizamos, mas se agente não usar a gente perde o espaço. A gente fica a mercê dos outros. Assim como esse terreno aqui, essa área aqui foi ocupada pelos moradores de hoje do Oziel. Os antigos, alguns que não estão mais aqui, lutaram para ocupar esse o espaço. Se não almejassem que aqui seria nossa área de moradia e nós iríamos morar aqui, a gente não teria esse espaço de morar, muita gente estaria hoje voltando para o sertão do Nordeste, para o sertão de Pernambuco, Bahia, Ceará, para o Maranhão, para o Mato Grosso, para Brasília, morando de aluguel, morando em casebre, né? Morando na casa de parente e não tendo uma casa para morar. Hoje estaria pagando aluguel e passando fome, para poder pagar o aluguel. Isso porque não ocupou o espaço que tinha, que precisava. O espaço virtual também é a mesma coisa, se a gente não ocupar, se a gente não garantir, se não souber trabalhar, quando chegar uma hora, chegar uma ocasião, que se a gente não transitar, trocar idéias com outras pessoas e ocupar mesmo o espaço virtual, a gente fica por fora e consequentemente fica a mercê dos mais poderosos.

Acho que é mesmo por aí...

Ótimo! Muito bom!

JP: Adailton, hoje, onde é que as pessoas, jovens principalmente, aonde é que eles acessam a Internet? Tem lan house por aqui, tem na escola? Aonde mais?



Adaílton: Que eu me lembre, assim que eu comecei no projeto PAF, trabalhando só com informática, aqui era o único lugar que tinha Internet de acesso público, para crianças, mas era público por assim dizer, pois era do projeto, mas com o objetivo de ser para o bairro. Várias crianças e adultos também podiam utilizar, mas o acesso à Internet demorou, só tínhamos os computadores. Na época, mesmo sem Internet, precisava marcar um horário para utilizar os programas e jogos, pois tinha muita gente querendo aprender e até brincar.

Não utilizava internet ainda porque não tinha acesso aqui no bairro. Uma pessoa, duas talvez tivessem esse luxo. Hoje, em 2009, nós temos acesso em vários lugares. Temos na escola do Oziel, lá tem computadores e tem acesso pelo menos na parte da secretaria, na diretoria. Era para ter acesso para os alunos, né? Seria o principal, mas não sei dizer como é que está o andamento disso. Parece que os alunos não podem usar o laboratório, mas era para ter acesso, não era?

Hoje temos uma faculdade interativa aqui, que é um pólo - vou falar o nome porque é justo - é o pólo do COC, na creche local Douglas Andreani que é uma fundação daqui. Eles trabalham através da internet por transmissão de vídeo-conferência e tem o uso dos computadores para as crianças, de forma pedagógica. Dessa forma, eles também abrem espaço para os moradores do bairro, aprenderem a usar computador e ter acesso à internet.

Que bom!

Adaílton: Esses são os dois principais pontos. Temos o PAF hoje que, há algum tempo atrás, até ano passado, trabalhou com o Instituto Vygotsky no Projeto “Janelas para o Mundo”, trabalhou com a parte de internet também, com conferência, conferência virtual, vídeo-conferência para as crianças. Só por aí temos três pontos. Hoje, fora estes três pontos, temos o Canário com outro projeto tentando instalar uma forma diferente de rede, que é uma continuidade do Projeto PAF. E ainda podemos contar com mais de dez lan houses ou pontos de lan houses...

Mas essas são particulares, são cobradas, né?

Adaílton: É, são particulares, mas que boa parte do pessoal tem acesso!

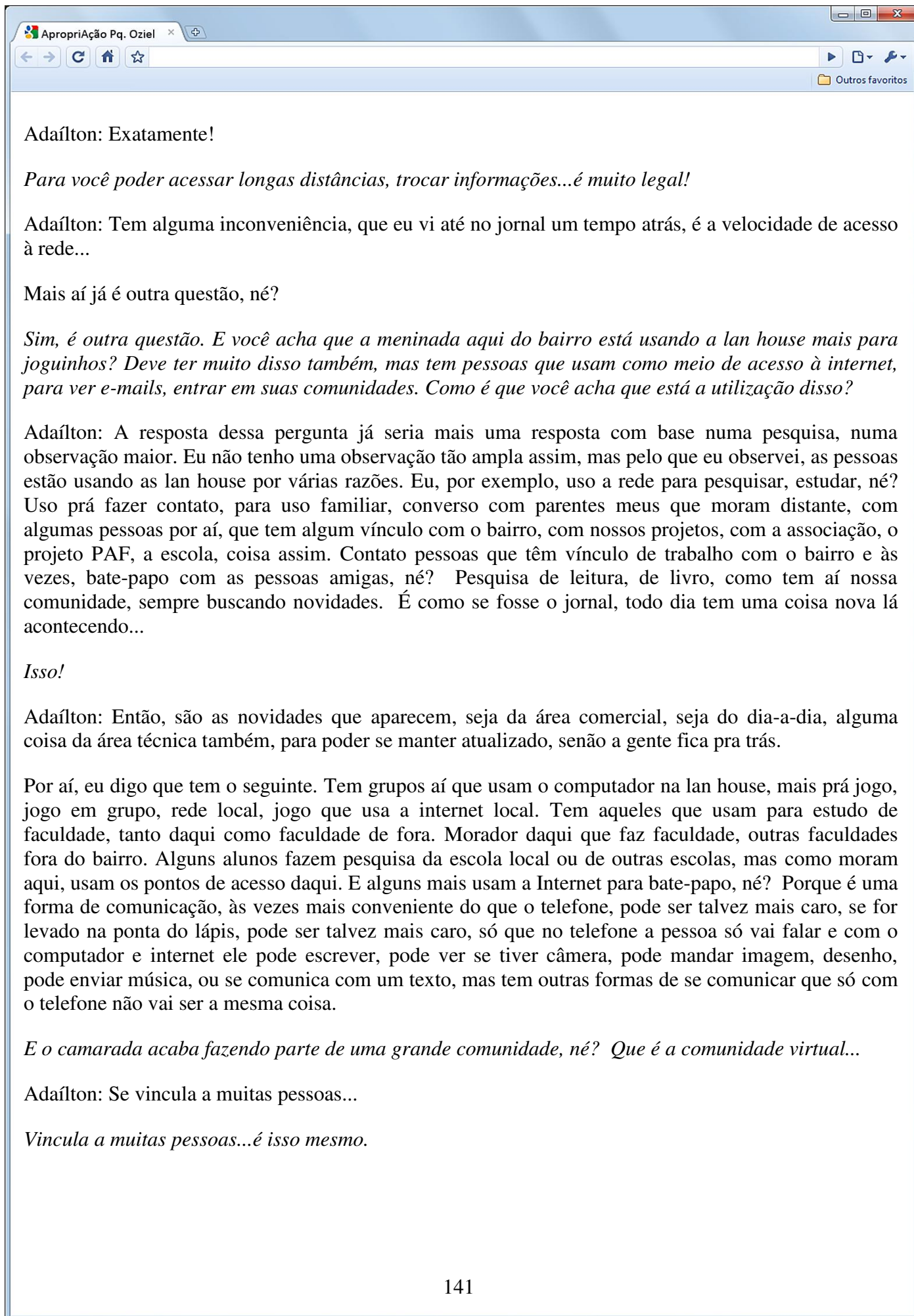
Temos pelo menos duas aqui que abrem de manhã e vão até 10, 11 horas da noite. Outras trabalham no horário normal de expediente, horário que o bairro está movimentado e funcionam bem. Eu mesmo, de vez em quando, acesso para estudar. Fica subindo aqui, essa avenida aqui.

Então, eu tentei contar, não consegui contar, mas tem entre 10 e 15.

É caro ou não? O valor da hora está igual ao cobrado na cidade? Como é?

Adaílton: Bem, referente a nossos valores está caro, mas na verdade referente a valores da cidade são valores mais acessíveis. Na média, são valores comercialmente cobrados. Se a gente tiver que ir até a cidade tem o gasto de tempo, condução e outros gastos. Aqui fica perto de casa, chega e vem usar.

E esse é o objetivo, né? Tem que estar perto das pessoas.



Adaílton: Eu já vi pessoas, abrirem o *Messenger*, seja qual for o provedor, e conversar com pessoas do Rio de Janeiro, pessoas de São Paulo, da Bahia, e por aí fora.

É uma maneira até de o bairro ficar conhecido em outros lugares também. Cria-se um vínculo com essas outras comunidades. Isso é muito bacana.

Adaílton: Numa das comunidades que o bairro usava como mídia na internet, foi colocado o nome Oziel, que é uma forma de conhecer o bairro. Aqui tem pelo menos três comunidades, três antigas e saíram mais duas novas agora, foi o povo aqui que fez. E, pessoas do Rio de Janeiro que não conheciam, eu já entrei lá para olhar, faziam parte da comunidade pessoas que não moravam aqui no bairro. Fazem parte porque moram em outro lugar e falam que têm saudade daqui, né? Isso em um só site, fora outros sites como o dos alemães que fizeram um blog, tentaram fazer um site, eu vi um site novo, eu quando cheguei a ver estava em construção ainda. No ano passado estavam construindo aqui no bairro um site diferente, né? Quer dizer, acaba fazendo além da comunidade local, abre-se um espaço para a comunidade virtual, que ultrapassa os limites da fronteira do bairro, da cidade, e até do estado. A comunidade fica uma comunidade ampla, é claro que nem todos fazem parte, só aqueles que têm acesso, digamos que 50, 60 pessoas. Tem muitas pessoas acessando o blog lá, tem um dos sites daqui, uma das comunidades daqui, em um desses sites que tem quase 200 pessoas.

Puxa vida, está ótimo. Adailton, então a última, só prá gente fechar, a última questão. Agora, com a administração do Canário como vereador municipal, você quer queira, quer não é a figura da área de tecnologia aqui do bairro, que ajuda em todos os projetos, todos os projetos que existem na área de tecnologia, você está envolvido. O que você teria para nos falar sobre as prioridades do bairro, sobre a legalização do bairro? O que você teria para falar com a gente? O que acha que ainda falta em termos de tecnologia? Parece que o Canário tem uma idéia, de também enveredar por essa área aí, a gente sabe que está muito no princípio ainda, não adianta a gente comentar agora, mas você acha que a figura do Canário, agora na vereança, vai trazer algumas melhorias para o bairro, tanto fisicamente como virtualmente também?

Adaílton: É, então antes de tudo, antes de falar outra coisa, queria falar como eu falei no começo, um reconhecimento meu, um depoimento meu no sentido da introdução desta informática no bairro, eu não posso deixar em branco porque com o conhecimento que eu tenho se eu não falar, é de certa forma injusto. Informática está renovando, e as coisas acabam ficando ultrapassadas, se não inovar fica ultrapassada. É muito pior do que a tecnologia do combustível que até hoje se utiliza da fonte de energia do petróleo. É a principal até hoje, embora a gente saiba que existam outras, até mesmo a nuclear. O motor a vapor, a carvão, até chegar ao motor que a gente utiliza hoje, foram avanços grandes, mas as mudanças demoravam muito de uma tecnologia para outra. Algumas demoravam muitos anos.

Mas as mudanças na informática não acontecem em anos, agora são em meses ou até semanas. E essa introdução aqui no bairro que permitiu hoje termos esse avanço. Talvez se você chegar a um bairro mais antigo do que o Oziel aqui de Campinas, não tenha uma lan house, né? Eu não posso afirmar com certeza, mas acredito que bairros muito mais estruturados que a gente ainda não entraram na era da informática. E só foi possível esse início da informática, da utilização do computador, do estudo pelo computador, do seu uso no dia-a-dia através de algumas pessoas-chave aqui. Eu fui uma das pessoas

que lidou diretamente com computadores dentro da comunidade para as crianças e para os adultos que participaram. Mas para poder ter esse acesso, muitas pessoas tiveram influência. Foram as pessoas que trouxeram e que incentivaram o uso da informática aqui. Nesse meio aí está uma pessoa que, como eu falei no começo, me chamou pra ajudar na associação, que foi o Canário. Ele me chamou para aprender a utilizar o computador, no dia-a-dia da secretaria do bairro e da associação, e que é também um dos presidentes, iniciadores do Projeto PAF. Temos aí o nosso amigo do bairro, político Tiãozinho, que na época era vereador, foi deputado e sempre esteve por aqui ajudando, e de alguma forma intermediando os assuntos do bairro. Hoje continua, não como político eleito, mas na política interna pela comunidade, então continua influenciando. O Tiãozinho, ex-deputado estadual e ex-vereador de Campinas. Temos aí também a Maria Benites, o nome todo não me lembro, não consegui gravar, que é argentina, esposa do professor Berndt Fischtnner, que é alemão. Cheguei a conhecer os dois pessoalmente, através do Projeto PAF. Temos aí uma colega da professora Maria Benites, que eu não me lembro o nome, mas é colega da faculdade dela da Alemanha. Temos alguns nomes aqui da associação, Dona Mara, Galdino, o João, o João Oliveira, que eram e são da associação, colaboradores que fizeram parte do projeto PAF e que também ajudam bastante. Quem mais eu posso citar? Temos aqui nosso amigo José Paulo, que procurou nos auxiliar também, na área de informática aí. Tem a professora Rúbia que ajudou no projeto PAF, pode não ter sido diretamente na informática, mas de início também, pois foi a primeira pessoa que veio utilizar a internet e auxiliou na instalação do acesso a internet com discador. A primeira vez foi ela quem auxiliou, tanto é que eu não estava conseguindo instalar, e foi apenas um erro técnico, né? De manutenção do equipamento, e ela veio e num instante lá viu o erro que eu não tinha percebido, para ver como são as coisas, então ajudou. Alguns moradores inclusive também ajudaram, mas fica difícil citar o nome de todos. O que foi que eles fizeram na área de informática qual a contribuição deles? A contribuição foi ajudar a adquirir os equipamentos para o projeto PAF. Eles existem lá até hoje, estão um pouco defasados, mas ainda continuam sendo utilizados. Esses equipamentos foram conquistados pela contribuição financeira desse pessoal ou através deles. Uma colega de trabalho da Maria Benites, professora lá da Alemanha, que nem conhece o Brasil, nem conhece o nosso bairro, mas que contribuiu, tirou do salário dela para contribuir. E a Dona Mara, o que foi que Dona Mara, fez? Contribuiu também, mas do seu jeito, porque nós temos lá o trabalho de bazar, que recebe doações para revender como roupas, utensílios domésticos, móveis, etc. Cobrava R\$1,00 ou R\$2,00 cada objeto só para manter o projeto. E quem que tomava conta disso aí? A Dona Mara, o senhor Galdino e outras pessoas que ajudavam nessa época, outros moradores. Então, essas pessoas contribuíram de que forma? Fizeram de alguma forma com que chegassem recursos financeiros para que fossem adquiridos os computadores, que praticamente iniciaram a área digital no bairro.

Muito bonito isso!

Temos inclusive aí, só para se ter uma idéia, na loja em que foram comprados os computadores para colocar no projeto PAF de início, o dinheiro não deu. O deputado Tiãozinho, na época, completou e pra poder funcionar direito, o dono da loja quando soube que era um projeto social para atividades de crianças, no desenvolvimento social, também deu um bom desconto, contribuiu financeiramente para a aquisição dos equipamentos, e sem eles não teríamos informática. Fica então o reconhecimento dessas pessoas. Pessoas que foram importantes no início da era digital, por assim dizer, no bairro.

ANEXO 2 - Transcrição Claudivan

JP: Estamos na Strike. Net e vamos entrevistar o Claudivan que vai nos dar a sua percepção a respeito da ocupação do ciberespaço. Ele é o proprietário dessa lan house. E nós vamos bater um papo com ele aqui e agora.

Esse cachorrinho na entrada é o Arroba; olha só o nome dele (risos).

O pessoal está em sites de relacionamento.

Quem aqui está fazendo trabalho de escola? (risos)

Todo mundo em sites de relacionamento, nas comunidades virtuais.

Esse aqui é o gerente da loja.

Como você se chama e quantos anos tem?

Mateus: Mateus, 11 anos..

JP: Mateus! Você que é o hacker aqui dos computadores, né? O que você está vendo aí?

Você tá no Orkut também? (risos)

JP: E agora chegou o proprietário da lan-house que vai bater um papo conosco.

Boa tarde, Claudivan.

Claudivan: Boa tarde.

JP: Eu gostaria primeiro de saber qual sua história, como você veio parar aqui no bairro?

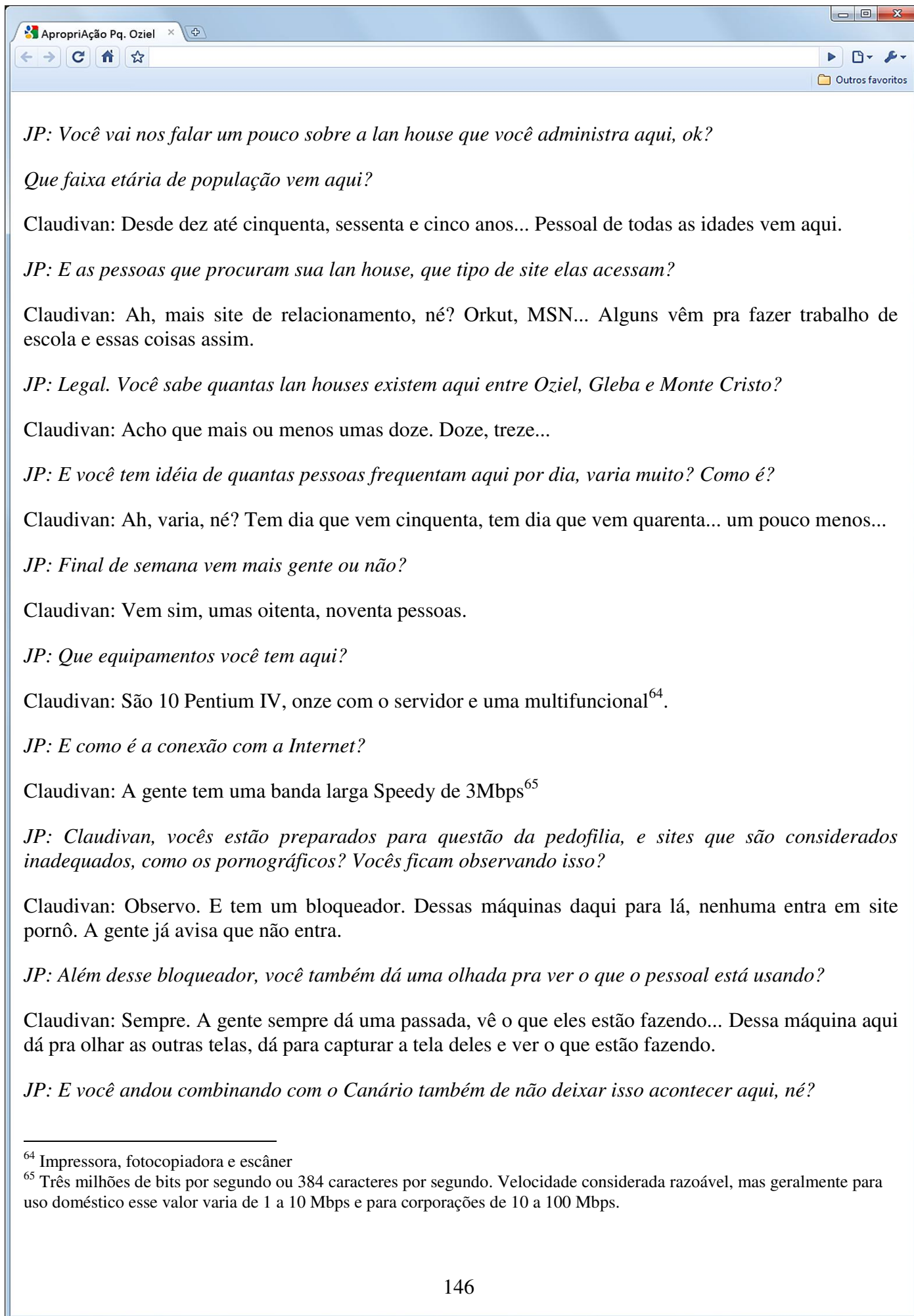
Claudivan: Ah, vim de São Paulo, com treze anos, com a minha mãe. A gente veio morar em Monte Mor, aí quando eu tinha uns 14, a gente descobriu que estavam ocupando aqui e a gente veio pra cá também. Acabamos parando aqui.

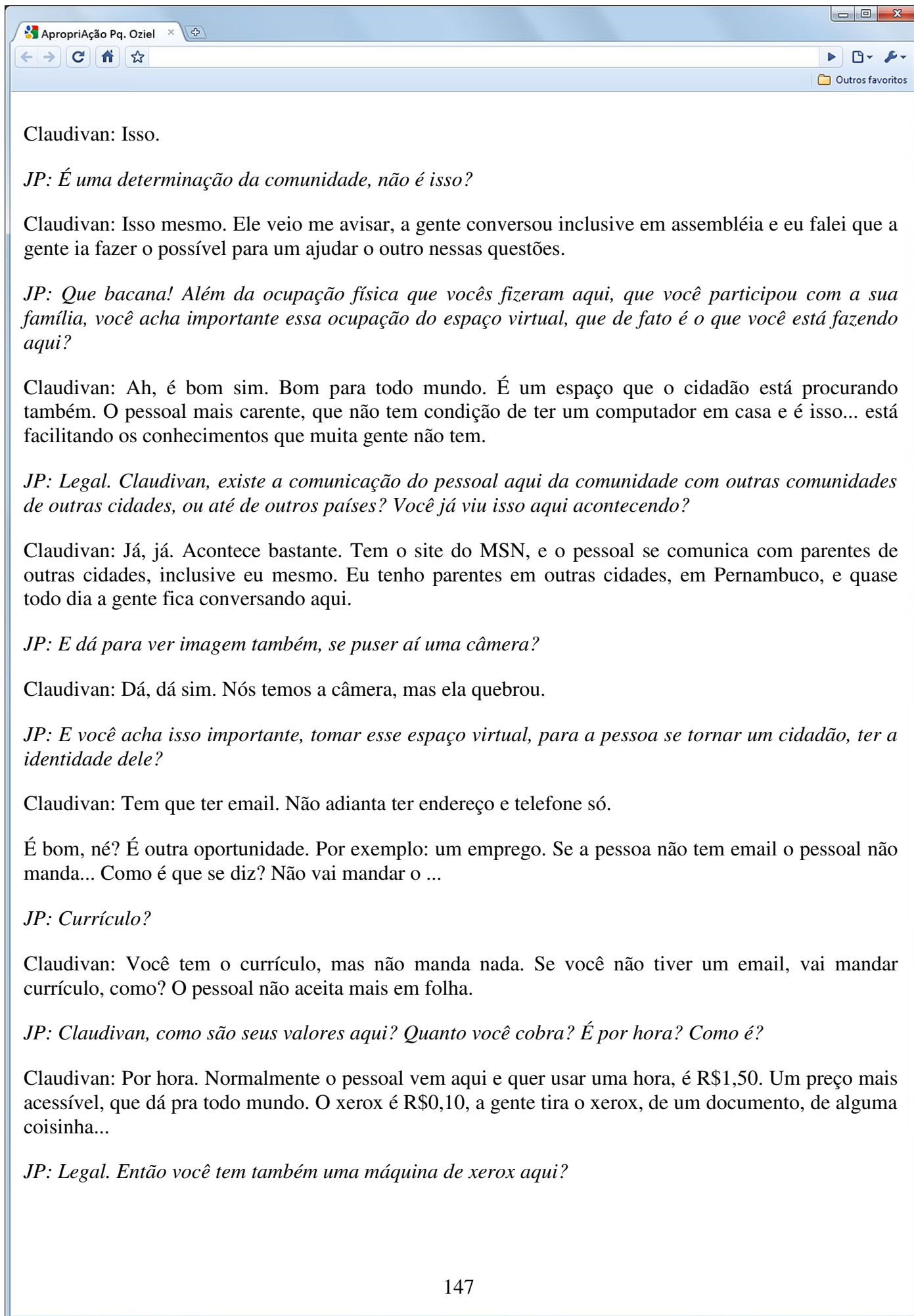
JP: Em que ano foi que você veio para cá?

Claudivan: 1997.

JP: Logo no começo então?

Claudivan: Isso.





Claudivan: Isso.

JP: É uma determinação da comunidade, não é isso?

Claudivan: Isso mesmo. Ele veio me avisar, a gente conversou inclusive em assembléia e eu falei que a gente ia fazer o possível para um ajudar o outro nessas questões.

JP: Que bacana! Além da ocupação física que vocês fizeram aqui, que você participou com a sua família, você acha importante essa ocupação do espaço virtual, que de fato é o que você está fazendo aqui?

Claudivan: Ah, é bom sim. Bom para todo mundo. É um espaço que o cidadão está procurando também. O pessoal mais carente, que não tem condição de ter um computador em casa e é isso... está facilitando os conhecimentos que muita gente não tem.

JP: Legal. Claudivan, existe a comunicação do pessoal aqui da comunidade com outras comunidades de outras cidades, ou até de outros países? Você já viu isso aqui acontecendo?

Claudivan: Já, já. Acontece bastante. Tem o site do MSN, e o pessoal se comunica com parentes de outras cidades, inclusive eu mesmo. Eu tenho parentes em outras cidades, em Pernambuco, e quase todo dia a gente fica conversando aqui.

JP: E dá para ver imagem também, se puser aí uma câmera?

Claudivan: Dá, dá sim. Nós temos a câmera, mas ela quebrou.

JP: E você acha isso importante, tomar esse espaço virtual, para a pessoa se tornar um cidadão, ter a identidade dele?

Claudivan: Tem que ter email. Não adianta ter endereço e telefone só.

É bom, né? É outra oportunidade. Por exemplo: um emprego. Se a pessoa não tem email o pessoal não manda... Como é que se diz? Não vai mandar o ...

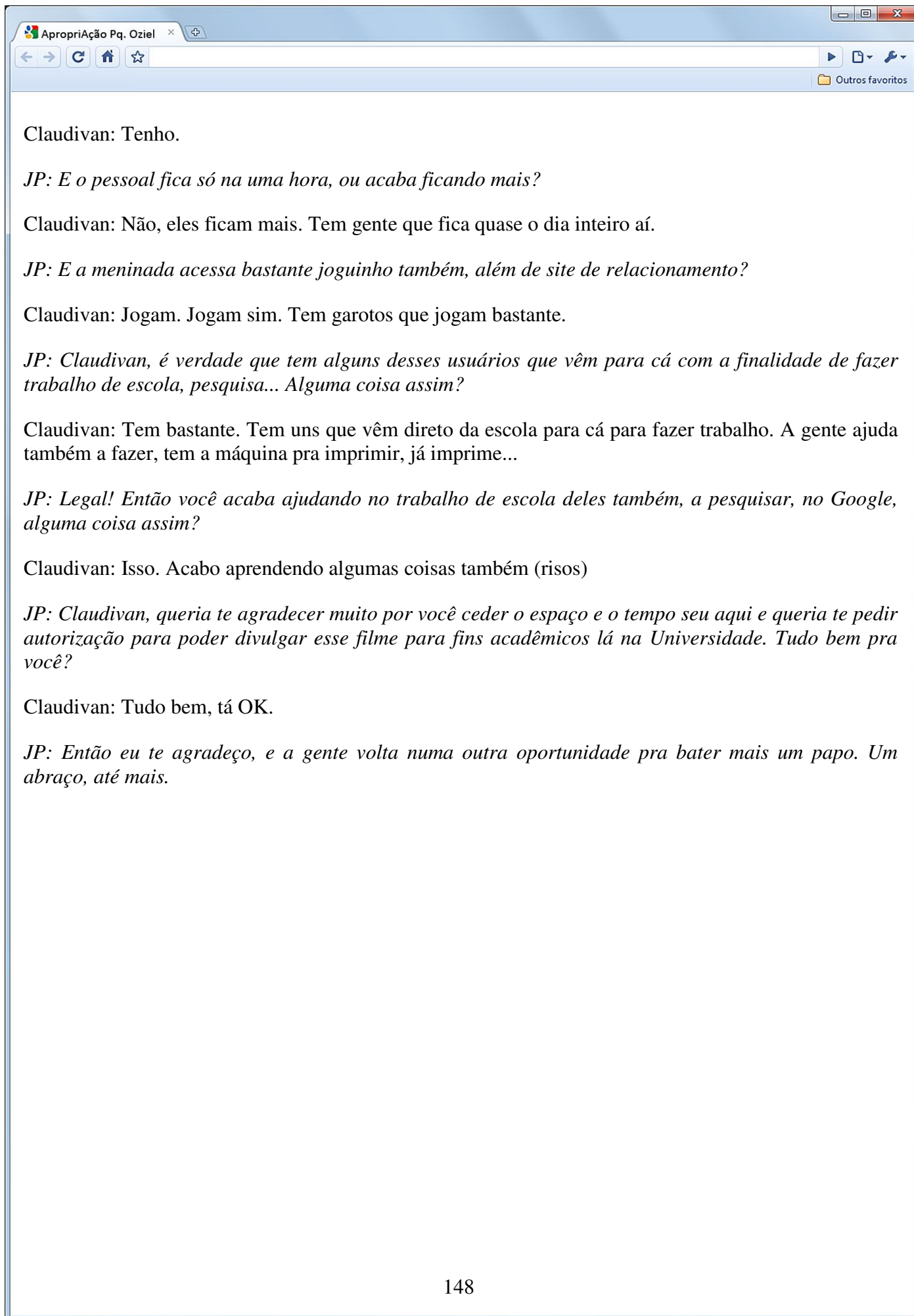
JP: Currículo?

Claudivan: Você tem o currículo, mas não manda nada. Se você não tiver um email, vai mandar currículo, como? O pessoal não aceita mais em folha.

JP: Claudivan, como são seus valores aqui? Quanto você cobra? É por hora? Como é?

Claudivan: Por hora. Normalmente o pessoal vem aqui e quer usar uma hora, é R\$1,50. Um preço mais acessível, que dá pra todo mundo. O xerox é R\$0,10, a gente tira o xerox, de um documento, de alguma coisinha...

JP: Legal. Então você tem também uma máquina de xerox aqui?



ANEXO 3 – Entrevista com Padre Nelson

Então, eu vou procurar aqui, Padre, a minha... a nossa, a minha..., onde é que eu pus? Aqui!... Os meus... Eu tenho algumas perguntas prá lhe fazer, mas... E os meninos... Esses dias veio um deles aí, um dos alemãezinhos... eles não esquecem da gente! É impressionante!...

Não, mas é bom!

É bacana, né?

É bom, depois é muito importante eles manterem essa ligação.

Sim, eles têm um vínculo e é muito legal!

Vamos ver aqui... dissertação, entrevista,... entrevista com o Padre Nelson.

É! Tem algumas perguntas que serão comuns às que fiz ao Adailton. Então, vamos lá. Em primeiro lugar, Padre Nelson, eu queria saber o seu nome inteiro. É possível? Ehehehehe!

É possível. Padre Nelson Ferreira de Campos.

Padre Nelson Ferreira de Campos. O Sr. É originário da onde, na verdade, Padre?

Pilar do Sul. É São Paulo.

São Paulo? São Paulo. Está certo! Como que o Sr. Foi parar no Oziel?

Como que eu fui parar no Oziel?

Isso...

Eu era pároco daquela região ali, da Paróquia Sagrada Família. Eu tinha mais ou menos oito meses de padre, quando eu fui. Quando começou o Oziel, eu tinha oito meses de padre.

Que bacana...

Então, eu fui para lá... o meu trabalho como padre começou na beirada do córrego, quando deu a primeira enchente. Morreram aquelas três crianças...

Puxa!...

Aquelas três crianças que estavam lá. Aí, o Paraíba que começou: “Vamos assentar essas pessoas, que estavam lá na área de risco, vamos estar assentando nessa terra aqui... eh... que depois nós vamos ver o que tem, o que podemos fazer...” E, então iniciou com a enchente, com a morte daquelas três crianças da mesma família.

Puxa vida! Aliás, o Parque Oziel tem uma série de tragédias, né? Os atropelamentos na pista, uma série de tragédias. Mas este começo com o Paraíba... Então o Sr. estava ali ...?

Eu acho que a primeira tragédia que nós temos que analisar é a tragédia da exclusão social, é a primeira tragédia.

Perfeito.

Nós podemos atacar a causa da tragédia, o que causa a tragédia, o que causou àquele povo, ser obrigado a estar ocupando. Porque lá se foram muitas vidas levantando na pista, depois no tráfico, quantas mortes! No confronto, quanto jovens não foram tombados lá!

Vingança...

Vingança... então entra a questão da violência... eu nem colocaria a questão da violência, porque a maior violência que eu via lá eram as pessoas que chegavam de todos os lugares e não tinham para onde ir, aonde ficar aqui na cidade de Campinas, onde morar, como defender as famílias. Já era a maior violência cometida pelo próprio Estado que não cumpre o seu papel. A maior violência para mim já começa por aí.

Depois a história do Oziel é uma história violenta... Não! A história do Oziel não é uma história violenta! É o sistema que é uma máquina giratória, que é a fábrica da violência. Então, as famílias – você está convivendo com as famílias lá, eu também convivi com as famílias do Oziel – são pessoas trabalhadoras, que vieram do campo, pessoas honestas, pessoas que estavam simplesmente lutando pela sua dignidade, para defender ali simplesmente um pedaço de chão. Que a terra – sempre afirmei e afirmo – a terra é de Deus, a terra... a terra não tem dono. Não tem mesmo. A vida está em primeiro lugar. E a gente vê que o Estado não vê a vida em primeiro lugar, de jeito nenhum.

Ele vê a propriedade...

Vê a propriedade!

Eh!... Então, aí eu queria saber do senhor o seguinte, justamente isso que começou a falar. A sua influência lá o senhor acha que tinha caráter religioso, social, político, ou tudo isso junto?

Tudo junto! Caráter religioso, porque não adianta nada eu estar com uma pessoa que está precisando de casa ou trabalho, eu olhar e rezar um Pai Nosso. Isso prá mim é, como se diz, ser manipulador, aí é eu estar manipulando ao dizer “olha, Deus quer que você esteja assim, tá tudo bem”. Não, não, não! Eu pegava pela mão, nós temos que lutar, nós temos que realmente fazer valer a questão da justiça... Então entra a questão política... Deus não criou uma religião. Eu pertencço a uma igreja, mas Deus criou a vida, o ser humano, prá estar lá prá defender a vida! Então abrange na questão econômica, política e religiosa. Os três poderes quando se unem realmente são fortes, e quando se unem prá defender a vida, a coisa caminha. E, quando eles se fecham prá manipular, o religioso manipula, o político explora, a gente vê a grande corrupção no lado político, que gera a questão da desigualdade social. Isso no nosso país, no Oziel, qualquer bairro...

Sim, sim. Então, o senhor começou quando tinha oito meses de padre, como o senhor falou, começou levando um conforto espiritual, mas também trabalhando com a mobilização desse pessoal...

Muito mais do que o conforto espiritual! Como se diz, fazer suscitar o que eu, a minha presença lá favorecia, é fazer suscitar esperança: “Não, não. Vocês têm o direito, vocês são gente, vocês tem o mesmo direito de quem mora na Nova Campinas, no Cambuí; tem direito à educação, tem direito à moradia, tem direito ao trabalho”.

Então, é a questão do resgatar a cidadania daquele povo, que não tinha vez, não tinha voz, muito mais: tinha perdido a raiz que é a identidade, o povo tinha perdido a raiz já. Tinha perdido a sua identidade. “Vamos realmente resgatar a história de vocês, de luta de existência. Realmente é através da resistência que nós vamos conseguir”.

Depois as pessoas falam “não pode estar confrontando!”... Quem estava nos confrontando era o sistema político, era o próprio sistema de exclusão social que estava nos confrontando. Nós não estávamos confrontando, nós queríamos era realmente assegurar um pedaço de chão para aquele povo, para que tivesse a sua moradia, que é negada, é direito constitucional, direito de todos à moradia, educação, saúde, ao emprego, ao transporte e ao lazer também...

Então, eu acho assim, que é como se no Oziel tivesse acontecido a grande travessia do mar Vermelho. O grande Faraó, que era o sistema, que é até hoje o grande Faraó, e o povo atravessa realmente... Aí, através dessa ousadia – é bonito quando a gente vê o povo ousado, mulher, criança – eu acho que a grande sabedoria do povo realmente parece que vem de Deus, a sabedoria da resistência e da união. Ali o bonito era quando o povo se unia! Ali unia, desculpe eu falar aqui: traficante, criança, jovem, padre, religião, ali não tinha diferença de sexo, não tinha nada! Ali tinha gente! Ali a gente chamava assim: “aqui tem um povo, aqui tem gente, aqui – o que usava muito é a questão da humanidade – aqui tem um grupo humano, humano!” Então é bonito isso, eu achava tão bonito que a gente nem se desesperava, tinha hora que parece que a coisa ia acontecendo, surgindo, de todos. Não era só o Paraíba, não era só o padre, mas aquela D. Maria que menos se esperava te orientava: “Olha padre, faz assim, que é melhor”. Vamos nessa, então. E as coisas davam certo, e o povo era um povo que parece que ouvia... ou eles viam uma luz, ou ouvia uma voz que ia conduzindo. Porque o objetivo era um só. “Nós viemos aqui para permanecer nesta terra. E esta terra é nossa, nos pertence. Esse pedaço de chão nos pertence, nós morremos, mas não vamos recuar!” Até a gente usava naquele tempo uma fala assim “vai ter derramamento de sangue, mas esse sangue vai regar nossa luta: é preciso que alguém morra para que regue a luta!” Realmente suscita a esperança. Era o nosso lema que a gente trabalhava lá. “que é cimento...” como se diz? “que o sangue é o cimento da nossa luta!” que a gente falava: “o sangue é o cimento da nossa luta, que vai concretizar.” Vai que morre, a gente sabia que ia ter morte, confronto, a gente já tava confrontando desde quando chegamos, com o próprio sistema, até com a Igreja, a Igreja também confrontou comigo, conosco, querendo me tirar, o padre que estava realmente agitando, não era, o papel do padre não era agitar. Eu... não era questão de agitar; o papel do padre é muito mais de ser profeta e defender o rebanho, independente da cor, da raça, da religião que está lá. Eu estava lá para defender um rebanho, defender a vida. A vida está em primeiro lugar prá mim. E vida é plenitude. Se tem vida, mas não tem emprego, então não tem vida. Tem vida? Se não tem casa, não tem roupa, não tem vida. Então é sobrevida! Sobreviver prá mim, não é viver! A pessoa tem que viver com dignidade. Era isso que a gente trabalhava lá...

Eu acho tão bonito o que foi surgindo... As pessoas chegando assim, sabe? A gente olhava um pouco pelo lado bíblico até. Chegando pessoas de tudo quanto é lado, fazendo mudança, montando seus barracos. E, sempre na alegria, e sempre com um pensamento muito positivo: “Nós viemos para ficar! Nós viemos para permanecer! Nós viemos para construir!” Nosso lema era... ficava muito assim: “Ocupar, Construir e Resistir! Ocupar, Construir e Resistir!” E assim que foi se dando o projeto. Nós tínhamos vários projetos, mas projetos que favoreciam a comunidade como um todo: para que ninguém fosse beneficiado sozinho com a ocupação do próprio Oziel, ninguém... A gente falava “não, nós não podemos ser beneficiados.” Outra coisa que eu valorizo muito é a questão da consciência. Se o povo tem consciência que tem direito, que ele pode, que ele consegue, o povo luta. Eu vejo que o povo não tem consciência. O povo é manipulado, até a classe média e rica é manipulada. Muitas vezes o pobre tem mais consciência do que o rico. Agora, acontece que tem gente que “vende” a consciência. Isso tinha no movimento, alguns vendiam, queriam vender sua consciência. Alguns queriam, assim, fazer um tipo de troca com o movimento.

Negociar...

É, negociar... Era um jogo, era a questão do jogo político, de querer ganhar em cima: “Não. Aqui eu posso ganhar prá ser vereador, aqui eu posso ganhar prá ser prefeito! Eu tenho que ser beneficiado, tirar vantagem...”

Tirar vantagem...

Tirar vantagem... Não, não, a vantagem era de todos. A vantagem que a gente queria era para os moradores. Nossa ideia era “O objetivo da ocupação não é promover a alguém! Nós estamos para promover a vida dos excluídos.” Eu usava muito a palavra lascado, não usava “excluído” lá naquele tempo. É esta realmente, é esta vida que tem que ser promovida, não promover o político, ou o padre, ou a liderança, não é? Não era o nosso objetivo promover a coordenação. Nunca foi realmente o meu objetivo... Nunca, nunca. Era a vida que tinha que ser promovida lá dentro, de todos. Desde a criança que está no ventre materno, que a gente tem que defender, até o idoso lá dentro. Todos tinham o mesmo direito.

Maravilha! O senhor conheceu o Zé Paraíba? Conheceu pessoalmente?

(Balançou a cabeça afirmativamente) O Paraíba mesmo.

É? Conheceu?

O Gentil Ribeiro, que se fala.

É! O Gentil Ribeiro!

O Gentil Ribeiro, desde o primeiro barraco que ele assentou, eu acompanhei. Depois acompanhamos outros assentamentos... O Gentil Ribeiro era uma pessoa despojada, desapegada de tudo. Ele pensava, a preocupação dele dentro da ocupação... o coração dele era o coração das crianças. Era o coração das crianças. É isso aí, era um apaixonado, eu digo assim, era um cara apaixonado pela luta, pelo social, sabe? Não tinha discurso político.

Mas tinha resistência! Tinha resistência, tinha força de vontade. Aí eu ficava pensando assim, sobre o Paraíba, a questão de Moisés gago. “Eu sou gago, não sei falar.” “Vai! Arão vai falar prá você.”⁶⁶ Então, parece que o padre era o Arão do Paraíba. Porque eu vejo assim... O que ele disse? “O que eu vou fazer padre? O que vou fazer?”

Moisés era gago: “Não! eu não vou libertar o povo, eu sou gago, não eu não posso”. “Vai! Arão fala por você.” E o Paraíba não, eu vejo assim, que era analfabeto, mas de uma sabedoria divina. A beleza da sabedoria humana, tratava as pessoas com humanidade, passava fome prá poder dar para uma criança ou para alguém. Era de uma...

Conta a história de que ele pedia para as crianças lerem o jornal prá ele, porque ele não sabia ler.

Pedia.

E não pedia para os adultos porque os adultos poderiam enganá-lo, e as crianças não mentiriam. Então, as crianças eram honestas e falavam do que tinha no jornal mesmo. Olha que sabedoria!

A gente vê como ele era uma pessoa iluminada. Então, eu vejo assim... se chegasse cem, ele dizia “a fazenda é grande, a fazenda é grande”. Sempre ele falava assim. Sempre motivando: “Padre, nós temos que ocupar o restante, Padre, nós temos que ocupar o resto”. Tem um pedaço da fazenda Taubaté até hoje sem ocupar, ainda tem um pedaço... “E aí depois, Padre quando acabar a fazenda Taubaté a gente entra na fazenda Bradesco.” Que era nossa finalidade... Era o nosso objetivo. Nós fomos barrados pela Igreja e por outras pessoas. E aí, veio o assassinato dele, porque aí a gente ia chegar na Fazenda Bradesco. Era nossa intenção, chegar na Fazenda Bradesco.

Porque a gente queria confrontar e a área é militar. Não eram essas áreas que são visadas, nossas, aqui em Campinas. Era assim: depois que organizar aqui, a ocupação, nunca, nós, eu e ele, jamais a gente aceitava falar “nós invadimos!” Quem invadiu o nosso direito foi o Estado, o Estado, foram os poderosos que nos invadiram. Não há invasão. Nós ocupamos aquilo que é direito, é nosso direito, do direito das famílias, podemos dizer assim. Então, as pessoas falavam “não! é invasão”. Não existe invasão! Invadir... foram eles que invadiram o direito das pessoas levando a esta margem, como se diz, a este – eu posso dizer – a este flagelo que é a exclusão social, morando aí, nas beiradas dos córregos, em área de risco... Isso sim é jogar as pessoas, é tratar as pessoas como lixo, como objeto ou massa de manobra. Isso sim. Agora lá, não. A gente sempre dizia: “Aqui é uma ocupação. Ocupamos aqui porque é de direito de todos. Se todos ocupassem seu direito, não tinha gente sem moradia!”

Claro.

E, outra coisa que a gente sempre conversava com o Paraíba: todos que pagam o aluguel são sem-teto. As pessoas até hoje rejeitam um pouco essa versão nossa. Mas todos que pagam aluguel são sem-teto. Não têm teto.

O fato é que não é dele!

⁶⁶ Bíblia Sagrada. Êxodo 4:11-16.

Não é dele. A gente falava: “Vem que a gente vai arrumar um lugar prá vocês todos. Venham que a gente vai arrumar um lugar para todos que pagam aluguel! Não aceitamos as pessoas pagarem aluguel!”

Então, era também uma coisa que a gente sempre tava conversando.

E o objetivo do Paraíba não era parar só no Oziel. Porque o Oziel, como você mencionou no começo da nossa conversa, virou bairro. Não era prá virar bairro... A gente não queria o Oziel como bairro de jeito nenhum. A gente queria criar um modelo de ocupação, com tudo comunitário: padaria comunitária, horta comunitária, reciclagem comunitária, fábrica de fazer tijolos – que com os tijolos a gente ia fazer tudo lá dentro prá construir a casinha –, era tudo comunitário. Tudo assim prá mostrar que o comunitário é melhor. Porque esse é um exemplo para a sociedade, uma sociedade individualista, uma sociedade competitiva, uma sociedade da competição. Então a gente tem que oferecer, alavancar uma proposta diferente prá ir na contra-mão da sociedade. E sempre falando: “nós não estamos confrontando!”. Uma preocupação permanente era: “aonde que este grupo vai chegar?”

Então, “eles” tentavam como se diz aí, diante das mortes que ocorriam lá dentro, diante da disputa de espaço, disputa de terra, e do tráfico lá dentro, atribuir à coordenação, atribuíam a nós, atribuíam a nós as responsabilidade. Por quê? Porque o Paraíba, ele foi processado, ele foi preso. Eu fui processado oito vezes. Então atribuía tudo a nós. Prá dizer: “eles são baderneiros”. Baderneiros? Nós não somos baderneiros. Quem faz a maior baderna, realmente, na nossa sociedade? São os políticos corruptos, a gente vê, são os grandes latifundiários, os grandes banqueiros. Quer dizer, a gente falava pras pessoas lá, a gente usava um exemplo pras pessoas. Quando a gente precisou (e o Chico Amaral foi uma pessoa muito boa neste termo lá, deu muito apoio para nós), a gente falava assim, por exemplo: “sai o IPTU prá pagar no começo do ano ou você vai pagar o IPVA”. A gente usava esse termo prá população. “O governo, o prefeito não quer saber se você tem dinheiro ou não. Se você pagou, beleza, se você não pagou, você vai pagar multa. Ele não quer saber se você está com sua família passando fome, se você está desempregado, não quer saber. Agora, quando nós solicitamos uma creche, ou uma escola no bairro ou para tampar um buraco, o prefeito não tinha dinheiro e ninguém processou. A gente pode falar, ninguém processa o cara. Ninguém, ninguém. O cara não paga multa”. Você veja bem, a gente falava: “você tem que tomar consciência que não paga multa”. Outro exemplo que a gente usava: “você pega a sua aposentadoria e coloca no banco” (naquele tempo estava 3% o que o banco pagava), “você vai tirar do banco, outra pessoa vai tirar o mesmo dinheiro seu do banco e pagar 12/15%”. Prá que o cidadão tivesse consciência de que o banco pega o seu dinheiro a 3%, e coloca prá outro, e ganha 8 nas suas costas, 8% nas suas costas. Quem é ladrão? É quem está aqui, conquistando a terra, ou é quem? Os banqueiros latifundiários e os governantes?” Aí que o Chico Amaral ficava muito bravo comigo nesse tempo. Eu afirmava muito essa questão da pessoa ser ladrão. Ladrão são esses aí, os latifundiários, são os políticos que roubam de verdade.

Agora dizer que quem ocupa uma terra é ladrão? “Não, a terra tem dono?!” Não. Deus não deixou cerca prá ninguém. Deus falou: “A cerca é coisa do diabo! A cerca o diabo quem fez”. É como a gente falava: “uma terra que tava ociosa lá, há 29 anos sem pagar IPTU prá Prefeitura, ociosa. Então, vamos ocupar!” Lá era como muitas outras áreas de Campinas que nós levantamos, e muitas outras áreas ociosas, com a especulação imobiliária que está por aí, e ninguém faz nada.

Apropriação Pq. Oziel

Eu acho que a gente devia continuar o processo desse movimento, porque, como se diz, o processo do movimento tem que ser contínuo. Ele não pode parar. “Eu conquistei...”, como a gente sempre dizia, “eu conquistei minha casa, não posso parar, eu tenho que conquistar asfalto, tenho que conquistar a água, tenho que trazer melhorias para o bairro”. A gente tem que conquistar através do quê? Da luta! E NUNCA se acomodar, NUNCA se curvar diante do sistema dos poderosos. NUNCA! Por isso é que a gente faz aquele movimento de abaixar, colocar a mão na terra, levantar. A gente fala: “Levantem a coluna e olhem prá frente, vocês estão curvados diante do túmulo da morte! Não se curvem!”. Por isso que a gente, volta e meia, abaixava, levantava, levantava os braços, gritava... Assim é uma forma de dizer: “Desperta e levante do túmulo da morte! Ressuscite!” Quando a pessoa levanta, ela ressuscita junto. O levantar quer dizer: “estou de prontidão! estou de pé para uma grande caminhada!” Porque sempre é assim, não dá prá parar! Atravessou o Mar Vermelho? Beleza! Agora, é chegar na Terra prometida. É outro passo! Chegou na Terra Prometida? Opa! Agora eu tenho que cavar a terra, tenho que ter a semente, agora tenho que lançar a semente. Eu falava para o Paraíba: “que semente nós vamos lançar?” Era a semente da justiça, a semente realmente da igualdade. Nós não podemos dizer: “agora, conquistei meu pedaço aqui, vou me acomodar!” Não era o nosso objetivo, nem do Paraíba nem meu. A gente não parava. Vamos ver o que se conquistou aqui, vamo ver o que precisa ali... Mas o olhar nosso não era um olhar focado no Oziel, era um olhar para a cidade de Campinas, para todo o bolsão de miséria da cidade.

É bonito quando as pessoas perdem o medo da luta. Eu acho tão bonito quando a pessoa perde o medo. As cercas devem ser cortadas, todas. E todas derrubadas. A pessoa perdeu o medo, a pessoa corta a cerca... Nós vivemos do medo, até hoje nós vivemos do medo. Por exemplo, se fala de segurança pública... nós vivemos num país inseguro, como vai ter mais segurança? Levantando muro, levantando cerca elétrica, criando mais presídio? É como eu falo hoje para os meninos do presídio: a gente tem que cuidar das nossas crianças, garantir educação, dar vida, cidadania para as crianças para aí não ser mais preciso construir presídios. Quando o Estado fizer isso, não precisa mais... Agora, a mesma coisa é a questão da moradia. Por isso que eu falo, o movimento ficou meio entristecido, me entristece, uma tristeza em que o país está vivendo, tristeza, nós vivemos num país muito entristecido. Porque quando o povo está triste, é um povo que está voltado só para si. É um povo que não tem esperança...

Como se diz, Paraíba conduziu, e o outro leva para a utopia, da utopia vai surgir uma esperança e aí o ideal, o sonho, fazer as pessoas sonharem, sonhar num mundo virtual, o que você colocou no começo prá mim... Fazer a pessoa sonhar... parou de sonhar, morre. E, a minha preocupação: Oziel virou um bairro, isso era uma grande preocupação. A liderança que está lá, é como se diz, mudou de cadeira. Estava sentado no chão com os pobres, agora senta numa cadeira. Isso é perigoso. É perigoso. Eu saio do meio do povo, mas não falo a linguagem do povo. Estou no meio dele, para falar prá eles, não deles. Eu tenho que estar no meio do povo, prá falar deles e falar com eles. Quem tem que ouvir sobre a questão da justiça são os poderosos, não são os pobres. Eu não tenho que falar de justiça para o pobre, eu tenho que falar de justiça para os ricos, que roubam, que acumulam, e que realmente levam para o lado da ganância. Os pobres levam para o lado da partilha. Eles aprenderam muito no Oziel, a questão da partilha, cozinha comunitária, a gente vê a beleza de poder partilhar, e fazer isso, todo mundo se ajuntar. Então, o pouco que o povo tinha sobrava, porque sabia partilhar. Agora o rico não, ele pensa na ganância, ele não pensa no bem comum, pensa realmente nele, agora os pobres não. Então, eu vejo essa questão, do Oziel, assim: infelizmente virou um bairro comum. Eu não gostaria que fosse um bairro. Eu gostaria que ele continuasse sendo a ocupação que era. Eu gostaria que fosse a ocupação que era...

Porque que o senhor saiu do Oziel?

Olha, foi tanto uma intriga política como religiosa. Porque estava ameaçado de morte, né? Você sabia que tem aquela lista...

Isso, isso...

De 12, lá, que eu peguei na lista.

Tinha uma lista de 12 pessoas que seriam...

E eu era o oitavo.

O senhor era o oitavo?

Era o oitavo. Prá todos os que eles iam matar, eles entregavam a lista. Prá todos. A gente pegava a lista. E era a mesma pessoa, porque era a mesma caligrafia. ... Certo. Aí ah... houve muita pressão. Eu não fiquei com medo da morte, que eu estava disposto a morrer mesmo. Eu estou disposto a morrer. Dar a vida para que outros tenham vida. Não tenho medo da morte prá mim, de jeito nenhum. Porque para mim não existe morte.

Você tem uma visão diferente, né?

A morte não é morte para mim. Há vida. Para mim há vida, só há vida. Não há morte.

Então eu vejo assim, há muita pressão. Os políticos deram de pressionar muito, até o Sellin pressionou, que pediu minha saída de tudo quanto é jeito, pressionou para que o Bispo me tirasse. Depois houve a saída, que foi bastante difícil, ainda mais do poder religioso. Porque estava criando um confronto com o poder religioso, um incômodo muito grande. Até hoje eles tem um padre, polêmico, o padre que é crítico, o padre que tem uma visão diferente de Igreja. Então, eles falavam, outros falavam: o padre da Teologia da Libertação. Então, como se diz assim, foi muita pressão psicológica, mais do lado religioso. E foi o religioso que me tirou, claro! Foi o Bispo que me tirou. Chegou e decretou: "Tem 24 horas prá deixar. Acabou!" E ainda viajou para... para Roma, e antes falou: "durante o tempo que vou estar em Roma você tem que sair de lá, porque não quero ver o povo fazendo manifestação para que você permaneça". Ainda me falou isso, me pressionou mais ainda. Houve uma pressão muito grande. Até hoje eu sofro essa represália da Igreja, por causa do Oziel. Até hoje.

O senhor não conseguiu largar do Oziel, também. Saiu de lá, mas continua...

Ligado aos movimentos. Agora estou com a Pastoral Carcerária, Também já estão meio amedrontados porque o Padre começou a se organizar na questão do cárcere... Aí é mais perigoso, porque aí entra a questão muito da violência, a questão do PCC, que eu já tou confrontando... então não é fácil não.

Então, a pressão maior que me arrancou do Oziel, é que eu falei prá Igreja: "Olha, eu to com uma mão com os pobres e uma mão com Deus. Não tire minha mão dos pobres!" e a Igreja falou: "Se eu não conseguir tirar eu corto!". É a atitude da Igreja... A Igreja não aceita... Desculpa de eu falar aqui prá

você, mas a Igreja tem simplesmente discurso... Prática, está muito longe da prática de Jesus Cristo, está muito longe.

É a doutrina católica a que mais tem a ver, por exemplo, com a Reforma Agrária, mas como a Igreja é feita pelos homens está sujeita a falhas, né?

É. Desse lado ela tem medo, tem medo de se comprometer. A Igreja tem medo de se comprometer. E aí eu penso: onde é que está o profetismo da Igreja? Onde está o profetismo da Igreja? Porque eu, tudo bem, quando a polícia chegou, conversou comigo para me retirar, a coisa tinha se fechado, tinha fechado cerco. E estava sabendo que iam me matar. O policial falou: “Olha, padre, se eu fosse você, já tinha saído o mais rápido possível. Porque agora o próximo é você mesmo. Está na lista.” Mas daí, depois eu fui ver, era um coronel da Polícia que tava tentando me matar! Ai um policial muito amigo meu falou: “desculpe, mas é também um amigo meu que está querendo te matar. Está aqui. Ele vai te matar e vai falar que o bandido te matou.” Eu falei: “Não! Ó... a bala pode vir de qualquer lado, recuar nunca!”. Sempre falava. Porque esse que é meu lema. O problema é que... recuar nunca! ... até hoje, não recuo. Isso aí é uma coisa que está dentro de mim. Ninguém me tira!

Uma escola política, também, além da sua teologia, da filosofia...

Eu aprendi com a vida. A minha maior escola política é a vida, os pobres... a maior escola política, melhor do que Teologia, é com os pobres. A melhor escola política é com os pobres. Se você se coloca prá escutar, e vai se organizando, na medida em que você vai se organizando, a coisa vai, eles vão passando prá você certa segurança, porque há um questionamento. Então faz você questiona e faz você tomar uma posição também. Se você está no meio dos pobres, você é obrigado a tomar uma posição. Ou você está do lado deles, com eles, ou você cai fora. Prá mim é assim: ou vocês assume realmente, ou não. A gente falava “veste a camisa”. Você tem que se encarnar na realidade deles. Eu tenho que viver a realidade deles. Senão...

A melhor escola política e também religiosa. Adianta ficar na sacristia? Ser padre dentro da sacristia? Não resolve. Ser político de gabinete, de cadeira? Resolve? Não adianta. O que o nosso irmãozinho está fazendo agora, o Canário... Esse é complicado também.

Vamos torcer para que não aconteça isso. Ele ainda mora lá. Ele ainda tem participação nos projetos do bairro, eu acho que o poder não subiu à cabeça...

Eu pretendo conversar com ele, eu pretendo conversar com ele... Se você encontrar com ele, fala que o padre quer sentar e conversar, até por questão de orientação.

Eu tenho que fazer entrevista com ele. Só está faltando ele para encerrar. Eu já conversei com ele a respeito...

Então fala prá ele que o padre quer sentar com ele pra...

Resgatar!

Tentar resgatar, resgatar umas coisas aí, o Grito dos Excluídos, fazer umas caminhadas... Como aqui, domingo... fiz uma Caminhada Pela Vida, com mais de duas mil pessoas, em defesa da vida. Então, é bonito... tem que fazer isso, nem que seja dentro do bairro. Não é um grupo grande como eu pretendo, mas sempre começa mesmo com um grupo pequeno, que vai criando consciência. É uma questão de trabalhar o povo. Vou falar com o Canário, vou propor até criar uma escola política lá dentro. É muito importante. A questão de uma escola prá cidadania...

Qual é a sua expectativa para essa comunidade no futuro? Do Oziel? Do futuro próximo e do futuro distante? O que o senhor espera, o que acha que seria interessante para eles lá?

Olha, prá eles, em primeiro lugar tem que resgatar a história... Segundo lugar, continuar a luta. Eu vejo assim o Oziel, para o momento de hoje e para o futuro. Eles têm que lutar por muitas melhorias ainda lá. Eles têm que mostrar, assim, que eles conquistaram a terra, mas não conquistaram ainda, por inteiro, a dignidade. Eles conquistaram a terra...

É uma parte do processo?

É uma parte do processo, podemos dizer assim, é uma parte da caminhada. Então, eles poderiam ser assim, eu esperava, eu espero que eles sejam o exemplo para a cidade de Campinas, e para os movimentos. O que também é meu sonho, que o Oziel retome, é a questão de formar aqueles jovens, para que sejam politizados, com senso crítico, que realmente não se deixem levar pelo sistema, serem manipulado, ou vender a consciência. O meu maior sonho é que o Oziel fosse assim uma *menina dos olhos* dos movimentos sociais, da doutrina social da Igreja, que fosse a *menina dos olhos*, sabe? É o que eu gostaria para o Oziel, agora e para o futuro. Eu tenho medo que o Oziel chegue num determinado momento que ele vai se estabilizando cada vez mais, e fique como os outros bairros, cada um na sua, prá si, pronto...

Só para o mínimo necessário...

Está ali o básico, e tem muita coisa que realmente eles poderiam ajudar outros bairros também, até na medida em que eles lutam ali: “o Oziel está conseguindo, nós vamos conseguir, vamos lutar”. Parou ali. A luta parou do Oziel. Espero que, das cinzas, brote novamente a esperança. Será, eu penso assim, será que eles chegaram na curva do rio? Será que eles se enroscaram? Eu fico imaginando... será que não é hora do vulcão entrar em erupção novamente? Era o ideal, o vulcão entra em erupção novamente. Tem fogo. Tem fogo. Era isso que eu esperava do Oziel.

Agora, a última pergunta e mudando um pouquinho... Eles se apropriaram da terra, o senhor ajudou inclusive, o que o senhor acha deles também se apropriarem do espaço virtual, como do territorial? O que é essa apropriação do espaço virtual? O que o senhor acha de ter projetos na Internet com sites, comunidades virtuais? O senhor acha importante isso para o estabelecimento da dignidade deles, da identidade deles?

Como dizer assim? Não é questão de importância, é questão de uma necessidade urgente, urgentíssima, isso! No mundo globalizado que nós estamos, se eles não jogarem, realmente, nesse mundo virtual a história deles, de estarem se comunicando com o mundo, os outros movimentos, aí vai se perder muito mais, eles vão se perder muito mais, e vai ficar um bairro, como qualquer um outro por aí. No mundo

em que nós vivemos, globalizado, onde há realmente fácil acesso à comunicação, mais do que nunca eles têm que ter um projeto lá, como já deveriam ter, prá mim já deveriam ter, prá mim já está atrasado, muito atrasado (estala os dedos) em ter! Lá deveria ter um centro de comunicação, deles que jogasse...

O PAF fazia esse papel, começou a fazer esse papel. Tem um projeto lá, o Janelas para o Mundo, mas que acabou se desvirtuando, estacionou. Uma pena... mas o senhor sabe que lá tem de 10 a 15 lan houses, e a garotada gosta, a garotada acessa a internet. Agora, não pode ser somente prá entretenimento, não pode. Não pode ser só prá joguinho. Então seria muito interessante alguém conduzir e dizer que a Internet é interessante como socialização mesmo, até como afirmação da identidade da comunidade.

Mas aí você tem que ter um grupo organizado. Tem que ter um grupo organizado, porque... tudo bem, acessa a Internet na lan house, vai prá um lado, vai prá outro, mas os jovens voam muito sem parâmetro, tem que ter um objetivo, tem que ter também uma certa orientação.

É aquilo que eu falo: neste mundo virtual, pode ajudar muito a questão da capacitação da juventude, e dos adolescentes, é assim a questão da capacitação...

Da empregabilidade mesmo...

Eu acho, eu creio que aí nós temos que ver com o Canário como é que pode viabilizar isso aí, como que pode retomar...

Retomar a escolinha de informática... Além da escolinha de futebol que está indo de vento em polpa, ter uma escolinha de informática, e outras atividades para o pessoal ali do bairro, não é? Acho que é importante isso...

Por que eu vejo assim esta questão da comunicação: hoje nós temos facilidade... é pensar qualquer coisa que acontece no Oziel, um projeto qualquer, e lançar: "nós temos um projeto, no Oziel!". O Oziel tem um nome, se tem um nome eu acho que é bonito jogar neste mundo virtual o rosto do Oziel, para que o mundo conheça... Que muitas vezes é um rosto de morte, de violência, de invasor... e o rosto do Oziel onde que está afinal? O rosto da luta, da resistência daquela população que vem de tudo quanto é lado, e esse rosto é que tem que ser mostrado! Eu acho tão bonito isso aí, fazer como se diz, um despertar desta janela, você colocar aí um despertar para o mundo (abre inteiramente os braços) lançando raio para tudo quanto é lado e isso é muito bonito, e muitas vezes a gente fica olhando, para o próprio umbigo, não é hora mais, passou de tempo de ficar olhando pro umbigo, não é hora de olhar pro umbigo. De jeito nenhum.

Tá certo!

Padre Nelson, olha foi um prazer, eu sei do seu horário, mas o papo sempre é muito bom, acho que eu vou ter que voltar a falar com o senhor no futuro, de novo, já foi com os alemães...

Ai você vem dá um toque...

Isso era mais mesmo prá gente retomar a conversa, eu queria lhe agradecer e saber se o senhor tem alguma última mensagem aí para falar a respeito do Oziel... E fique a vontade, por favor.

Uma última mensagem que eu deixo prá todos, não só para o Oziel, mas para todos aqueles que lutam. Nós devemos sempre confiar e acreditar, realmente, que o nosso Deus é o Deus da vida, é o Deus da Esperança, não é o Deus da morte. Deus não quer que eu, que ninguém fique parado, Deus quer sempre colocar a caminho da promoção humana, da dignidade, quer seja da criança, do jovem, do idoso... Então fazer realmente com que as pessoas acreditem que uma sociedade nova é possível, que um mundo novo é possível, que o mundo sem violência é possível, que o mundo sem fome é possível, que o mundo sem guerra é possível, que o mundo sem essa exclusão social é possível.

Eu acredito num mundo diferente. Porque nós olhamos a economia quebrada, todo mundo tentando salvar. Bancos, bolsa, tentando salvar, bolsa que cai, bolsa que sobe. E as nossas crianças que estão sendo caídas, violentadas... E ninguém olha não? Os nossos jovens que estão caídos na periferia, tombados com bala perdida... ninguém olha não?

Então, todo mundo quer salvar os bancos, as grandes empresas. E a vida? Ninguém pensa na vida!

A grande mensagem é que nós devemos voltar o nosso olhar para a vida, mas um olhar de esperança, não basta ter olhar, não basta querer, nós temos que fazer acontecer um mundo novo, fazer a justiça acontecer entre nós. Somos nós que temos que fazer, e para fazer nos temos que colocar a mão na massa e ir organizando pequenos grupos – são esses grupos de base que nos temos que organizar. Como lá no Oziel, partimos de um grupo tão pequeno, de três, quatro pessoas, e hoje se tornou um bairro, como está lá, com mais de 10 mil famílias assentadas, com sua casa, bem ou mal eles estão lá. Então, quantos outros, de outras realidades têm a questão da moradia, a questão do desemprego, quantas coisas que a gente pode mudar... Através de quê? De uma organização, mas isso tem que ser feito por aquele apaixonado pela luta, eu acho que a gente tem que se apaixonar pela vida, pela luta, ser uma pessoa que transmita entusiasmo pro outro, força, que transmita para o outro segurança. É como os presos falam: “o padre transmite uma segurança prá nós, que ficamos a semana inteira comentando sobre a segurança que nos transmite”. É bom, isso é bom, mas a gente tem que dar passos concretos. Eu ainda tenho a maior esperança, meu maior sonho é ver uma Igreja mais profética, uma Igreja que realmente fale a linguagem do povo, fale para o povo, fale com o povo, eu espero essa igreja, eu confio muito no Espírito Santo, na ação do Espírito Santo, num Deus da vida!

Amém!

E vamos em frente! Coragem! Firmeza!

ANEXO 4 - Transcrição da Entrevista com Tiãozinho

Entrevistador: Estamos aqui com o secretário do Emprego e Renda, o Senhor Tiãozinho, que vai nos dar uma entrevista a respeito de sua atuação no Oziel à época da ocupação, e agora, como secretário. Hoje é dia 10 de Junho de 2009. Tudo bem secretário?

Tiãozinho: Tudo ótimo.

Entrevistador: Então está bom. Vamos lá. A primeira questão é: como começou a sua relação com o Oziel e qual o cargo político que ocupava na época?

Tiãozinho: A história minha com os movimentos de moradia em Campinas antecede a minha experiência como parlamentar – como vereador e depois deputado.

Nós estávamos num processo de organização em torno de moradia em Campinas. Nesse processo eu comecei a participar no início dos anos 90: ajuste neoliberal na América Latina, fim dos programas de habitação popular, cidade empurrando a população para a periferia, encarecimento do preço da terra, desemprego crescente no país, ausência de política habitacional, sobretudo para as populações mais pobres. Então o instrumento que nós entendíamos no momento como mais adequado era fazer as chamadas “ocupações urbanas”. Qual a diferença dessas ocupações para as ocupações mais antigas, da década de 60, 70, quando Campinas foi se industrializando e atraindo migrantes de várias regiões do Brasil em busca de oportunidades?

As ocupações, as favelas, se concentravam onde nós chamávamos de “periferia do capitalismo fundiário”, ou seja, as pessoas iam para o vale. É só a gente pegar uma fotografia das favelas mais antigas em Campinas, ou das cidades em geral, que as pessoas estavam naquele espaço onde muitas empresas imobiliárias destinavam como reserva institucional. A lei obriga que 30% de cada loteamento seja disponibilizado para equipamentos públicos, seja para creche, centro de saúde, escolas, áreas de lazer. Então, não é à toa que nos bairros mais antigos de Campinas as escolas, as creches, os campinhos de futebol estão todos no buraco, e as favelas também. Então nós entendíamos que, para pressionar o Estado a fazer política urbana, reforma urbana e programa habitacional, era necessário a gente avançar para áreas onde o capitalismo tinha mais interesse: o capitalismo imobiliário, o mercado imobiliário.

Então nós começamos um processo de organização ainda próximo de regiões de periferia, mas que já tinham equipamentos públicos. Por quê? Porque quando você faz uma ocupação numa região distante, você acaba fortalecendo a especulação imobiliária. Porque se você faz uma ocupação a 20, 30 km da cidade, a pressão popular, a organização leva o Estado a colocar ali equipamentos: água, luz, telefone, transporte coletivo, equipamentos de atenção à criança e ao adolescente, esportes etc. Então na verdade você acabava fortalecendo o próprio sistema, porque levava o povo lá pro final, lá pro fim do mundo, arrumava aquela região, levava a infraestrutura, e a terra que aquele especulador estava estocando, fazendo poupança com terra, acabava gerando um ganho a mais, para ele inclusive. Então nós resolvemos ir gradativamente fazendo ocupações próximas de regiões onde já tinha uma população concentrada e onde você tinha uma rede de serviços públicos. Para brigar para o caminhão de lixo entrar na ocupação, era só ele andar mais duas ou três ruas. Para a rede de energia elétrica entrar, era

esticar a rede e colocar um transformador. A água já estava ali próxima. Então para o processo de mobilização e de pressão, na nossa opinião, tinha mais isto.

Terceiro lugar: a ocupação do Parque Oziel na verdade foi diante de um novo momento. Nós tínhamos aqui várias ocupações em Campinas, uma articulação, que depois acabou se denominando Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto, que foi fundado dentro de uma ocupação, no Vila Vitória, na região aqui do bairro Vida Nova, região do Ouro Verde. As pessoas ocuparam um prédio que na ocasião chamava Sá-Oeste, que era um núcleo da administração descentralizada, que era um projeto do então prefeito Magalhães Teixeira. E em 1996, na ocupação, durante o processo de reintegração de posse, várias comunidades que estavam em ocupações em Campinas resolveram transformar essas ocupações em um movimento organizado, dar a ele um caráter mais organizado e unitário para fazer avançar o núcleo.

Durante esses debates, nós fizemos a seguinte avaliação: no estágio em que nós nos encontrávamos nós não tínhamos condições de fazer novas ocupações. Esse era o balanço da coordenação do movimento: era necessário consolidar as ocupações que nós havíamos realizado nos anos 90. Então a estratégia era dar uma condição de vida mais digna para as pessoas, inclui-las, porque havia uma discriminação muito grande: as crianças eram impedidas de frequentar creches, de frequentar posto de saúde, escola, enfim... Havia um processo discriminatório muito grande, inclusive por parte de pessoas que dirigiam essas instituições, ainda que elas sejam instituições públicas.

Então fizemos um debate na coordenação no movimento social e foi quando o Paraíba, que foi o primeiro presidente da Associação do Parque Oziel (...)

Entrevistador: Gentil Ribeiro?

Tiãozinho: Gentil Ribeiro, que defendeu que nós tínhamos que ocupar a região do Parque Oziel. Todos nos olhamos um para a cara do outro e falamos “Esse Paraíba está maluco, porque nós não vamos conseguir ficar um dia ali no coração da cidade de Campinas, uma área estratégica...” Havia todo um processo de discussão da duplicação da Rodovia Santos Dumont, anel viário, Rodovia Anhangüera, construção do Hotel Royal Palm Plaza, com plano de ampliação, a instalação do shopping center naquele entorno... Enfim, a região estava mudando, alterando profundamente. E a nossa dúvida era se nós teríamos ou não capacidade política de dirigir uma ocupação numa área daquela dimensão, seria um desafio muito grande. Então qual foi a decisão da direção política do movimento? Não ocupar o Parque Oziel. Essa foi a decisão. Bom, pra variar, a base se rebelou contra a decisão da direção do movimento. /entre risos/ Geralmente a base é mais esperta, mais inteligente do que a direção. Então o Paraíba juntou uma dissidência e decidiu o seguinte: “vamos chegar próximo ao centro da cidade”. E resolveu ir para a ocupação, contrariando a decisão do movimento. Organizou um pequeno grupo e entraram. Nesse processo eu já havia sido eleito vereador e tomado posse, que essa discussão foi na virada do ano. E aí vem “Vai ocupar no Natal? Vai ocupar no ano-novo? Quando ocupa? Qual o melhor período? Qual é a data das férias?...” Tudo isso fazia parte do planejamento. E o Paraíba no dia 04 de Fevereiro de 1997 montou uma lona preta ali no Oziel e entrou.

Duas horas da tarde ele bateu na porta do meu gabinete e falou: “E aí, vereador? O povo está lá? De que lado você vai ficar?”. E aí eu disse para o Paraíba “Você não sabe o trabalho que vai dar pra gente. Primeiro porque nós vamos ter que reunir a direção do movimento e tem um fato agora consumado”.

Fizemos uma reunião, com longos debates. E a ocupação começou a crescer. Aí o Paraíba deu uma enquadrada no movimento: “Ou vocês vão ou eu saio do movimento”. Apesar do Paraíba nunca ter freqüentado uma sala de aula, não sabia ler, não sabia escrever, ele era uma pessoa muito hábil nas negociações, nas reuniões, tinha uma boa oratória... E ele conseguiu convencer todo mundo dizendo o seguinte: “Dizem que essa terra pertence a um tal de Orestes Quércia... Eu não sei direito quem é esse homem, então precisamos estar em condições!”. Porque era o boato que corria naquela época, que aquelas terras pertenciam ao Orestes Quércia. E depois, na verdade, não confirmou essa tese, a terra na verdade pertencia a uma família de grileiros, na minha opinião, Família Araribe, entre outros... Remanescentes da Fazenda Taubaté. E tinha um outro pedaço que uma pessoa tinha ocupado e estava reivindicando usucapião.

Então nós resolvemos assumir, junto com o Paraíba, o processo de negociação. Já como vereador eu fazia a relação com os órgãos públicos, apoiando as mobilizações. Tivemos sorte, que a igreja trocou o padre naquela região e mandou o Padre Nelson pra lá, que já tinha o apelido de “labareda” (porque é ruivo). Então juntou o Padre Labareda, o movimento organizado, os sindicatos, que deram um apoio muito forte. Aliás, os sindicatos em geral em Campinas ainda estavam todos organizados dentro da CUT. Houve uma reunião e os metalúrgicos, os químicos, os professores, bancários... Todo mundo ajudou a ocupação a se consolidar. Então o Parque Oziel é uma história contada por várias vozes e escritas por várias mãos.

Então foi assim que eu me meti lá no Parque Oziel. Começou dessa forma, acompanhando as negociações. Depois nós começamos a envolver alguns professores da PUC, da Unicamp, que tinham simpatia. E o prefeito Toninho na época ficou com o cabelo arrepiado e falava assim /risos/ “Agora que eu não ganho mais a eleição de prefeito em Campinas, olha o que vocês arrumaram para a minha cabeça! Eu, como urbanista, sou obrigado a ajudar vocês a resolver esse problema. Vou perder a eleição mas não vou fugir da minha responsabilidade como urbanista”. Por fim ele acabou ganhando a eleição. Como nenhum prefeito queria assumir compromisso com o Parque Oziel, ele acabou assumindo e a cidade reconheceu que tinha que permitir que as pessoas ficassem naquela área, e foi assim que se deu a ocupação.

Dois momentos importantes: o Monte Cristo. Não estava nos nossos planos ocupar a área onde está o Monte Cristo, porque o Monte Cristo tinha uma parte que estava loteada. Então a negociação seria mais difícil porque envolvia pessoas que já tinham comprado esses lotes. E eram pessoas do povo, pessoas simples, trabalhadoras, que compraram aquele pedacinho de terra e estavam há quinze, vinte anos esperando que aquilo virasse um loteamento. Eu até lembro que o pessoal do sindicato dos bancários que tinha ajudado lá no Parque Oziel estava até sendo pressionado para ajudar ali porque havia muitos bancários que tinham comprado terrenos ali.

Aí de novo nos reunimos e de fato fizemos uma assembléia, não foi uma decisão de cúpula. Fizemos uma assembléia e tinha umas três mil pessoas nessa reunião. Aí, depois de um bom debate (e de aprovarmos uma resolução, na assembléia, de que não poderíamos, não deveríamos ocupar a área do Monte Cristo, acima do Parque Oziel, mais próximo aqui do shopping), de novo é um grupo de moradores que fala “Vocês não querem ocupar, mas tem gente aqui querendo casa, então vamos ocupar a área de cima também”. Mas aí nós resolvemos não assumir a coordenação do Monte Cristo. “Vamos consolidar o Parque Oziel. E vamos ver o que vai acontecer com o Monte Cristo. Vamos ser solidários,

mas não vamos assumir”. Deixamos que as pessoas que decidiram ocupar organizassem a sua coordenação.

Então durante um período de quase seis meses havia uma divergência muito grande entre a direção do Parque Oziel e a direção do Monte Cristo. A direção do Parque Oziel, porque estava muito engajada com outros processos políticos, com uma relação muito próxima com o MST, então muita passeata, muita manifestação, muito conflito... E a direção do Monte Cristo apostou no caminho da conciliação: “Não vamos fazer passeata, não vamos nos aproximar do MST, não vamos nos relacionar com sindicato, não vamos nos relacionar com partido, não vamos misturar nossa luta com questões políticas”. Então essa visão romântica da direção do Monte Cristo, e que tem a ver com o senso comum mesmo, de “não vamos misturar política com salário, porque aumento de salário não tem a ver com a questão política, a educação não pega a questão política, a saúde não pega questão política...”, um discurso simpático, que soa como música para alguns ouvidos. Entretanto, não é assim que o Judiciário entende, que a polícia entende.

Então nós estávamos num congresso do sindicato dos eletricitários, e o Paraíba foi convidado para falar da experiência do Parque Oziel nesse congresso. Isso foi na sexta-feira. No sábado, nós estávamos no período das intervenções, o Paraíba ia fazer a palestra dele e tocou o telefone, dizendo que na sexta-feira de tarde um oficial de justiça tinha notificado que haveria uma reintegração de posse no Monte Cristo. Bem... A direção que queria uma ação mais cordial, mais comportada, fugiu da luta. E o Paraíba saiu do congresso e veio no final de semana organizar a Monte Cristo e foi aí que foi feita a união do Oziel e Monte Cristo.

Entrevistador: E a Gleba B?

Tiãozinho: A Gleba é uma outra história. Porque aí nós conseguimos suspender a reintegração de posse. Fizemos uma grande passeata com dez mil pessoas em Campinas. Juntou os movimentos, todo mundo, e suspendemos a liminar, e se consolidou a idéia de que sem luta não se conquista nada nesse Brasil e nem em qualquer lugar do mundo. A Gleba já foi um processo educativo para as próprias lideranças do Parque Oziel. Porque não cabia mais gente nem no Parque Oziel, nem no Monte Cristo. Então a estratégia era ocupar uma área que estava próxima, na divisa do Parque Oziel com Monte Cristo. Nesse momento o pessoal da PUC, o Toninho, Ari Fernandes, e outros professores, e o Conselho Municipal do Meio Ambiente, resolveram fazer uma visita técnica ao Parque Oziel. Foi lá que os professores da PUC e os membros do Condema identificaram que havia várias nascentes nessa área onde as pessoas pretendiam ocupar. E havia uma mata que, na opinião dos ambientalistas, precisava ser preservada.

Então nós tínhamos que fazer uma assembléia para convencer as pessoas de que aquela área não podia ser ocupada, porque ali tem as nascentes que alimentam as bacias do Capivari, aquela situação toda. Nós então ganhamos a votação na assembléia de que não podíamos ocupar aquela área, que ela tinha que virar uma reserva, e que poderia até funcionar, como hoje, como um pulmão natural para combater problemas de doença, de respiração... Então ali foi a primeira aula que o Paraíba teve de Ecologia, que ele falava “Não entendo nada desse negócio aí”. Então rapidamente ele começou a dominar alguns conceitos sobre meio ambiente e se resolveu ocupar a área de cima, mais próxima da estrada. Por que havia resistência em ocupar a área da Gleba B? Porque do lado de cima do córrego ficaríamos mais

vulneráveis na reintegração de posse. Porque a polícia só podia entrar no Parque Oziel pela Santos Dumont, e o córrego era uma espécie de trincheira que separava as áreas. Então nós tínhamos que ficar numa área que permitisse a mobilidade e diminuísse o acesso das viaturas da polícia (táticas de guerrilha).

Então resolvemos ocupar a área da Gleba, e inclusive foi numa das madrugadas mais frias de Campinas. Naquela madrugada, inclusive, uma mãe deu à luz naquela ocupação na Gleba. Então aí a direção do Oziel assumiu a direção da Gleba, mas o Monte Cristo sempre teve uma diretoria independente. Na cabeça do povo, é tudo a mesma coisa. Na imprensa, é tudo a mesma coisa. Da polícia, é tudo a mesma coisa. Então por que essa divisão? Mas foi a forma que entendíamos porque o Monte Cristo tinha essa outra realidade, diferente do Parque Oziel e da Gleba B. Foi esse o processo de debate que fizemos com algumas pessoas. Alguns deles já estão há 12 anos na ocupação.

Entrevistador: Muito bem. Vamos para a segunda pergunta então, Tiãozinho. Existia a intenção de se fazer do Oziel um modelo para outras ocupações?

Tiãozinho: Primeiro o referencial nosso era aquilo que eu falei: “Chega de ficar na beira do brejo e vamos ocupar regiões mais próximas da cidade e forçar o debate para a política habitacional”. Você vir para próximo do centro, chegar próximo da cidade, significa que você tem que ter um outro modelo de ocupação, um outro planejamento, uma outra estratégia. Então rapidamente a ocupação foi se consolidando. O maior desafio nosso era tirar o estigma do Parque Oziel e do Monte Cristo de serem bairros violentos da cidade. Então, ao mesmo tempo em que nós tínhamos que fazer um processo de consciência, nós tínhamos que trabalhar internamente para reduzir o número de violência na ocupação que acabou vitimando, inclusive, o próprio Paraíba. Então nós trabalhamos com essa perspectiva. Eu penso que o Oziel se tornou um modelo de ocupação para o Brasil por conta dessa estratégia de fazer ocupação próxima do centro da cidade e porque obrigou a cidade a refletir. Porque quando o sujeito ocupava lá no fundão, a 30 km da cidade, ninguém ligava pra ele, ninguém estava nem aí. Quando ele veio para próximo de cidade, próximo de shopping center, próximo de hotel, toda a cidade acabou se mobilizando em torno disso.

Entrevistador: Incomodada?

Tiãozinho: Uns se incomodaram demais, outros sentiram-se na necessidade de fazer uma política habitacional em Campinas. Então o Parque Oziel hoje é um bairro que está em processo de consolidação, com um conjunto de equipamentos públicos que bairros que têm trinta, trinta e cinco anos de Campinas não conquistaram até hoje.

Entrevistador: Emendando aqui a terceira pergunta: Já como uma iniciativa que partiu da comunidade, você acompanhou o surgimento do PAF, o Projeto Aprendendo para o Futuro? Qual foi sua atuação nisso? Você participou?

Tiãozinho: O PAF, a escolinha de futebol, e outros programas que foram desenvolvidos na comunidade tinham como objetivo dar àquelas crianças outras perspectivas. Eu quero lembrar aqui que por volta de 1998, a nossa cidade estava com 20% da população desempregada. Então você tinha uma ociosidade muito grande. Nossa avaliação é que nós precisávamos dar para a criançada lá atividades,

entretenimento, articular esses programas, como o PAF, ou como nossa escolinha de futebol, juntamente com a escola. Então a luta para colocar a escola lá dentro do Parque Oziel... muita gente nos criticou, que as escolas não eram escolas de verdade, eram escolas precárias, escolas em containeres... Mas a estratégia era levar para dentro da ocupação uma escola. Tanto ela foi acertada que logo em seguida nós conseguimos uma das maiores escolas públicas de Campinas, dentro do Parque Oziel. Então: escola, lazer, entretenimento. E para uma faixa dessa garotada, que já era uma faixa mais adolescente, um contato já com a tecnologia... Houve um trabalho de cooperação com a Alemanha, possibilitado pela professora Corinta, que na época era nossa secretária de Educação aqui em Campinas. Esse intercâmbio possibilitou contato dessas crianças com crianças de outras partes do planeta, com crianças da América Latina e da Europa. Então o PAF foi um instrumento importante e continua sendo uma ferramenta importante não só de inclusão digital, mas também para essas crianças enxergarem o mundo para além dos limites territoriais do Parque Oziel. Acho que essa foi a grande conquista. E, ao mesmo tempo, dizer a elas que a moradia é o primeiro passo, não é o último. Então além da moradia é preciso educação, é preciso lazer, é preciso trabalho. O interessante é que no decorrer desse processo as próprias crianças do Parque Oziel foram melhorando a auto-estima. Então elas começaram a sonhar que elas podiam ter uma profissão. E hoje a gente tem uma faculdade dentro do Parque Oziel. Eu lembro de uma ocasião em que os meninos foram jogar futebol e o uniforme deles era o pior que tinha. Então a molecada entrava arrumadinha... E eles até que jogavam bem, mas, quando chegavam no campo e o pessoal falava “Aquele é o time do Parque Oziel”... a autoestima ficava meio comprometida. Então eu contei essa história para o presidente da Ponte Preta, o Carnieri, e ele pegou sete jogos de camisa da Ponte Preta e doou para a comunidade: bola, meia, calção, chuteira, tudo. E aquela molecada não parou mais de ganhar campeonato. Já entravam em campo com a cabeça mais erguida.

Entrevistador: Tião, além da ocupação territorial, você acha importante que as comunidades da periferia se ocupem do espaço virtual também, do ciberespaço?

Tiãozinho: Olha, essa questão da identidade, do território, do pertencimento, foi muito discutida lá no Parque Oziel. Eu lembro que quando a gente foi colocar a rede de energia elétrica e a água eu falei para o pessoal que o mais importante não era a energia elétrica. Mas falei “o importante é que, quando essa conta de luz chegar na sua casa, vocês vão pagar essa conta e vão ter um documento na mão de vocês”. Então vai numa loja, vai procurar emprego e poderá dizer “Eu moro em Campinas, nesse lugar aqui”. Isso já te dá uma identidade. Hoje nós temos que usar todos os meios de comunicação. Então a primeira antena parabólica que se instalou na comunidade já foi um movimento muito interessante, da escola conversando com algumas pessoas. A partir daí veio o programa do PAF, com a oportunidade das crianças de se conectarem com o mundo. Isso eu achei muito interessante. Eles saberem o que estava acontecendo na Alemanha, até com o apoio de pessoas da Alemanha que vieram aqui, até para tirar a barreira da linguagem. Falar com crianças da América Latina... Entender o mundo, porque nós estamos aqui no Brasil com as nossas características, temos nossos irmãos aqui da América Latina com as características deles, próximos, mas com línguas diferentes. Conhecer o pessoal da Alemanha, porque eles só tinham ouvido falar da Alemanha pelos livros. E naquele momento havia pessoas de lá conversando com eles. Recebemos até uma delegação francesa no Parque Oziel: o pessoal veio da França e tivemos a possibilidade de fazer contato com franceses. E tivemos também a possibilidade de conversar com o pessoal de movimento social dos Estados Unidos da América. Hoje, com a crise, o pessoal está vendo que tem sem-teto nos Estados Unidos.

Em 2001 eu tive a oportunidade de ir até os Estados Unidos e participar de uma manifestação de sem-tetos lá. Porque lá o programa habitacional é tão perverso que vinte mil pessoas perdem a casa por dia porque não conseguem pagar suas hipotecas.

Então esse contato virtual foi extraordinário. Porque essas crianças, muitas delas, nasceram no Parque Oziel, e nunca saíram dali. E a cidade os via com discriminação e preconceito. Hoje, felizmente, você tem processos que permitem a uma pessoa ter um computador, mas em 97, 98, a realidade era outra: um computador, um telefone celular era artigo de luxo. Hoje nós temos as lan houses instaladas. Hoje inclusive tivemos uma reunião com o pessoal do Parque Oziel, e depois com do Monte Cristo, agora a preocupação passa a ser outra. Essa tecnologia hoje permite o contato com vários mundos, e infelizmente tem gente usando isso da maneira incorreta. A nossa preocupação era com a questão da pedofilia. Fomos dialogar com o pessoal que possui lan houses lá nos bairros, com os familiares, justamente no sentido de termos uma preocupação – não é só largar a criança na frente do computador.

Entrevistador: Tem o bônus e o ônus da tecnologia...

Tiãozinho: O bônus e o ônus da tecnologia. Quando o Paraíba estava na direção ele fazia o seguinte: ele não deixava ninguém da direção ler o jornal. Ele pegava as crianças do Parque Oziel para ler o jornal para ele. Então ele ia na banca, comprava o jornal, todos os jornais. Os mais importantes, então os três principais de Campinas, e geralmente algum de circulação nacional. Só que ele nunca pedia pra mim nem para outras pessoas lerem o jornal. Ele falava “Eu vou pedir para a criançada porque eles não vão mentir pra mim, vão contar o que está ali. Ninguém vai pular uma frase, esconder um fato, mudar o sentido”. Então a criança lia o jornal, ele interpretava e depois ia para o debate. Então, imagine, vivo hoje o Paraíba com certeza seria o cara mais conectado do Parque Oziel, porque ele era uma pessoa que não teve oportunidade de estudar, mas tinha uma capacidade de pegar informações, dados, e ir para uma mesa de negociação, e, como a gente fala no jogo, “trucava” os seus interlocutores.

Então é evidente que há uma conquista para a comunidade. A estratégia tem que ser no sentido de ampliar esses contatos. Há uma mobilização de fazer ali um ponto de cultura. Tem o trabalho ali com a Casa de Cultura Tainã, um trabalho que se faz muito bem na Vila Padre Manoel da Nóbrega, aqui em Campinas. Essa estratégia de permitir que as pessoas busquem a informação sem a mediação, que às vezes a mediação é pela política, ou pela imprensa... Hoje elas conseguem trabalhar com os dados, checar, de maneira muito interessante.

Entrevistador: Como você vê a liderança do Canário, agora que ele é um vereador que surgiu dos movimentos da periferia, em especial do Parque Oziel?

Tiãozinho: Olha... A ocupação no Parque Oziel foi tão diferente das outras que ela possibilitou um vereador eleito daquela comunidade. Acho que isso tem a ver com a estratégia inicial. As estratégias de ocupação de terra no passado criavam um grau de dependência do Estado muito forte, altamente dependente de programas assistencialistas. O Parque Oziel rompe com esse assistencialismo porque ele não esperou o Estado ir lá, ele veio até o Estado e entregou suas reivindicações. Na época, nós falávamos “Nossas exigências”. Então... Precisamos de escola... As crianças do Parque Oziel vieram para frente da Prefeitura e fizemos uma aula o dia inteiro, ficaram sentados nas carteiras na frente da Prefeitura para chamar a atenção, que precisávamos de escola. Isso articulado com os movimentos

estudantis da cidade, fazendo cadastramento... Mas não aquele discurso da escola para o mercado de trabalho, mas a escola como possibilidade de mudança para a vida daquelas pessoas. Essa foi a diferença fundamental. Quando nós fomos discutir os outros equipamentos públicos também foi nessa condição. O Parque Oziel se recusou de entrar naquela idéia de que hoje você é uma favela, aí depois você tem um orelhão e vira um núcleo, depois você faz um plano comunitário e você vira uma comunidade organizada, uma associação de moradores... Tem bairro que está há trinta anos nessa história, sendo enganado. O Parque Oziel rompe com isso. Ao romper com esse processo, ele constrói também lideranças, internamente capazes de fazer esse debate. Olha a história que eu contei pra você: como se deu a ocupação, depois como se deu a organização com o Monte Cristo, a Gleba... Um processo de educação popular muito intenso. Então ali Paulo Freire deve estar curtindo essa experiência. Eu diria que essa experiência ensinou a cidade e a cidade ensinou o Parque Oziel, porque eles sabiam que o Parque Oziel não era uma ilha.

Por outro lado algumas lideranças que são, na minha opinião, mais conservadoras, que não entenderam essas mudanças, começaram, ao invés de se apropriar desses métodos de se organizar que o Parque Oziel adotou, começaram a combater o Parque Oziel. Quando eu digo “Vocês tem que fazer o que foi feito lá: aproveitar o orçamento participativo, fazer mobilização, pressionar câmara de vereadores, pressionar deputados... O povo tem que ser o protagonista principal”. Foi o que eu disse: eu fui derrotado em várias assembléias no Parque Oziel. Não adiantava o vereador ir lá, o prefeito ir lá. Lá é no voto. Você vai lá e defende sua posição, alguém vai lá e defende a dele e vota.

Entrevistador: Não é possível perder isso, agora virando um bairro como outros? Você não acha que existe essa possibilidade?

Tiãozinho: Eu acho que existe. Mas essa é a experiência, entendeu? Decidiu-se que vamos fazer, então vamos fazer. Colocou-se como expectativa no Parque Oziel: “Vocês tem que se preparar para eleger um representante de vocês aqui. Hoje estou falando pelos sem-teto, mas é importante que tenha um sem-teto falando pelo sem-teto, alguém que possa viver o movimento que vocês têm. Porque na hora que acaba a assembléia, continua aqui com vocês. Na hora que der um vendaval, acabar a luz, tiver algum conflito, ele está aqui com vocês”. É mais verdadeiro. Ainda que o nosso sentimento de solidariedade seja muito forte, é mais legítimo quando se tem um representante próprio. E eles se empenharam para eleger o Canário vereador. E isso eu acho que foi uma mudança interessantíssima. Hoje, se você pegar a Câmara de Vereadores de Campinas, com todo o respeito a todos os vereadores que tem lá, o Canário é o único líder de massa que nós temos. Os sindicatos não conseguiram eleger nenhum vereador em Campinas. Quer dizer, a organização clássica, tradicional dos trabalhadores, que é o sindicato, que é fundamental para a luta dos trabalhadores, que foi e continua sendo fundamental para a luta dos moradores do Parque Oziel, não conseguiu eleger um sindicalista... Hoje de manhã eu estava com o Canário no Parque Oziel. Eram duas da tarde e ele ainda não tinha conseguido chegar à Câmara de Vereadores...

Por outro lado, evidentemente, não se pode exigir que o Canário renuncie a direitos que o parlamento dá aos outros vereadores. Então ele tem que ter um tratamento igual ao dos outros vereadores, usar de maneira honesta as estruturas que o parlamento dispõe, e utilizar essa condição de vereador para fortalecer outras lutas, outros movimentos sociais, e romper com esse paradigma.

Porque a história da cidade de Campinas é muito dura. Campinas foi a última cidade a abolir a escravidão. (O Brasil foi o último país livre e Campinas era chamada de a “A Bastilha Negra”) Então nós temos um longo caminho para percorrer. Ela tem momentos importantes para a democracia, para a república, para o fim da monarquia. Foi estratégica no processo de industrialização, continua sendo no processo tecnológico, temos aqui estruturas públicas e privadas de ponta, de tecnologia da informação, de produção de conhecimento, laboratórios de nanotecnologia, luz síncrotron etc... Mas ela tem também um lado conservador. E esse lado conservador se manifesta muitas vezes no parlamento, na hora de você definir seus representantes, e na hora de definir suas políticas. Então, quando a cidade de Campinas diz aos candidatos a prefeito: “Tem que resolver a situação do Parque Oziel”, o Parque Oziel entra na pauta política da cidade, na pauta política das universidades, na pauta política das pessoas que pensam esse modelo e a cidade reconhece deles o direito de ficar naquela terra, porque as pessoas que a possuíam não deram a ela nenhuma utilidade. Se aquele estoque de terra do Parque Oziel há vinte anos atrás tivesse sido objeto de um programa habitacional... O Parque Oziel é efeito da falta de uma política habitacional... É preciso ter um programa para quem não ganha nada. Quem não tem nada quer ter pelo menos a sua casinha. Se não tem casinha, pelo menos um pequeno lote onde ele constrói a sua casinha. Aliás, a maioria das casas no Brasil foram feitas através de auto-construção, de mutirão etc.

Então eu acho que essa é a idéia: eu espero que o Canário possa usar essa experiência dele, de vida, alterar as relações dentro do parlamento, e provocar também um intenso debate dentro da cidade sobre a questão da moradia. Então hoje temos em Campinas um programa que vai construir 30 mil casas. Ótimo. Agora, essas casas serão construídas em quais condições? Elas terão uma preocupação com a questão ambiental, com o uso racional da energia elétrica? Todas essas coisas que acabam provocando também a exclusão... Então hoje nós temos equipamentos, por exemplo, o uso da energia solar. Isso reduz a conta da energia elétrica em mais de 50%, em alguns casos 70%. Então, se você dá uma condição da pessoa ter uma tarifa de energia mais barata, de ter uma moradia mais digna, de saber que ela vai voltar para sua casa, você melhora as relações da cidade como um todo, porque ele passa a ter uma referência.

Acho que esse foi o debate que o Parque Oziel abriu em Campinas. Hoje, felizmente, Campinas tem programas habitacionais para todas as faixas de renda. Eu pergunto: por que não teve um novo Parque Oziel? Se esses programas que estão sendo apresentados hoje em Campinas derem conta de atender a essa demanda, nós não vamos mais ter um Parque Oziel em Campinas. Mas se daqui a alguns anos as políticas de habitação forem suspensas, os filhos dessas famílias que estão hoje nesses programas de baixa renda não terão onde morar. Então, o exemplo do Parque Oziel tem que ser uma espécie de lanterna para o gestor público, para os agentes habitacionais.

Algum tempo atrás, o José Pedro Martins, conceituado jornalista aqui de Campinas fez uma reportagem dizendo que o estoque de terra que nós tínhamos acumulado aqui no entorno, nas divisas, era suficiente para uma outra Campinas. Então a terra está aí, ela tem que cumprir sua função social. Como está na constituição: as pessoas têm que pagar o imposto progressivo para que, com esses recursos você possa construir moradias. E engana-se a pessoa que tem mais dinheiro e pensa que programa para pobre não resolve o problema dele, porque se tem mais casas, mais estoque de terra sendo disponibilizado, o preço da terra tende a cair, então a casa do rico fica mais barata, diminuiu a especulação imobiliária. Gera emprego, gera renda, diminuiu a violência... E hoje qualquer estatística aponta que o Parque Oziel conseguiu isso.

Entrevistador: Excelente, Tiãozinho. Agora como Secretário, quais são seus planos para o Oziel e para a periferia, em termos da sua pasta, ligada ao trabalho?

Tiãozinho: Deixa eu contar uma história interessante. Certa ocasião, nós fomos lá fazer campanha para o Toninho. Em primeiro lugar, o Toninho estava com 0% nas pesquisas. Em 2001 ele falava “Eu sou o candidato do traço”. É lógico, para animar o candidato, a gente tem que levar ele em lugares que a gente tem uma relação boa. Pegamos a garotada que estava na fila para jogar futebol, que tínhamos o trabalho do Externato São João lá, e o Padre Lelo era coordenador do externato São João aqui. Aí fomos lá falar com o pessoal, com a comunidade. Aí o Toninho perguntava pra criançada “O que você quer ser?”. “Ah, quero ser jogador, modelo, polícia”, que era a profissão mais possível ali – porque jogador, de cada vinte mil você tira um. Aí a gente olhava a molecadinha e pensava “Ah, será que vai sair algum jogador daqui?”. Olhava o padrão de estética e beleza, predominante na televisão brasileira: “Vai sair alguma modelo daqui?”, então o padrão de referência da Xuxa, loira, alta, aquela coisa toda... “E polícia? Tem que passar no concurso”.

Hoje, inclusive, eu pensei nisso. Quando nós voltamos lá, o Toninho já estava eleito prefeito, foi depois da eleição. Aquela mesma garotada, que acho que nem eles acreditavam que o Toninho podia ganhar a eleição, quando ele voltou a criançada toda já cantava a música da campanha eleitoral do Toninho. Ele era o pop star aqui de Campinas, então a molecada já chegava cantando. E foi interessante, que ele falou “Vou fazer as mesmas perguntas pra garotada”. Aí tinha um menino que falou assim “Eu quero ser prefeito que nem o senhor”. /risos/

Porque aquilo que parecia ser tão distante, quando o Toninho volta, já eleito prefeito, a molecada pensa “Se esse moço veio aqui, e ninguém tava dando nada pra ele naquele momento da campanha e hoje ele é prefeito de Campinas, eu posso”. E hoje tem um vereador, entendeu?

O que eu posso fazer para ajudar nesse processo? É possibilitar a eles acesso à informação, ao conhecimento, viabilizar cursos de qualificação profissional... Como eu disse pra você, hoje tem uma faculdade lá dentro do Parque Oziel... Identificar parcerias. É como cidadania: as pessoas falam tanto, que a idéia fica maçante. Mas a idéia é que as pessoas possam se emancipar, andar com suas próprias pernas, construir seu próprio destino. Não vou fazer isso sozinho. Vamos fazer de maneira organizada e coletiva, mas tem um momento que você tem que dar uma chacoalhada no grupo e dizer “A hora é agora”. Nesse momento, convidado pelo Dr. Hélio a assumir a Secretaria de Trabalho e Renda, eu tenho que pensar formas para que essas pessoas, que estão com a intenção de ir para o mercado de trabalho, possam ir no ambiente que o mercado está exigindo. E para aquelas que não conseguirem, porque vivemos num Estado capitalista em que não cabe todo mundo dentro da fábrica, então temos que procurar outras maneiras para que possam se sustentar, a si próprio e a sua família, que são os programas de transferência de renda, do governo federal. E também há os cursos de qualificação profissional. Às vezes, há os que tentam desvalorizar os cursos de qualificação profissional, mas é para preparar as pessoas para que elas possam enfrentar o mercado, que é perverso e atua, muitas vezes, de maneira a não incluir, mas a excluir. No restante, eu acho que no Parque Oziel, se você pega uma criança que tem dez anos, ela fala “Eu participei daquela passeata”. A história está bem viva lá. Então, é preciso atuar também para a manutenção e preservação dessa história de vida. Ano que vem, 2010, será mais um aniversário: em fevereiro, vão completar 13 anos, e eu espero que essa criançada que a gente viu nascer de madrugada na Gleba B, crianças que nasceram dentro da associação do sindicato,

crianças que sentiram, desde pequenininhas, o cheiro do gás lacrimogêneo, da bala de borracha, dos cavalos descendo nos processos de reintegração de posse... Pra mim, particularmente, não vou dizer que a missão está cumprida, mas eu posso dizer que nós ajudamos a escrever uma página da história da cidade de Campinas. Uma vez na Câmara de Vereadores, num debate sobre o processo de povoamento da cidade de Campinas, segundo nosso prefeito Toninho, este foi orientado pela Coroa Portuguesa, com o Marquês de Pombal, que definiu todas essas estratégias de ocupação desse território... No momento em que o Barreto Leme chegou aqui, no lugar onde é a Igreja do Carmo, a partir dali ele começou a definir a cidade: quem ia ficar aqui, quem não ia... Então eu acho que o Parque Oziel ajudou a gente a redesenhar a cidade de Campinas, pelo menos repensá-la, ajudou a se tornar uma cidade mais incluyente, socialmente mais justa.

Entrevistador: Ótimo, muito obrigado.

Entrevistador: Secretário Tiãozinho. Eu gostaria que você nos autorizasse a utilizar esse material recolhido hoje para fins acadêmicos, para fins de pesquisa. Tudo bem pra você?

Tiãozinho: O que eu coloquei aqui são coisas de domínio público, então, sendo útil de alguma forma, vocês fiquem à vontade para dar a essa entrevista a finalidade que acharem mais adequada, seja ela acadêmica, seja outra forma. Como eu disse: não adianta a gente ficar com essas coisas todas guardadas. Daqui a alguns anos as pessoas poderão mergulhar nessas pesquisas, nas teses, na academia e ver como surgiu esse Parque Oziel, tão famoso em Campinas e no Brasil.

Entrevistador: Queria agradecer pela disponibilidade e pelas palavras assertivas, e por essa memória viva sobre o Parque Oziel. Muito obrigado, Tiãozinho.

Tiãozinho: Eu que agradeço, acho que passamos de meia hora e a gente vai falando e as imagens vão passando na cabeça da gente, isso é muito bonito. Se vocês conseguirem associar o conteúdo dessas imagens às imagens que algumas instituições têm, a própria imprensa, vocês terão um material de muita qualidade. Tanto pra teses acadêmicas quanto para outras formas de pesquisar: urbanização, saneamento básico, meio ambiente, violência urbana, inclusão digital, educação formal e não formal... Primeiro centro de saúde lá foi do Boldrini, imagine... Essa aliança que o Parque Oziel construiu e que foi fundamental para a vitória deles.

Entrevistador: Está ótimo!! Obrigado!

ANEXO 5 - Transcrição da entrevista com Canário

Entrevistador: Há algum tempo atrás estivemos aqui para entrevistar o Adailton e o irmão dele está aqui ainda. A gente participou de uma entrevista bem bacana. Mas agora está tudo asfaltado, está tudo modificado, e o Canário está acompanhando a mudança. O Canário mora ali, no 318, e ele está fazendo uma melhoria: a calçada dele. E vocês vão ver o que tem na calçada, qual a arte que tem lá. Essa é a calçada da fama então, Canário?

Canário: É, mas eu ainda não sou famoso. Venham ver a quadra que estamos construindo.

Entrevistador: Aqui vai ser a quadra?

Canário: A quadra com futebol de areia. É para gente continuar com aquele projeto de tirar as crianças da rua. E também vamos fazer campeonato para adultos, à noite. Para tirar também o estresse dos adultos.

Entrevistador: Você está fazendo uma área de lazer aqui embaixo então?

Canário: Aqui é um lugar que a gente pode tirar no mínimo umas trezentas, quatrocentas crianças da rua por dia, através desse projeto social. Aproveitando o projeto do governo federal, o Segundo Tempo, e o PAF, que é o Projeto Aprendendo para o Futuro, continuando junto: os que não cabem no projeto do governo federal a gente já coloca junto com os da gente para integrar todos. E a noite com os adultos, né? Fazendo campeonato aqui... adulto e terceira idade, com campeonato veterano.

(Na casa do Canário)

Canário: Vamos lá?

Entrevistador: Ótimo. Vamos lá. Canário, qual o seu nome completo e por que o apelido “Canário”?

Canário: Bom, meu nome é Jairson Valério dos Anjos, apelidado de Canário porque eu jogava bola num time amador de Hortolândia chamado Canarinho. E quando eu vim aqui para o Parque Oziel, na segunda semana de 97, eu vim com a camisa do Canarinho, e começou o apelido Canário e está até hoje.

Entrevistador: Aproveitando, como você chegou ao Oziel? Como você veio parar aqui? Conta um pouco dessa sua história aqui no bairro.

Canário: Na verdade, o Parque Oziel eu só tenho que agradecer a Deus pela existência dele, e também agradecer ao Chico Amaral, o prefeito nosso na época, que para mim foi o “prefeito da habitação”, porque na época dele foram feitas mais de vinte mil moradias, no primeiro mandato dele... Foi um grande prefeito na área de habitação. Eu agradeço a ele, porque se não fosse ele também eu não estaria aqui. Tá certo que a gente teve a mobilização do povo, junto com o finado Paraíba, que foi nosso primeiro presidente, que teve todos os seus méritos naquela luta.

Passamos pelo finado Mauro, que foi assassinado, o Cecílio. Depois vim eu. Ou seja, por três anos e meio mais ou menos foram eles. Não deu três anos e meio, porque em 99 eu já era presidente. Dois anos mais ou menos. Então na verdade a minha vinda para cá é porque eu pagava aluguel numa favela, com meus quatro filhos, três filhos, que um nasceu quando a gente já estava aqui... Foi aquela dificuldade, com aquela inflação que tinha no governo Fernando Henrique, uma inflação galopante na casa dos 45% por mês... Então não dava para gente pagar aluguel. Aí aconteceu a ocupação do Parque Oziel no dia 3 de fevereiro de 97. E mais ou menos dia 11, dia 12, viemos e pegamos esse terreninho aqui, onde a gente está até hoje.

Entrevistador: Ótimo. E é verdade que você é o líder, o presidente comunitário aqui, o único que sobreviveu? Seus antecessores foram assassinados?

Canário: Só um que foi embora, que foi o Cecílio, que correu. No dia que o Cecílio foi embora, dois que trabalhavam junto com ele, na associação, foram assassinados. E depois da saída dele, do Cecílio ir embora, que foi o último presidente, nós formamos uma associação também. E o cara que estava junto comigo também, depois de uns dois meses, foi assassinado, que era o Zé Bahia. Então eu fiquei numa situação muito difícil, porque aí eu fiquei sozinho. Mas eu tinha um amparo maior, que talvez eles não tivessem, que foi o apoio de Deus, de Jesus mesmo, que falou para mim: “Vá!”. E continuou me honrando até hoje e espero que continue por muitos e muitos anos de vida.

Entrevistador: Amém. Mas você acha que, além disso, você soube lidar com as situações políticas, por isso que você foi ficando, foi ficando... E acabou se elegendo vereador, inclusive?

Canário: Na verdade é o seguinte: todos, por pior que a pessoa seja, ele não tem só maldade. Por mais ruim que seja. Então você tem que viver, como a gente vive na periferia, no meio de todos, convivendo com pessoas, que cada um tem uma linha de atuação, de vivência. Mas se você viver no meio e pegar só as coisas boas, sobra alguma coisa. Então de todos que estavam aqui antes eu fui pegando, fui vendo o que era bom, e quando eu fiquei como liderança eu não repeti algumas coisas que eu achava que era errado.

Entrevistador: Você nunca entrou naquela famosa lista, que até o Padre Nelson entrou e acho que era o terceiro ou quarto, que o pessoal queria assassinar?

Canário: Ah, aqui a lista era grande. Mas eu, graças a Deus, se colocaram, Deus não deixou chegar até mim. Então sempre o Senhor me protegeu disso. Então as coisas ruins eu deixei para trás, nem peguei, e comecei a implantar coisas novas. Por exemplo: abrir portas para as igrejas... Duas igrejas que tinham sido tomadas aqui, eu devolvi. A pessoa que tem coragem de tomar uma igreja, imagina o que pode ser! Então devolvi e fui trabalhando uma outra linha, que é a linha da política da sobrevivência, que você não tem mandato, mas você faz a política da sobrevivência do bairro todo. Aí foi a mudança radical que eu vi nessa minha linha de atuação.

Entrevistador: Legal. E qual foi a importância do Paraíba para o início do movimento?

Canário: Às vezes as pessoas falam “O Paraíba foi bruto”, não sei mais o que... Mas ele foi de fundamental importância para a associação, para o bairro hoje. Eu posso dizer para você que eu não teria vez se eu fosse presidente naquela época... Talvez eu não tivesse o controle de uma ocupação tão

grande com a coragem e a ousadia que o Paraíba tinha. Para mim faltou do lado dele algumas pessoas que conseguissem mostrar também o outro lado das pessoas... Que eram carentes, que precisavam de um pouquinho mais de respeito talvez. Mas para mim ele foi de fundamental importância para que a ocupação se consolidasse. Às vezes as pessoas tinham aquele negócio:

“Vamos, senão faz um “X” nas casas. Aquilo ali era uma coragem que as pessoas tinham que ir. Talvez eu não tivesse o controle naquela época, sobre a população.

Entrevistador: Para o movimento, qual foi a importância do Padre Nelson?

Canário: O Padre Nelson, o Paraíba e o MST foram muito importantes para o bairro. Posso dizer assim: Padre Nelson, Tiãozinho, Renato Simões e Chico Amaral, os quatro, foram também de muita importância para o bairro. O Tiãozinho recém-eleito vereador, o Renato Simões deputado Estadual, e o Padre Nelson recém-formado também. Então eram três recém-empossados que tiveram uma coragem muito grande. O Padre Nelson, por ser padre, e a Igreja Católica estar um pouquinho não alinhada com políticas, não entendia bem. Mas ele queria saber era do povo, e para nós foi muito importante. Hoje eu vejo o Padre Nelson como uma peça muito importante para nós, tanto é que eu fiquei muito chateado quando ele saiu daqui. Tanto é que nós fizemos uma caminhada. Eu fui falar com o bispo para que o bispo deixasse o Padre Nelson aqui. Eu estava novo na associação de moradores e eu sofri muito porque quando eu assumi o Padre Nelson já não estava. E eu sofri muito com a mudança, porque ele era uma âncora para gente aqui. E aí eu me vi sem ninguém das antigas, de liderança, sem o Padre Nelson, e ficamos eu e o Tiãozinho, entendeu? Mas o Padre Nelson foi muito importante. Eu quero que Deus abençoe muito ele, onde ele estiver, nas caminhadas que ele estiver fazendo. E ele está sempre pensando nos mais necessitados... E de verdade, entendeu? Nós não temos uma relação mais próxima pelo trabalho dele. Eu já o procurei algumas vezes, mas na verdade eu sinto muita falta desse homem porque ele nos ajudou muito.

Entrevistador: OK.

Entrevistador: Canário, o que mudou no líder Canário, no presidente da comunidade aqui, da associação do bairro, aquele camarada que a população gosta, que a população confia, as crianças, todos os moradores, agora como o vereador Canário. O que mudou?

Canário: Pessoalmente mudou que eu recebi um diploma de vereador. Mas os meus atos, minha maneira de ser eu não mudei nada, porque eu não quero que mude. Eu não quero tirar o pé do chão, eu quero ser o vereador daqueles que mais necessitam. Eu quero continuar onde eu estou, trabalhando, fazendo minhas coisas... Por quê? Eu me sinto bem, para mim é saudável eu estar fazendo igual você filmou agora. Eu levantei hoje era 04h45min.

Entrevistador: Por quê?

Canário: Porque eu acordei e fui fazer o que eu gosto de fazer. Às vezes você vai me pegar roçando praça. Eu não quero mudar porque as políticas, os projetos de lei que eu apresentar na câmara dos vereadores, eles não vão ser fictícios. É porque eu vivo aqui, porque é a realidade do que eu vivo. Por exemplo: eu preciso de uma nova escola no Parque Oziel, eu vivo essa necessidade. Já encaminhamos um projeto para ver se vem. Então não mudou nada. Pode ser que mude um pouco as condições de

viver, porque nove anos sendo presidente de um bairro, sem trabalho, sem nada, vivendo de bico... Agora, o pouco ou muito, eu ganho para trabalhar. Então eu quero continuar. Realmente, quando os vereadores falam que nós somos a ferramenta do povo, eu quero realmente ser. Então eu vou viver isso e não vou mudar. Pelo contrário: quero continuar morando nesse mesmo lugar. Tem duas coisas que me aborrecem. Duas coisas. Já falei em assembléia isso: é quando a pessoa pergunta: “Oh, Canário, quanto você está ganhando?” ou então: “Você vai mudar daqui?”. Essas duas coisas me aborrecem. Porque nos nove anos que eu estive presidente do bairro, ninguém chegou para mim e falou “Oh, Canário, como é que você está fazendo?”. O salário de vereador é público. Diferente de partido, que tem uns que contribuem com partido e outros não. Mas a outra coisa, mudar para onde? Para quê? Se eu estou dentro de um bairro maior que nove cidades do estado de São Paulo? Então eu tenho que trabalhar mais para consolidar meu nome dentro desse bairro e da cidade. Então duas coisas que me incomodam é isso. Então não mudei, não vou mudar de casa... Vou tentar fazer o que eu puder, pelo menos um sonho eu tenho: tem um prefeito nosso, que você conheceu muito bem, o Toninho, que foi o prefeito assassinado. No dia que ele ganhou a eleição eu não era candidato, nunca tinha nem pensado em ser vereador... Eram seis da tarde, antes da gente ir para Unicamp, eu estava subindo no gramado, no campinho ali de areia... E o Tiãozinho vinha descendo: “Canário, o Toninho mandou falar para você que agora você vai ver se ele gosta do Oziel ou não gosta. Ele vai fazer uma cidade dentro de uma outra cidade”. Então, quando aconteceu o assassinato do Toninho, eu sendo eleito aqui dentro, sobrou uma parte dessa responsabilidade para mim. E eu vou buscar e cobrar do executivo que pelo menos uma parte desse sonho do Toninho a gente consiga realizar aqui dentro, que é mudar a cara desse bairro. Mudar, porque esse povo merece, é um povo que lutou muito. Eu acho que não tem um cidadão aqui na cidade de Campinas que lutou mais pela sua moradia, pode até ter igual, mas mais do que os moradores do Parque Oziel não tem. Então essa é uma das minhas lutas. Como vereador eu vou fazer isso. Vou lutar muito por isso.

Entrevistador: Muito bem. Canário, então você agora além de ser representante do bairro, você é o representante da periferia, como vereador?

Canário: eu vejo que na nossa cidade de Campinas aproximadamente duzentas e dezesseis mil pessoas morando em núcleos, ocupações e favelas. Que as favelas atingem as áreas de proteção permanente, áreas de mananciais, áreas verdes... então, nós temos que ter políticas para isso. E quando você vê a necessidade do vereador nessas áreas você consegue enxergar e ver dentro das políticas as questões piores ainda, que é a questão social, a questão da periferia, questão da falta de creche, a falta até mesmo de você conseguir trazer as Universidades dentro da ocupação, do núcleo, ou do bairro carente mesmo, os bairros de Cohab, onde as pessoas fazem suas residências sem conhecimento técnico nenhum. Então nós precisamos acelerar isso. Eu não fico triste quando as pessoas falam “mas o Canário é da periferia”. Eu sou, e com muito orgulho. Eu reconheço que eu sou vereador da cidade. Não sou só da periferia, sou vereador da cidade de Campinas. Mas eu tenho foco de vivência que eu me identifico muito com esse povo que mais precisa, necessita mesmo. Então os projetos de leis que eu tenho como encaminhar teriam que ser voltados um pouco mais para esse povo. E para que possa adequar à nossa cidade porque é do conhecimento de todos que a ampliação do Viracopos e esse trem-bala vão levar Campinas para o Primeiro Mundo muito rápido. Então nós precisamos levar também com isso, aproveitar essa oportunidade do governo federal, e trazer capacitação para esses jovens e adultos da nossa periferia de Campinas e ao mesmo tempo, para você preparar essa capacitação dos jovens e adultos, nós temos que trabalhar com o social, logo com as crianças a partir dos seis anos. Porque se você não tiver projeto

social, você também não encaminha o jovem para ele se capacitar aos dezesseis anos, eles já estão rebeldes. Então é maior a luta do que a gente pensa. É muita luta pela frente.

Entrevistador: Você pretende continuar com o PAF? Como está o PAF hoje?

Canário: O PAF, como eu te falei da questão da pedofilia, que há um mês, mais ou menos, nós tínhamos dados concretos que a cada dois dias tem um boletim de ocorrência por abuso sexual contra criança e jovem, adolescente. Então, os pais de hoje, quando eles falam “Ah, está lá no projeto do Canário”, não é isso. A gente não trabalha sozinho, você não tem como tomar conta. Então eu apresentei um projeto de lei que foi aprovado na Câmara de Vereadores, estamos esperando o prefeito sancionar, que é um projeto de campanha continuada contra o crime de pedofilia. O que acontece? Em todos os setores tem pedófilo. Talvez amanhã ou depois alguém está assistindo a esse vídeo, e estarão falando de pedofilia e pode ser que alguém assista isso. A pedofilia é comprovada como uma doença. Eu penso assim: é uma doença, mas é crime. Porque quando você pega uma pessoa que fez universidade e ele tem um intuito de ser pedófilo ele sabe o que está fazendo. Quando é criança aí é uma outra coisa. É uma criança que não sabe o que está fazendo, de seis, sete, oito anos. Mas quando você faz universidade e você sabe o que é pedofilia, que ela é uma doença você já passa a ser um criminoso, ela é crime. A pedofilia sendo crime, e perigoso, está em todas as camadas sociais. Esse projeto PAF eu parei em novembro, e estamos pretendendo voltar com ele agora, mas com a participação de todos os pais. Aquele pai que não participar, o filho também não vai participar. Primeiro os filhos têm que estar na escola, juntamos agora com três professores, que é a Elaine, de educação física, o Sérgio e o Jessé. Então eles vão me ajudar no PAF também. Nós só vamos ter uma criança no PAF: uma que o pai participe. Por que isso, professor? Porque o único remédio que a gente descobriu contra os pedófilos é a participação da família no projeto. Então se o pai e a mãe não querem participar e a gente acha que esse é o remédio, não é o remédio para curar o pedófilo, mas é o único remédio comprovadamente que ameniza o processo do pedófilo.

Então eu só vou continuar com o PAF com as crianças que os pais realmente se cadastrarem, que a gente achar que tem interesse, que querem saber tudo do filho, aí a criança vai continuar. E eu acredito que dentro de uns quinze, vinte dias, nós vamos ter as primeiras aulas. Também cadastramos agora duzentas e quarenta e sete crianças no projeto Segundo Tempo, o projeto do governo federal, que está vindo para Campinas. E vamos trabalhar com mais ou menos uns cento e cinquenta no PAF, totalizando aí umas quatrocentas, quatrocentas e dez crianças, que todas as semanas nós vamos estar trabalhando, todos os dias, praticamente, vamos estar trabalhando com eles através do esporte, do reforço escolar e da informática. Mas nós temos um problema grave. Porque veja você, as lan houses, a internet de acesso livre para as crianças, para elas poderem trabalhar, aí você corre outro perigo. Porque a partir do momento que você abre a internet para as crianças, se você não tiver um controle você vai ter um problema sério de pedófilo. Porque tem pedófilo no mundo inteiro e eles estão atentos aonde tem lan houses, esse acesso fácil para as crianças. Então nós temos que ter muito cuidado com isso. De repente, num primeiro momento, nas nossas aulas de informática, acho que em princípio nós não vamos nem abrir a internet para eles, a não ser que seja pesquisa escolar ou reforço escolar. Eu acho que está faltando, na minha opinião, um controle mais sério dos governantes na questão das lan houses, na internet. Eu acho que deveria ter algum processo que as pessoas viessem e capturassem os discos rígidos dos computadores de lan houses para ver o que está acontecendo. Primeiro não é questão de punir nem nada, mas orientar os proprietários de lan houses, de falar “De tanto em tanto tempo nós

vamos passar recolhendo, então é bom você cuidar, porque aquelas que forem pegas nisso sofrerão processo e fechar”. Também porque o dono da lan house, dependendo do horário, é difícil ver onde ele está ou não está. Então se ele tiver um cuidado maior com as crianças, vai ser bem vindo isso.

Entrevistador: Bom Canário, com tudo isso que a gente conversou, vocês ocuparam aqui um espaço físico, territorial, e você acha importante os membros da comunidade ocuparem também o espaço virtual, através da internet?

Canário: Eu acredito que não tem jeito de não ocupar esse espaço, senão vamos ficar para trás, como se fosse um bairro que vivesse ainda numa ditadura. Quando ocupamos o Parque Oziel, uns três, quatro anos depois, tinha muita discriminação ainda, e ainda existe, nós somos discriminados por algumas pessoas, bem poucas, mas somos. Mas hoje temos a maior escola do município em quantidade de alunos, nós temos duas creches, temos uma faculdade aqui dentro. Esse ano agora, as pessoas que chegarem sem chance nenhuma de ser alguma coisa na vida, só na Fundação Douglas Andreani formam trinta e nove professores com Pedagogia Plena aqui dentro. Minha mulher é uma dessas, que se formou esse ano, e chegou aqui só com a quinta série primária e se formou aqui dentro em Pedagogia Plena. Estamos ocupando esse espaço aos poucos. E ainda bem que está sendo aos poucos, para que a gente vá fazendo isso degrau por degrau. Porque tem bairro que se desenvolve rapidamente e não vai construindo uma história. Aqui é diferente: as pessoas chegaram aqui junto com a gente e não eram praticamente ninguém para a sociedade, mas que hoje são alguém. Nós temos alunos na Unicamp, na Unip e outras faculdades. Temos várias pessoas se graduando. A internet vai estar em todos os lugares. E nós moradores estamos muito felizes, porque temos muitos sem tetos que mostramos agora nossa capacidade para a cidade inteira. Nós tivemos a capacidade de construir um bairro desse tamanho, que hoje você quase não vê barraco. Porque se fosse para gente esperar um projeto habitacional para dar uma moradia para cada um, hoje estariam onde essas pessoas? A pergunta maior é: onde nós estaríamos? Então, nós estamos ocupando nosso espaço: brigando por escola, asfalto, creche, rede de água e esgoto em todas as casas. Agora aprovamos um número oficial de todas as residências, o correio já está entregando as cartas de casa em casa. Não poderíamos ter, mas foi a luta desse povo, conversamos com engenheiros, com o gerente geral dos correios, colocamos nós mesmos, a planta oficial, com os números oficiais, colocamos números em todas as casas aqui. Apresentamos nomes. Inclusive temos nome aqui que são nomes de mulheres que foram heroínas, da revolução, das mulheres que morreram na questão da democracia brasileira, mulheres que lutaram para que a gente pudesse implantar definitivamente a democracia no país. Então temos vários nomes que quando divulgarem, você como professor vai ver que foi de propósito mesmo, essas heroínas que estão aqui. Com isso nós vamos conquistando a passos lentos. O melhor de tudo é que não é comprada essa liberdade nossa, a ocupação desse espaço físico...

Entrevistador: E o virtual.

Canário: E o virtual? Foi comprado com muita luta. Passe o tempo que passar, um dia vai ter alguém contando essa história real e que muitos não vão acreditar, mas quem viveu, como você viveu, como o Padre Nelson viveu, o Chico Amaral, nós fizemos uma homenagem para ele na Câmara de Vereadores na semana passada... Essas pessoas vão saber do que a gente está falando num futuro muito próximo. Hoje você passa na frente da minha casa e vê asfalto e quando a gente não podia nem andar? Para nós é muito importante e eu acho que essa história nossa aqui passa quase como o descobrimento do Brasil,

ou talvez na pedra fundamental, do início de Campinas, com o Barreto Leme quando chegou aqui e distribuiu, foi cortando os pedacinhos, e cada um pegou um pedaço. O Parque Oziel teve parecidíssimo nessa história. Aqui chegou o Paraíba, junto com aquelas pessoas, e cortou um pedacinho para cada um. Se Campinas, hoje com um milhão e duzentos mil habitantes, foi assim, por que o Parque Oziel, uma terra abandonada, improdutivo há muitos e muitos anos também não poderia ser distribuído. Então nossa história, Oziel e Campinas, são histórias muito semelhantes, muito parecidas, na questão de distribuição. E hoje nós estamos com nossos documentos, e se você for ver a história, muitos não tinham esses documentos quando foi distribuído, né? Então nossa história é bem parecida: Parque Oziel e Campinas, e as pessoas que trabalharam com a gente. Então essas pessoas nossas, devagarzinho estão ocupando o espaço virtual. Hoje você chega nas lan houses e já imaginou? Umas crianças que os pais que vieram de favelas, que não tinham moradia, e você chega nas lan houses cheias, com as crianças usando? Demos um salto de qualidade sem igual.

Entrevistador: Canário, queria te agradecer muito pela entrevista. Mais uma, né? A gente vem te entrevistando há anos, junto com os projetos dos alemães, e diversos outros projetos ligados à Unicamp. Eu queria te perguntar se eu poderia usar essa nossa entrevista para fins acadêmicos, se você me autoriza a usar essa entrevista, e também até deixá-la postada dentro de um web site, para quem quiser consultar no Brasil e até no mundo inteiro. É possível isso?

Canário: Olha, para mim é uma questão de muito orgulho. Eu venho de uma família de lavrador, já te falei que inclusive eu estou viajando para tentar encontrar meu pai, que eu não conheço. Imagina, um filho de um lavrador, criado sem pai, depois de quase cinquenta anos descobrir que ele existe, e que Deus está te dando a oportunidade de ver se encontra ele, e ao mesmo tempo você saber que pode ser útil, e que sua história de vida sirva para alguém dentro das universidades possa entender que o ser humano é capaz de muita coisa, mesmo que você nunca pode pensar assim “Eu não sou alguém”. Eu sempre sou alguém. Por menos que você seja na vida. E que essa história de vida sirva para que alguém possa estudar, ou que seja para alguém até colocar defeitos, eu autorizo e é motivo e orgulho. É motivo de muito orgulho saber que a minha história, a história do Parque Oziel, a história de luta desse povo, para as Universidades, eu autorizo e muito.

Entrevistador: Ok, muito obrigado, Canário.

ANEXO 6 - Declaração dos Direitos Humanos no Ciberespaço

No dia 10 de dezembro de 1948, a Assembléia Geral das Nações Unidas adotou e proclamou a Declaração Universal dos Direitos Humanos. Em 1998, o mundo comemora o 50º aniversário dessa declaração, com eventos durante o ano todo, entre eles o 10º anual do Digital Be-In, em São Francisco.

Apresentamos, aqui, nossa minuta de proposta de uma Declaração dos Direitos Humanos no Ciberespaço, baseada nos princípios da Declaração Universal. Oferecemos este documento para debate e como um compromisso voluntário potencial que indivíduos e organizações podem assumir com relação às suas próprias orientações e ações na rede global de comunicações.

Convidamos você a participar do nosso foro de discussão sobre este documento, bem como a levá-lo ao conhecimento de indivíduos, empresas, organizações sociais e grupos políticos com os quais você tenha ligações. Abrangendo todos os que usam a Internet ou os que venham a ter a necessidade ou o desejo de usá-la no futuro, podemos fazer do ciberespaço um lugar onde se cultive o melhor do pensamento e dos ideais humanos.

Preâmbulo

Considerando o reconhecimento de que a Internet e redes relacionadas representam uma porta aberta para o desenvolvimento potencial da condição humana, inclusive liberdade, igualdade e paz mundial;

Considerando que a transição de uma sociedade baseada na propriedade para uma sociedade baseada na informação cria uma nova estrutura de poder que tem também o potencial de oprimir e explorar aqueles que não têm formação técnica ou acesso às ferramentas para a informação e comunicação;

Considerando que determinadas organizações governamentais e outras não governamentais têm tentado afirmar sua autoridade e seus valores neste lugar fora do mapa, sujeitando-o às suas leis, valores e regras específicas, muitas vezes desconsiderando diferenças culturais, credos religiosos ou as condições econômicas dos seus habitantes;

Considerando o reconhecimento de que cada pessoa tem direitos inalienáveis em virtude da sua condição humana, estando os mesmos enumerados na Declaração Universal dos Direitos Humanos (Assembléia Geral das Nações Unidas, 1948), especialmente no que se refere ao advento de um mundo onde os seres humanos terão liberdade de expressão e credo e onde a ausência do medo e da escassez tenha sido proclamada como a mais alta aspiração do povo;

Considerando ser essencial, numa sociedade globalizada, que direitos humanos fundamentais se estendem para englobar o acesso à educação e conhecimento, os quais também devem ser protegidos pela lei;

Considerando vital promover a disseminação da informação como uma fonte, a qual, quando usada em comum seja multiplicada e não dividida entre seus possesores;

Considerando que os povos das várias comunidades do ciberespaço aqui afirmam sua fé nos direitos humanos fundamentais na dignidade e no valor da pessoa humana e nos direitos iguais entre homens e mulheres e que estão determinados a fomentar o progresso social e melhor padrão de vida com maior liberdade;

Considerando que um comum entendimento desses direitos e liberdades é da maior importância para a realização deste compromisso;

Por conseguinte,

Nós, cidadãos do ciberespaço

Proclamamos

ESTA DECLARAÇÃO DOS DIREITOS HUMANOS no CIBERESPAÇO como um padrão comum de realização com a finalidade que todo indivíduo e toda organização da infra-estrutura de informação, tendo esta Declaração em mente deverá se esforçar, ensinando e educando, para promover o respeito por esses direitos e liberdades e através de medidas sucessivas, no mundo físico e on-line, assegurar seu reconhecimento universal e efetivo, entre os provedores, usuários individuais e de organizações, e as instituições humanas em geral.

Artigo 1.

As idéias e manifestações de todo ser humano merecem igual oportunidade de serem expressas, consideradas e divididas com outros, com a discríção do gerador e do receptor, direta ou indiretamente.

Artigo 2.

Todos podem usufruir dos direitos e liberdades expostos nesta Declaração, sem nenhum tipo de distinção seja de raça, cor, sexo, língua, religião, tendência política, origem social ou nacionalidade, nascimento ou outros status. Outrossim, não deverá haver distinção nos fundamentos da jurisdição física ou política, nem nos métodos de acesso à rede.

Artigo 3.

Todos têm o direito à privacidade, anonimato e segurança em transações on-line.

Artigo 4.

A divulgação de informações pessoais não poderá ser coagida por provedores nem sites e, quando requisitada, deverá ser efetuada com consentimento expresse.

Artigo 5.

Ninguém deverá se sujeitar à comunicação de massa através do sistema e-mail, sem prévia solicitação, à penetração involuntária no seu computador ou à invasão da sua privacidade através da imposição de idéias.

Artigo 6.

Enquanto toda pessoa tem direitos iguais de acesso a informações ou de entrar nas comunidades da Internet, a participação contínua nessas comunidades deverá depender de padrões de comportamento desenvolvidos e expressos dentre essas comunidades.

Artigo 7.

Leis já existentes como as de proteção a menores e consumidores se aplicam no ciberespaço, bom como no mundo físico, no entanto a instauração de um processo poderá depender de acordos entre jurisdições geográficas. Tais acordos devem respeitar os direitos básicos do indivíduo, não importando qual o sistema legal vigente.

Artigo 8.

Todos têm o direito a um recurso efetivo pela violação dos seus direitos, liberdades ou pela desapropriação fraudulenta de fundos ou informação.

Artigo 9.

Ninguém deve se sujeitar à investigação arbitrária do conteúdo ou de associações representativas através da on-line.

Artigo 10.

Todos têm igual direito a uma audiência aberta num tribunal independente e imparcial, na determinação de direitos e obrigações e de qualquer acusação criminal contra si.

Artigo 11.

Todos têm o direito a um nível básico de acesso à informação através de instituições públicas e provedores de serviço.

Artigo 12.

Todos, em qualquer lugar, têm o direito de escolher uma tecnologia própria para proteger suas transações e comunicações e não podem estar sujeitos a um processo pela natureza dessa tecnologia.

Artigo 13.

Todos têm o direito à liberdade de pensamento, consciência e expressão; este direito inclui a liberdade de mudança dessas crenças e a liberdade, estando em on-line só ou em comunidade, de manifestar credo ou religião no ensino, na prática, culto e observação. Ninguém deve se sujeitar à vexação ou instauração de processo pela manifestação de suas opiniões.

Artigo 14.

Todos têm o direito de escolher o provedor de sua preferência e de trocá-lo à sua conveniência. Os que não puderem pagar pelos serviços, têm o direito de escolher serviços gratuitos e públicos, não importando a sua localização.

Artigo 15.

Ninguém pode ser arbitrariamente privado do acesso ao e-mail, nem estar sujeito a condições injustas ou mudanças nos serviços.

Artigo 16.

Todos têm a liberdade de escolher com quem se associar on-line. Ninguém deve ser compelido a pertencer a uma comunidade ou visitar sites que não sejam de sua livre escolha.

Artigo 17.

Toda informação pessoal bem como de sua atividade on-line é uma propriedade privada de valor sob o controle de seu gerador. Todos têm o direito de determinar o valor dessa propriedade e a escolha de expô-la ou trocá-la se lhe convier.

Artigo 18.

Todos têm o direito de formar comunidades de interesse, afinidade e atividade.

Artigo 19.

Todos têm o direito ao aprendizado de novas tecnologias. Instituições públicas devem oferecer cursos básicos bem como comunicações on-line para todos. Deve ser dada atenção especial aos pobres, idosos e necessitados. A educação deve ser dirigida ao enriquecimento do indivíduo, para fortalecer a auto-estima e incentivar a independência.

Artigo 20.

Os pais têm o direito e a responsabilidade de orientar a experiência on-line de seus filhos, baseados nos seus próprios pontos de vista. Nenhuma instituição tem o direito de substituir a escolha dos pais nesse aspecto.

Artigo 21.

Todos têm o direito de distribuir sua literatura, trabalho artístico ou científico on-line, e de ter seu material protegido pelos direitos autorais.

Artigo 22.

